

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

ROSANA DE FÁTIMA BERTON BAUER

ENTRE AS CARTAS DE MARIANA COELHO: SOCIABILIDADES, EDUCAÇÃO
FEMINISTA E ESCRITA DO LIVRO “A EVOLUÇÃO DO FEMINISMO”
(1923-1945)

CURITIBA

2025

ROSANA DE FÁTIMA BERTON BAUER

ENTRE AS CARTAS DE MARIANA COELHO: SOCIABILIDADES, EDUCAÇÃO
FEMINISTA E ESCRITA DO LIVRO “A EVOLUÇÃO DO FEMINISMO”
(1923-1945)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação, Linha de Pesquisa História e Historiografia da Educação, Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Profa. Dra. Andréa Bezerra Cordeiro

CURITIBA

2025

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SISTEMA DE BIBLIOTECAS – BIBLIOTECA DO CAMPUS REBOUÇAS

Bauer, Rosana de Fátima Berton.

Entre as cartas de Mariana Coelho: sociabilidades, educação feminista e escrita do livro "A evolução do feminismo" / Rosana de Fátima Berton Bauer – Curitiba, 2025.

1 recurso on-line : PDF.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Paraná, Setor de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação.

Orientadora: Profª Drª Andréa Bezerra Cordeiro

1. Educação e feminismo. 2. Teoria do feminismo. 3. Liderança em mulheres. 4. Relações familiares. 5. História - Fontes. I. Universidade Federal do Paraná. II. Programa de Pós-Graduação em Educação. III. Título.

Bibliotecário: Epaminondas Mendes de Oliva CRB-9/1765



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR DE EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EDUCAÇÃO -
40001016001P0

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação EDUCAÇÃO da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da dissertação de Mestrado de **ROSANA DE FATIMA BERTON BAUER**, intitulada: **ENTRE AS CARTAS DE MARIANA COELHO: SOCIABILIDADES, EDUCAÇÃO FEMINISTA E ESCRITA DO LIVRO "A EVOLUÇÃO DO FEMINISMO" (1923-1945)**, sob orientação da Profa. Dra. **ANDRÉA BEZERRA CORDEIRO**, que após terem inquirido a aluna e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua **APROVAÇÃO** no rito de defesa.

A outorga do título de mestra está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 28 de Julho de 2025.

Assinatura Eletrônica
31/07/2025 12:02:30.0
ANDRÉA BEZERRA CORDEIRO
Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica
31/07/2025 14:10:14.0
NÉVIO DE CAMPOS
Avaliador Externo (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA)

Assinatura Eletrônica
31/07/2025 15:18:31.0
ALEXANDRA PADILHA BUENO
Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica
31/07/2025 14:24:57.0
ADRIANA VAZ
Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Dedico este trabalho a todas as mulheres que, como Mariana Coelho, fizeram da escrita um ato de resistência e transformação. Que esta dissertação possa contribuir para a perpetuação de seu legado e que mais pessoas se sintam inspiradas por sua trajetória dedicada à educação e ao feminismo.

AGRADECIMENTOS

São tantas e tantos a agradecer, que temo ofender alguém que por algum lapso tenha esquecido, pois sou grata por cada auxílio e cada palavra de incentivo.

À **minha família**, por ser meu alicerce e fonte inesgotável de apoio. Suas palavras de encorajamento e compreensão foram fundamentais nos momentos mais desafiadores.

Em especial, muito especial, à professora **Dra. Andréa Bezerra Cordeiro**, minha orientadora, quem confiou em meu trabalho e me deu todo o apoio durante o processo, compartilhando comigo todo o seu conhecimento e sensibilidade e compreendendo cada dificuldade.

Às/aos **colegas e amigos/os** que compartilharam comigo as alegrias e as dificuldades desta caminhada, sempre com uma palavra de ânimo.

Às/aos **colegas de curso**, com quem compartilhei minhas angústias e dificuldades.

Às/aos **professoras/es** do curso de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Paraná - UFPR, principalmente da **Linha de História e Historiografia da Educação**, por todo o conhecimento transmitido durante o andamento das disciplinas cursadas.

Às/aos professoras/es, **Dra. Alexandra Padilha Bueno, Dra. Adriana Vaz e Dr. Névio de Campos**, por aceitarem esta tarefa tão importante, que foi a de fazer parte da banca de qualificação e defesa desta dissertação.

E, por fim, dedico a mim mesma: pela resiliência diante dos obstáculos, pela coragem de seguir em frente, apesar das imensas dificuldades e pelo compromisso em alcançar este objetivo.

Esta conquista é fruto de um trabalho árduo e coletivo, sozinha não chegaria a lugar algum!

*“Por um mundo onde sejamos socialmente iguais,
humanamente diferentes e totalmente livres”.*

Rosa Luxemburgo

RESUMO

Esta dissertação tem por objetivo pensar a educação e o feminismo das primeiras décadas do século XX através da trajetória da intelectual Mariana Coelho, em sua relação com outras feministas do Brasil e de outros países, a partir da análise de correspondências trocadas durante os anos de elaboração de sua obra *A evolução do feminismo: subsídios para a sua história*. Tem como recorte temporal o ano de 1923, onde as cartas revelam o início dos trabalhos de elaboração do livro, até 1945, onde encontramos as últimas cartas escritas e/ou recebidas por Mariana Coelho no arquivo pesquisado. Mariana Coelho destacou-se como intelectual, poetisa, escritora, educadora, feminista, ensaísta e jornalista, escrevendo para muitos jornais e revistas da época, do Brasil e de Portugal. Fundou em Curitiba o Colégio Santos Dumont, administrado por ela até 1917. Mais tarde, atuou como secretária, professora e diretora da Escola Profissional Feminina, até se aposentar em 1941. É patrona da cadeira número 28 da Academia Feminina de Letras do Paraná e da cadeira de número 30 da Academia Paranaense de Poesia. Entre sua vasta obra, este trabalho se dedicou à seguinte problemática: Como as interações epistolares de Mariana Coelho com mulheres feministas e alguns homens (intelectuais, políticos) contribuíram para a educação feminista de Mariana Coelho e para a escrita e publicação do livro *A evolução do feminismo*? Os objetivos específicos serão: entender através da análise das correspondências de Mariana Coelho como o livro *A evolução do feminismo* foi sendo escrito, complementado e modificado a partir dos contatos estabelecidos com mulheres e homens; refletir sobre como Mariana Coelho vai se educando enquanto feminista a partir de sua rede de sociabilidades; compreender através de revisão bibliográfica – de livros de Mariana Coelho, de suas publicações em periódicos e de sua correspondência preservada –, como ela se construiu enquanto intelectual (poetisa, escritora, educadora, feminista, ensaísta e jornalista) através de suas relações e lugares de sociabilidade. Realizar uma pesquisa dentro desta temática em um programa de pós-graduação em educação se justifica, tendo em vista que estamos analisando uma intelectual, poetisa, escritora, educadora, feminista, ensaísta, jornalista e mulher, em um momento em que a educação escolar das mulheres, sobretudo a educação superior, não era comum, e a obrigatoriedade escolar, embora debatida e até legislada, ainda não se instituíra de maneira universal no Brasil ou em Portugal, onde Mariana Coelho viveu a infância. Portanto, esta pesquisa se insere nas discussões da História da Educação por abordar a formação do trabalho intelectual de uma mulher que desenvolveu seus estudos fora de escolas e universidades, através de suas relações familiares e lugares de sociabilidade, especialmente no intercâmbio com outras mulheres, em especial Bertha Lutz.

Palavras-chave: Mariana Coelho; *A evolução do feminismo*; egodocumentos; educação feminista; história das mulheres.

ABSTRACT

This dissertation aims to think about education and feminism in the first decades of the 20th century, through the trajectory of the intellectual Mariana Coelho in her relationship with other feminists from Brazil and other countries, based on the analysis of correspondence exchanged during the years of writing her work *The evolution of feminism: subsidies for its history*. Taking the year 1923 as a time frame, where the letters reveal the beginning of work on preparing the book, until 1945, where we find the last letters written and/or received by Mariana Coelho in the researched archive. Mariana Coelho stood out as an intellectual, poet, writer, educator, feminist, essayist and journalist, writing for many newspapers and magazines of the time, in Brazil and Portugal. In Curitiba, she founded the Santos Dumont School, which she managed until 1917. Later, she served as secretary, teacher, and director of the Women's Vocational School, where she worked until her retirement in 1941. She is the patron of Chair No. 28 of the Women's Academy of Letters of Paraná and Chair No. 30 of the Paraná Academy of Poetry. Among her extensive body of work, this study focuses on the following central question: How did Mariana Coelho's epistolary exchanges with other feminist women – and some men, including intellectuals and politicians – contribute to her feminist education and to the writing and publication of *The Evolution of Feminism*? The specific objectives of this research are: to understand, through an analysis of her correspondence, how the book *The Evolution of Feminism* was written, expanded, and modified through her contacts with other women and a few men; to reflect on how Mariana Coelho educated herself as a feminist through her network of social relationships; and to comprehend, through a review of her books, periodical publications, and preserved correspondence, how she built herself as an intellectual (poet, writer, educator, feminist, essayist, and journalist) through her relationships and social spaces. Conducting research on this topic within a graduate education program is justified, as it analyzes a woman who was an intellectual, poet, writer, educator, feminist, essayist, and journalist at a time when formal education for women – especially higher education – was uncommon. Although compulsory schooling was being debated and even legislated, it had not yet been universally implemented in Brazil or Portugal, where Mariana Coelho spent her childhood. Therefore, this research contributes to the field of the History of Education by examining the intellectual formation of a woman who developed her studies outside traditional schools and universities, through familial relationships and social environments, especially in her exchanges with other women, notably Bertha Lutz.

Keywords: Mariana Coelho; *The Evolution of Feminism*; ego-documents; women's education; women's history.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 – CARTA DE MARIANA COELHO A BERTHA LUTZ EM PAPEL TIMBRADO	29
FIGURA 2 – CARTA DE MARIANA COELHO A BERTHA LUTZ COM LETRA LEGÍVEL	30
FIGURA 3 - TRECHOS DE CARTA ESCRITA POR MARIANA COELHO A BERTHA LUTZ COM ANOTAÇÕES ACIMA DO TEXTO PRINCIPAL	31
FIGURA 4 - TRECHOS DE CARTA ESCRITA POR MARIANA COELHO A BERTHA LUTZ COM ANOTAÇÕES ACIMA DO TEXTO PRINCIPAL.....	31
FIGURA 5 - CARTA ESCRITA POR MARIANA COELHO A BERTHA LUTZ, COM ESCRITA BORRADA.....	32
FIGURA 6 - FOTOGRAFIA DE BERTHA LUTZ	36
FIGURA 7 - BERTHA LUTZ COM SEU PAI ADOLFO LUTZ, AMIGAS E PARENTES.	38
FIGURA 8 - SÓCIAS DA FEDERAÇÃO BRASILEIRA PELO PROGRESSO FEMININO	40
FIGURA 9 - FÁBIO LUZ.....	41
FIGURA 10 - MARIA SABINA DE ALBUQUERQUE (1898-1991).....	42
FIGURA 11 - ILNAH PACHECO SECUNDINO DE OLIVEIRA.....	45
FIGURA 12 - DARIO PERSIANO DE CASTRO VELLOZO	46
FIGURA 13 - JOSÉ FRANCISCO DA ROCHA POMBO.....	48
FIGURA 14 - FOTOGRAFIA DE MARIANA COELHO (1935)	50
FIGURA 15 - REVERENDO PADRE JOSÉ CANDIDO DE CARVALHO	51
FIGURA 16 - MARIANA COELHO E ALUNAS DO COLÉGIO SANTOS DUMONT	64
FIGURA 17 - VISITA DO AVIADOR SANTOS DUMONT AO COLÉGIO SANTOS DUMONT.....	65

FIGURA 18 - VISITA DO AVIADOR SANTOS DUMONT AO COLÉGIO SANTOS DUMONT	65
FIGURA 19 - CARLOS ALBERTO TEIXEIRA COELHO (1866-1926).....	78
FIGURA 20 - CAPA DO LIVRO <i>A CRÍTICA PARANAENSE AO PARANÁ MENTAL</i> DE CARLOS ALBERTO TEIXEIRA COELHO.	82
FIGURA 21 - MEMBROS DO 3º CONGRESSO NACIONAL DE GEOGRAFIA	83
FIGURA 22 - PLACA EM HOMENAGEM A CARLOS ALBERTO TEIXEIRA COELHO	85
FIGURA 23 - CAPA DA 1ª EDIÇÃO DE 1933 DE <i>A EVOLUÇÃO DO FEMINISMO</i>	90
FIGURA 24 - ÍNDICE DA 1ª EDIÇÃO DE 1933 DE <i>A EVOLUÇÃO DO FEMINISMO</i> ..	99
FIGURA 25 - VERSO DA FOLHA DE ROSTO DA EDIÇÃO DE 1933 DE <i>A EVOLUÇÃO DO FEMINISMO</i>	101
FIGURA 26 - 1ª CONFERÊNCIA PELO PROGRESSO FEMININO REALIZADA NO RIO DE JANEIRO	106
FIGURA 27 - PAULINA LUISI	110
FIGURA 28 - CAPA DO LIVRO <i>MENORES E LOUCOS</i> DE TOBIAS BARRETO.....	118
FIGURA 29 - CAPA DO LIVRO <i>PERFIL DA MULHER BRASILEIRA</i> DE ANTÔNIO AUSTREGÉSILO	118
FIGURA 30 - ALUNAS DA ESCOLA PROFISSIONAL FEMININA EM AULA DE COSTURA E BORDADOS	133
FIGURA 31 - JAZIGO DA FAMÍLIA DE MARIANA COELHO NO CEMITÉRIO MUNICIPAL SÃO FRANCISCO DE PAULA EM CURITIBA, ONDE FOI SEPULTADA.	144
FIGURA 32 - CAPA DA 2ª EDIÇÃO, DE 2002, DE <i>A EVOLUÇÃO DO FEMINISMO</i>	147

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
CAPÍTULO 1 - OBJETOS, FONTES E METODOLOGIA	22
1.1 PERCURSO METODOLÓGICO PARA ANÁLISE E CONSTRUÇÃO DESTE TRABALHO	22
1.2 AS CARTAS E OS CORRESPONDENTES DE MARIANA COELHO	33
CAPÍTULO 2 – A FORMAÇÃO DA ESCRITORA MARIANA COELHO E SUA REDE DE SOCIABILIDADES.....	50
2.1 A FORMAÇÃO DA ESCRITORA MARIANA COELHO E AS RELAÇÕES COM OUTRAS E OUTROS INTELECTUAIS	50
2.2 A HOMENAGEM AO IRMÃO CARLOS ALBERTO TEIXEIRA COELHO (1866-1924) EM <i>A EVOLUÇÃO DO FEMINISMO</i> , E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA A FORMAÇÃO INTELECTUAL DE MARIANA COELHO	76
CAPÍTULO 3 – A ESCRITA DA OBRA <i>A EVOLUÇÃO DO FEMINISMO</i>: AS TROCAS INTELECTUAIS ATRAVÉS DAS CARTAS.....	86
3.1 APRESENTAÇÃO DE <i>A EVOLUÇÃO DO FEMINISMO</i> , A OBRA DE MARIANA COELHO	86
3.2 AS TROCAS INTELECTUAIS NA ESCRITA DA OBRA ATRAVÉS DAS CARTAS	102
3.3 AS CARTAS E A EDUCAÇÃO FEMINISTA	127
CONSIDERAÇÕES FINAIS	149
FONTES.....	156
REFERÊNCIAS.....	163

INTRODUÇÃO

No momento histórico-cultural entre o final do século XIX e início do século XX, as mulheres, pelas regras sociais, deviam submissão aos homens; participavam, em geral, de maneira limitada da vida social, política e intelectual.

[...] Nesse contexto, valoriza-se a imagem da mãe, doce e protetora, garantia e confiança de que 'tudo está bem'. Construída nos tons românticos dos textos da época, a representação da mulher se revela, [...] no enaltecimento da mãe formadora, esteio de ternura e reduto da paz [...]” (Trindade, 1996, p. 33).

Diante desta predestinação, a sua educação e formação se voltavam quase que exclusivamente para essa função.

No Brasil, os meninos representavam a maioria dos alunos nas escolas.¹ As instituições que ofereciam escolarização às mulheres tinham currículos prioritariamente voltados para saberes que preparassem as moças para uma atuação social, educada e ligeiramente culta – se essa mulher pertencesse a uma classe social mais abastada. Às moças das camadas populares, a educação visava prioritariamente um aligeirado aprendizado das primeiras letras e rudimentos da matemática, capacitando-as para algum trabalho. No entanto, para ambas as classes sociais, os currículos voltados à educação feminina enfatizavam os afazeres domésticos, como cuidar dos filhos, da casa e do marido.

Educada para o mundo interior, é uma mulher solicitada a dar uma contribuição externa que inclua tanto o desembaraço e a efusão, quanto o recato e a modéstia. À mulher da família, esquecida de si mesma, que vive em ambientes restritos e horizontes estreitos, a educação acrescenta uma face externa treinada para a vida social e para os campos, ainda que limitados, do trabalho (Trindade, 1996, p. 14).

Durante um tempo expressivo de nossa história, o direito ao voto foi restrito aos homens, enquanto às mulheres cabia, quase sempre, o papel de aceitar decisões políticas e sociais impostas por uma sociedade patriarcal. Essa condição refletia um contexto que não era exclusivo do Brasil. No entanto, mesmo em meio a essas

¹ Segundo relatório ministerial citado por Rui Barbosa e disposto no Volume X, Tomo I, p. 11, das *Obras completas de Rui Barbosa*, no ano de 1873 o Brasil possuía 114.014 meninos matriculados em escolas públicas e particulares, enquanto as meninas somavam 46.246 matrículas, o que representava 28,85% do total.

circunstâncias adversas, vozes femininas dispostas a romper com essa lógica de subordinação surgiram, questionando normas e reivindicando mudanças.

No Brasil, mulheres como Bertha Lutz (1894-1970), Nísia Floresta (1810-1885), Georgina Mongruel (1851-1953), Mietta Santiago (1903-1995), Celina Guimarães Viana (1890-1972), Carlota Pereira de Queirós (1892-1982), Maria Rita Soares de Andrade (1904-1998), Mariana Coelho (1857-1954), entre outras, assumiram protagonismo na defesa dessas mudanças. De formas singulares, se destacaram reivindicando não apenas direitos formais, mas também a valorização da presença feminina em várias esferas da sociedade, unidas pela necessidade de mudança na condição das mulheres na sociedade de suas épocas.

Entre as citadas anteriormente, Mariana Coelho é o nome cujo percurso será destacado neste trabalho. Foi ela importante figura da educação e do feminismo da capital do estado do Paraná, Curitiba. Sua trajetória nos oportuniza uma aproximação com o feminismo desde o final do século XIX a meados do século XX, através da sua produção intelectual e de sua relação com outras feministas do Brasil e outros países.

O objetivo geral desta pesquisa será compreender como as relações entre Mariana Coelho e sua rede de sociabilidades contribuíram para a formação e educação da feminista Mariana Coelho e para a redação e publicação do livro *A evolução do feminismo*, a partir da análise de correspondência da autora e suas interações públicas, empreendidas em periódicos da época durante os anos de elaboração de sua principal obra, entre 1923 – onde as cartas revelam o início dos trabalhos de elaboração do livro –, até 1945, onde encontramos as últimas epístolas escritas e/ou recebidas por Mariana Coelho no arquivo pesquisado. Este recorte temporal será expandido de forma retrospectiva – no intuito de analisarmos a trajetória de Mariana Coelho anterior à sua obra –, e prospectiva, para estudarmos a repercussão e recepção do livro através de fontes jornalísticas e correspondências.

Ao afirmarmos que *A evolução do feminismo: subsídios para a sua história* é considerada a obra mais importante da trajetória de Mariana Coelho, apoiamo-nos nas palavras da própria autora, que assim o considerava, tanto devido ao tempo que ela empreendeu na sua escrita – em torno de vinte anos –, quanto por ter sido a obra mais noticiada em periódicos, entre as produzidas por ela. O próprio título já demonstra, apesar de apresentado em tons modestos por ela na introdução, que sua intenção era deixar a sua marca na história, destacando como o feminismo vinha se construindo e colocando a obra como subsídio para maior compreensão da história

do movimento. Foi em *A evolução do feminismo* que Mariana Coelho “[...] consumiu as melhores energias da sua capacidade de escritora” (Castellano, 1956, p. 10).

A evolução do feminismo: subsídios para a sua história figura no cânone das obras feministas brasileiras do século XX e foi republicada em 2002. Zahidé Lupinacci Muzart, organizadora da segunda edição, atribuindo valor ao trabalho e a esta obra de Mariana Coelho, chama-a de a “Beauvoir tupiniquim”, fazendo alusão a Simone de Beauvoir, que publica em 1949 *O segundo sexo*, dezesseis anos depois da publicação da obra de Mariana Coelho (Muzart, 2002, p. 13).

Antônio Austregésilo², ocupante da cadeira nº 30 da Academia Brasileira de Letras, em carta publicada no jornal *A Noite* endereçada a Mariana Coelho, na época de sua primeira publicação, destacou que a obra

constitue a maior e a mais bem documentada obra que se escreveu no Brasil acerca do assumpto. Louvo-lhe a farta erudição e a paixão com que foi feito o livro. Vê-se que a autora é um espírito formoso e beneditino. Nada falta ao volume: erudição, elegância e finalidade. Fiquei satisfeito em colocar em minha biblioteca obra tão meritória, de um thema tão completamente explorado entre nós (*A Noite* – RJ, 13/01/1934, p. 10).

Com o intuito de aproximação e compreensão da evolução do feminismo em período anterior e durante a escrita da obra de Mariana Coelho, foram realizadas pesquisas em periódicos da época através da utilização do termo de busca “evolução do feminismo” na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. O que se percebeu foi que, apesar de Mariana Coelho ser considerada uma feminista da Primeira Onda³, antes de sua obra existia um movimento de mulheres que buscavam fazer um balanço do que havia sido feito e construído pelas mulheres desde o século XVIII e XIX. Isso sinaliza que a ideia de descrever a evolução do feminismo já estava em circulação, que Mariana Coelho estava atenta a isso e diligentemente sistematizou durante anos um conjunto robusto de elementos que compõem o seu livro.

Boa parte da produção de Mariana Coelho na imprensa da época pode ser consultada através da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. As pesquisas

² “Terceiro ocupante da Cadeira 30, eleito em 29 de agosto de 1914, na sucessão de Heráclito Graça e recebido pelo Acadêmico Mário de Alencar em 3 de dezembro de 1914. Antônio Austregésilo (Antônio Austregésilo Rodrigues Lima), médico, professor e ensaísta, nasceu no Recife, PE, em 21 de abril de 1876, e faleceu no Rio de Janeiro, RJ, em 23 de dezembro de 1960” (Antônio Austregésilo, 2024).

³ “No caso brasileiro, a primeira onda teria como marco a conquista do sufrágio feminino em 1932; a segunda reivindicaria mais direitos, inclusive políticos, no contexto da ditadura militar; já a terceira teria sido marcada pela institucionalização da participação do movimento feminista” (Perez; Ricoldi, 2023, p. 2).

também revelaram achados importantes. No Sistema de Informações do Arquivo Nacional – SIAN, foram encontradas cartas trocadas entre Mariana Coelho e algumas feministas e intelectuais homens. Essas fontes revelam importantes relações sociais entre pessoas interessadas, principalmente, em assuntos feministas, assim como detalhes históricos de conquistas ou perdas de direitos das mulheres em várias partes do mundo. Entre as informações encontradas nas cartas estavam, também, várias interações entre Mariana Coelho e alguns intelectuais, principalmente Bertha Lutz, sobre detalhes da produção da obra mais emblemática de Mariana Coelho, demonstrando ser este um recorte bem interessante de pesquisa, com muitas possibilidades de análise. Diante do potencial das cartas encontradas, optou-se pela elucidação da seguinte problemática: Como as interações epistolares de Mariana Coelho com outras mulheres feministas e alguns homens (intelectuais, políticos) contribuíram para a educação feminista de Mariana Coelho e para a escrita e publicação do livro *A evolução do feminismo*?

Os objetivos específicos serão entender, através da análise das correspondências de Mariana Coelho, como o livro *A evolução do feminismo* foi sendo escrito, complementado e modificado a partir dos contatos estabelecidos com outras mulheres e homens; refletir sobre como Mariana Coelho foi se educando enquanto feminista a partir de sua rede de sociabilidades; compreender através de revisão bibliográfica – de livros de Mariana Coelho, de suas publicações em periódicos e de suas correspondências preservadas –, como ela se construiu enquanto intelectual (poetisa, escritora, educadora, feminista, ensaísta e jornalista) através de suas relações e lugares de sociabilidade.

Realizar uma pesquisa dentro desta temática em um programa de pós-graduação em educação se justifica, tendo em vista que estamos analisando uma intelectual, poetisa, escritora, educadora, feminista, ensaísta, jornalista e mulher, em um momento em que a educação escolar das mulheres, sobretudo a superior, não era comum, e a obrigatoriedade escolar – embora debatida e até legislada – ainda não se instituíra de maneira universal no Brasil ou em Portugal, onde Mariana Coelho viveu a infância. Ela não frequentou escolas; como foi alfabetizada e educada no ambiente familiar – não escolar –, é interessante pensar que, mesmo com este diferencial, se comparada aos homens de sua época, Mariana Coelho chegou a um nível cultural alto, revelado por sua trajetória profissional e intelectual. Seu nível ia muito além do

básico, o que não era frequente nas mulheres nesse momento histórico, mesmo as escolarizadas; mais raro ainda, em uma mulher educada fora da formalidade.

Mariana Coelho se tornou intelectual, poetisa, escritora, educadora, feminista, ensaísta e jornalista através da educação familiar, do autodidatismo e das relações sociais que estabeleceu. Relações essas advindas do seu círculo familiar, mas também pelos laços sociais que foi criando nos debates e interações, fortalecidas em eventos sociais e culturais, nas agremiações, na maçonaria, em periódicos e por meio de correspondências trocadas com outras e outros intelectuais. Uma rede de relações que a levaram a um patamar intelectual pouco experimentado pelas mulheres da época. Foi também através do debate com outras mulheres, de sua rede de sociabilidades e dialogicidades, que Mariana Coelho se construiu enquanto feminista.

Nesta pesquisa discutiremos a formação feminina, realizada onde a maioria das intelectuais da época a desenvolviam: no debate com outras mulheres, em redes constituídas em ambiente não escolar. Apesar de Mariana Coelho ter sido uma educadora, diretora de escola e escritora, constatamos que o processo de formação intelectual de uma mulher se dava muitas vezes através das redes de sociabilidades, conceito caro a nosso trabalho e que será desenvolvido no decorrer deste texto.

Este trabalho tem a intenção de prestar uma contribuição ao campo da História da Educação, principalmente no que se refere à educação e à formação intelectual das mulheres para além do nível básico primário (1º ao 4º ano). Entendemos que o papel social e a entrada das mulheres ao campo intelectual foram bastante cerceados e adstritos especialmente às áreas do cuidado (Palermo, 2006). A historiadora Natalie Zemon Davis (1999) aponta que é fundamental à história e à historiografia reconhecer que as mulheres são e foram agentes ativos de mudança, desempenhando papéis significativos em seus contextos, mesmo quando suas contribuições são obscurecidas ou não registradas de forma convencional na historiografia.⁴ Londa Schiebinger (2001) afirma que, à medida que a ciência e estudos superiores foram se tornando mais estruturados e institucionalizados, mais a participação das mulheres foi sendo restringida, o que envolve também a não abertura às mulheres de muitos campos da educação superior e da vida científica profissional. Buscamos compreender, a partir da trajetória de Mariana Coelho, como a sua

⁴ Para saber mais sobre o contexto da inserção das mulheres nas universidades entre os séculos XIX e XX ver o trabalho de Alicia Palermo. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=26940702>.

educação e formação intelectual se desenvolveu à margem dos campos oficiais de educação (fora das instituições escolares).

Concomitante à análise das fontes (obras, escritos, publicações, cartas), buscaram-se referências e estudos que levassem a uma maior aproximação com o objeto desta pesquisa, relacionados à vida e à obra de Mariana Coelho. Para isso, realizou-se uma pesquisa em portais como Google Acadêmico e Scielo, em acervos digitais de várias universidades, assim como pesquisou-se de forma simples, no buscador Google, o nome de Mariana Coelho. Foram encontrados quatro livros, duas teses, duas dissertações, duas monografias, treze artigos e quatorze publicações em blogs, sites e jornais digitais, que tratam exclusivamente sobre Mariana Coelho. Além de uma página na rede social Facebook com o título “Associação Educacional Mariana Coelho”. Existem, porém, outros trabalhos que não tratam exclusivamente de Mariana Coelho, mas que de alguma forma citam a feminista. Foram encontrados quatro livros, duas teses, três dissertações, dezoito artigos e seis publicações em sites.

Entre os livros encontrados que tratam da vida e obra de Mariana Coelho está o intitulado *Mariana Coelho: a educadora feminista*, escrito por seu sobrinho-trineto, Leonardo Soares Madeira Iorio Ribeiro, doutor em Sociologia pelo Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro – IUPERJ. A obra foi publicada em 2015, pela Editora Lumen Juris, e traz dados detalhados sobre a vida de Mariana Coelho, uma reflexão sobre as suas obras sob o olhar da sua militância feminista, a sua atuação em instituições e movimentos de mulheres. Das duzentas e trinta e sete páginas, em sessenta e seis, o autor se ocupou em descrever seus estudos sobre a genealogia da família de Mariana Coelho, até seus nonavós, que viveram no século XVII.

Há também outro livro, publicado em Portugal pela Penagráfica, de autoria do professor aposentado e economista moçambicano radicado em Portugal, Aires Antunes Diniz, que tem por título *Mariana Coelho: uma educadora feminista luso-brasileira* (2015). A obra destaca com maior ênfase a vida de Mariana Coelho em Portugal, descrevendo detalhes da agricultura local e de problemas econômicos e políticos, procurando compreender os motivos que levaram a família a emigrar para Curitiba.

Lançado em setembro de 2023, o trabalho de Mylle Pampuch e Amanda Barros, que tem por título *Arrojadas: mulheres paranaenses que reescreveram a história*, é um livro muito agradável, escrito em forma de história em quadrinhos, que

trata de mulheres de destaque no estado do Paraná. São elas: Enedina Alves Marques, Júlia Wanderley, Ana Bertha Roskamp, Maria José Correia e Mariana Coelho.

O livro mais recente sobre Mariana Coelho é o de Alexandra Padilha Bueno, *Mariana Coelho: educação e feminismo na trajetória de uma intelectual luso-brasileira (1893-1954)*, publicado pela Edunespar em 2024. O livro explora a trajetória de Mariana Coelho em Portugal, sua chegada e adaptação em Curitiba e suas relações com a sociedade curitibana da época, demonstrando como ela utilizou o seu capital cultural para legitimação, presença e interação com os intelectuais da capital paranaense. Explora também o seu papel nas discussões sobre a emancipação das mulheres, sua atuação na educação e o entendimento da educação como caminho para a independência e a plena participação social.

Um dos primeiros trabalhos acadêmicos sobre a intelectual foi o de Mônia Luciana Silvestrin. Uma monografia apresentada para a conclusão do curso de graduação em História, pela Universidade Federal do Paraná, no ano de 2000, que tem por título *Do bom uso da palavra: o intelectual na obra de Mariana Coelho*. Essa obra foi publicada apenas de forma impressa; apesar dos esforços no sentido de localizarmos o trabalho, não foi possível encontrá-lo nem realizar a sua leitura.

Importante trabalho, a primeira tese de doutoramento sobre Mariana Coelho é a que tem por título *Resgates e ressonâncias: Mariana Coelho*, apresentada por Rosana Cássia Kamita ao curso de pós-graduação em Literatura, área de concentração em Teoria Literária da Universidade Federal de Santa Catarina, em 2005. O trabalho apresenta um estudo sobre a vida e a obra de Mariana Coelho, demonstrando a sua intensa atuação social, sua contribuição feminista, seu interesse por questões políticas e o entendimento de que a atuação feminina tornaria a sociedade mais desenvolvida. O trabalho foi transformado posteriormente em livro de mesmo título.

Em 2006, destaca-se a monografia apresentada por Larissa Selhorst Seixas ao curso de graduação em História, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, da Universidade Federal do Paraná e tem por título *Subsídios para a sua história: as ideias feministas de Mariana Coelho nas primeiras décadas do século XX*. O trabalho se ocupou de demonstrar o pensamento feminista de Mariana Coelho, traçando uma biografia sobre a intelectual, sua vida em Curitiba, suas relações com os ideais

feministas, com o movimento feminista brasileiro entre o final do século XIX e início do século XX, além de discussões voltadas para as mulheres enquanto intelectuais.

Não poderíamos deixar de mencionar a dissertação de mestrado que tem por título *Educação e participação política: a visão de formação feminina de Mariana Coelho (1893-1940)*, apresentada por Alexandra Padilha Bueno, em 2010, ao programa de pós-graduação em Educação, linha de História e Historiografia da Educação, Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná. A obra destaca e analisa a trajetória e o pensamento educacional de Mariana Coelho, buscando entender seu processo de formação e sua atuação no campo cultural paranaense e no âmbito educacional a partir das experiências no Colégio Santos Dumont e na Escola Profissional Feminina.

Mariana Coelho e a educação das mulheres: uma escritora feminista no campo intelectual (1893-1940) é o título da tese apresentada por Dyeinne Cristina Tomé ao programa de pós-graduação em Educação – doutorado, pela Universidade Estadual de Ponta Grossa – UEPG, em 2020. Obra recente, que trata da análise da trajetória de Mariana Coelho de 1893 a 1940, de seu processo de formação como leitora e escritora e a sua inserção no campo intelectual. Retrata também a formação da sua concepção feminista, como seu pensamento foi se moldando em trocas diversas, leituras, ações e relações com outras feministas.

O trabalho acadêmico mais recente ao qual nos aproximamos foi o de Débora do Rocio Pacheco da Silva que tem por título *O Paraná mental e uma mulher polivalente: trajetória e obra de Mariana Coelho no cenário intelectual paranaense (1857-1954)*, dissertação apresentada ao curso de pós-graduação em História da Universidade Estadual de Ponta Grossa, área de História, Cultura & Identidades, no ano de 2024. O trabalho analisa, através da obra *O Paraná mental*, a trajetória de Mariana Coelho, como ela se estabeleceu em determinados espaços da sociedade, suas dificuldades de inserção no mundo das letras e as estratégias utilizadas por ela para uma participação ativa na sociedade intelectual da época e a sua busca por reconhecimento. Através de *O Paraná mental*, analisa as percepções de desenvolvimento cultural, artístico e letrado do estado do Paraná pela ótica de Mariana Coelho.

Após este panorama literário e acadêmico, destacamos que este trabalho se diferencia dos anteriores por se ocupar de analisar a Mariana Coelho escritora de *A evolução do feminismo* através das correspondências que ela trocou com mulheres e

homens durante a escrita do livro, procurando perceber como a obra foi escrita e como a autora se formou como feminista.

No primeiro capítulo, com o objetivo de situarmos as leitoras e leitores deste trabalho, apresentaremos os principais procedimentos metodológicos que sustentaram esta pesquisa e como ela foi estruturada. Evidenciaremos também algumas características do conjunto de cartas que fazem parte desta pesquisa, seguidas de uma breve exposição biográfica das e dos principais correspondentes de Mariana Coelho, remetentes e destinatários das cartas preservadas.

No segundo capítulo, buscando analisar como Mariana Coelho se formou enquanto escritora, como chegou à intelectualidade, sua formação e círculo de convivência social e intelectual, precisaremos compreender a Curitiba do final do século XIX e das primeiras décadas do século XX e como Mariana Coelho se inseriu nesta sociedade, quem eram as pessoas com as quais interagiu. Para isso, serão foco de análise diversas fontes e bibliografias como: o teor das obras de Mariana Coelho, suas publicações e discussões em periódicos da época, cartas trocadas com outros/outras intelectuais, livros de autores que tratam da intelectual, trabalhos de conclusão de curso, artigos, dissertações, teses e sites que trazem informações sobre ela, entre outros materiais, que terão seus dados cruzados no intuito de nos aproximarmos ao máximo possível da rede de sociabilidades de Mariana Coelho.

Neste segundo capítulo falaremos também do intercâmbio intelectual de seu irmão Carlos Alberto Teixeira Coelho, a quem Mariana Coelho presta homenagem em *A evolução do feminismo*. Quem foi Carlos Alberto Teixeira Coelho? Que contribuições trouxe para a vida de Mariana Coelho? Que tipo de relação tinham?

A partir do capítulo 3, este trabalho apresentará uma análise mais aprofundada das cartas de Mariana Coelho. Foram examinadas as correspondências buscando identificar as trocas intelectuais, parcerias e debates que moldaram a escrita de *A evolução do feminismo*. Tencionaremos o conteúdo dessas comunicações, enfocando especialmente em como elas expressam a formação do seu pensamento, o entendimento da educação como passagem para a emancipação feminina e a sua formação intelectual enquanto feminista. Por fim, faremos uma breve abordagem da segunda edição publicada em 2002, destacando o interesse renovado por sua leitura e a permanência de seu legado no debate feminista contemporâneo.

CAPÍTULO 1 - OBJETOS, FONTES E METODOLOGIA

1.1 PERCURSO METODOLÓGICO PARA ANÁLISE E CONSTRUÇÃO DESTE TRABALHO

Este trabalho terá como fonte principal as cartas trocadas entre Mariana Coelho e intelectuais – mulheres e homens –, durante a escrita da sua principal obra, *A evolução do feminismo*, boa parte delas enviadas a Bertha Lutz ou recebidas de Bertha Lutz por Mariana Coelho. Utilizando como termo de busca “Mariana Coelho” e “Marianna Coelho”, foram encontradas no Sistema de Informações do Arquivo Nacional setenta e duas cartas relacionadas a ela, sendo que quarenta e cinco, 62,5% do total, têm como um dos assuntos tratados a escrita da obra *A evolução do feminismo*. São detalhes sobre o conteúdo do livro, indicações de fontes e referências para auxiliar na sua escrita, notícias sobre o feminismo em diversos países, a procura por uma editora, convite para prefácio, filiação à Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, dramas familiares, entre outros assuntos.

Apesar de existirem poucas discussões a respeito do uso de repositórios digitais como o SIAN em pesquisas históricas, pois são bastante recentes os debates mais aprofundados sobre mudanças trazidas por eles ao campo da pesquisa, não podemos desconsiderar as discussões que afirmam que há “perdas” na análise de fontes digitalizadas, que há prejuízos quanto à interpretação e ao que Arlete Farge (2009) chamou de “sabor do arquivo”, provado através dos sentidos, texturas e cheiros, onde os resquícios do passado, neste caso de acervos digitalizados, são neutralizados pela tela. Há também muitas falhas no que se refere às formas de busca por palavras-chave, que nem sempre são precisas, o que pode ter comprometido o achado das cartas, havendo a possibilidade de existirem outras além das que encontramos, seja em arquivo físico ou no mesmo arquivo digital, que podem não ter aparecido em nossas pesquisas. Neste sentido, não podemos deixar de destacar que nossas análises poderiam ser outras ou que poderíamos seguir por outros caminhos, se esta possibilidade fosse verdadeira. Dussel (2019) alerta sobre os riscos de que documentos digitalizados e disponibilizados para pesquisa sem que se possibilite o contato com os originais possam ser tomados de maneira desconectada com seus lugares de produção, com o risco de descontextualização, em meio à enxurrada de

dados digitais. Ainda com Dussel, acreditamos que seja legítimo analisar esses documentos com atenção para suas condições de produção e de preservação.

Outro fato que merece destaque nesta discussão, é a importância que a digitalização desses documentos tem para a preservação desses materiais. Em 2018, a imprensa nacional e internacional divulgou amplamente o incêndio de grandes proporções que consumiu grande parte do prédio e do acervo do Museu Nacional localizado no estado do Rio de Janeiro. Essa lamentável tragédia impactou para sempre as pesquisas no Brasil e no mundo. A maioria das cartas por nós encontradas estão no acervo da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, preservadas no Arquivo Nacional, localizado em outro endereço. Já o acervo de Bertha Lutz, que estava no Museu Nacional, em boa parte foi consumido pelas chamas. O acervo incluía documentos e materiais científicos que poderiam ainda ser integralmente consultados caso estivessem digitalizados. A boa notícia é que grande parte da documentação de Bertha Lutz ligada à sua atuação política está no Arquivo da Câmara dos Deputados e foi digitalizado, estando disponível para consulta através de plataformas digitais, o que ajuda a minimizar a perda do patrimônio e assegura a sua preservação.

O que gostaríamos de enfatizar é que, para este trabalho, este repositório digital foi de suma importância. Funcionando como uma ferramenta de inclusão acadêmica, proporciona a democratização dos seus acervos, principalmente para pesquisadores que, assim como a autora deste trabalho, residem fora dos grandes centros e dispõem de poucos recursos financeiros para acessar presencialmente fontes em lugares distintos. Essas fontes, mesmo sem as texturas e cheiros, proporcionaram o sabor dos achados, ainda que em tela, apenas com os olhos.

Sobre a utilização deste tipo de repositório em pesquisas, Sarah Van Ruyskensvelde (2014, p. 867, tradução livre, *apud* Santos, 2021, p. 13) destaca que:

Além do fato de ter o potencial de fazer a nossa vida consideravelmente mais simples e facilitar a leitura e análise de grandes organismos de fontes históricas, isto também pode nos ajudar a ligar conceitos de diferentes textos, o que, por sua vez, oferece a possibilidade de distinguir padrões no discurso e prática educacional ao longo do tempo e lugar.

Ao encontro do que enfatiza Ruyskensvelde sobre a acessibilidade de muitas fontes históricas disponíveis em repositórios, a hemeroteca digital da Biblioteca

Nacional foi outro recurso que veio muito a contribuir para esta pesquisa. Foi através dele que tivemos acesso a diversas publicações de Mariana Coelho em periódicos da época. Essas fontes demonstraram grande potencial para complementar e enriquecer o conteúdo das cartas, abrindo um leque de possibilidades, como a de ligar diferentes textos e contextos, de modo a ampliarmos as possibilidades de análise. Elas foram fundamentais para compreendermos como eram as relações de Mariana Coelho junto à sociedade curitibana, seu pensamento, o que fazia, os lugares que frequentava, o que pensavam dela, bem como acompanhar como ela foi ganhando espaço e destaque dentro da comunidade intelectual curitibana.

Nesse sentido, os periódicos não se configuram apenas como registros documentais, mas como espaços de circulação de ideias e de disputas simbólicas. Leite (2015, p. 4) ressalta que “enquanto objeto de estudo e fonte de pesquisa, os jornais, panfletos e revistas têm subsidiado a historiografia em seus domínios e vertentes interpretativas”. A partir dessa perspectiva, é possível compreender que as páginas dos jornais funcionam como verdadeiros arquivos da vida social, política e cultural de uma época. Como reforça Capelato (1988, p. 21), este rico material é “fonte de sua própria história e das situações mais diversas; meio de expressão de ideias e depósito de cultura. Nele encontramos dados sobre a sociedade, seus usos e costumes, informes sobre questões econômicas e políticas”.

Na prática desta pesquisa, essa abordagem nos permitiu perceber como Mariana Coelho esteve inserida em um ambiente de debates mais amplos, que ultrapassavam a dimensão privada das cartas. Ao analisar suas publicações, foi possível compreender o modo como ela se colocava diante de temas candentes de sua época e como buscava se projetar em meio à intelectualidade curitibana. Além disso, a leitura dos periódicos também evidencia o papel central que estes exerceram na constituição de memórias sociais. Por meio dos jornais, como sublinha Leite (2015, p. 9),

é possível identificar e compreender processos no interior das sociedades que dificilmente são encontrados de forma tão detalhada em outros tipos de fontes. Debates e posições políticas, ideológicas, econômicas, lutas sociais, costumes, práticas e grupos sociais, eventos culturais, podem ser localizados nos diversos espaços que compõem os periódicos.

Assim, o estudo das publicações nos possibilitou apreender tanto as tensões políticas e ideológicas do período, quanto a forma como Mariana Coelho se

relacionava com esses embates, participando ativamente da vida pública. Contudo, é importante destacar que o uso dessas fontes exige do pesquisador uma postura crítica. A leitura dos jornais não deve ser feita de forma ingênua, como se apresentassem apenas um reflexo direto da realidade. Leite (2015, p. 13) alerta que o historiador

[...] deve em um primeiro momento, estabelecer uma postura crítica frente ao documento jornalístico. Reconhecer seus limites, problemas e historicidade, é pensar o jornal como um produto resultado de conflitos e interesses no interior de uma sociedade, manipulado e produzido dentro de forças conflitantes, sujeito a interferências internas e externas, regulado por leis e regras de conduta, produzido por um grupo de pessoas para um estabelecido público, em uma situação específica, em um determinado lugar e época, separados ou conectados ao movimento geral, o que o faz de cada órgão de imprensa ter características e peculiaridades próprias.

Esse alerta é fundamental para a análise da presença de Mariana Coelho nos jornais, pois nos lembra que tais registros também foram atravessados por disputas e escolhas editoriais, que tanto podiam projetar sua imagem de forma positiva quanto silenciar ou distorcer aspectos de sua atuação. Desse modo, ao mesmo tempo em que os periódicos ampliam as possibilidades interpretativas, eles também exigem cautela e rigor metodológico na sua utilização como fonte histórica.

Enfatizado o potencial de pesquisa dos periódicos, assim como a necessidade de criticidade na sua análise, voltaremos a falar das cartas. Este tipo de material pode ser classificado entre os “egodocumentos”. Para Antonio Viñao (2000, p. 11, tradução livre), egodocumentos são “aqueles textos nos quais o sujeito fala ou se refere a si mesmo, nos quais o ‘eu’ encontra refúgio e se converte em elemento de referência”. Para Maria Teresa Santos Cunha (2019, p. 13), egodocumentos são “considerados aqueles que, resistindo ao fogo e/ou ao lixo, foram preservados e se referem às experiências pessoais com um intuito de guardar a si próprio”. São experiências pessoais, expressão de sentimentos, pensamentos, vontades, dificuldades, detalhes da intimidade, classificados como egodocumentos.

O termo “egodocumentos” foi utilizado pela primeira vez pelo “historiador holandês Jacob Presser, em 1958, e, posteriormente, debatido e aprofundado sob diversas óticas para pensar diversos suportes” (Cunha, 2019, p. 13). James Amelang (2005, p. 17 *apud* Cunha, 2019, p. 13) destaca que estes documentos sugerem a descoberta de um ego. Ego, significa para a psicanálise, uma das três estruturas do aparelho psíquico, que é composto também pelo id e o superego. O Ego é o eu de

cada um, a personalidade, a moral, a consciência, o que diferencia um indivíduo do outro.

As características do eu se inserem nas cartas que Mariana Coelho escreve e recebe. São desabafos, afirmações, dilemas, problemas, esclarecimentos, estados de saúde, ou seja, detalhes da sua vida e da de seus correspondentes descritos ali, na maioria das vezes de próprio punho, o que as torna ainda mais íntimas e únicas. Neste exercício de se comunicar aos outros, necessariamente Mariana Coelho reelabora seu próprio eu, naquilo que Foucault chamou de “escrita de si”: “A carta que se envia age, por meio do próprio gesto da escrita, sobre aquele que a envia, assim como, pela leitura e releitura, ela age sobre aquele que a recebe” (Foucault, 2004, p. 153). Neste movimento dialético, Mariana Coelho agia com suas palavras sobre seus destinatários, mas também usava a oportunidade de escrita para agir sobre si mesma, testar suas hipóteses, elaborar as suas ideias, colocar em debate pontos que estava desvelando pelo estudo:

A reciprocidade que a correspondência estabelece não é simplesmente a do conselho e da ajuda; ela é a do olhar e do exame. A carta que, como exercício, trabalha para a subjetivação do discurso verdadeiro, para sua assimilação e elaboração como “bem próprio”, constitui também, e ao mesmo tempo, uma objetivação da alma (Foucault, 2004, p. 156).

Apesar de as cartas terem origem milenar, citadas até mesmo na Bíblia, foi a partir do século XIX que, segundo Cunha (2013, p. 119), se consolidaram as “práticas e funções culturais da escrita na sociedade letrada”. No âmago destas práticas culturais, a cultura epistolar se caracterizou como uma prática da elite, tendo em vista que a maioria da população alfabetizada pertencia a camadas superiores da sociedade. As cartas foram um importante meio de comunicação entre pessoas que estariam em lugares diferentes e precisavam se manter em contato. No tempo em que os meios de comunicação conhecidos hoje, como o telefone, não existiam ou tinham seu uso restrito, as cartas eram o elo de comunicação. Através delas foi possível que Mariana Coelho e Bertha Lutz trocassem informações e se organizassem por causas feministas em comum, muito antes de se conhecerem pessoalmente, o que só viria a acontecer muito tempo depois.

Do ponto de vista da pesquisa em História, as cartas pessoais se apresentam como uma fonte com a potencialidade de permitir entrever tanto aspectos voltados às relações de proximidade e afeto de determinada época e grupo social, como oferece

mostras das práticas escriturísticas e discursivas em espaços diversificados e temporalidades distintas (Cunha, 2013):

Desde a última década do século XX, vêm se intensificando os estudos sobre escritas cotidianas e práticas epistolares das pessoas comuns, chamadas de escrituras ordinárias ou escritos sem qualidades (FABRE, 1997), abrindo, cada vez mais, um campo para as pesquisas sobre práticas e funções culturais da escrita na sociedade letrada que se desenvolveu a partir do século XIX. Como tema de estudo, as cartas são consideradas como “objetos nos quais estão imbricadas práticas sociais” (CAMARGO, 2000, p. 205) e, como tal, são passíveis de análises que trazem para a História a emergência da subjetividade a partir das aventuras da individualidade. Capturar razões e sentimentos exige articular práticas culturais (no caso em estudo, as práticas de ler e escrever) a experiências que expressam os sentidos que estas mulheres, em dado momento da história, foram capazes de atribuir a si próprias e à realidade construída (Cunha, 2013, p. 119).

Nas trocas de correspondências de Mariana Coelho e Bertha Lutz, encadeiam-se vislumbres sobre as suas vidas pessoais, a partilha de notícias sobre lutos familiares, suas questões no trabalho, a saúde e as viagens de ambas, mas também se percebe a articulação de informações e análises sobre eventos ligados ao campo intelectual, comentários sobre a produção de ambas, notícias sobre avanços e retrocessos do movimento feminista no mundo. Nessas correspondências, nossa análise recairá especialmente sobre os conselhos pedidos por Mariana Coelho a Bertha Lutz, pois a partir destas interlocuções, nossa autora combina ações e agrega à sua formação intelectual as respostas recebidas. E o mais importante, é possível vislumbrar como estas cartas colaboraram na escrita de seu livro *A evolução do feminismo*. Bertha Lutz, apesar de ser trinta e sete anos mais jovem⁵ que Mariana Coelho, tinha uma vida como feminista mais ativa e de repercussão mais ampla e consolidada, por isso Mariana Coelho não hesitou em tê-la como correspondente, consultando-a, trocando ideias, pedindo a sua opinião. Ela sustentou, construiu, enriqueceu e afirmou o conteúdo de seu livro.

Voltando-se para o foco principal deste trabalho, que é compreender, através da análise das correspondências de Mariana Coelho, como a obra *A evolução do feminismo* foi sendo construída a partir dos contatos estabelecidos com outras mulheres e alguns poucos homens, teremos como fontes principais a obra em si, publicações em periódicos e as cartas que Mariana Coelho escreveu e recebeu. As

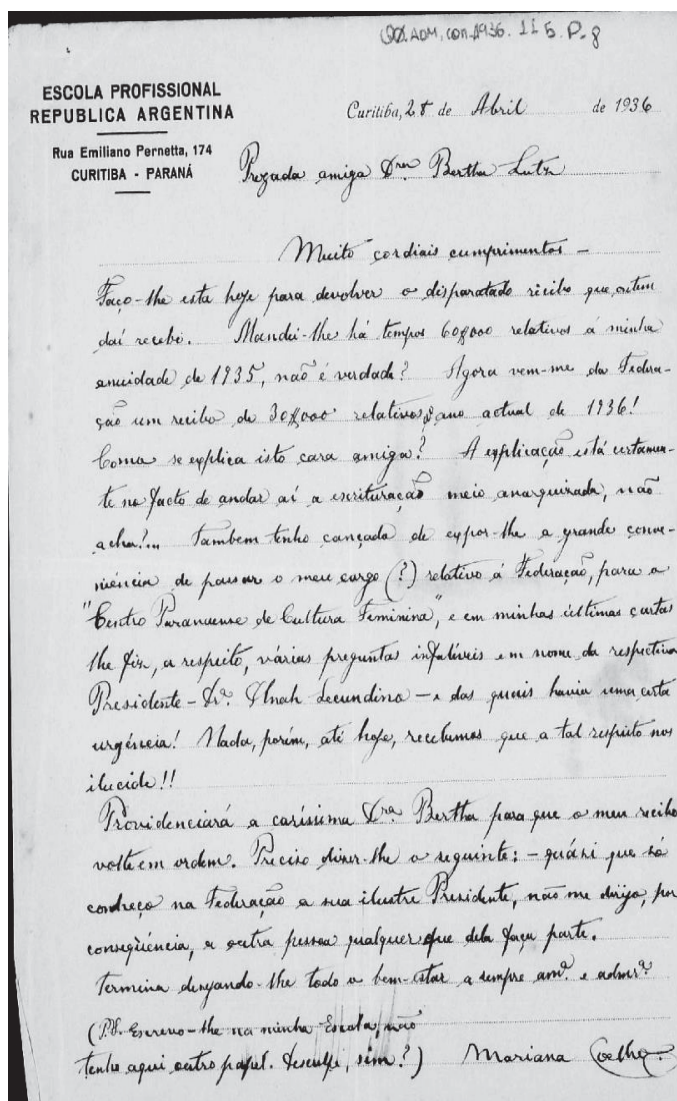
⁵ Em 1923, quando Mariana Coelho envia a primeira carta a Bertha Lutz, Mariana tinha 66 anos de idade e Bertha apenas 29.

fontes foram entrecruzadas, sobrepostas e contrapostas, buscando desvendar interações epistolares presentes nas correspondências que pudessem ter repercutido na escrita do livro. Estivemos atentas também em desvendar de que forma o conteúdo das cartas contribuiu para a educação intelectual feminista de Mariana Coelho.

Para tomarmos conhecimento do teor das cartas, foi necessário um árduo trabalho de busca e seleção, tendo em vista que muitas estavam arquivadas com páginas fora de ordem, em meio a outras cartas e documentos, e precisaram ser separadas e classificadas, uma operação que demandou muito trabalho, tempo, empenho e dedicação. Ao todo, a coleção conta com 72 cartas, as quais foram por nós transcritas e cujo conteúdo inicialmente foi mapeado através da construção de um quadro.

Classificados os documentos, nos deparamos com outro desafio, a materialidade das cartas revelada em sua digitalização. Conforme já descrevemos, tivemos acesso a elas somente em sua versão digital, escaneada em preto e branco; por isso, não pudemos sentir a textura dos papéis nem identificar com precisão que tipos de papéis foram usados. Mas pudemos perceber que Mariana Coelho escreveu sempre à mão, em papel branco ou pautado; em duas cartas, utilizou papel pautado timbrado da Escola Profissional República Argentina. Todas as enviadas por sua principal correspondente, Bertha Lutz, foram datilografadas em papel branco e, em duas cartas, Bertha utilizou papel timbrado da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino.

FIGURA 1 – CARTA DE MARIANA COELHO A BERTHA LUTZ EM PAPEL TIMBRADO



DESCRIÇÃO DA FIGURA: Carta de Mariana Coelho a Bertha Lutz, escrita em 28/04/1936, em papel timbrado da Escola Profissional República Argentina

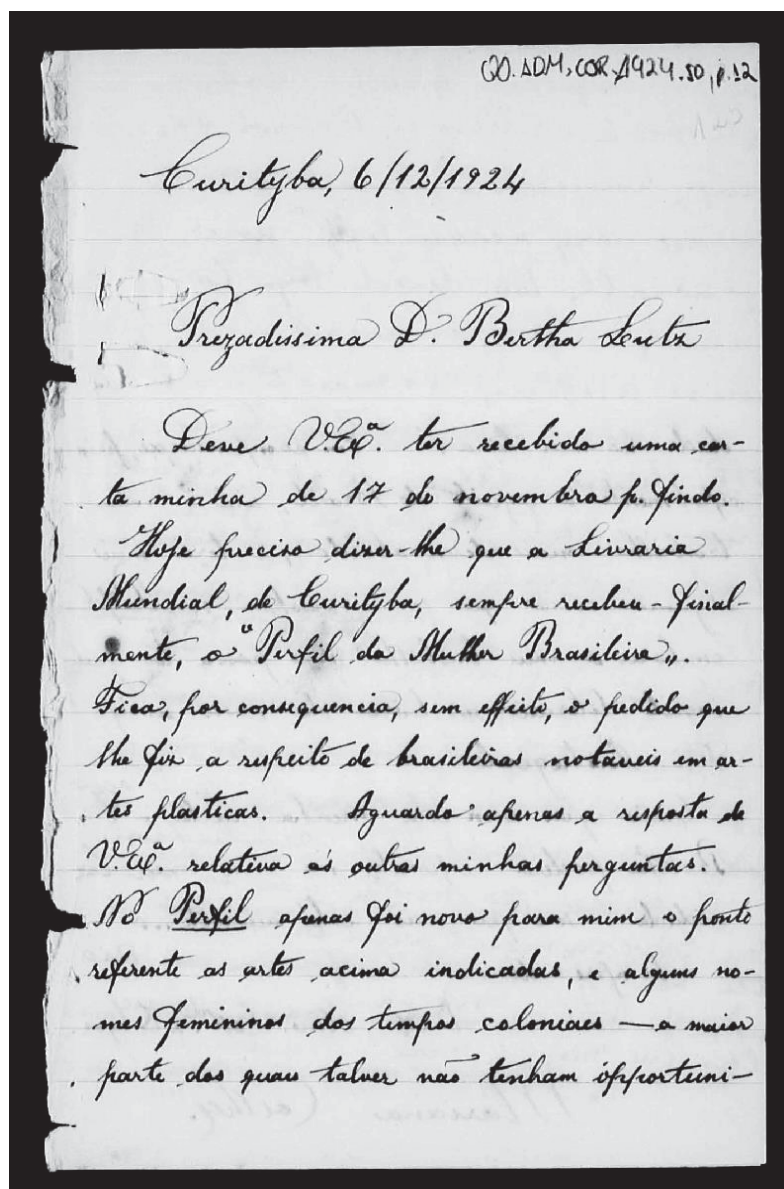
FONTE: Arquivo Nacional.

Até hoje, os currículos de Língua Portuguesa apresentam as cartas como um dos gêneros textuais, apesar de terem um uso muito menor do que algum tempo atrás. Estas possuem regras próprias de escrita, de acordo com o remetente e o destinatário⁶; tais regras eram seguidas com certa formalidade mesmo nas correspondências íntimas, especialmente até o início do século XX. Ao atentarmos

⁶ Entre as formalidades estavam: Iniciar sempre com o local de onde se escrevia, o dia, mês e o ano. Abaixo o vocativo para o destinatário: "Prezada Senhora", "Querida amiga". Em seguida, o corpo do texto com a mensagem que se queria transmitir. Finalizar com uma saudação formal ou informal e a assinatura do remetente. No envelope, o nome do remetente e do destinatário com os seus respectivos endereços.

para estas estruturas formais nas correspondências de Mariana Coelho, foi interessante aventar os diferentes níveis de afinidade e proximidade que foram se construindo em seus intercâmbios. Através da leitura das cartas, é possível perceber como se foram estreitando os laços entre Mariana Coelho e Bertha Lutz. Percebe-se que parte da formalidade foi sendo deixada de lado à medida que as feministas vão aumentando o número de cartas recíprocas.

FIGURA 2 – CARTA DE MARIANA COELHO A BERTHA LUTZ COM LETRA LEGÍVEL

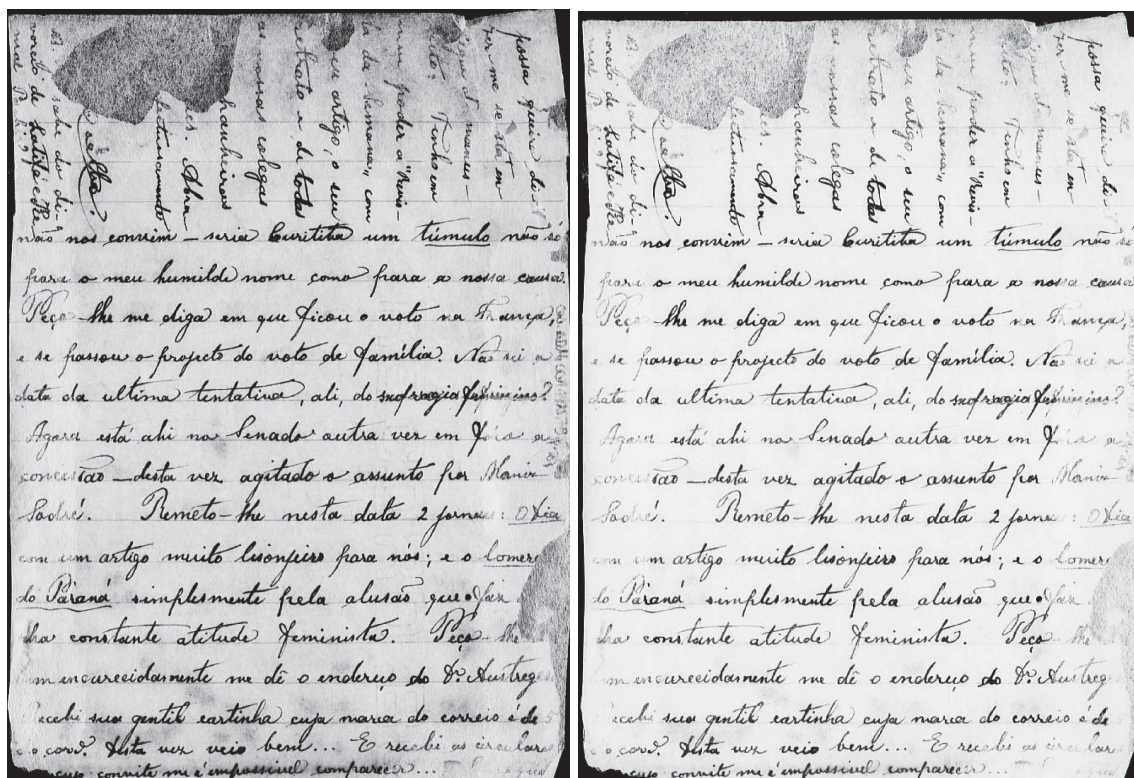


DESCRIÇÃO DA FIGURA: Trecho de carta escrita por Mariana Coelho a Bertha Lutz em 06/12/1924, onde é possível perceber a letra legível.

FONTE: Arquivo Nacional.

Detalhes são revelados não apenas na flexibilização das estruturas formais das cartas, mas também nas sutilezas da própria caligrafia: é possível perceber que a qualidade da letra, inicialmente mais cuidadosa e desenhada, no correr dos tempos se torna mais fluída e nem sempre tão boa, revelando que a urgência principal estava em levar à interlocutora o conteúdo da mensagem, sem uma preocupação tão rígida com a forma. Nessas cartas notamos que há escritas fora da ordem habitual, observações acima do texto principal e anotações na transversal. O que demonstra que, com o passar dos anos, a intimidade entre elas foi aumentando, o que lhes permitiu sair da formalidade para um campo mais íntimo.

FIGURA 3 / FIGURA 4 - TRECHOS DE CARTA ESCRITA POR MARIANA COELHO A BERTHA LUTZ COM ANOTAÇÕES ACIMA DO TEXTO PRINCIPAL



DESCRIÇÃO DAS FIGURAS: Trechos de carta escrita por Mariana Coelho a Bertha Lutz em 15/09/1925, onde é possível perceber as anotações acima do texto principal.

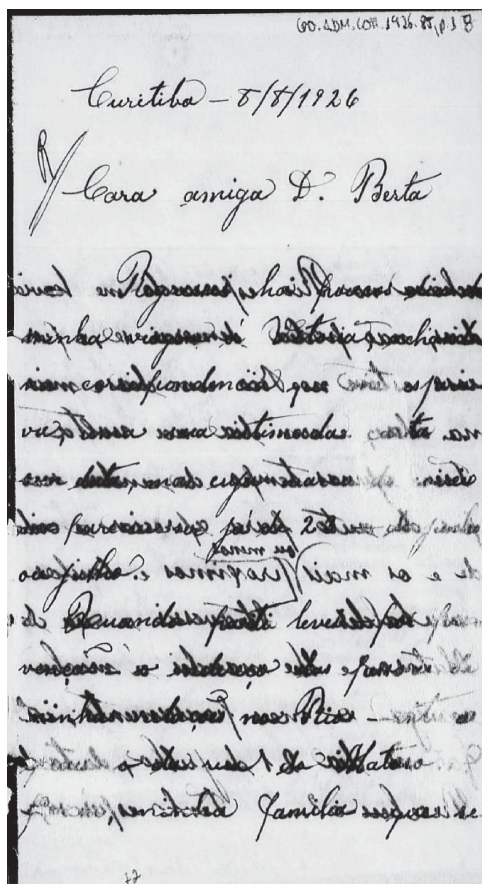
FONTE: Arquivo Nacional.

A própria forma de se dirigirem uma à outra também foi mudando. Primeiramente utilizavam a expressão “Exma. Sra. D.” e posteriormente apareceram expressões como: “Distinta colega e amiga”, “Distincta e Prezada patrícia”, “ilustre colega no feminismo”, “sua amiga de sempre”, “Ilustre amiga D.”, “consócia”, “Querida

e distinta amiga”, demonstrando que a frequência das cartas as tornava cada vez mais íntimas.

Outro aspecto material claramente observável se refere aos materiais usados para a escrita. Constata-se que, provavelmente, foram escritas com pena e tinteiro e por isso algumas cartas tiveram a sua leitura comprometida, devido à gramatura ou tipo de papel. Há escritas nos dois lados da folha que, no processo de leitura da versão digitalizada, fazem ainda mais complexo perceber e separar a escrita da frente e do verso da folha. Em algumas páginas, a escrita de um lado se mistura com a do outro, dificultando a inteligibilidade. Somado a isso, encontramos palavras ilegíveis, abreviadas, outras que não entendemos por já não integrarem o léxico atual. Cartas com desgaste, escurecidas, trechos rasgados, borrados. Apesar destes desafios, a tarefa de ler, compreender e analisar estes documentos foi fonte de satisfação no trabalho de historiadora.

FIGURA 5- CARTA ESCRITA POR MARIANA COELHO A BERTHA LUTZ, COM ESCRITA BORRADA



DESCRIÇÃO DA FIGURA: trecho de carta escrita por Mariana Coelho a Bertha Lutz, em 08/08/1926, com escrita borrada, p. 1.

FONTE: Arquivo Nacional.

Na leitura das cartas, observamos que uma mesma tratava de diversos assuntos, o que nos impôs certa dificuldade para abordá-las. Seguir uma ordem cronológica não nos pareceu coerente com a forma como precisávamos apresentá-las. Por isso, vislumbrando a forma que seria de mais fácil compreensão e que mais contribuiria com a nossa proposta, optamos por criar categorias analíticas e apresentá-las e analisá-las por assunto.

No item seguinte, apresentaremos uma breve biografia dos principais correspondentes de Mariana Coelho, aqueles que apareceram no conjunto das cartas preservadas.

1.2 AS CARTAS E OS CORRESPONDENTES DE MARIANA COELHO

“Escrever cartas é como lançar o espírito a galope, e ir buscar o que parece estar fora de seu alcance”
(Woolf, 1994, p. 21 *apud* Camargo, 2011, p. 14).

As cartas, principal fonte deste trabalho, por nós hoje chamadas de “conjunto”, primeiramente foram selecionadas, salvas e organizadas em ordem cronológica. Posteriormente foram transcritas, uma a uma em uma tabela, a qual nos forneceu um panorama dos correspondentes e dos principais assuntos nelas tratados.

O conjunto por nós organizado é composto, como já dito anteriormente, por setenta e duas cartas, datadas no intervalo de 1909 a 1945, em trinta e seis anos de correspondência. São cinquenta e sete cartas enviadas por Mariana Coelho, quatorze recebidas por ela, uma enviada por Rocha Pombo a Bertha Lutz e uma enviada por Maria Amália Bastos de Miranda Jordão a Bertha Lutz.

Das cinquenta e sete que Mariana Coelho escreveu, quarenta e sete foram para Bertha Lutz, o que demonstra que, entre as cartas preservadas que localizamos, ela era a sua principal correspondente. As outras dez foram enviadas para outros intelectuais: duas para Fábio Luz, duas para Maria Amália Bastos de Miranda Jordão, duas para Maria Sabina de Albuquerque, duas para Georgina Barbosa Vianna e duas para Mário Augusto Teixeira de Freitas.

Das treze recebidas por Mariana Coelho, oito eram de Bertha Lutz, uma de Rocha Pombo, uma de Dario Velloso (as duas cartas-prefácio de *A evolução do feminismo*), uma do Serviço de Estatística da Educação e Saúde, uma de Ilnah Pacheco Secundino de Oliveira e uma de Aramis Athayde (Club Curitibano).

Chama a atenção o número de missivas enviadas por Mariana Coelho em comparação às recebidas por ela. A explicação pode estar na forma de guarda dessa correspondência. A maioria das enviadas por Mariana Coelho, com as que tivemos contato, foram para Bertha Lutz, quem as guardou junto à Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, da qual foi presidente. Recentemente foram digitalizadas e disponibilizadas no portal SIAN – Sistema de Informações do Arquivo Nacional –, em meio à documentação pertencente ao fundo da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, meio pelo qual tivemos acesso. Há outras que estão relacionadas ao Centro Paranaense de Cultura Feminina (depois Centro Paranaense Feminino de Cultura), filiado à Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, todas disponibilizadas digitalmente pelo SIAN. Nesse mesmo repositório, encontramos cartas que foram enviadas por Mariana Coelho a Fábio Luz e a enviada por Rocha Pombo a Bertha Lutz.

Pudemos perceber, a partir do conteúdo, que grande parte das que Mariana Coelho recebeu não foram localizadas; se perderam ou estão arquivadas em local ao qual não tivemos acesso. Por isso, há muitas lacunas nas interações epistolares. Nossa estimativa é de que se encontram perdidas umas trinta e seis cartas, pois há menções de missivas enviadas, mas que não constam em nosso conjunto. Das que seriam endereçadas a Mariana Coelho, identificamos que faltam: uma de Fábio Luz, treze de Bertha Lutz, duas da irmã de Mariana Coelho, Maria da Natividade Teixeira Coelho, duas de Maria Sabina de Albuquerque, duas de Noemia Spozel, uma de Beatriz Pontes de Miranda, uma de Georgina Barbosa Vianna, duas da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, uma do Serviço de Estatística da Educação e Saúde, uma de Maria Amália Bastos de Miranda Jordão. Além disso, estão as enviadas por Mariana Coelho – oito para Bertha Lutz, uma para Georgina Barbosa Vianna e uma de Bertha Lutz para Rocha Pombo – além de outras possivelmente trocadas com a uruguaia Paulina Luisi, que não localizamos.

Através da análise do conjunto preservado, observamos que Mariana Coelho escreveu muito mais para Bertha Lutz do que esta escreveu para a primeira. Percebe-se que, em certos períodos, Mariana Coelho enviou duas ou três cartas antes de que Bertha Lutz respondesse. O teor da correspondência revela que o silêncio de Bertha Lutz tinha vários motivos, parte deles ligados às atividades desenvolvidas por ela, como viagens, participação em congressos, atividades frente à Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, doenças de Bertha Lutz e de familiares, atribuições

peçoais ligadas à função de secretária do Museu Nacional, mudança de endereço, extravio pelos correios, esquecimentos etc.

Mas quem eram as pessoas que se correspondiam com Mariana Coelho? Que relações tinham com ela? Que importância tiveram na vida e na obra da educadora e feminista? É o que discutiremos a seguir, apresentando uma breve biografia dos principais correspondentes, junto a imagens que ajudam a ilustrar cada um deles⁷, iniciando pela principal, Bertha Lutz.

Mariana Coelho iniciou as interações epistolares com Bertha Lutz em 2 de janeiro de 1923, através de carta cujo teor já indicava ser ela admiradora de Bertha Lutz, cuja militância em prol dos direitos das mulheres era muito conhecida. Assim escreveu Mariana Coelho: “Vou pela primeira vez, à presença de V. S^a. – cujo nome tão brilhantemente se tem destacado na nobre causa feminina e feminista [...]” (Coelho, 02/01/1923). Algumas vezes Mariana Coelho chamou a correspondente de “leader”.⁸ Tamanha admiração sentia, que foi a Bertha Lutz que Mariana Coelho confiou, diversas vezes, os originais da sua obra ainda em construção, *A evolução do feminismo*, para a avaliação da “consócia”, como a chamava nas cartas. Depositava nela confiança como figura de autoridade, que poderia auxiliá-la principalmente com sugestões para aperfeiçoar a escrita do livro, mas também como um referencial que viria facilitar a posterior circulação da obra. O último contato que tiveram foi em 30/09/1940, quando Mariana Coelho informa estar lhe enviando exemplares dos livros, possivelmente para que Bertha Lutz auxiliasse na sua circulação.

Lôbo (2010) aporta importantes detalhes da biografia de Bertha Lutz, cujo nome completo era Bertha Maria Júlia Lutz, nascida em São Paulo em 1894, filha de uma enfermeira inglesa, Amy Fowler, e do cientista brasileiro Adolfo Lutz. Formou-se bacharel em Ciências pela Faculdade de Ciências da Universidade de Paris. Foi na Europa que entrou em contato com a campanha das inglesas pelo sufrágio feminino. No Brasil, atuou profissionalmente como tradutora e encarregada do Museu de Zoologia do Instituto Oswaldo Cruz. Em 1919, ingressou como secretária no Museu Nacional, após prestar concurso público em 1918; concorreu com outros dez homens, tornando-se a segunda mulher a entrar para o serviço público no Brasil.⁹

⁷ Salientamos que em nossas pesquisas não encontramos fotografias de todos os correspondentes de Mariana Coelho, justificando-se, assim, a presença de fotografias de alguns e a ausência de outros.

⁸ Em cartas escritas por Mariana Coelho nos dias 17/11/1924, 28/01/1925, 08/02/1927, 14/11/1934.

⁹ A primeira foi Joana França Stockmeyer que ingressou na Imprensa Nacional em 4 de janeiro de 1892 e hoje recebe o título de Patrona da Servidora Pública Brasileira (Museu da Imprensa, 2024, não p.).

FIGURA 6 - FOTOGRAFIA DE BERTHA LUTZ



FONTE: Arquivo Nacional.

Em 1919, fundou, juntamente com mulheres cultas da alta sociedade, a Liga para a Emancipação Intelectual da Mulher, de onde Bertha Lutz se manifestava politicamente, publicando crônicas em periódicos do Rio de Janeiro. Essa instituição, em 1922, deu lugar à Federação Brasileira pelo Progresso Feminino (FBPF). Bertha Lutz atuou como presidente da Federação.

Ainda em 1922, foi nomeada pelo governo brasileiro como representante do país na 1ª Conferência Interamericana de Mulheres, em Baltimore, Estados Unidos, organizada por Carrie Chapman Catt, líder feminista americana que se tornou logo grande amiga de Bertha Lutz. Esta fez sucesso em Baltimore, sendo descrita na imprensa como: “[...] encantadora, agradável, inteligente, espirituosa contadora de histórias. [...]” (Lôbo, 2010, p. 36). Esse evento levou Bertha Lutz a estreitar laços de sociabilidade com diversos nomes de respeito nos campos científico, literário e principalmente diplomático.

Em parte da carta de 1º de novembro de 1925 dirigida a Mariana Coelho, Bertha Lutz contou, respondendo à sua solicitação, alguns detalhes de sua formação:

Agora quanto à minha modesta pessoa. Sou paulista, filha do Dr. Adolpho Lutz, cientista e pioneiro em questões de Medicina tropical, Higiene e Saúde Pública, que durante 20 anos dirigiu o Instituto Bacteriológico, de S. Paulo e atualmente se dedica as pesquisas científicas no Instituto Oswaldo Cruz.

Fui educada em S. Paulo e em Paris, sendo diplomada em Ciências Naturais pela Faculdade de Ciências da Universidade de Paris. Ocupei primeiro um lugar no Instituto Oswaldo Cruz. Em seguida fui após concurso com 10 homens, em 7 matérias e 14 provas, classificada em primeiro lugar e nomeada secretária do Museu Nacional. Atualmente tenho ali um laboratório, dedicando-me a Botânica.

Minha mãe muito se dedicou à organização de obras caridosas, tendo pois gosto pelas questões sociais.

De volta da Europa onde passei oito anos em estudos e depois nomeada para o Museu, resolvi trabalhar pelo movimento feminino. Uma das minhas primeiras iniciativas foi responder a uma entrevista contra o voto dado pelo Senador Ferreira Chaves à noite. Trabalhei pelas emendas.

Mais tarde fundei a Liga pela Emancipação da Mulher com caráter provisório e após minha volta dos Estados Unidos, a Federação pelo Progresso Feminino.

Fui delegada do Brasil a 1ª e 2ª Conferência Pan-americanas de Mulheres em 1922 e 1925, sendo na última eleita Presidente da União Interamericana.

Fui igualmente representante do nono Congresso de A Aliança Internacional pelo Sufrágio Feminino. Por ora é só. Bem pouco, não acha, não vale a pena insistir (Lutz, 1º/11/1925).

Em 17 de setembro de 1925, Mariana Coelho reforçou o pedido que, segundo ela, havia sido feito anteriormente, mas não fora atendido por Bertha Lutz: “[...] já lhe perguntei uma vez em que foi diplomada em Paris, e que me dissesse alguma coisa sobre a sua educação científica, e não me disse nada! Ponha de parte a modéstia, lembre-se que se trata de salientar o mérito do nosso sexo” (Coelho, 17/09/1925). Após o recebimento desta breve autobiografia, Mariana Coelho a colocou em seu livro *A evolução do feminismo* (p. 173, da versão de 2002), demonstrando certo cuidado em colocar de Bertha Lutz o que ela própria lhe contou.

Bertha Lutz ficou conhecida no Brasil como a maior líder feminista de sua época, lutando pelos direitos das mulheres. Destacou-se principalmente pela conquista do direito de votar e de ser votada, outorgado às mulheres por Getúlio Vargas, através do Decreto nº 21.076, que instituiu o Código Eleitoral Brasileiro em 1932 (Brasil, 1932).

Bertha Lutz, como ativista feminista, viajou para outros países, representando as brasileiras em assembleias e congressos internacionais. Em 1922, nos Estados Unidos, foi eleita vice-presidente da Sociedade Pan-Americana, na Assembleia-Geral da Liga das Mulheres Eleitoras.

Em 1933, de posse dos direitos políticos recém-conquistados pelas mulheres, candidatou-se a uma vaga de deputada federal na Assembleia Nacional Constituinte

pelo Partido Autonomista do Distrito Federal, representando a Liga Eleitoral Independente, fundada por ela e pela Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, mas não conseguiu se eleger. No pleito seguinte, em 1934, conseguiu ficar como primeiro suplente do titular Cândido Pessoa. Em julho de 1936, depois da morte do titular, finalmente inicia seu mandato como deputada pela Câmara Federal¹⁰, cargo que ocupou até novembro de 1937, quando Getúlio Vargas fechou o Congresso Nacional e deu início à ditadura do Estado Novo. Em sua vida parlamentar militou em favor das mulheres e do menor, propondo uma alteração na legislação trabalhista para a igualdade salarial, licença-maternidade de três meses, além da redução na jornada de trabalho.

FIGURA 7 - BERTHA LUTZ COM SEU PAI ADOLFO LUTZ, AMIGAS E PARENTES



DESCRIÇÃO DA FIGURA: Bertha Lutz com seu pai Adolfo Lutz, amigos e correligionárias na escadaria do Palácio Tiradentes - Câmara dos Deputados, centro do Rio de Janeiro, RJ, após a posse de Bertha Lutz como deputada na Câmara Federal em 28/07/1936.

FONTE: Marques, 2016, p. 105.

Sua atuação feminista levou-a a organizar o primeiro congresso feminista, fundando a União Universitária Feminina, a Liga Eleitoral Independente, a União Profissional Feminina e a União das Funcionárias Públicas.

Após a implantação do regime do Estado Novo em 1937, todas as casas legislativas do país fecharam, mas Bertha Lutz permaneceu ativa, ocupando vários

¹⁰ A primeira mulher a ser eleita deputada federal no Brasil, em 1933, foi Carlota Pereira de Queirós (1892-1982).

cargos públicos como o de chefe do setor de Botânica do Museu Nacional, cargo que ocupou até 1964, quando se aposentou na função. Em 1975, foi convidada pelo governo para integrar a delegação brasileira no Congresso Internacional da Mulher, no México, sua última participação em ato público em defesa da mulher. Bertha Lutz faleceu aos 84 anos, no Rio de Janeiro, em 1976.

Bertha Lutz contribuiu muito com ensaios e publicações relacionados aos direitos das mulheres, à educação e à ciência. Publicou em revistas e jornais compilações de textos sobre o movimento feminista no Brasil, artigos acadêmicos na área de sua formação, sobre anfíbios, répteis etc. Entre as publicações literárias está o livro *A função educativa dos museus*, com o resultado de observações sobre o funcionamento dos setores educativos de 58 museus norte-americanos visitados por ela durante o ano de 1932. E *Brazilian Species of Hyla*, que contempla informações de 88 espécies e 43 subespécies de hílideos¹¹ do Brasil.

Das 72 cartas, identificamos 45 que têm, como um dos assuntos, algo sobre a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, sendo 37 delas trocadas entre Mariana Coelho e Bertha Lutz. São menções de pagamento de anuidades, envio de recibos, eventos, filiação etc. Para compreendermos o porquê de tantas menções à instituição, precisamos compreender que relação teve a federação com Bertha Lutz.

Optamos por tratar da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino imediatamente após falarmos de Bertha Lutz por ser esta uma instituição totalmente relacionada com a feminista. Foi fundada em 1919, com o título de Liga pela Emancipação Intelectual da Mulher, por Bertha Lutz, juntamente com outras mulheres cultas da alta sociedade carioca: “Isabel Imbassahy Chermont; Stella Guerra Duval, Júlia Lopes de Almeida, Jerônima Mesquita, Valentina Biosca, Esther Salgado Monteiro, Corina Barreiros” (Lôbo, 2010, p. 32).

Em 1922, Bertha Lutz e as associadas da Liga do Distrito Federal fundaram a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino (FBPF), com sede no Rio de Janeiro, tendo como membros a presidente Bertha Lutz, a vice-presidente Stella Guerra Duval, a secretária geral Valentina Biosca, a segunda secretária Esther Salgado Monteiro, a tesoureira Corina Barreiros e a presidente de honra Júlia Lopes de Almeida. As reuniões aconteciam primeiramente nas residências das sócias (Lôbo, 2010, p. 38-39). Foi a primeira sociedade feminista do Brasil.

¹¹ Família de anfíbios da ordem anura, como rãs, pererecas etc.

A instituição tinha como principal objetivo: “[...] lutar em prol dos direitos da mulher, incluindo os políticos e civis; participação no mercado de trabalho; acesso à educação, entre outros assuntos pertinentes à busca por equidade [...]” (Arquivo Nacional, 2019, não p.). O suplemento do Correio da Manhã de 29 de junho de 1930 publicou uma ampla reportagem sobre a federação, que traz como título: “A Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, orientadora do movimento feminista, destina-se a: Promover a educação da mulher e elevar o nível de instrução feminina” (Correio da Manhã, 29/06/1930).

A federação foi ganhando espaço pelo Brasil, com a criação de filiais em diversos estados brasileiros. O fato de contar, em sua maioria, com sócias da burguesia carioca, proporcionava maior facilidade para circular entre as diversas instâncias da sociedade. Em 1937, durante a instauração do Estado Novo, a instituição perdeu força, mas só foi fechada de forma definitiva em 1986.

FIGURA 8 - SÓCIAS DA FEDERAÇÃO BRASILEIRA PELO PROGRESSO FEMININO



DESCRIÇÃO DA FIGURA: Fotografia das sócias da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino em visita ao Instituto Oswaldo Cruz (1921-1930). Estão na foto: Gualter Adolfo Lutz (irmão de Bertha Lutz), Bertha Lutz, Carmem Velasco Portinho, Ana Borges, Leocádio Rodrigues Chaves, Júlia Durval, Frangelina Faria.

FONTE: Brasileira Fotográfica – Biblioteca Nacional.

Continuando a tratar dos correspondentes de Mariana Coelho, cronologicamente, as duas primeiras cartas do nosso conjunto foram escritas por Mariana Coelho a Fábio Luz, em 25 de abril e 17 de junho de 1909. Como já citado neste trabalho, na primeira o assunto principal é o agradecimento aos elogios

proferidos por Fábio Luz à obra *Paraná mental*, publicados no jornal *A República*, de Curitiba e na revista *Brasil Moderno*. Na segunda, ela conta da morte da mãe e informa estar enviando a publicação do jornal *A República* com as apreciações de Fabio Luz ao *Paraná mental*; conta que em Portugal se publicaram comentários sobre a obra e envia um exemplar de uma das publicações e da obra de seu irmão, *Crítica paranaense ao Paraná mental*.

Fabio Luz nasceu em 1864 em Valença, estado da Bahia; foi funcionário público como administrador da Mesa de Renda, formou-se como médico. Mudou-se mais tarde para o Rio de Janeiro, onde escreveu diversas novelas e romances, entre eles *O ideólogo* e *Os emancipados*. Militante anarquista, escreveu principalmente “como uma forma de militância política”, deixando muitos escritos em jornais e folhetos, cujo reconhecimento o levou a ocupar uma cadeira na Academia Carioca de Letras em 1934. Faleceu em 1938 (Fábio Luz, 2024).

FIGURA 9 - FÁBIO LUZ



FONTE: Correio da Manhã – RJ – 10/05/1938.

Em 8 de maio de 1927, Mariana Coelho escreveu para Maria Amália Bastos de Miranda Jordão, falando sobre as tratativas da publicação de seu livro *A evolução do feminismo*. Assim como a própria carta revela, esta, naquele momento, era secretária da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino. No ano de 1929, apareceu entre as sócias da FBPF, como 2ª vice-presidente.

Outra correspondente de Mariana Coelho foi Maria Sabina de Albuquerque; a carta endereçada a ela foi escrita em 4 de junho de 1934. Em missivas posteriores para Bertha Lutz, Mariana Coelho a citou diversas vezes. Maria Sabina de

Albuquerque era mineira de Barbacena, nascida em 1898. Um importante nome dentro do feminismo brasileiro, atuava também como professora, poetisa, declamadora e jornalista integrante da Associação Brasileira de Imprensa. Bacharelada pelo Colégio Pedro II, formou-se em Letras na Inglaterra pela Universidade de Cambridge. No Rio de Janeiro, fundou em 1921, o Curso Olavo Bilac de Arte de Dizer, que funcionou por quase setenta anos. Era doutora em Letras pela Universidade de Cambridge. Patrona na Academia Barbacenense de Letras, na Academia Internacional de Letras e na Academia Nacional de Letras e Artes. Sócia honorária da Academia Carioca de Letras e da Academia de Letras do Rio de Janeiro. Autora de poemas como: *Na penumbra do sonho* (1921); *Água dormente* (1925); *Canto do tempo trágico* (1946), entre vários outros. E de textos como: *Alma tropical* (1928); *Adolpho Lutz* (biografia), entre outros. Fez parte da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino ao lado de Bertha Lutz, entrando para a instituição em 1928. Foi a principal responsável pela redação do periódico da FBPF, o *Boletim*, em circulação desde 1933. Foi presidente da entidade por quatro vezes a partir de 1945. Representou o Brasil em diversos congressos internacionais sobre assuntos femininos. Faleceu no Rio de Janeiro em 1991, com 92 anos (Schumacher, 2000, p. 409-410).

FIGURA 10 - MARIA SABINA DE ALBUQUERQUE (1898-1991)



FONTE: Site Poeta.

Para Maria Sabina de Albuquerque, escreveu Mariana Coelho:

Foi me muito grata a recepção da comunicação, que me faz, de terem sido vitoriosas todas as reivindicações feministas, perante a Assembleia Nacional Constituinte. Foi realmente um grande passo a completa emancipação feminina. Muito agradeço à “Federação” a explanação que me enviou sobre o assunto. Um sincero aperto de mão da consócia dedicada (Coelho, 04/06/1934).

Mariana Coelho se referia ao direito das mulheres de votar. O tão sonhado direito tinha sido conquistado pelas mulheres depois de muita luta, grande parte delas travadas pela FBPF.

O primeiro país a garantir o direito de votar às mulheres foi a Nova Zelândia, em 1893. O Brasil demorou quase 40 anos para fazer o mesmo, mas o fez antes de países como França, onde o sufrágio feminino só aconteceu em 1944, e Suíça, onde as mulheres esperaram até 1971 para votar (Goiás - TRE, 2024).

As reivindicações citadas por Mariana Coelho foram enviadas pela FBPF à Assembleia Nacional Constituinte em fevereiro de 1934. O documento, disponível no Arquivo Histórico da Câmara dos Deputados¹², destaca que, além do voto, haveria a intenção de ser estendida às mulheres, na nova Constituição de 1934, a obrigatoriedade da prestação do serviço militar. Como desaprovava tal medida, a FBPF pedia que isso não fosse incluído, que apenas em casos de calamidade pública fosse aproveitado o trabalho das mulheres nos serviços civis sanitários, sociais e educativos. O documento pedia ainda a extensão da naturalização às mulheres estrangeiras não casadas, pois somente naturalizadas poderiam votar. Este pedido era muito importante para as mulheres estrangeiras, como era o caso de Mariana Coelho¹³, que lutavam pelo sufrágio feminino e não podiam usufruir desse direito por não terem naturalidade brasileira. Entre as reivindicações relativas ao trabalho, solicitava que fosse incluída na Constituição, na “Declaração dos direitos, assim como no Capítulo sobre a Ordem econômica e social, no do Funcionalismo que o direito dos adultos ao trabalho e ao exercício de funções públicas e concedido SEM DISTINÇÃO DE SEXOS OU ESTADO CIVIL” (FBPF, 1934, p. 6, grifos e caixa alta do documento). Além da inserção de um capítulo sobre a paz. Estas reivindicações foram todas atendidas, segundo Mariana Coelho escreveu a Maria Sabina de Albuquerque.

Outro nome que se destaca na correspondência de Mariana Coelho é o de Georgina Barbosa Vianna. Mariana Coelho enviou duas cartas endereçadas a ela, uma em 14 de setembro de 1936 e outra em 19 de fevereiro de 1937, além de citá-la

¹² Disponível em: <https://arquivohistorico.camara.leg.br/atom/BERTHALUTZ/BR-DFCD-BERTHALUTZ-BL1-06.pdf>. Acesso em: 26 out. 2024.

¹³ Mariana Coelho iniciou o processo de naturalização em 16/07/1934, mas só a obteve em 1939.

em carta enviada para Bertha Lutz em 18 de janeiro de 1938. Georgina Barbosa Viana foi presidente da Liga Eleitoral, superintendente geral do Serviço de Alistamento em 1934 (Jornal do Brasil - RJ - 27/07/1934, p. 24), momento em que as mulheres estavam constitucionalmente prestes a votar. Artista plástica, nascida em Pernambuco em 1918, formada na Escola Nacional de Belas Artes (UFRJ), discípula de Eliseo D'Angelo Visconti¹⁴, ao lado de nomes como Angelina Agostini, Silvia Meyer, Adelaide Lopes Gonçalves, Fédora do Rego Monteiro Fernandes, João Batista Bordon, entre outros. Apareceu entre os expositores da XXIV Exposição Geral de Bellas Artes como discípula de Telles Júnior, De Servi e A. Parreiras. Ativista feminista ao lado de Bertha Lutz e outras, auxiliou na organização de congressos como o Congresso Nacional Feminino (Jornal do Brasil – RJ, 30/09/1936, p. 8) junto à FBPF; através da realização do II Congresso Nacional Feminino de 1932, conseguiram que fosse instituído o Dia das Mães no Brasil (Diário de Notícias – RJ, 14/05/1950, p. 22). Faleceu em 2009.

Ilnah Pacheco Secundino de Oliveira também aparece entre os correspondentes de Mariana Coelho. Enviou-lhe carta em 13 de junho de 1936, tratando sobre assuntos relacionados à filiação do Centro Feminino Paranaense de Cultura à Federação Brasileira pelo Progresso Feminino – FBPF. Além disso, Mariana Coelho citou-a em outras missivas endereçadas a Bertha Lutz, Georgina Barbosa Vianna e Maria Sabina de Albuquerque. Ilnah Pacheco Secundino de Oliveira nasceu em Antonina em 1913, vivendo em Curitiba até 1944. Foi a terceira Advogada do Estado, 1ª Promotora Criminal (1937), a 1ª Auditora Militar, 1ª Juíza do Trabalho, Relações Públicas da Interventoria Manoel Ribas. Fundou a Legião Brasileira de Assistência e o Centro Feminino Paranaense de Cultura, além de dirigir diversas páginas em jornais. Mudando-se para o Rio de Janeiro, integrou o Ministério da Educação, viajando para todas as capitais brasileiras. Ocupou o cargo de Chefe de Gabinete do Ministro da Saúde Aramys Athayde. Junto com a escritora Baronesa Adalzira de Saavedra, fundou a Academia Feminina Brasileira. Poetisa, escreveu cerca de 26 livros como: *A mulher*; *Quando o sol surge no oriente*; *Vozes da cidade*;

¹⁴ (1866-1944) “Eliseo D'Angelo Visconti, conhecido como Eliseu Visconti, foi um pintor, desenhista e designer italo-brasileiro ativo entre os séculos XIX e XX. É considerado um dos mais importantes artistas brasileiros do período e o mais expressivo representante da pintura impressionista no Brasil (Eliseo d'Angelo Visconti, 2024, não p.).

Missanga, entre outros. Faleceu em Copacabana, Rio de Janeiro, em 2001 (MPPR, 2016, não p.).

FIGURA 11 - ILNAH PACHECO SECUNDINO DE OLIVEIRA



FONTE: Portal Ministério Público do Paraná.

Por fim, não poderíamos deixar de destacar as cartas-prefácio de *A evolução do feminismo*, escritas por Dario Vellozo e Rocha Pombo, de natureza diferente das correspondências anteriormente citadas, pois se trata de missivas escritas com o objetivo de serem publicadas.¹⁵

Iniciaremos por Dario Vellozo, quem escreveu a Mariana Coelho em 24 de julho de 1926. Importante nome da literatura brasileira, Dario Persiano de Castro Vellozo nasceu em 1869, no Rio de Janeiro, onde viveu até os 16 anos, quando se mudou com sua família para Curitiba. Em Curitiba, foi tipógrafo do jornal *Dezenove de Dezembro*, estudou no Colégio Partenon Paranaense. Maçom e defensor das ideias neopitagóricas e do estilo grego, foi filósofo e criador do Instituto Neo-Pitagórico¹⁶. Importante poeta e educador, foi professor de história do Ginásio e da Escola Normal de Curitiba. Não se formou em curso superior. Casado com Escolástica Moraes de Castro Vellozo com quem teve os filhos Portos, Iliam, Alcione, Valmiki, Atos e Lísis. Fundou diversas instituições, entre elas o “Centro Esotérico ‘Luz Invisível’”, Loja Maçônica do mesmo nome; [...] Escola Brasil Cívico em Rio Negro, Loja Teosófica

¹⁵ Aparece também entre os correspondentes o nome de Mário Augusto Teixeira de Freitas. A carta que Mariana Coelho dirige a ele contém o pedido de envio do 2º volume do IX Congresso de Geografia realizado em Santa Catarina em 1940. Também está o de Aramis Taborda de Athayde, presidente do Club Curitibano de 1935 a 1936. Mas não iremos nos aprofundar nesses personagens por não possuírem tanta relevância para este trabalho.

¹⁶ Centro difusor da filosofia do grego Pitágoras que tem como base o estudo da harmonia cósmica e suas aplicações e influências na vida humana.

Nova Crótona; Curso de filosofia particular e gratuito e sua tarefa de lecionar prolongou-se por espaço de 46 anos ininterruptos” (Santos, 1949, não p.). Foi por várias vezes

delegado de organizações culturais, ordens e embaixadas em congressos e assembleias, tais como: – Congresso do livre pensamento e maçônico, em Buenos Aires em 1906; 3º e 4º Congressos de Geografia e História, em Curitiba e Belo Horizonte, representando o Paraná em 1919; Congressos Maçônicos no Rio em 1904 e 1906 (Santos, 1949, não p.).

Foi diretor da revista *Clube Curitibano* de 1890 a 1901. Fundou a *Revista Azul* juntamente com Júlio Perneta e António Braga, que foi suspensa em 1893 e deu lugar à revista *O Cenáculo*, de renome nacional, entre cujos colaboradores estavam também Carvalho de Mendonça, Albino Silva e Rocha Pombo, e muitos outros de grande renome nas letras.

FIGURA 12 - DARIO PERSIANO DE CASTRO VELLOZO



FONTE: Portal Instituto Neo-Pitagórico.

Escreveu para vários jornais paranaenses e várias revistas e periódicos como a revista *Jerusalém*, *Ramo de acácia*, *A esfinge*, *Pitágoras* e *Brasil cívico*. Fundador da Cadeira 17 da Academia Paranaense de Letras. Faleceu em Curitiba em 1937. Deixou uma vasta obra, entre outras:

“Primeiros ensaios”, contos; “Efêmeras”, versos; “Esquifes”, contos; “Alma Penitente”, poema espiritualista; “Altair”, contos esotéricos; “Templo Maçônico”, “Esotéricas”, versos; “Lições de História”, “Compêndio de Pedagogia”; “No sólio do amanhã”, romance; “Voltaire”, polêmica; “Moral dos Jesuítas”, polêmica; “Helicon”, versos; “Ramo de Ouro”, doutrina pitagórica; “Pelo aborígene”, com Júlio Perneta; “Rudel”, poema; “A cabana Felah”, conto; “Da tribuna e da imprensa”, estudos; “Da terapêutica oculta”, estudos;

“Four L’Humanité”, tradução francesa de Phileas Lebesque; “Mansão dos amigos”, novela pitagórica; “O Habitat e a integridade nacional”, tese ao 69 Congresso de Geografia, apresentado em Belo Horizonte; “Símbolos e miragens”, contos; “Horto de Lísis”, estudos pitagóricos; “Os cavaleiros da Távola Redonda”, tradução do francês; “No limiar da paz”, estudo inter-americano; “A trança loura”, romance; “Cinerários”, versos; “Atlântida”, poema, obra máxima do mestre; “Encantadas”, romance; “Psiques e flauta rústica”; “Jesus pitagórico”, “Fogo sagrado”; “Terra das araucárias”, em colaboração com Gustavo de Medeiros Pontes (Santos, 1949, não p.).

Nosso último correspondente identificado será Rocha Pombo quem, além de Dario Vellozo, também aparece como prefaciador da obra *A evolução do feminismo*. José Francisco da Rocha Pombo nasceu em Morretes em 1857. Foi professor, poeta, jornalista, historiador, advogado; formou-se bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito do Rio de Janeiro. Abolicionista e republicano, fundador e diretor do jornal *O Povo*, de Morretes, onde promoveu campanhas abolicionistas. Em 1886 foi eleito deputado provincial pela cidade de Castro. Em 1892 foi responsável pela colocação da pedra fundamental da Universidade do Paraná, do prédio da instituição na Praça Largo Ouvidor Pardinho, projeto que de início fracassou, por falta de apoio político para liberação de recursos financeiros. Posteriormente deu origem à Universidade Federal do Paraná. Ainda em 1892, foi diretor do *Diário do Comércio*, do qual, mais tarde, tornou-se proprietário.

No Paraná, sua vida pública foi marcada pela escrita literária e pelo jornalismo, participou por pouco tempo da vida política na cidade de Castro e dedicou-se ao debate sobre temas como: educação, modernidade, civilização, deixando, nos impressos que escreveu, seus rastros (Leopoldino, 2019, p. 4).

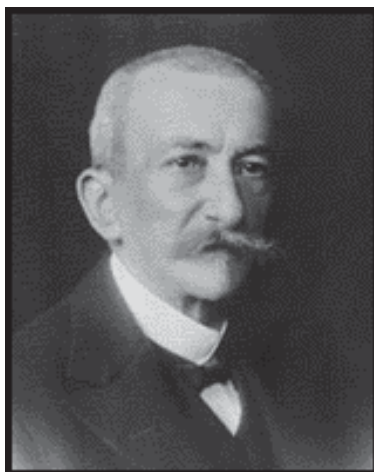
Em 1897 mudou-se para a então capital do país.

Foi no Rio de Janeiro, [...] que se consagrou como homem público, exercendo, num círculo restrito de intelectuais, suas atividades voltadas para a docência e para a produção de livros didáticos de História (Leopoldino, 2019, p. 4).

Ali continuou na profissão de jornalista e de professor, ingressando na congregação do Colégio Pedro II e na Escola Normal. No ano de 1900 passou a fazer parte, como sócio efetivo, do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Autor de obras como: *Honra do Barão* (1881); *Dadá* (1882); *A religião do belo* (1882); *Petrucello* (1889); *Nova crença* (1889); *A supremacia do ideal* (1889); *Visões* (1891); *A Guairá* (1891); *In excelsis* (1895); *Marieta* (1896); *O Paraná no centenário* (1900); *Compêndio da História da América* (1900); *No hospício* (1905); *História do Brasil* - 10 volumes

(1905-1917); *Contos e pontos* (1911); *Dicionário de sinônimos da Língua Portuguesa* (1914); *Notas de viagem* (1918); *Nossa Pátria* (1925). Faleceu no Rio de Janeiro em 1933. Foi o terceiro ocupante da Cadeira 39 da Academia Brasileira de Letras.

FIGURA 13 - JOSÉ FRANCISCO DA ROCHA POMBO



FONTE: Portal da Academia Brasileira de Letras.

Findando nossa explanação biográfica sobre os correspondentes de Mariana Coelho, não poderíamos deixar de ressaltar o admirável perfil intelectual das pessoas com as quais Mariana Coelho se relacionava socialmente. Conforme pudemos verificar, seus correspondentes eram pessoas de vasta instrução e produção intelectual, de destaque social, que compartilhavam os mesmos ideais feministas que ela. A maioria pertencia às classes mais altas da sociedade. Isso explica os motivos pelos quais ela interagiu com eles, pois os intercâmbios com pessoas com este perfil elevavam o seu repertório intelectual, colaborando para que Mariana Coelho se informasse sobre os principais acontecimentos ocorridos no país e fora dele, no que diz respeito ao progresso feminino. Essas relações foram lhe abrindo portas para frequentar as mais diversas instâncias sociais. A troca de correspondências funcionou como um processo educativo, de autoaprimoramento e aperfeiçoamento intelectual.

Camargo (2011, p. 19) destaca que cartas “são datadas e por isso delimitam lugares e momentos particulares na história dos sujeitos e da cultura”. Desta forma, ao analisarmos os escritos de Mariana Coelho sobre diversos assuntos como o feminismo, o anarquismo, o domínio da igreja católica, entre outros, seu pensamento estava permeado por seu contexto cultural, temporal, local e social.

Através do conteúdo das cartas trocadas com Bertha Lutz, observamos que compartilhavam um feminismo maternalista, moralizante, com grande preocupação que as causas feministas não tivessem interpretações equivocadas, que colocassem em xeque a reputação das mulheres, mães, donas de casa.

CAPÍTULO 2 – A FORMAÇÃO DA ESCRITORA MARIANA COELHO E SUA REDE DE SOCIABILIDADES

2.1 A FORMAÇÃO DA ESCRITORA MARIANA COELHO E AS RELAÇÕES COM OUTRAS E OUTROS INTELECTUAIS

“Uma mulher já é bastante instruída, quando lê corretamente as suas orações e sabe escrever a receita da goiabada. Mais do que isso seria um perigo para o lar” (Provérbio português *apud* Alegrio, 2009, p. 451).

Antes de adentrarmos na análise das correspondências de Mariana Coelho durante a escrita do livro *A evolução do feminismo*, se faz necessário compreendermos quem foi esta intelectual e como a jovem Mariana, portuguesa de Vila Sabrosa, vai se construindo ao longo do tempo até chegar à legitimada intelectual feminista Mariana Coelho. Os caminhos percorridos, da alfabetização e letramento à Mariana leitora. Das relações sociais, círculo familiar e de amigos à Mariana poetisa, escritora, educadora, feminista, ensaísta e jornalista.

FIGURA 14 - FOTOGRAFIA DE MARIANA COELHO (1935)



FONTE: Brasileira Fotográfica – Biblioteca Nacional.

Mariana Coelho nasceu Marianna Candida Teixeira Coelho, no dia 10 setembro de 1857, em Vila Sabrosa, no Distrito de Vila Real, região de Trás-os-Montes, em Portugal. Alguns trabalhos anteriores trouxeram dúvidas quanto ao real ano de nascimento de Mariana Coelho, entretanto Leonardo Soares Madeira Iorio Ribeiro, trineto da intelectual, em sua obra *Mariana Coelho: a educadora-feminista*, dá certeza sobre o ano de 1857, baseando-se em registros da igreja na qual Mariana foi batizada, Igreja da Cumieira, em Portugal. Seu padrinho de batismo foi seu primo, o Padre José Candido de Carvalho (Ribeiro, 2015, p. 13).

FIGURA 15 - REVERENDO PADRE JOSÉ CANDIDO DE CARVALHO



Fonte: Página da Associação Educacional Mariana Coelho no Facebook.

Para compreendermos como ocorreu o processo de educação de Mariana Coelho, é preciso ressaltarmos a sua origem familiar. Mariana Coelho era a filha mais velha de Maria do Carmo Teixeira Coelho, dona de casa, e de Manoel Antônio Ribeiro Coelho, farmacêutico. Além de Mariana, o casal teve outros filhos: Thomaz Alberto Teixeira Coelho, comerciante (1859-1934), Rita do Rosário Teixeira Coelho (1865-1888), Carlos Alberto Teixeira Coelho, farmacêutico, professor e filólogo (1866-1924) e Maria da Natividade Teixeira Coelho (1870-1928). Há registros no site FamilySearch¹⁷ de outros dois filhos, Elvira e José Ribeiro, mas não se encontraram informações ou outras fontes que confirmassem a veracidade dessa anotação.

¹⁷ <https://www.familysearch.org/tree/person/details/L68Y-Q8S>

A ligação da família com a igreja foi um dos fatores mais determinantes na erudição de Mariana Coelho, vinda principalmente da contribuição intelectual do Padre José da Natividade Teixeira, seu tio-avô, e do Reitor Padre José Candido de Carvalho, seu padrinho e primo. A tradição religiosa já viria de outras gerações desde o séc. XVII, pois os ancestrais de Mariana Coelho foram igualmente educados por tios-padres. O próprio padrinho de Mariana Coelho, o Reitor José Candido de Carvalho era sobrinho de dois padres, um pelo lado materno e outro, pelo paterno (Ribeiro, 2015, p. 16).

O primeiro da família a emigrar para o Brasil, em 1871, foi o irmão Thomaz, mas o tio materno, José da Natividade Teixeira de Meirelles, já estava em Curitiba e ganhava a vida como comerciante. Thomaz veio para auxiliar o tio, que não teve filhos. Entretanto, mudou-se para Florianópolis, onde se casou e manteve uma vida independente. Em Portugal, no ano de 1880, Manoel Antônio Ribeiro Coelho, o pai de Mariana Coelho, faleceu. Depois, em 1882, o padrinho Padre José Candido de Carvalho também faleceu. As mortes, as dificuldades financeiras e o fato de o tio José já estar instalado em Curitiba fizeram com que, em 1892, Mariana Coelho, sua mãe Maria do Carmo e a irmã mais nova, Maria da Natividade, migrassem para o Brasil, passando a morar na cidade de Curitiba, capital do estado do Paraná. O irmão Carlos Alberto Teixeira Coelho, juntamente com sua esposa e uma filha ainda bebê, vieram para o Brasil em 1893, ampliando a família (Ribeiro, 2015, p. 17,18, 21).

Em 1939 Mariana Coelho naturalizou-se brasileira¹⁸ e em Curitiba viveu até a sua morte, em 29 de novembro de 1954, com 97 anos. Não teve filhos e manteve-se solteira. “Em 1902, no âmbito da educação formal, fundou o Colégio Santos Dumont, administrado por ela até 1917” (Tomé, 2020, p. 12), de propriedade de sua família Teixeira Coelho. No mesmo ano de 1902, juntamente com a Baronesa do Serro Azul e outras mulheres de renome local, fundou a loja maçônica “Filhas da Acácia”¹⁹ (Ribeiro, 2015, p. 23). Mais tarde, atuou como secretária, professora e diretora da “Escola Profissional Feminina” (Tomé, 2020, p. 12) que, a partir de 1933, passou a

¹⁸ Os documentos do processo de naturalização iniciado 16/07/1934, disponível no Sistema de Informações do Arquivo Nacional, destacam que a naturalização era muito importante para Mariana Coelho, pois sem a carta de naturalização, não poderia habilitar-se como eleitora, uma das suas maiores lutas enquanto feminista. As mulheres adquiriram o direito ao voto em 1932 por meio do Decreto nº 21.076 (Brasil, 1932) do governo de Getúlio Vargas, data em que se criou a Justiça Eleitoral.

¹⁹ As mulheres são minoria na maçonaria, em se tratando da época vivida por Mariana Coelho, é algo ainda mais raro, o que deve ter levado essas mulheres a fundarem a sua própria loja maçônica, ainda que sob a autoridade da loja principal.

denominar-se “Escola Profissional Feminina República Argentina”, instituição em que atuou até se aposentar em 1941. Foi membro da Cruz Vermelha Paranaense, do Centro de Letras do Paraná e do Centro Paranaense Feminino de Cultura.

Mariana Coelho é patrona da cadeira número 28 da Academia Feminina de Letras do Paraná e da número 30 da Academia Paranaense de Poesia. Entre as suas obras estão:

- *Discurso*, de 1902, fruto do discurso realizado na sessão de regularização da Loja Maçônica Feminina Filhas de Acácia;
- *O Paraná mental*, de 1908, que recebeu a medalha de prata na Exposição Nacional no mesmo ano. Reimpresso pela Imprensa Oficial do Paraná no ano de 2002;
- *A evolução do feminismo: subsídios para sua história*, de 1933. Reimpresso pela Imprensa Oficial do Paraná no ano de 2002;
- *Um brado de revolta contra a morte violenta*, de 1935, fruto de uma conferência realizada no salão nobre da Associação Comercial do Paraná, em Curitiba, no dia 5 de dezembro de 1934;
- *Linguagem*, de 1937, fruto da tese apresentada ao Congresso das Academias de Letras e Sociedades de Cultura Literária do Brasil, ocorrido na capital do país da época, Rio de Janeiro, em maio de 1936;
- *Cambiantes: contos e fantasias*, de 1940;
- *Palestras educativas*, obra publicada em 1956, após a sua morte;
- Também escreveu *Ronda literária* e *Histórias de tempos idos*, que não foram publicadas.

Sobre as obras produzidas por Mariana Coelho, verificou-se que estão disponíveis apenas na forma impressa. Os livros *O Paraná mental* e *A evolução do feminismo: subsídios para sua história*, republicados no ano de 2002 através da Imprensa Oficial do Paraná, podem ser encontrados em várias bibliotecas e em sebos. As outras podem ser consultadas somente em bibliotecas como a Biblioteca Pública do Paraná.

Mariana Coelho também foi colaboradora em vários periódicos, no Brasil e em Portugal, antes e depois de migrar para o Brasil. “A escritora teve ação destacada não somente no lugar onde passou a residir, mas manteve-se durante todo o tempo

ativamente conectada com outros setores no Brasil e no exterior, empreendendo diversas viagens e trocando grande volume de correspondência” (Kamita, 2019, p. 4). Segundo Ribeiro (2015, p. 232), em Portugal escreveu para *O Comércio de Villa Real*, em Vila Real; *Jornal da Manhã*, no Porto; *A Voz Pública*, no Porto; *Novo Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro*, em Lisboa.

No Brasil escreveu para vários periódicos e revistas de São Paulo e do Rio de Janeiro e para praticamente todos os jornais da cidade de Curitiba (Ribeiro, 2015, p. 232), entre eles: *Diário do Comércio*; *A República*; *O Cenáculo*; *Almanaque Paranaense*; *Gazeta do Povo*; *Almanaque do Paraná*; *A Pena*; *Diário da Tarde*; *O Estado do Paraná*.

O tema comum nas publicações era o seu posicionamento feminista, em um tempo em que esse movimento iniciava as suas discussões. Um exemplo evidente do começo da sua militância feminista foram as publicações em uma coluna do *Diário da Tarde* chamada *Chronica da Moda*. Primeiramente, a sua proposta era dar sugestões de moda, entretanto, depois, foi dividida entre assuntos de moda (agora usados para atrair as mulheres à leitura) e discussões diversas ligadas à igualdade entre os sexos e à educação feminina.

Temas como feminismo, profissionalização da mulher, laicização do ensino, anticlericalismo, cientificismo, eugenia, entre outros, foram abordados por Mariana Coelho em suas produções. Embora essa pluralidade de temas possa dar a impressão de uma miscelânea de ideias, na verdade, foram resultantes de sua ação pedagógica e de sua identidade com os intelectuais de seu tempo (Bueno, 2010, p. 21).

Considerando-se a realidade da educação de Portugal na época, podemos perceber que Mariana Coelho fazia parte de uma minoria alfabetizada. A maioria da população não frequentava a escola, não sabia ler nem escrever. Em “[...] 1875 a taxa de escolarização era de 15%” (Nóvoa, 1987 *apud* Pimenta, 2006, p. 23). Em 1890, “76% da população portuguesa maior de 7 anos não sabia ler nem escrever” (Silva, 1992, p. 101). O fato de Mariana Coelho pertencer à minoria portuguesa alfabetizada está intrinsecamente relacionado com a família à qual pertencia.

Leonardo Soares Madeira Iorio Ribeiro, em sua obra *Mariana Coelho: a educadora-feminista*, destaca que ela não “dominava somente sua língua, mas lia, escrevia e lecionava em francês”. A explicação para tal erudição está “[...] calcada na tradição familiar, [...] a mãe, o tio, os tios-avós, os irmãos [...] e ela mesma receberam uma ‘educação severa’ dos ‘tios-padres’” (Ribeiro, 2015, p. 15).

Além da tradição católica, Ribeiro (2015, p. 16) destaca o fato de o pai de Mariana Coelho ter se formado em farmácia e ter morado na cidade do Porto, o que colaborou para que tivesse maior acesso à educação. O exercício da profissão de farmacêutico, seu cargo de Tesoureiro da Câmara Municipal de Sabrosa, o de membro e secretário de duas irmandades de Sabrosa, tornaram-no uma pessoa de certa distinção social. Destaca-se também a ligação de sua família com a Santa Casa de Misericórdia de Vila Real. Somado a isso, seu irmão, Carlos Alberto Teixeira Coelho, formou-se, assim como o pai, em farmácia e se tornou erudito, literato e filólogo.

Diante da deficiência da educação das meninas portuguesas da sua época, da ausência de fontes que demonstrem que Mariana Coelho tenha frequentado a escola e da tradição de educação no seio familiar, concorda-se com Tomé (2020, p. 44) que conclui que “[...] Mariana Coelho cresceu neste espaço com marcas deixadas por uma longa tradição familiar, que se estendeu até o modelo de educação ofertado a ela e a seus irmãos. Ao que tudo indica, foi instruída no meio familiar pelo próprio pai [...]”.

A educação dada a Mariana Coelho pela família, fora da escola, só foi possível em virtude da realidade sociocultural em que estava inserida, pois, por mais que não tenha frequentado a escola, a família dispunha de capital cultural²⁰ necessário para tornar seus descendentes cultos.

Diferente de seu irmão Carlos Alberto, que frequentou o meio acadêmico, iniciando primeiramente o curso de medicina, sem concluí-lo, depois formando-se farmacêutico, esse não era um privilégio das mulheres da sua época. Foi somente no ano de “1892 – em que uma mulher, pela primeira vez na história do ensino superior português, ingressa numa universidade a fim de frequentar um curso” (Vaquinhas, 2018, p. 221). Portanto, tal nível de conhecimento possivelmente só foi possível, porque os familiares de Mariana Coelho também eram detentores de capital cultural voltado à erudição. Neste sentido, a alfabetização não foi a única educação dada a ela, mas um conjunto complexo de saberes, práticas e hábitos ligados à leitura e à

²⁰ Capital cultural segundo Bourdieu é o “conjunto de recursos atuais ou potenciais que estão ligados à posse de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas de interconhecimento e de inter-reconhecimento ou, em outros termos, à vinculação a um grupo, como conjunto de agentes que não somente são dotados de propriedades comuns (passíveis de serem percebidas pelo observador, pelos outros ou por eles mesmos), mas também são unidos por ligações permanentes e úteis (Bourdieu, 2007, p. 67).

escrita, que lhe forneceram as bases para que ela fosse além, até tornar-se a Mariana Coelho de destaque no meio intelectual no Brasil e internacionalmente.

De posse das informações que permitem inferir sobre o processo de educação de Mariana Coelho em Portugal, no seio familiar, passaremos agora à elucidação de como ela fez uso desta aprendizagem e foi aperfeiçoando o que aprendeu. A alfabetização foi o primeiro passo, o segundo já se iniciara no cerne familiar, que foi o aperfeiçoamento da leitura. À medida que adentramos nas obras de Mariana Coelho e seus escritos, identificamos certa complexidade em seu vocabulário. Essa complexidade é fruto de um processo que se desenrolou à medida que Mariana Coelho foi assimilando aquilo que leu. Esse culto e rebuscado vocabulário nos traz certa curiosidade em saber quais leituras podem ter feito parte de sua construção intelectual.

Pensando na mulher leitora do século XIX, precede compreendermos que “a leitura é sempre uma prática encarnada em gestos, em espaços, em hábitos” (Chartier, 1991, p. 13). Quando nos propomos a desvendar com que tipo de leitura uma moça, da sua época, da sua família e do seu lugar teria se ocupado, primeiramente precisamos refletir sobre a mulher que se queria formar naquele momento.

[...] As primeiras preocupações com a educação da mulher tinham a ver com o seu papel na família, sobretudo enquanto mãe – primeira educadora dos filhos, enquanto esposa – capaz de acompanhar o marido numa festa, numa conversa, enquanto dona de casa – capaz de gerir com sobriedade os bens de família, de administrar e construir o bem estar dentro de casa [...] (Rafael, 2011, p. 31).

Portanto, para a maioria das mulheres da época, saber ler e escrever era considerado desnecessário e, por vezes, “perigoso”. Rousseau (1995, p. 424) entendia que “[...] a mulher é feita especialmente para agradar ao homem. [...] Se a mulher é feita para agradar e ser subjugada, ela deve tornar-se agradável ao homem, ao invés de provocá-lo. Sua violência está nos seus encantos [...]”. Para alcançar esse ideal,

[...] recomendava-se a prática de leituras amenas e delicadas, cujas temáticas girassem em torno de amores românticos e bem sucedidos. Procedendo-se assim, julgava-se que se estaria preservando os códigos de moral da época e a pureza das incautas jovens do século XIX [...] (Moraes, 1998, p. 81).

Pensar em leituras que fugissem ao óbvio para uma moça, “[...] Oferecendo-se a uma leitura plural, [...] torna-se uma arma perigosa nas mãos incautas leitoras que necessitam, portanto, de uma interpretação de profissionais socialmente autorizados. [...]” (Morais, 1998, p. 81). Com este intuito,

Ao longo do século XIX, em Portugal a imprensa feminina também se mostrou presente. A historiografia portuguesa mostra-se unânime em caracterizar 1807 como o “ano do aparecimento do primeiro periódico conhecido”, em Portugal, voltado para o público feminino. Trata-se do periódico *O Correio das Modas* (Lisboa; 1807) o qual apresentou apenas um ano de publicação (Leal, 1992, p. 14 *apud* Costa, 2020, p. 2).

Na ausência de livros, os periódicos se mostravam uma ótima alternativa de leitura às mulheres das classes sociais menos abastadas, principalmente os jornais e as revistas, pois esses textos tinham maior circulação e eram economicamente mais acessíveis ao público mais humilde.

A circulação dos textos, através da imprensa, possibilitava uma comunicação mais rápida com os leitores/leitoras do século XIX e por um custo inferior ao livro. Considerando o tempo de fabricação de um livro, o tempo de construção do texto pelo escritor, e a busca pela sua publicação, tudo isso demandava bastante tempo. E o jornal, pela sua própria natureza veiculava a informação instantânea e devoradora transformando-se no principal espaço praticado pelos escritores em busca dos leitores e principalmente das leitoras (Morais, 1998, p. 91).

Como já sabemos, Mariana Coelho tinha acesso aos periódicos e, devido à proximidade familiar com a Igreja, provavelmente pôde aceder às bibliotecas destinadas aos clérigos. Na falta de elementos que possam dar certeza quanto aos títulos que fizeram parte de sua formação, podemos tecer interpretações acerca do teor de seus escritos porque

Leitura e leitor têm lugares que se alternam, que se mudam. Lê-se Michel de Certeau em Chartier, lê-se Montaigne em Foulcault, Eça de Queiroz em Adolfo Caminha...; escritores tanto no livro quanto no jornal citam escritores, se influenciando mutuamente e influenciando o leitor, numa perfeita operação de caça.

[...]

Um texto conduz a um outro formando uma escala sucessiva de tessituras infinitas; por vezes sendo um tecido de citações extraídas de culturas diferentes, ou dentro de uma mesma cultura. É justamente nisto que consiste o saber; no permanente jogo de referência que dizem respeito mutuamente umas às outras ou que se confrontam (Morais, 1998, p. 79).

Tomé (2020, p. 75) conclui, a partir do estudo sobre a intelectualidade de Mariana Coelho, que ela:

Ao que tudo indica, foi uma ávida leitora e, com base nas interpretações das pistas deixadas por ela, conseguimos inferir quais possíveis leituras realizou. É possível afirmar que leu os textos indicados às mulheres, como os romances, os contos, os manuais de civilidade e etiqueta; assim como conseguimos apreender que o contato com os jornais lhe possibilitou uma proximidade maior com leituras de cunho informativo e reflexivo, além de um convívio com as ideias que defendiam uma melhor posição social para as mulheres.

Mariana Coelho atravessou o Atlântico em 1892, levando na sua bagagem as heranças intelectuais familiares e vasto repertório cultural que lhe abriu as portas para circular por lugares frequentados pela sociedade curitibana, locais estes que

estavam relacionados à vida literária, tendo em vista que muitos deles serviam como lugares de leitura ou lugares onde muitos se reuniam para discutir sobre o que se lia. Estes espaços ganharam destaque e importância, em especial por configurarem como lugares de encontro e de troca de influências entre a elite letrada. Além de representar e proporcionar novas experiências que se projetavam sob a forma de um nível de civilização almejado (Habermas, 2003 *apud* Tomé, 2020, p. 89).

Mariana Coelho chegou ao Brasil, em 21 de agosto de 1892, desembarcando primeiramente na cidade do Rio de Janeiro, juntamente com sua mãe e irmã mais nova. Na obra *O Paraná mental* (1908, p. 19-20), ela, deslumbrada, narra detalhes sobre sua passagem pelo Rio de Janeiro e, depois, a sua chegada ao Paraná, onde encontrou importantes avanços sociais.

A segunda metade do século XIX e as primeiras décadas do século XX são de grande efervescência para a imprensa paranaense e curitibana. Surgem vários periódicos como o *Dezenove de Dezembro* (1854), *Imprensa Livre* e *A Phenix* (1866), *O Paraná* e *A Reforma* (1871), a *Revista Paranaense* (1880) e muitos outros. Naquele momento, espaços de cultura e lazer curitibanos também estavam em formação: cinemas, parques, associações; bibliotecas, como a Biblioteca Pública do Paraná (1857); museus, como o Museu Paranaense (1876); teatros, como o Teatro São Teodoro (1884) reinaugurado com o nome Teatro Guayrá (1900) e o Teatro Hauer (1891); clubes como o Club Curitibano (1882).

Entre os clubes alemães da época havia o Thalia, o Deutscher Sägerbund (atual Concórdia), o Teuto Brasileiro (atual Duque de Caxias), o Handwerker (atual Rio Branco) e outros. Havia o clube polonês, a Sociedade de Educação Física Juventus, os italianos, a Sociedade Dante Alighieri e a Sociedade Garibaldi, o ucraniano, a Sociedade dos Amigos da Cultura Ucrânia, o

francês, a Sociedade Gauloise, o Cassino Curitibano, os grêmios femininos como a das Violetas e o Bouquet, [...] e muitos outros (Pastre, 2005, p. 8).

Entre os eventos da sociedade curitibana da época, encontramos registros de vários acontecimentos sociais em que Mariana Coelho participou. Em publicação de *A República* de 1895, três anos após a sua chegada no Brasil, Mariana Coelho toma posse como oradora do grêmio das Violetas²¹. Em publicação do ano de 1895 do *Diário da Tarde*, teria participado, no Club Curitybano, de uma quermesse em benefício à Assistência aos Necessitados. No ano de 1900, no *Diário da Tarde*, é noticiada uma festa, promovida pelo grêmio das Violetas, também no Club Curitybano, onde Mariana Coelho se apresentou tocando violão, como acompanhante de Angelica Adelaide Ferreira e João Richardelli, que tocaram bandolim (*Diário da Tarde*, 23/10/1900, p. 1).

Esses eventos culturais contribuíram muito para a formação da rede de sociabilidades de Mariana Coelho, pois fortaleceram o sentimento de pertença àquele grupo, expressando ideias, objetivos, sonhos e opiniões em comum. A sociedade se reunia para compartilhar e apreciar determinadas apresentações artísticas, teatrais, musicais e literárias, ao mesmo tempo que fortalecia seus laços de proximidade. Mariana Coelho soube aproveitar essas oportunidades, adentrando em outros grupos e galgando outros espaços, que eram comuns a esses eventos, seja enquanto artista, organizadora ou espectadora. Simmel (2006, p. 50) define sociabilidade como “[...] a forma lúdica de sociação²², e – mutatis mutandis²³ – algo cuja concretude determinada se comporta da mesma maneira como a obra de arte se relaciona com a realidade”. Ou seja, a sociabilidade é a tentativa de reproduzir uma realidade que, por vezes, pode não ser uma versão exata do real, mas que é o consenso entre os que

²¹ Sociedade recreativa, formada por um grupo de voluntárias da sociedade Curitibana, que segundo publicações na imprensa da época, como o *Diário da Tarde* - PR, *A República* - PR, *A Notícia* – PR, foi fundada em 1894 e promovia eventos culturais como festas, bailes, saraus, soirées (reunião social), concertos etc. em espaços como o Clube Curitibano, o Clube Republicano, o Cassino Curitibano, além de atividade beneficentes como ajuda humanitária e mensagens de consolo a famílias enlutadas. Dentre os feitos, implantou na capital paranaense o primeiro hospital infantil, que foi de fundamental importância para a redução da mortalidade infantil na Curitiba das primeiras décadas do século XX. Este hospital é hoje, o conhecido e conceituado Hospital Pequeno Príncipe (Antonelli, 2019, não p.).

²² Segundo Simmel (2006, p. 46) “é a forma (que se realiza de inúmeras maneiras distintas) na qual os indivíduos, em razão de seus interesses – sensoriais, ideais, momentâneos, duradouros, conscientes, inconscientes, movidos pela causalidade ou teleologicamente determinados –, se desenvolvem conjuntamente em direção a uma unidade no seio da qual esses interesses se realizam. Esses interesses, sejam eles sensoriais, ideais, momentâneos, duradouros, conscientes, inconscientes, casuais ou teleológicos, formam a base da sociedade humana”.

²³ Expressão em latim que significa: “mudando o que precisa ser mudado”.

dela participam e buscam pela aceitação. Além disso um fator essencial, segundo este autor, para a sociabilidade ser plena é a ideia de que ela ocorre “entre iguais”:

Se a sociação é sobretudo interação, então o caso mais puro de sociação é aquele que ocorre entre iguais, assim como simetria e equilíbrio são os elementos mais visíveis e ilustrativos das formas artísticas de estilização. Abstraída da sociação pela arte e pelo jogo, a sociabilidade demanda o tipo mais puro, claro e atraente de interação, aquela que se dá entre iguais. Pela sua natureza, ela precisa criar seres humanos que se desapegam de seus conteúdos objetivos e que, assim, modificam seu significado interno e externo para se tornarem sociavelmente iguais. Cada qual só pode obter para si os valores de sociabilidade se os outros com quem interage também os obtenham. É o jogo do “faz de conta”, faz de conta que todos são iguais, e, ao mesmo tempo, faz de conta que cada um é especialmente honrado (Simmel, 2006, p. 54).

Para Sirinelli, a sociabilidade pode ser entendida da forma

na qual também se interpenetram o afetivo e o ideológico. As “redes” secretam, na verdade, microclimas à sombra dos quais a atividade e o comportamento dos intelectuais envolvidos frequentemente apresentam traços específicos. E, assim entendida, a palavra sociabilidade reveste-se portanto de uma dupla acepção, ao mesmo tempo “redes” que estruturam e “microclima” que caracteriza um microcosmo intelectual particular (Sirinelli, 2003, p. 258).

Neste sentido, compreendemos que, para Mariana Coelho, a participação em diferentes espaços da intelectualidade paranaense lhe conferia não apenas o reconhecimento de uma equivalência intelectual, mas também a oportunidade de enriquecer os debates, estabelecer trocas e fortalecer experiências de autodesenvolvimento.

A inserção de Mariana Coelho no meio social aconteceu de forma mais incisiva após a chegada ao Brasil de seu irmão mais novo, Carlos Alberto Teixeira Coelho, em 1893, quem se instalou em Ponta Grossa, atuando como farmacêutico e funcionário da Estrada de Ferro São Paulo/Rio Grande (Diniz, 2015, p. 202). Com o irmão Carlos Alberto, Mariana Coelho “nutria uma forte ligação afetiva e de cumplicidade, além do intenso intercâmbio literário e intelectual, revelado pelas cartas que a escritora escreveu para Bertha Lutz – ao chegar ao Paraná” (Tomé, 2020, p. 151).

Quando Mariana Coelho chegou ao Paraná, juntamente com sua mãe e sua irmã mais nova, Maria da Natividade, já estavam por aqui o comerciante José Natividade, tio de Mariana Coelho e Thomaz Coelho, irmão mais velho, que já

contavam com certo prestígio social e haviam ingressado na maçonaria. O tio José Natividade Teixeira de Meireles fez parte da Benemérita Loja²⁴ Perseverança em Paranaguá e foi fundador da Loja Estrela de Antonina.

Pertencer à maçonaria era uma alternativa interessante para indivíduos que tinham dificuldades de se inserirem socialmente em uma comunidade local, onde prevalecia a rigidez e a hierarquia, que, em grande medida, produzia relações de dependência física, moral e material. A maçonaria, organização iniciática, de ajuda mútua, apropriava-se de alguns preceitos do iluminismo, como a igualdade e a fraternidade, então interpretadas pelos indivíduos como um caminho que pudesse a alguns afiançar algum benefício entre aqueles que dela fizessem parte (Francisco, 2020, p. 2).

Para Mariana Coelho, essa ligação de seus familiares com a maçonaria “[...] foi de fundamental importância para seu primeiro contato e ingresso, assim como de seu irmão mais novo, ao campo literário curitibano” (Tomé, 2020, p. 155). A participação feminina na maçonaria era rara, poucas lojas aceitavam a participação de mulheres. Ainda hoje, há separação entre homens e mulheres em lojas distintas. A primeira loja maçônica no Paraná foi a Loja União Paranaense, inaugurada em 1837 em Paranaguá. Em Curitiba, em 1845, surge a Loja Fraternidade Coritibana. “Assim, a fundação de lojas maçônicas, como de outras irmandades, tinha como objetivo a prática dos ideais e das crenças comungadas por uma elite letrada que ansiava por uma Curitiba moderna e desenvolvida” (Tomé, 2020, p. 156). Esses eram espaços em que se reunia boa parte da elite intelectual.

Em publicação do *Diário da Tarde* de 1902, Mariana Coelho aparece, entre os presentes, na cerimônia de instalação do Congresso Maçônico do Paraná. “Através dessas lojas, que congregam grande parte dos intelectuais e políticos da cidade, fluem os ‘princípios maçônicos’ que devem ser rigorosamente respeitados em sua ordem filosófica ou disciplinar” (Trindade, 1996, p. 107). Participar das lojas maçônicas era a oportunidade de ocupar posições de prestígio e projeção social, experienciando noções de cidadania e solidariedade, já que perante a instituição, todos os indivíduos seriam iguais, sem qualquer distinção. Apesar de, na prática, as mulheres serem excluídas destes espaços – o que as obrigou a fundarem lojas separadas –, estas

²⁴ Organização fraternal que faz parte da Maçonaria, uma sociedade secreta com estrutura hierárquica e baseada em rituais e símbolos. A loja maçônica é o local onde os membros da Maçonaria se reúnem para realizar cerimônias e discutir questões relacionadas à organização. Embora a Maçonaria seja frequentemente associada a questões políticas e religiosas, seu objetivo principal é promover a fraternidade, a moralidade e o desenvolvimento pessoal de seus membros (Loja Maçônica, 2024, não p.).

acabaram por beneficiá-las com oportunidades sociais muito parecidas às das lojas masculinas.

Por este motivo, Mariana Coelho, juntamente com outras mulheres, fundaram em 15 de agosto de 1901 (A República, 16/08/1901, p. 2) uma loja de adoção maçônica feminina, chamada “Filhas da Acácia”. O termo “loja de adoção” se refere ao fato de que as lojas maçônicas femininas, para poderem funcionar, precisavam ser adotadas por uma loja masculina. No caso da “Filhas da Acácia”, esta era de adoção da Loja Acácia Paranaense (Tomé, 2020, p. 148). “Aí elas podem exercer os atos de beneficência compatíveis com o seu sexo, mas são impedidas de frequentar, mesmo em sessões magnas, oficinas de rito diferente, ou receber visitantes de outras oficinas” (Trindade, 1996, p. 107).

A Maçonaria, contrapondo-se ao papel de desigualdade social da mulher perante o homem, reforçado, segundo os maçons, pelo catolicismo, utilizou-se do apoio à causa feminina na disputa pela primazia de suas ideias, desenvolvendo um discurso e até mesmo uma prática voltada aos interesses feministas. Nesta afronta ao clericalismo, a legalização do divórcio passa a ser amplamente debatida e defendida pelos maçons, assim como a participação feminina junto a esta instituição. Ao mesmo tempo, a presença da mulher na Maçonaria fazia parte de uma ideia de reconstrução social que servisse para auxiliar na solução dos problemas vividos no início do século XX. A colaboração da mulher foi vista como essencial na cruzada moralizadora em que se empenhou esta Instituição e que tinha como alvo principal o clericalismo vigente. Como a instituição maçônica vinculava as mudanças sociais à questão educacional e sendo a mulher o sustentáculo da Igreja Católica, a Maçonaria passou a propugnar a ideia de que era necessário tirar a mulher do domínio do catolicismo romano para que houvesse realmente uma reforma educacional (Amaral, 2017, p. 69).

Em 7 de abril de 1902, como oradora da loja maçônica Filhas de Acácia²⁵, ao lado de outras mulheres, entre elas a Baronesa do Serro Azul, proferiu seu *Discurso*, posteriormente publicado, onde defendeu a causa feminista e a emancipação feminina (Ribeiro, 2015, p. 88), conforme podemos ver no trecho a seguir:

Tomemos, portanto, a fundação da nossa Loja como um magnífico ponto de partida para agirmos mais livremente pela causa feminista. Mas tenhamos constância. Que o nosso aparecimento no campo da luta com os nossos adversários não tenha a duração do relampago que rompe, tremulo, um horizonte nublado, para tornar mais estúpida a escuridão. Compenetremo-

²⁵ Que não chega a se instalar. As “Filhas de Acácia” e a “Acácia Paranaense” são eliminadas pelo Grande Oriente do Brasil – GOB, em 15 de julho de 1902. A Loja “Acácia Paranaense” trabalha descoberta até 22 de agosto de 1921, quando volta ao GOB. Em 26 de abril de 1939 funde-se com a “Loja Dario Vellozo”, em “face das ameaças hitleristas e fascistas na Europa, sentia o elemento italiano das 2 lojas durante a Segunda Grande Guerra e para não estarem sujeitas a uma eventual desapropriação dos seus patrimônios, fundiram-se com a Loja Dario Vellozo” (Loja Dario Vellozo, 2024, não p.).

nos do nosso dever, não poupemos esforços no respectivo combate, para podermos um dia proferir as celebres palavras de Cesar: “chegamos e vencemos” (Coelho, 1902, não p.).

As mulheres, assim como Mariana Coelho, buscavam na maçonaria um espaço de libertação das normas sociais e regras religiosas impostas pela sociedade da época. Mas também viam ali, em virtude do corpo social, um espaço de socialização de ideias, um lugar frequentado por pessoas de avançado pensamento intelectual, onde poderiam unir forças e se organizar em suas demandas coletivas.

Outro momento de projeção social de Mariana Coelho foi a idealização e fundação do Colégio Santos Dumont (nome em homenagem ao aviador brasileiro)²⁶, noticiada pela primeira vez no *Diário da Tarde*, em 10 de dezembro de 1901. Foi criado com a contribuição financeira de seu tio José da Natividade Teixeira de Meirelles e de seu irmão Thomaz Coelho, assim como com o apoio intelectual de seu irmão Carlos Alberto Teixeira Coelho (Ribeiro, 2015, p. 31). Inicia-se, assim, uma nova frente de presença de Mariana Coelho na sociedade curitibana e nos veículos de informação. Foram muitas as publicações sobre o dia a dia do colégio, propagandas, exames, convites para exposições de prendas domésticas produzidas pelas alunas, resultados de exames admissionais etc. Através da análise dessas fontes, principalmente do *Diário da Tarde*, sabemos que Mariana Coelho atuou no colégio como educadora e diretora de 1902 a 1917, ano em que possivelmente o colégio foi fechado devido a uma epidemia que acontecia em Curitiba (Ribeiro, 2015, p. 45). Como educadora, Mariana Coelho “lecionava ‘português, francês, desenho e bordados’” (Ribeiro, 2015, p. 44).

²⁶ Recebeu a visita de Santos Dumont em 1916, quem trouxe um jogo de taças de cristal como presente para a diretora e proprietária do colégio, do qual algumas peças ainda são conservadas pelas sobrinhas-netas da escritora. Segundo informações de familiares, Mariana Coelho e Santos Dumont teriam mantido correspondência, mas essas cartas perderam-se no decorrer dos anos. À época em que provavelmente mantiveram contato, Santos Dumont já sofria com problemas psicológicos (Kamita, 2005, p. 12-13).

FIGURA 16 - MARIANA COELHO E ALUNAS DO COLÉGIO SANTOS DUMONT



DESCRIÇÃO DA FIGURA: visita das alunas do Colégio Santos Dumont à residência de Mariana Coelho para a entrega de um quadro com o seu retrato, em homenagem à passagem do seu aniversário em 10/09/1904.

FONTE: Facebook – Associação Educacional Mariana Coelho, 27/02/2016.²⁷

As publicações em periódicos como *O Olho da Rua*, *Paraná Moderno* e, principalmente, em *A República* e no *Diário da Tarde*, revelam muitos detalhes sobre o Colégio Santos Dumont. Como a data de sua abertura, que ocorreu em 2 de janeiro de 1902 e que passou por cinco endereços diferentes. Iniciou suas atividades à rua 15 de Novembro, nº 105, em Curitiba – PR; mudando-se, em 1904, para a Avenida Coronel Luiz Xavier, nº 105; para a rua 1º de março, nº 10, de frente para a rua 15 de Novembro, em 1907; depois para rua da Misericórdia, nº 84, canto da rua Muricy; e por fim, a partir de 1915, para a rua José Loureiro, nº 27. No colégio eram ministradas aulas em regime de internato e externato para o ensino primário de ambos os sexos; e secundário, de prendas domésticas e música, apenas para meninas. Mais tarde passou a oferecer aulas de línguas, rudimentos de desenho, preceitos de moral e higiene, exercícios de ginástica de salão e recitativo. Aplicou, a partir de 1908, o método João de Deus²⁸, que lhe rendeu a medalha de ouro na seção de instrução

²⁷ A fotografia entregue pelas alunas a Mariana Coelho, é uma das poucas existentes da feminista, e ilustra a segunda edição de *A evolução do feminismo*.

²⁸ João de Deus [...], poeta e pedagogo português, estudou na Universidade de Coimbra e foi um grande defensor dos problemas sociais e da popularização da instrução. Descontente com o método tradicional de alfabetização das escolas publicou em 1876 a *Cartilha Maternal*. [...] A proposta de João de Deus para o novo método de alfabetização é ensinar a criança a ler da mesma forma que se ensina a falar, ou seja, aproximar ao máximo o ensino da leitura da forma maternal e natural em que a mãe ensina o filho a falar. Esta proposta foi tão popularizada que acabou recebendo o nome de Método João de Deus de Ensino [...] (Vieira; Figueiredo; Montalvão, 2016, não p.).

primária, secundária, superior e técnica da Exposição Nacional de 1908. O colégio era particular, cobrando por seus serviços; a admissão se dava através de exame.

FIGURA 17 - VISITA DO AVIADOR SANTOS DUMONT AO COLÉGIO SANTOS DUMONT



DESCRIÇÃO DA FIGURA: Colégio Santos Dumont, com sua diretora, professora Mariana Coelho, quando da visita do aviador Santos Dumont, em 07/05/1916.

FONTE: A Divulgação, março, abril, maio de 1950, p. 5.

FIGURA 18 - VISITA DO AVIADOR SANTOS DUMONT AO COLÉGIO SANTOS DUMONT - 07/05/1916



Santos Dumont visita a escola que leva o seu nome, em Curitiba. Ele aparece ao lado da diretora, Mariana Coelho, e cercado pelos alunos. Foto de 7 de maio de 1916 (Acervo Cid Destefani)

FONTE: Facebook – Associação Educacional Mariana Coelho - 02/01/1916.

A partir do início de suas publicações nos periódicos sobre o Colégio Santos Dumont, começam as notícias sobre a vida de Mariana Coelho, suas viagens, parabenizações pelo seu aniversário e desta parabenizando autoridades, intelectuais e o próprio jornal, entre outras menções, o que demonstra a sua intensa atuação no meio social curitibano e de outros lugares, os quais lhe renderam vigorosas relações sociais.

Entre os intelectuais de maior renome paranaense da época estavam: Rocha Pombo (1857-1933), Vitor Ferreira do Amaral (1863-1952), Nilo Cairo (1874-1928), Pamphilo d'Assumpção (1868-1945), Euclides Beviláqua (1869-1928), Hugo Simas (1883-1941), Dario Vellozo (1869-1937), Leôncio Correia (1865-1950), Emiliano Pernetta (1866-1921), Júlio Pernetta (1869-1921), Leonor Castellano (1899-1969), entre outros, boa parte ligada à maçonaria, a clubes, grêmios, congregações – poucas eram mulheres. Isso fez com que Mariana Coelho se relacionasse com vários deles.

Eram eles republicanos idealistas, católicos, conservadores, maçons e espíritas, feministas e antifeministas, que disputavam o predomínio do pensamento em todo o Estado, envolvendo-se em um constante confronto de ideias. A maçonaria e o neopitagorismo contribuíram com seus princípios éticos e morais, irmanados ao livre-pensamento, ao ocultismo e ao simbolismo. Ao mesmo tempo, o anticlericalismo terçava armas com a reação católica (Trindade; Andreazza, 2017, p. 84).

Mariana Coelho inseriu-se no campo literário e intelectual, com seu discurso feminista, quando iniciou, entre os intelectuais do estado do Paraná, a busca pelo predomínio do pensamento através de um constante confronto de ideias (Trindade; Andreazza, 2001), “que se projetaria num contraponto entre Igreja Católica e os defensores da liberdade, da razão, do progresso e do livre-pensamento, esferas compreendidas como livres de dogmas e ideologias difundidas pelo catolicismo” (Tomé, 2020, p. 157).

Mariana Coelho assumiu uma postura laica anticlerical. Apesar da sua formação e forte ligação familiar com a Igreja Católica, essa posição se deu em virtude do papel social de inferioridade atribuído às mulheres por essa instituição pois, segundo ela, foi por séculos a que mais humilhou as mulheres e que jamais concordaria com a igualdade entre os sexos, a independência feminina e o seu progresso (Coelho, 2002a, p. 59). Essa posição lhe rendeu muitas críticas, pois além da sua posição feminista, ela se opunha aos ditames da Igreja Católica, o que a levava a ser alvo de críticas por parte dos “guardiões e guardiãs da moral e dos bons costumes”.

Suas primeiras publicações em solo paranaense foram poemas e contos. A primeira, o poema *Madrigal*, foi publicado na *Revista Azul*, edição nº 2, de agosto de 1893, cujo proprietário e diretor era Júlio Pernetta e o redator Dario Vellozo. A segunda, na edição nº 5 da mesma revista, de outubro de 1893, foi uma crônica de título *Os peripatheticos*. A terceira, um poema, *Miragem*, também em outubro de 1893.

Além de Dario Vellozo e Júlio Perneta, escreviam para a revista: Lycio de Carvalho, Alberto Rangel, Edmundo de Barros, Leôncio Correia, Victorien Sardou, João Itiberê, Antonio Braga, Antônio Feijó, Silveira Netto, Cunha Brito, Victor Hugo, entre outros.

Entre as estruturas mais elementares, duas, de natureza diferente, parecem essenciais. As revistas conferem uma estrutura ao campo intelectual por meio de forças antagônicas de adesão - pelas amizades que as subtemem, as fidelidades que arrebanham e a influência que exercem - e de exclusão - pelas posições tomadas, os debates suscitados, e as citações advindas. Ao mesmo tempo que um observatório de primeiro plano da sociabilidade de microcosmos intelectuais, elas são aliás um lugar precioso para a análise do movimento das ideias. Em suma, uma revista é antes de tudo um lugar de fermentação intelectual e de relação afetiva, ao mesmo tempo viveiro e espaço de sociabilidade, e pode ser, entre outras abordagens, estudada nesta dupla dimensão (Sirinelli, 2003, p. 249).

É neste sentido que os periódicos foram explorados por Mariana Coelho como uma forma de aproximação e pertencimento a redes de sociabilidades intelectuais, através de publicações, debates e opiniões.

A ligação com a maçonaria e com a imprensa vai ampliando as relações sociais de Mariana Coelho. Encontramos no prefácio de suas obras parte do rol de intelectuais com os quais estabelecia maior contato e mantinha certa amizade. Em *Cambiantes*, Dario Vellozo e Leôncio Correia; em *A evolução do feminismo*, Rocha Pombo e Dario Vellozo; em *Linguagem*, M. Nogueira da Silva; em *Palestras educativas*, Leonor Castellano.

Além dos prefácios, é possível perceber suas relações sociais através da análise do teor de suas obras, com trechos que fazem menção às cartas e telegramas trocados com intelectuais paranaenses, como também de outras regiões do Brasil e de outros países. Na obra *O Paraná mental*, na qual refletiu sobre o desenvolvimento da produção artística paranaense, Mariana Coelho dividiu a intelectualidade local em quatro categorias, em que destacou os principais nomes entre os poetas, prosadores e jornalistas; os comediógrafos e dramaturgos; os musicistas e pintores; Escola de Belas Artes e Indústrias do Paraná. A primeira divisão, a dos poetas, prosadores e jornalistas, é a que apresentou maior número de nomes, provavelmente pela proximidade da autora à temática e aos seus representantes, pois grande parte deles eram do seu círculo de amizade e convívio social.

A obra *O Paraná mental* é importante para compreendermos como Mariana Coelho percebia e se relacionava com a intelectualidade local. Na primeira parte, *Literatura* (2002b, p. 29), Mariana Coelho declara que se incomoda com o pedantismo,

ou seja, com pessoas que tentam passar a ideia de que sabem tudo e que olham com petulância para os outros, que julgam menos saber. Desabafa: “Talvez o meu sistema nervoso exagere a antipatia da classe a que me refiro, exagerando, conseqüentemente, esta minha natural repugnância, talvez!” (2002b, p. 30). Continua o assunto dizendo que o pedantismo afeta a sociedade culta, tanto os homens, quanto as mulheres, mas que quando se manifesta nos homens, torna-se “irrisória e indesculpável”. “Quem o enfrentar depara ordinariamente com um bigode que tenta a custo traçar uma espiral, mas que apenas consegue descrever imperfeitamente dois pontos de interrogação”. Fala também sobre o pedante viajado, que se apropria de costumes de uma nação, considerando-os superiores aos da sua, e trata com desprezo, como ridícula e antipática a cultura do seu país.

Certamente Mariana Coelho, ao tratar deste assunto, tinha carapuças a vestir. Mas de modo geral, ela se referia a brasileiros e brasileiras que, desde os mais remotos tempos coloniais, tinham por elegante, moderno e belo, aquilo que é estrangeiro. Algumas páginas à frente, quando trata de Júlio Pernetta, percebemos que este pode ter sido um dos alvos de tais críticas e que a carapuça tinha pelo menos uma cabeça a vestir; entretanto ela não deixou explícito se seria ele o alvo da crítica.

Mariana Coelho e Júlio Pernetta já vinham, há tempos, concorrendo pela atenção dos leitores nos periódicos da época. Em publicação de Mariana Coelho no *Diário da Tarde* de 17 de outubro de 1900, ela se referiu a Júlio Pernetta como “Nevrótico²⁹ literato”, texto que inseriu na íntegra na obra *O Paraná mental* quando tratou do escritor (Coelho, 2002b, p. 40). Na sequência, p. 41, fica mais evidente que era Júlio Pernetta o seu alvo, ao defender o país que a acolheu, o Brasil.

[...] eu não posso deixar de ter bem arraigada a convicção de que pisar este abençoado solo é amá-lo.

Assim como não posso admitir a menor falta de delicadeza voluntária, por parte daqueles que vêm procurar, muito embora em troca do valioso concurso do seu trabalho e inteligência, esta hospitalidade proverbial e digna de toda a veneração.

Seria, pois, da nossa parte, censurável egoísmo, condenar o amor pátrio dos outros, que naturalmente os impede à prática dos seus costumes [...] (Coelho, 2002b, p. 41).

A primeira parte de *O Paraná mental*, dedicada a poetas, prosadores e jornalistas, Mariana Coelho dividiu-a em duas classificações: os pertencentes à velha

²⁹ O mesmo que neurótico.

geração e os da nova. Entre os primeiros, estavam: Fernando Amaro, Rocha Pombo, Nestor Victor, Leôncio Corrêa, Emiliano Pernetta, Silveira Netto, Emílio de Menezes, Dario Vellozo, Domingos Nascimento, Julia da Costa (única mulher da lista), Júlio Pernetta e mais uma vasta lista. Entre os pertencentes à nova geração: Euclides Bandeira, Helvidio Silva, Rodrigo Junior, Seraphim França, Ildefonso Serro Azul, José Celbcke, Alcidez Munhoz, Adolpho Munhoz, Generoso Borges, Ismael Martins e mais, todos homens. Vários desses nomes fizeram parte de outras obras de Mariana Coelho, como prefaciadores ou em outros escritos, que melhor explicaremos na sequência deste trabalho.

Apesar de a obra ter sido premiada, recebendo do júri do Distrito Federal a medalha de prata na categoria “Bellas Artes” da Exposição Nacional de 1908 – mesmo ano de seu lançamento –, foi foco de muitas críticas. O seu irmão, Carlos Alberto Teixeira Coelho, escreveu, no mesmo ano do lançamento de *O Paraná mental*, *A crítica paranaense ao Paraná mental*, obra em que saiu em defesa da irmã e da qual trataremos com mais detalhes mais adiante, ao falar sobre a relação de Mariana Coelho com seu irmão.

Continuando a análise das relações sociais de Mariana Coelho, em *A evolução do feminismo*, Dario Vellozo escreveu uma carta/prefácio. Referindo-se a ela como amiga, teceu palavras elogiosas à obra dizendo que não conhece “no gênero, obra tão completa, de tão rica documentação”. No prefácio de *Cambiantes* (1940, p. 9) destacou, entre outras coisas, que “A delicadeza de seus sentimentos aparece em todas as páginas: em todos os capítulos a elevação de suas ideias e a sua invejável cultura”.

Rocha Pombo disse em carta-prefácio de *A evolução do feminismo* (2002a, p. 25), que não pode reprimir a sua “satisfação ao reconhecer o valor desta obra, em que V. Ex^a. revela ainda uma vez as suas qualidades de escritora, a sua vasta erudição histórica, e a segurança com que versou o seu assunto. Julgo que é este um trabalho que tem de ficar em nossa história literária”. No prefácio de *O Paraná mental* (2002b, p. 16), Rocha Pombo elogiou a inteligência e o coração de Mariana Coelho, dizendo que a aparição dela teria surpreendido os intelectuais paranaenses e que estreou na imprensa paranaense rodeada pela simpatia de todos, pois conquistou o respeito e estima por suas qualidades.

Leôncio Correia, em prefácio de *Cambiantes* (1940, p. 11), também se dirigiu a Mariana Coelho como amiga, dizendo que o livro será um sucesso, “dados os

excelentes predicados de escritora. Que é difícil ‘apontar qual o melhor conto ou fantasia do livro. Todos muito bem conduzidos, através de uma linguagem de esplêndido cunho de vernaculidade’”. Parabenizou Mariana Coelho, e finalizou dizendo que “Estas linhas são apenas a antecipação dos aplausos que coroarão o triunfo justo da sua clara e nobre inteligência”.

Além das obras, é possível perceber suas relações sociais por meio de suas publicações em jornais da época, como o jornal *Diário da Tarde* paranaense. Conforme anunciado, em 17 de setembro de 1900, Mariana Coelho passou a escrever para este periódico, em uma coluna com o título *Chronica da Moda*. Escrevia sobre assuntos ligados à educação feminina, dava dicas de moda e etiqueta, mesclados com assuntos ligados a causas feministas. Dado o momento histórico no qual foram publicados, seus escritos logo causaram polêmica. A primeira a se opor publicamente foi a intelectual Georgina Mongruel³⁰.

O primeiro questionamento de Georgina Mongruel às ideias de Mariana Coelho, em tom antifeminista e antissufragista, se deu em 2 de março de 1901 e foi publicado em francês. O assunto publicado por Mariana Coelho no dia anterior, em *Chronica da Moda*, no *Diário da Tarde* de 1º/03/1901, era sobre a aprovação nas câmaras francesas do projeto que concedeu o voto às mulheres. O título dado por Georgina Mongruel foi *La femme electeur (A mulher eleitora)*. Mongruel era a favor do direito da mulher à educação; se posicionou a favor da profissionalização feminina, mas era contrária ao voto feminino. Refutava a ideia de a mulher abandonar a maternidade, sua família e seu lar para participar da vida pública e discutir política em cafés e praças. Apesar de ter recebido parte de sua formação e educação em Paris,

³⁰ Georgine Catherine Eugénie Léonard Mongruel nasceu em 1861 na Bélgica, e faleceu em 1953 no Rio de Janeiro. Toda a sua obra foi publicada em francês. Georgina Mongruel, como ficou conhecida no Brasil, falava, além do francês, o inglês e o alemão. Desenvolveu o gosto pela literatura em virtude das punições dadas pelo pai, que a obrigava a ficar trancada no quarto fazendo cópias de obras clássicas como castigo pelas suas peraltices. Quando mostrou seu primeiro poema a seu pai, foi duramente reprimida e proibida de voltar a escrever. Entretanto, continuou escrevendo às escondidas, tendo o avô como cúmplice. Ele a ajudou a publicar as suas primeiras obras, assinando com o pseudônimo de Rose Fernande. Educada por seu avô em Paris, desenvolveu com ele o gosto e a habilidade para a música, formando-se na *Escola de Música e Belas-Artes* de Paris; estudou na *Universidade de Mons*, Matemática e Humanidade. Casou-se por duas vezes, tendo dois filhos, um de cada casamento. Com o segundo marido, Maurice Émile Mongruel, veio para o Brasil, fixando-se primeiramente em São Paulo, depois, em 1895, mudou-se para o Paraná e por último para o Rio de Janeiro, onde faleceu. No período em que esteve em Curitiba, dava aulas de violino, piano, canto e pintura na Escola de Belas Artes e em 1916, fundou o Colégio Paranaense de Curitiba. Foi “presidente de honra do Instituto Neopitagórico, correspondente da Academia de Letras José de Alencar, membro fundadora do Centro de Letras do Paraná e patrona da Academia Feminina de Letras do Paraná (Cadeira nº 5)” (Georgina Mongruel, 2024, não p.).

berço do feminismo impulsionado pela Revolução Francesa e pelo Iluminismo, Mongruel discordava das ideias de Mariana Coelho.

Como já dito anteriormente, Mariana Coelho era fluente em francês, mas a resposta veio em tom respeitoso, em português, no dia 4 de março de 1901, com o título *Emancipação da mulher*. Mariana Coelho se dirigiu a Mongruel pelo termo “distinta artista do lápis”, dizendo que pela segunda vez é surpreendida com a “demonstração de imperfeita interpretação” de seu artigo, pois declarou não acreditar que uma mulher pudesse discordar de suas ideias de emancipação feminina e questionou os motivos das ironias, apontando divergências antagônicas em seu pensamento.

[...] Na opinião emitida pela minha prezada <antagonista> sobressahe também uma saliente contradicção, pois admite mais facilmente que a mulher seja medica, do que eleitora. Entretanto que esta profissão forçosamente a há de obrigar muitas vezes à falta de cumprimento nos seus deveres entre a família – tempo precioso que lhe não roubará da mesma forma o facto de ter de dar o seu voto [...] (Coelho, Diário da Tarde, 04/03/1901, p. 1).

No dia 8 de março de 1901, Flávio Flaviano, que acreditamos ser um pseudônimo (dada a ausência de dados sobre ele), também entrou na arena de discussões parabenizando Mariana Coelho e Georgina Mongruel em texto na coluna *Respingando*. Elogiou Mariana Coelho dizendo que “é dona de um talento de eleição, transportando para o papel as suas elevadas cogitações, no mais correcto e castiço português, digno de ser subscripto pelos mais afamados mestres da língua”. Sobre Mongruel, disse que ignorava que além do talento musical e dos finos trabalhos de pintura e desenho, “[...] aliasse a esses brilhantes predicados, o de demonstrar com as suas cartas aqui estampadas”. Optou por não se posicionar a favor de nenhuma das intelectuais, concedendo a ambas a “palma do triumpho, porque ambas venceram ao público pelo interesse que seus artigos despertaram e venceram ao Diário, pela honra que lhe concederam com a publicação de tão interessantes trabalhos” (Flaviano, Diário da Tarde, 08/03/1901, p. 1).

Os debates eram uma das estratégias dos periódicos para atrair o público leitor. Animavam os jornais e mobilizavam os leitores e leitoras, que ficavam ansiosos à espera da resposta às provocações a eles endereçadas. Os contrapontos e distensões eram muito bem-vindos, pois promoviam discussões que extrapolavam o âmbito do jornal, aumentando a venda de exemplares e o número de anunciantes.

Permeado pelo embate entre Mariana Coelho e Georgina Mongruel, Nestor de Castro, com o pseudônimo “João Jacques”³¹, aproveitou o ensejo para opinar sobre o assunto, primeiramente contrapondo-se às opiniões de Georgina. Em 14 de março de 1901, em publicação à qual deu o título de *O feminismo*, elogiou como Mongruel tinha lançado pelas colunas do jornal os seus artigos sobre o feminismo, mas continuou dizendo que discordava da forma como ela pensava:

[...] Todavia, julgando-nos em completo desacordo com o modo de pensar da ilustre polemista, não pudemos resistir a natural impulsão das nossas ideias... e eis porque vimos a imprensa, embora não possamos competir em erudição com aquella que já se poz às sympathias de publico ledor.

Mma Mongruel entende e sustenta que os deveres da mulher estão naturalmente adstrictos ao lar, e que qualquer ampliação dessa missão trará o aniquilamento da família.

Um plano visual, porém, mais largo em torno da these em baila, fará compreender que a felicidade humana só será completa e duradoura quando fôr proclamada a incondicional emancipação feminil.

[...]

- E d'ahi virá a dissolução da família [...]

- Não... A própria mulher escolherá a profissão que mais lhe convenha, na certeza de aquella, que tenha verdadeira vocação pelos misteres da vida domestica, essa jamais deixará o carinho dos filhos e o amor do consorte por outra posição social [...] (Castro, Diário da Tarde, 14/03/1901, p. 1).

João Jacques (Nestor de Castro) apresentou uma argumentação muito próxima aos ideais de Mariana Coelho, tratando sobre a necessidade e benefícios da emancipação feminina e da educação e profissionalização das mulheres. Mongruel não se deu por vencida e respondeu a João Jacques, em publicação de 15 de março de 1901 (p. 2), em francês, argumentando que o envolvimento das mulheres em outras áreas, se não as já delegadas a elas, iria ferir a fragilidade feminina. Não sendo

³¹ Nestor Pereira de Castro nasceu em 1867 em Antonina – Pr e faleceu em Curitiba, em 1906, aos 39 anos. Ficou órfão de pai e mãe muito cedo, sendo criado por duas tias. Foi matriculado em um seminário em São Paulo, o qual abandonou, concluindo posteriormente seus estudos no Colégio Moretzsohn em São Paulo. Em 1886 retornou para Antonina onde abriu um comércio que foi logo fechado. No ano seguinte casou-se com Arminda Pinheiro de Castro, com a qual teve 12 filhos. Mudou-se para Curitiba em busca de melhores condições de vida, pois passava por muitas dificuldades. Trabalhou no jornal *Dezenove de Dezembro* ao mesmo tempo em que fazia teatro dramático. Envolveu-se na Revolução Federalista de 1893, fazendo parte das tropas de Gumercindo Saraiva, um dos comandantes militares dos rebeldes maragatos (contrários a Floriano Peixoto). Em 1894 foi nomeado secretário de Estado do governo provisório, tendo que se exilar no Rio de Janeiro, após o retorno ao poder dos legalistas. Contribuiu com o Jornal *A Cidade do Rio* e em várias revistas do Rio de Janeiro. Devido a dificuldades, retornou para Curitiba, onde Vicente Machado, apesar das divergências políticas, o levou para o jornal *A República*, onde conquistou certa estabilidade financeira. Em 1899 publicou uma coletânea de contos intitulada *Brindes* e a obra *Bento Cego, poeta e cantor de Antonina*. É patrono da Academia Paranaense de Letras do Paraná, ocupando a cadeira nº 33 (Nestor de Castro, 2024, não p.).

possível conciliar a profissão com os deveres domésticos, a mulher deve escolher o lar.

O debate continuou, com elegantes e educadas menções, mas acaloradas réplicas e tréplicas. Em 16 de março de 1901, Nestor voltou a questionar a opinião de Mongrue, dizendo que a emancipação feminina não iria abalar o bem-estar público. Desde que a mulher possuísse apurado grau de cultura intelectual, estaria apta para exercer todos os direitos cívicos. Citou exemplos de mulheres que se destacaram pelo alto envolvimento político, concorrendo para o “engrandecimento pátrio”, como Joanna Chauvin, doutora, que ocupava “o lugar de lente de direito no Liceu Normal de Paris” e Semiramis, a lendária fundadora da Babilônia.

Em 21 de março de 1901 (Castro, Diário da Tarde, 1901, p. 2), João Jacques voltou a escrever, agora contestando a Mariana Coelho, quando ela “atribui ao egoísmo do homem todo o atraso moral e intelectual do sexo feminino”. Ele opinou que o atraso – já estava provado –, não se referia ao egoísmo de ninguém, mas “da má orientação política dos primitivos organizadores da sociedade”; que são vários os elementos que contribuíram para este atraso, como a “influência direta ou indireta da mulher”. Citou exemplos de mulheres para justificar a sua opinião, como Cleópatra e Maria Antonieta, e finalizou o texto pedindo para que Mariana Coelho modificasse o seu juízo sobre as intenções do sexo masculino.

Em 22 de março de 1901 (p. 1), Mariana Coelho respondeu a João Jacques com o título *Emancipação da mulher*. Declarou que achou exagerada a interpretação de Jacques ao dizer que ela atribuiu todo o atraso moral e intelectual do sexo feminino ao egoísmo dos homens. Destacou que a maioria dos homens se pronunciaram a favor da emancipação feminina, que publicou recentemente sobre a vitória da aprovação do voto feminino na França e que, com exceção desse país, os homens têm repellido até hoje, no todo ou em parte, a emancipação das mulheres. Disse que achava mais natural que a arena de combate surgisse de um inimigo do sexo masculino do que feminino. Contestou os exemplos que Jacques utilizou, dizendo que Cleópatra é de outra época, antes de Cristo, e que não teria como compará-la com a realidade atual. Sobre Maria Antonieta, perguntou se o seu governo teria sido opressor do povo francês e se não teriam os seus educadores certa responsabilidade sobre isso. Pergunta se estes educadores não pertenceriam ao sexo masculino. Finaliza pedindo para que o pseudônimo João Jacques se identificasse.

Em 23 de março, Ignacio Van-Geen (provavelmente pseudônimo, já que não encontramos nenhuma informação sobre ele) decidiu opinar, em artigo de título *Emancipação feminina*, publicado também no dia 25 de março. Utilizando-se de diversas metáforas da Física concluiu que

no ambiente social os homens, mulheres, moços, velhos, meninos, (isto é h.) devem agir exclusivamente, atendendo aos princípios biológicos, fisiológicos e psíquicos, nas orbitas que lhes são prescriptas sem introdução do bedelho onde não lhes compete.

D'ahi todo o equilíbrio tanto de cima como em baixo (céos e terras).

Está, pois, esclarecida à saciedade, sem rhetorica nem arranhões emmelindres, o estofado caso da emancipação feminina (Van-Geen, *Diário da Tarde*, 23/03/1901, p. 3).

No dia 29 de março, João Jacques voltou ao *Diário*, agora para se revelar. Justifica que usou um pseudônimo pela modéstia das suas intenções, que assim ficaria mais à vontade e desobrigado de qualquer discussão de maior amplitude. Trouxe vários dados históricos com os quais comparou as discussões empreendidas nos escritos de Mariana Coelho. Finalizou contrariando Mariana Coelho quando afirmou que os exemplos usados por ele eram de outros tempos, que não teriam relação com os tempos atuais; para ele a sociedade atual ressentia-se, sim, de vícios do passado. Ao final, revelou-se, assinando o texto como Nestor de Castro (Castro, *Diário da Tarde*, 29/03/1901, p. 1-2).

Em 02 de abril, Mariana Coelho escreveu novamente comentando a publicação de Nestor de Castro e encerrou dizendo que eles tinham ideias iguais e que não teria mais o que se opor quanto ao artigo escrito por ele (Coelho, *Diário da Tarde*, 02/04/1901, p. 1). Em 4 de abril, o agora Nestor de Castro deu seus últimos tons, despedindo-se com suas últimas palavras sobre a discussão iniciada entre Mariana Coelho e Georgina Mongruel.

Apesar das divergências e dos grandes murmurinhos causados na imprensa, Mariana Coelho e Georgina Mongruel concordavam que a participação do sexo feminino na vida pública não deveria atrapalhar os deveres domésticos – como o cuidado com os filhos, a casa, o marido – e com os de filha. Embora defendessem posições distintas no que tange à participação pública das mulheres na sociedade, em 1903, Mariana Coelho, fundadora do Colégio Santos Dumont, convidou Georgina Mongruel para atuar como professora de música e desenho, conforme podemos ver em anúncios no *Diário da Tarde*, a partir do dia 8 de abril de 1903. Em 9 de abril de

1901, Mariana Coelho voltou a publicar, mas agora falando sobre o chapéu feminino. Houve mais uma publicação em 5 de outubro e outra em 10 de dezembro do mesmo ano, onde se informava que ela se dedicaria ao magistério e que fundaria um colégio para mulheres. A função fez com que Mariana Coelho deixasse, portanto, a coluna que passou a ser escrita por Mme. Courtoi (que aparentemente seria um pseudônimo, dada a ausência de informações sobre a autora).

Findou, assim, esta sequência de discussões. Fica evidente neste episódio o alcance que as palavras e as ideias de Mariana Coelho atingiram neste exemplo. Suscitou um mês de discussões, aguçando críticas de outros quatro intelectuais. O motivo de todo esse alvoroço está no fato, é claro, do assunto e da época em questão, mas principalmente da pessoa que escreveu. Apesar da oposição de ideias, nunca houve expressão grosseira, todos sempre se remeteram a Mariana Coelho com muito respeito, o que demonstra a profunda admiração que sentiam por ela e as boas relações que ela foi construindo desde que chegou em solo paranaense.

Apesar de se tratar de assunto polêmico, sobretudo no momento em que o discute, Mariana Coelho foi sempre cuidadosa ao escrever sobre a emancipação feminina. Por este motivo, construiu uma boa reputação na defesa dos direitos das mulheres e na dedicação à literatura, que lhe renderam o lugar de patrona da cadeira número 28, da Academia Feminina de Letras do Paraná e da de número 30 da Academia Paranaense de Poesia. Este reconhecimento se estendeu para além de sua morte.

M. Nogueira da Silva em *Linguagem* (1937, p. 3), se referiu a ela como um dos “elementos de mais prestígio e autoridade literária”. Em *Palestras educativas* (1956, p. 7), obra póstuma, Leonor Castellano lamentou a morte de Mariana Coelho; esboçando a sua admiração, lembrou que por anos pertenceu ao Centro de Letras do Paraná “que lhe guardava a magnífica atuação nos destinos literários de nossa terra.”

No item seguinte trataremos em específico, da relação entre Mariana Coelho e o seu irmão mais novo, Carlos Alberto Teixeira Coelho, procurando compreender qual foi o seu papel na formação intelectual da feminista.

2.2 A HOMENAGEM AO IRMÃO CARLOS ALBERTO TEIXEIRA COELHO (1866-1924) EM *A EVOLUÇÃO DO FEMINISMO* E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA A FORMAÇÃO INTELECTUAL DE MARIANA COELHO

Nas primeiras páginas da obra de Mariana Coelho, *A evolução do feminismo*, encontramos, na página 5 da primeira edição, 23 da segunda, que Mariana Coelho fez uma dedicatória a seu irmão Carlos Alberto Teixeira Coelho. Mas o que levou Mariana Coelho a homenagear o irmão? Ela poderia ter prestado homenagem à mãe, falecida em 1909; ou ao pai, falecido em 1882; ou a uma das irmãs, Rita falecida em 1888 ou Maria falecida em 1928; ao tio José Natividade que aqui a acolheu, mas escolheu o irmão Carlos Alberto Teixeira Coelho. Que importância teve este irmão na vida de Mariana Coelho que o tornou diferente dos demais? Assim escreveu Mariana Coelho (1933, p. 5):

À memória de meu irmão Carlos Alberto TEIXEIRA COELHO.

À tua bondosa memória, querido irmão de sangue e de espírito-guia solícito dos meus primeiros passos literários; à memória da tua bondade infinita dedico esta obra, fruto de alguns anos de lucubrações inspiradas pela legítima aspiração de progresso e de justiça que faltaram ao meu sexo – secularmente considerado de capacidade intelectual inferior. Dedico-te certa de que o teu formoso espírito a abençoa, por ser bem intencionada e bem sentida.

MARIANA COELHO

É nítida a admiração e gratidão demonstrada por Mariana Coelho a seu irmão Carlos Alberto Teixeira Coelho, morto precocemente aos 50 anos em 1926. Ela mencionou a contribuição intelectual prestada por ele que, apesar de mais jovem, ocupava uma posição de destaque na sociedade da época. Para compreendermos as contribuições intelectuais Mariana Coelho recebeu do irmão, precisamos compreender quem foi Carlos Alberto Teixeira Coelho e que trajetória trilhou.

Carlos Alberto Teixeira Coelho era farmacêutico, filólogo³², professor, escritor, poeta, contista e jornalista, nascido em 6 de julho de 1866 na localidade de Sabrosa, distrito de Vila Real, Portugal e falecido em 18 de janeiro de 1926, em Curitiba.

³² Segundo Brito (2005, p. 1) “o termo filólogo etimologicamente é o ‘amigo da palavra’, isto é, aquele que capta a palavra, a expressão da inteligência, do pensamento em geral e com isso adquire conhecimentos, cultura e aprimoramento intelectual. Para alguém com tais atributos é mister o conhecimento de inúmeras outras ciências como literatura, história, paleografia, edótica, englobando uma erudição diversificada para a execução do trabalho filológico.”

Mariana Coelho chegou ao Brasil, com sua mãe e irmã mais nova, em 1892, e seu irmão Carlos Alberto Teixeira Coelho, juntamente com sua esposa e a filhinha, ainda bebê, no ano seguinte, 1893, conforme podemos comprovar na publicação do jornal *A República* do dia 12 de dezembro de 1893:

Com sua família, chegou hontem a esta capital, vindo de Porto, o sr. Carlos Alberto Teixeira Coelho, sobrinho do distinto negociante desta praça cidadão José Natividade F. de Meirelles, a quem cumprimos (A República, 12/12/1893, p. 1).

Em publicação do mesmo dia, deste mesmo jornal, na página 2, conseguimos saber que a família desembarcou primeiramente no Rio de Janeiro, seguindo viagem até o Paraná no vapor inglês “Freda”. Tomé (2020, p. 79) traz mais uma fonte, com detalhes sobre a família de Carlos Alberto Teixeira Coelho na época da sua chegada ao Brasil, que é o registro de passaporte do Arquivo Distrital de Vila Real (2017). Através deste documento é possível sabermos a origem da família, o nome e idade da esposa e de sua filha.

Vila Real, 26/09/1893
 Requerente: Carlos Alberto Teixeira Coelho
 Idade: 30 anos
 Freguesia: São Martinho de Anta
 Concelho: Sabrosa
 Distrito: Vila Real
 Acompanhantes: Júlia da Conceição Monteiro (esposa, 21 anos) e Maria da Conceição (filha, 8 meses)
 Destino: Brasil.

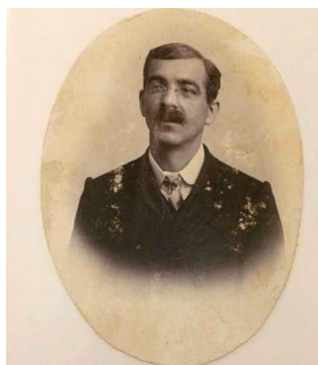
Formado em Farmácia pela Universidade de Coimbra, Teixeira Coelho se estabeleceu primeiramente em Ponta Grossa, onde atuou como farmacêutico oficial (Diniz, 2015, p. 175), instalando-se em um prédio próximo à Igreja Matriz de Sant’ana. Depois teve outros endereços, como a rua Santos Dumont e a rua Sete de Setembro. Devido à sua personalidade bondosa, ganhou a simpatia dos ponta-grossenses que o chamavam de “Seu Coêio da Farmácia”. Teixeira Coelho foi também funcionário da Estrada de Ferro, linha que ligava São Paulo ao Rio Grande (Diniz, 2015, p. 202-203). Por aqui, teve mais onze filhos, em um total de doze. O primeiro a nascer no Brasil, segundo filho do casal, foi Carlos Alberto Teixeira Coelho Junior, que nasceu em Curitiba, no palacete do tio José Natividade Teixeira de Meireles, no ano seguinte à chegada da família ao Brasil, em 2 de novembro de 1894. Coelho Junior, inspirado pelo pai e pela tia Mariana Coelho, também seguiu o caminho das letras, tornando-se

o segundo a ocupar a cadeira nº 29 da Academia Paranaense de Letras. Faleceu em Curitiba, em 21 de junho de 1969 (Carlos Alberto Teixeira Coelho, 2024, não p.).

Carlos Alberto Teixeira Coelho pertenceu à Liga Anticlerical e à Loja Maçônica Amor e Caridade, onde exerceu a função de orador, ambas na cidade de Ponta Grossa. “Foi editor e proprietário de vários periódicos alinhados aos ideais do livre-pensamento, do anticlericalismo e do anarquismo” (Bueno, 2010, p. 18). Em Ponta Grossa, fez parte do Clube Literário Recreativo, do Grêmio Musical Lyra dos Campos e do Círculo Socialista Leão Tolstoi. É patrono da cadeira nº 11 da Academia de Letras dos Campos Gerais (Carlos Alberto Teixeira Coelho, 2024, não p.).

Em 1902 passou a exercer a função de diretor da escola Externato Luz Essenia, criada pela Loja Maçônica Amor e Caridade (Tomé, 2020, p. 151). Morou também em Curitiba, onde publicou diversas de suas obras, além da escrita de vários artigos com temáticas voltadas para a sociologia, economia e literatura. Em Curitiba lecionou português de aperfeiçoamento. Entre as qualidades de Teixeira Coelho, estava a simplicidade, a educação, a inteligência privilegiada; falava bem o francês, com conhecimentos do latim e do grego (O Dia, 25/06/1950, p. 4).

FIGURA 19 - CARLOS ALBERTO TEIXEIRA COELHO (1866-1926)



FONTE: Facebook – página da Associação Educacional Mariana Coelho – 01/09/2018.

Segundo Diniz (2015, p. 202-203), Carlos Alberto Teixeira Coelho foi autor das seguintes obras: *O bombeiro voluntário*, poemeto; *O Paraná e a Catarina*, peça de teatro, 1904; *A crítica ao Paraná mental*, polêmica, 1908; *A questão do pronome SE*, estudo filológico, 1908; *O Jeca Tatu filólogo*, polêmica, 1919.

Nas duas últimas obras, é possível perceber o talento de Teixeira Coelho. Para ele “a frase é aquilo que é, e não o que póde ser; quer dizer, é these, não hypothesis”, ideia que posteriormente foi comprovada através da moderna linguística.

Sua posição pelo viés científico tinha como objeto de estudo tanto obras dos grandes clássicos como a língua inculta do povo, ficando conhecido como o precursor da sociolinguística. Em sua página, a Academia de Letras dos Campos Gerais apresenta uma leitura institucional de sua obra, destacando que “Ideologicamente, suas publicações apresentam simpatia ao socialismo, visão anticlerical e defesa do feminismo” (Carlos Alberto Teixeira Coelho, 2024, não p.).

Deixou inéditos os seguintes livros: *Lira antiga*, poesias; *Bardo moderno*, versos; *O fluído do Juca*, um volume de conferências cívicas e literárias; *Fonologia e ortografia da língua portuguesa*; *Estilística*. Essas obras não chegaram a ser publicadas. As duas últimas tiveram a aprovação, pelo Congresso Legislativo do Estado do Paraná, de auxílio para publicação através do Projeto nº 45 (A República – PR, 14/03/1917).

Foi grande colaborador em vários jornais e revistas como: *O Sapo*; *O Escarpelo*, 1908; *A Bomba*, 1913; *Revista do Povo*, *Anthos*, *A Escola*, *Gazeta do Povo*, *O Dia*, todos de Curitiba; *O Pigmeu*, 1903; *O Jubileu Operário*, *Luz Essência*, 1903; *O Comércio*, *O Progresso*, de Ponta Grossa; *Folha Rósea*, Ponta Grossa e Curitiba.

Sua atuação nos periódicos se deu de várias formas. Do periódico *Luz Essência*, foi diretor e redator. No *Diário dos Campos*, participou como jornalista e fundador. Em 1903, fundou *O Jubileu Operário*, de cunho anarquista. Em 1908, participou da fundação do jornal *O Escarpelo*, também de caráter “anarquista e anticlerical, vinculado ao Centro Livre Pensador, onde atuou como vice-presidente”. Em 1908, passou a atuar como redator do jornal *O Progresso*. Em 1909, assumiu a direção do jornal *Anticlerical* (Tomé, 2020, p. 152).

Em 1908, em *A crítica ao Paraná mental*, obra de 35 páginas publicada pela Livraria Econômica, Teixeira Coelho escreveu tendo como foco a tutela da obra *O Paraná mental*, da irmã Mariana Coelho. Apesar da premiação com a medalha de prata na Exposição Nacional de 1908, ou devido a ela, *O Paraná mental* sofreu muitas críticas, muitas delas publicadas em periódicos como o *Diário da Tarde*, *O Olho da Rua* e *A República*. Para exemplificarmos parte destas críticas, temos na primeira página de *A República* do dia 24 de agosto de 1908, um texto com o nome da própria obra *O Paraná mental*, sem assinatura de autor, primeira publicação de uma sequência de outras com teor crítico dirigidas ao livro:

[...] Positivamente, sem vislumbres de lisonja, há trechos bons no livro de d. Marianna Coelho, mas também desfalecimentos de ideias, vocabulos

colocados sem precisão ou esthetica, embora compensados, por vezes, por imagens formosas, surgindo da tela simples, na envoltura agradável da gaze leve do seu estylo, como, para figurar poéticamente, uma flôr fidalga, erguendo a corolla altiva, dentre o rofo brumoso de uma manhan hyemal [...] (A República, 24/08/1908, p. 1).

Como mencionamos há pouco, as críticas não cessaram nesta edição, mas prosseguiram em uma sequência de textos publicados em dias alternados, identificados apenas pela letra “S”. No dia 26 de agosto de 1908, o texto *O Paraná mental II*; no dia 28, *O Paraná mental III*; em 31, *O Paraná mental IV*; e a do dia 4 de setembro de 1908, *O Paraná mental V*.

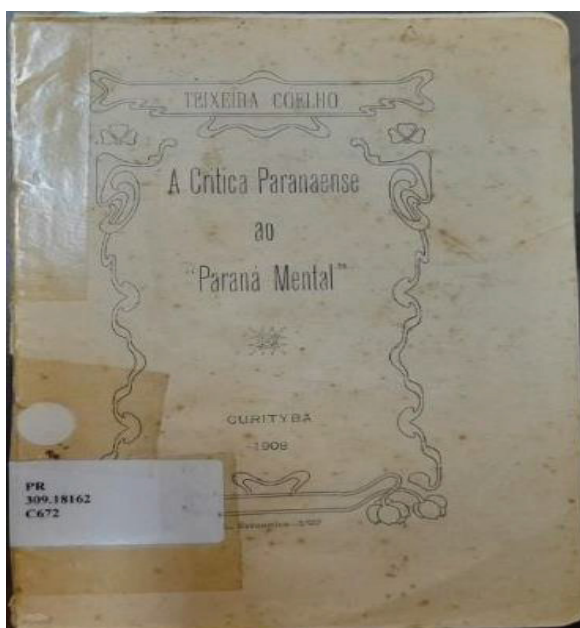
Entretanto, o tema não se encerrou no dia 4; no dia 5 de setembro de 1908, Mariana Coelho saiu em sua defesa, em texto com o título *Crítica à crítica*, onde disse que, quando soube que seria publicada uma crítica da sua obra no *Diário da Tarde*, aguardou ansiosamente, mas a certa altura do texto, em tom de decepção disse: “[...] Entretanto, a parcialidade do trabalho crítico do ilustrado jornalista, logo de começo se manifesta em palpáveis contradições e intuitivo falseamento da verdade. Todos o compreenderam” (Coelho, 05/09/1908). Mariana Coelho seguiu na sequência de publicações em sua defesa em *Crítica à crítica II, III, IV e V*, este último publicado no dia 10 de setembro de 1908, onde respondeu às críticas dos pseudônimos “B” publicadas no *Diário da Tarde*, e ao pseudônimo “S” que publicou no jornal *A República*. Em seu texto contestou as observações voltadas a seu livro utilizando-se de uma frase de Chateaubriand, em que ironicamente argumenta o que teria sido dito por ambos, “B” e “S”: “Quando a crítica é justa, emendo-me; quando é chistosa, rio-me; quando é petulante, esqueço-a” (Coelho, A República, 10/09/1908). No dia seguinte “S.” iniciou as tréplicas sob o título *Paraná mental*. No dia 12, publicou-se outro texto de mesmo nome, agora assinado por Antônio Gomes.

Apesar de Mariana Coelho ter dito em *Crítica à crítica V* que não voltaria à imprensa para tratar do assunto, em 19 de setembro escreveu *Crítica à crítica VI*, onde justificou seu retorno pelo que “B” havia dito “[...] que a nossa justa defesa tinha o ar de agastamento e desabafos de alta vaidade melindrada” (Coelho, 19/09/1908). Ela não se intimidou e rebateu em tons de indignação: “[...] Não nos surpreenderam, porque representam já um vício de origem: se os seus óculos são amarelos, naturalmente há de ver tudo amarelo...[...]” (Coelho, 19/09/1908), ou seja, quiz dizer que as críticas teriam sido escritas por pessoas intelectualmente incapazes de compreender o conteúdo do seu livro. Mariana Coelho voltou a dizer que seria sua

última fala, mas em 21 de setembro publicou *Crítica à crítica VII*. Em 23 de setembro apareceu a última resposta a Mariana Coelho, agora de “S” que finalizou: “[...] Para terminar temos a dizer à D. Marianna Coelho que não é essa perlanga kilométrica que salva o seu desastre literário: a crítica mais ferina ressalta do seu próprio livro. E só” (S, 23/09/1908).

Fica claro nas réplicas de Mariana Coelho que ficou decepcionada com as críticas à sua obra, colocando como justificativas as falhas apresentadas pelos críticos e o empenho que ela teve em produzir a obra da forma como está (Coelho, A República, 09/09/1908). As críticas foram acompanhadas através da imprensa e possivelmente fizeram parte das interações informais trocadas entre os irmãos. Sabendo do empenho de Mariana Coelho, Teixeira Coelho saiu em defesa da irmã, publicando, no mesmo ano de 1908, *A crítica paranaense ao Paraná mental*. Em 18 de novembro de 1908, conforme publicação em *A República*, a obra já estava disponível para compra. Na propaganda do livro é possível ver algumas características da obra, como a de ser um opúsculo, ou seja, um livro pequeno, com poucas páginas e o seu valor de venda, 500 réis que, em moeda atual, equivaleria a cerca de 60 reais.

FIGURA 20 - CAPA DO LIVRO “A CRÍTICA PARANAENSE AO PARANÁ MENTAL” DE CARLOS ALBERTO TEIXEIRA COELHO



FONTE: A autora (2023).³³

³³ Foto tirada pela autora de exemplar que se encontra para consulta na Biblioteca Pública do Paraná, Unidade Curitiba, no setor paranaense de Obras Raras.

Na página 5, primeira página do texto do livro, Carlos Alberto Teixeira Coelho fala sobre as críticas à obra de Mariana Coelho, ficando evidente a sua indignação:

[...] Para um meio litterario que gósa os fóros de culto e progressista e se apresenta na communhão intellectual brasileira com títulos honrosos, havemos de concordar em que o atestado desses fóros e desses títulos, que ele nos offereceu há pouco, à boca do proscênio das letras, foi por demais deplorável [...] (Teixeira Coelho, 1908, p. 5).

À medida que seguimos na leitura da obra, podemos perceber que ela na verdade é “uma crítica às críticas direcionadas ao *Paraná mental*”.

Ninguém contestou que o livro tivesse defeitos e lacunas: o que aliás era natural, a própria autora o reconheceu e declarou não só no livro, como posteriormente. Claro é que, com a analyse exacta e conscienciosa d'esses defeitos e d'essas lacunas, a autora, e não só a autora, como o meio litterario paranaense, tudo teriam a lucrar. E todos applaudiriam. Mas d'ahi à forma por que ella foi feita, aos intuitos que ella revelou, ao character que revestiu e às levandades que a ridicularizaram, a distancia é quasi infinita (Teixeira Coelho, 1908, p. 8).

Esse trabalho demonstrou a proximidade dos irmãos Coelho, que fez com que Teixeira Coelho tivesse o trabalho de produzir uma obra em tempo recorde voltada para a defesa da irmã. Em carta a Fábio Luz, escrita em 17 de junho de 1909, Mariana Coelho contou da morte de sua mãe, agradeceu o artigo escrito por ele elogiando a sua obra e ao final escreveu: “Ihe remeto 1 exemplar da Critica Paranaense ao ‘Paraná Mental’ – opúsculo com que meu irmão Teixeira Coelho, residente em Ponta Grossa, respondeu a um ataque essencialmente descortez que aqui soffri dum pequeno grupo nativista” (Coelho, 17/06/1909).

Teixeira Coelho, como já citamos anteriormente, frequentou instituições formais de educação, formando-se farmacêutico, diferente de Mariana Coelho que, ao que tudo indica, não frequentou a escola. Por este motivo, o irmão foi uma espécie de mentor das letras de Mariana Coelho. Além do acesso à literatura de modo geral, Teixeira Coelho proporcionou a Mariana Coelho contatos para além da literatura, com acesso a autores anarquistas e socialistas, contribuindo para sua formação social. Foi através dele que Mariana Coelho pode fazer as suas primeiras publicações em jornais, pois Teixeira Coelho, além de redator de diversos periódicos, foi também diretor e proprietário, abrindo as portas para ela neste meio (Bueno, 2010, p. 40). Mariana Coelho encontrou nos jornais do irmão um espaço propício para divulgar suas ideias,

escrevendo principalmente sobre a submissão da mulher, a importância de sua educação, muito próxima, portanto, dos ideais anarquistas (Idem, p. 37).

Participou junto com Mariana Coelho do 3º Congresso de Geografia, ocorrido em 7 de setembro de 1911 em Curitiba, juntamente com Affonso Alves de Camargo, senador Alencar Guimarães, coronel Telêmaco Borba, dr. Carlos Cavalcanti, Julio Pernetta, Dario Velozo, desembargador Emílio Westphalen, entre muitos outros representantes do Paraná e de todo o Brasil (A República, 15/08/1911, p. 2). Através da lista de participantes e da foto do evento, foi possível perceber que Mariana Coelho era a única mulher entre os inscritos.

FIGURA 21 - MEMBROS DO 3º CONGRESSO NACIONAL DE GEOGRAFIA



DESCRIÇÃO DA FIGURA: membros do 3º Congresso Nacional de Geografia diante da Assembleia Legislativa do Paraná – detalhe. Mariana Coelho foi a única mulher a participar.

FONTE: Facebook página da Associação Educacional Mariana Coelho – 21/03/2021.

Como tratado anteriormente, Mariana Coelho, juntamente com seu irmão, Thomaz Alberto Teixeira Coelho e o tio José Natividade Teixeira de Meirelles, fundaram o Colégio Santos Dumont, onde ela também lecionou.

Entretanto, a carreira literária de Teixeira Coelho acabou cedo demais. Em carta escrita em 31 de janeiro de 1926 direcionada a Bertha Lutz, imbuída em luto pela morte de Carlos Alberto Teixeira Coelho, Mariana Coelho relatou à colega a causa da morte do irmão. Fala da relação que os dois tiveram e como Teixeira Coelho era querido pela sociedade local. Esta carta é uma importante fonte que nos ajuda a

esclarecer uma dúvida que pairava até então, que se referia ao ano de morte de Carlos Alberto Teixeira Coelho – 1924, 1925 ou 1926?

[...] No dia 18 do mês que hoje finda, às 2 h. da t. deu a alma a Deus o meu querido e inolvidável irmãozinho Carlos, com cuja falta fico moralmente só! Era o meu companheiro de letras, meu confidente, meu amigo e sincero amigo de todas as pessoas que me estimavam. Profundamente enfraquecido em consequência de exagerado trabalho intelectual, adoeceu sob o diagnóstico de broncopneumonia, à qual sobreveio uma forte febre tifoide que o matou! Sempre que pude, de dia e de noite, estive junto de seu leito de dôr e de morte! Oh! Como é horrível ver partir para sempre um ente querido! Desculpe os meus desabaços, distinta amiga, mas este meu irmão era notado pela sua extrema bondade e delicadeza. Foi a sua tão sentida nesta Capital, que todas as classes sociais, com a maior espontaneidade, se associaram por todas as formas, à nossa dôr. Envio-lhe alguns jornaes para fazer ideia; não o faço por vaidade, creia! Faço-o com o único intuito de fazer justiça aos sentimentos e predicados do meu santo irmãozinho que nunca mais verei! (Coelho, 31/01/1926).

Entre as publicações a que Mariana Coelho se referiu na carta e que segundo ela foram enviadas a Bertha Lutz, possivelmente estava a publicação do jornal *O Dia* (PR) do dia 19 de janeiro de 1926, com o título *De Lucto*, que informou a morte de Carlos Alberto Teixeira Coelho, enfatizando seus feitos:

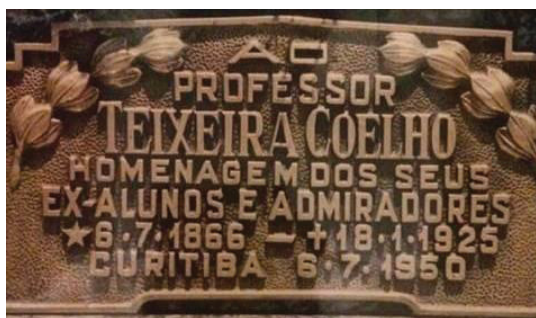
[...] Espírito eminentemente culto, o sr. Teixeira Coelho dedicou-se há longos annos ao estudo da língua pátria, conquistando pelos seus trabalhos de reconhecido valor as honras de ser considerado um dos mais competentes philologos de sua geração. A notícia de sua morte achou dolorosamente, não somente no seio dos seus inúmeros amigos como também entre a população culta da cidade que o admirava [...] (O Dia, 19/01/1926, p. 5).

O Estado do Paraná: Jornal da Manhã (PR), do dia 19 de janeiro de 1926, também noticiou a morte do filólogo, aclamando suas qualidades:

[...] O distincto intellectual, quer como poeta, quer como perscrutador dos segredos do nosso lindo, maravilhoso idioma, se fixêra admirar pelo fugor da sua intelligência sempre joven. Como filólogo principalmente, Teixeira Coelho era uma das figuras mais eminentes do nosso meio intellectual. E como testemunho do muito carinho que ele dedicava a esse genero de estudos ahi estão varias obras da filologia, nas quaes ele afirmou a sua alta competencia, na projecção magnífica de um espirito infatigável ao desvendar os tesouros da nossa língua. Espirito culto, Teixeira Coelho se cercou de um vasto circulo de admiradores. Coração bondoso, ele conquistou numerosas amizades em nossa terra. [...] (O Estado do Paraná: Jornal da Manhã – PR, 19/01/1926).

O reconhecimento de seus feitos se estendeu além do seu tempo. Em *O Dia* (PR) de 16 de abril de 1950, encontramos uma homenagem a Carlos Alberto Teixeira Coelho, quase 25 anos depois de sua morte. Ex-alunos do Instituto Dr. João Cândido da cidade de Ponta Grossa se mobilizaram para comprar uma placa em sua homenagem, para ser colocada no túmulo do filólogo.

FIGURA 22 - PLACA EM HOMENAGEM A CARLOS ALBERTO TEIXEIRA COELHO



DESCRIÇÃO DA FIGURA: placa em homenagem a Carlos Alberto Teixeira Coelho colocada em seu túmulo por ex-alunos do Instituto Dr. João Cândido da cidade de Ponta Grossa.

FONTE: Facebook – página da Associação Educacional Mariana Coelho – 1º/09/2018.

Posteriormente, Carlos Alberto Teixeira Coelho também recebeu homenagem, dando nome a uma das ruas do bairro Batel em Curitiba. As homenagens não cessam. A aclamação dirigida a Carlos Alberto Teixeira Coelho – que marcou a história intelectual no Brasil –, se estendeu à sua terra natal, Portugal, onde foi ovacionado e reconhecido como profundo conhecedor da língua portuguesa e como um dos precursores da sociolinguística, em decorrência da sua aproximação com os movimentos socialistas e anarquistas, que viam nas classes menos abastadas um foco de análise da língua, algo inédito no seu tempo.

Conforme pudemos perceber, além dos motivos relacionados à proximidade parental que naturalmente unia os irmãos, a contribuição de Carlos Alberto Teixeira Coelho para a formação intelectual de Mariana Coelho foi significativa, a ponto de receber dela homenagem em sua mais importante e trabalhosa obra.

Assim encerramos este segundo capítulo, onde pudemos compreender um pouco sobre quem foi Mariana Coelho e a sua rede de sociabilidades. No capítulo seguinte, nos dedicaremos a desbravar de forma mais enfática a obra em si, *A evolução do feminismo: subsídios para a sua história*, bem como o contexto de sua produção.

CAPÍTULO 3 – A ESCRITA DA OBRA “A EVOLUÇÃO DO FEMINISMO”: AS TROCAS INTELECTUAIS ATRAVÉS DAS CARTAS

Após o panorama de Mariana Coelho construindo-se enquanto escritora, feminista, educadora e intelectual, entre outros ofícios, da análise das suas relações com outras/outros intelectuais e da biografia de seus correspondentes, iniciamos agora estudo relacionado à construção da sua mais expressiva obra, objeto deste trabalho, *A evolução do feminismo: subsídios para a sua história*.

3.1 APRESENTAÇÃO DE *A EVOLUÇÃO DO FEMINISMO*, A OBRA DE MARIANA COELHO

“Liberdade de justiça, eis em duas palavras a essência das reivindicações feministas da nossa época”.

Marya Chéliga-Lowey

A evolução do feminismo: subsídios para a sua história traz ricas e detalhadas narrativas históricas e culturais feministas, analisando as mulheres sob diversas temáticas: na religião, na guerra, na política, na administração, nas ciências, nas artes, nas letras, na imprensa e no amor. Mariana Coelho procurou demonstrar as dificuldades, as lutas enfrentadas e a eficiência das mulheres, dividindo a obra em sete capítulos. Quando ela mesma se referiu à obra *A evolução do feminismo*, resumiu-o como o livro “no qual historiei, através dos séculos, a capacidade moral e intelectual do nosso sexo” (Coelho, 13/09/1936).

Em carta à Bertha Lutz, revelou uma das essências da obra: “[...] Eu quero provar que em todos os ramos do saber humano temos belos exemplares no nosso sexo; mas a natureza do meu livro não permite pormenorizar muito – por vários e ponderosos motivos [...]” (Coelho, 21/01/1925).

A escolha do título nos revela a interlocução do pensamento de Mariana Coelho com sua época. No contexto intelectual e científico do Brasil dos anos 1930, a palavra “evolução” tinha uma carga semântica fortemente influenciada pelo positivismo e pelas teorias do progresso social herdadas do século XIX. Longe de ser um termo neutro, “evolução” era entendida como um processo linear e ascendente de aperfeiçoamento da sociedade, das instituições e, em muitos casos, da própria “civilização”.

Essa noção, derivada das ciências naturais – sobretudo das leituras sociais do darwinismo e do evolucionismo comteano – foi amplamente apropriada por intelectuais brasileiros como uma ferramenta para pensar a modernização do país e, no caso de Mariana Coelho, também para repensar os papéis sociais atribuídos às mulheres. Ao utilizar o termo no título da obra, Mariana Coelho inseriu o movimento feminista dentro de um horizonte histórico que supõe um progresso inevitável rumo à emancipação feminina, articulando-o com um ideal de racionalidade e aprimoramento moral da sociedade.

Essa visão progressista da história, embora hoje amplamente criticada por sua linearidade e eurocentrismo, foi central para os projetos intelectuais e pedagógicos do período, especialmente entre os setores reformistas que viam a educação e a cultura letrada como motores da evolução social. A ideia da evolução permitia a articulação entre ciência, moral e política, e por isso era recorrente tanto em discursos científicos quanto em ensaios de intervenção social (Sevcenko, 2003). Em Mariana Coelho, essa linguagem não apenas legitima o feminismo como um movimento moderno e necessário, mas também o ancora em um imaginário de civilização e ordem, típico da sensibilidade intelectual oitocentista que ainda ecoava nos anos 1930. Assim, compreender o uso do termo “evolução” em sua obra exige considerar tanto as heranças positivistas do pensamento social brasileiro quanto os limites e possibilidades desse léxico para a formulação de projetos feministas no início do século XX.

Neste sentido, Mariana estruturou sua narrativa histórica do feminismo como um processo contínuo de aprimoramento racional e moral. A autora frequentemente associou o progresso feminino à educação, à cultura e ao avanço das nações mais “civilizadas”, utilizando termos como “ascensão”, “aperfeiçoamento” e “emancipação” em chave claramente evolucionista. Um exemplo é quando ela escreve sobre as “grandes precursoras” do feminismo europeu – como Olympe de Gouges e Mary Wollstonecraft – não apenas como figuras históricas, mas como marcos de uma linha de progresso ininterrupta em direção à liberdade feminina. Ao fazê-lo, Mariana Coelho inseriu o feminismo em uma narrativa teleológica: o movimento seria parte de um desdobramento natural da racionalidade ocidental, culminando na igualdade de direitos.

Outro trecho que ilustra bem esse uso está na defesa da instrução feminina como meio de “regeneração” da sociedade – um vocabulário típico das reformas

educacionais e sociais inspiradas na ideia de evolução moral da humanidade. A educação das mulheres, para Coelho, é um dos pilares para a modernização do país, o que ecoa diretamente nos projetos de civilização tão presentes nos discursos da Primeira República (Sevcenko, 2003).

Para tecer seu livro, Mariana Coelho realizou uma pesquisa sobre o papel e a participação feminina em diferentes áreas da vida social, recorrendo a livros e a periódicos diversos. Em um tempo e lugar onde a circulação de materiais impressos não era muito fluída, essa análise, para ser realizada, contou com o auxílio de colaboradores que, em correspondência com Mariana Coelho, enviaram informações ou esclareceram determinados fatos de seu interesse, além de sugerirem e fornecerem exemplares de fontes e referências sobre a temática.

Produzidas em uma ordem específica, que tem as suas regras, suas convenções e suas hierarquias, as obras escapam e ganham densidade, peregrinando, às vezes na mais longa jornada, através do mundo social. Decifradas a partir dos esquemas mentais e afetivos que constituem a cultura (no sentido antropológico) das comunidades que as recebem, tais obras se tornam um recurso precioso para pensar o essencial: a construção de um vínculo social, a subjetividade individual, a relação com o sagrado (Chartier, 1998, p. 9).

Uma das grandes colaboradoras, neste sentido, foi Bertha Lutz, cujo contato aconteceu, durante muitos anos, através de cartas. Em 2 de janeiro de 1923, Mariana Coelho escreve uma das primeiras endereçadas a Bertha Lutz, onde relata à colega de causa que está escrevendo uma obra sobre a evolução do feminismo e pede auxílio no trabalho com os jornais, temendo deixar de mencionar algo importante:

Apesar de ter manuseado vários jornais cariações a respeito do desenvolvimento que ultimamente a nossa causa tem tomado aqui no nosso Brasil, é possível que alguma cousa de importante me tenha escapado e por isso resolvi pedir diretamente a V.E.^a me auxilie (Coelho, 02/01/1923).

Parte dos debates sobre os avanços e retrocessos na emancipação feminina, foi vivida intensamente por Mariana Coelho, que militou em muitas dessas causas e presenciou inúmeras vitórias femininas ao longo de sua extensa trajetória³⁴. Um exemplo de vitória do movimento foi a aprovação de Bertha Lutz no concurso para secretária do Museu Nacional do Rio de Janeiro. Em carta de 21 de janeiro de 1925, Mariana Coelho relata a Bertha Lutz que ficou sabendo da conquista da colega: “Há

³⁴ Mariana Coelho faleceu aos 97 anos.

muito sei – e os registrei no livro, que a minha ilustre amiga conquistou por concurso o lugar de Secretária do Museu” (Coelho, 21/01/1925).

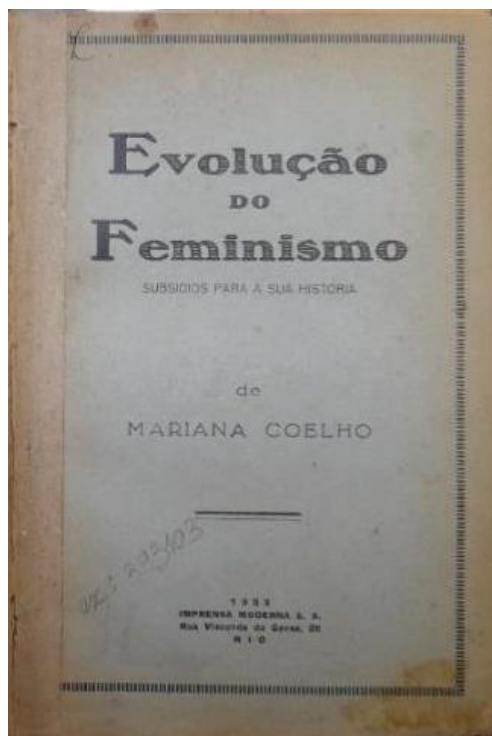
Em carta do dia 1º de novembro de 1925, a pedido de Mariana Coelho, que queria complementar as informações de seu livro sobre a colega, Bertha Lutz respondeu destacando um pouco da sua trajetória profissional. Cita a sua aprovação no concurso e relata fatos que não estavam nas fontes anteriores, como o número de candidatos concorrentes e o de provas realizadas, o que amplia o mérito da feminista:

Fui educada em S. Paulo e em Paris, sendo diplomada em Ciências Naturais pela Faculdade de Ciências da Universidade de Paris. Ocupei primeiro um lugar no Instituto Oswaldo Cruz. Em seguida fui após concurso com 10 homens, em 7 matérias e 14 provas, classificada em primeiro lugar e nomeada secretária do Museu Nacional. Atualmente tenho ali um laboratório, dedicando-me a Botânica (Lutz, 1º/11/1925).

Diante dos inúmeros eventos relacionados ao feminismo, registrados e discutidos nos periódicos da época, este trabalho busca compreender como a obra de Mariana Coelho – que, segundo Tomé (2020, p. 222), levou entre 15 e 20 anos para ser concluída – foi produzida em diálogo com esses acontecimentos. Em seguida, apresentaremos alguns elementos constitutivos do livro, considerando a sua materialidade e trajetória editorial.

A evolução do feminismo: subsídios para a sua história teve sua primeira edição publicada em 1933³⁵, pela Imprensa Moderna S.A., cuja sede se situava na Rua Visconde da Gávea, nº 26, Rio de Janeiro - RJ, com acabamento em brochura, capa mole, medindo 14cmX19cm, em um total de 611 páginas. Até o momento não encontramos informações sobre a tiragem dessa primeira edição.

³⁵ Mariana Coelho já estava com 76 anos quando publicou *A evolução do feminismo*.

FIGURA 23 - CAPA DA 1ª EDIÇÃO DE 1933 DE *A EVOLUÇÃO DO FEMINISMO*

FONTE: A autora (2023)³⁶

Conforme nota incorporada ao final do livro pela própria autora, a obra teria ficado pronta em 1926, entretanto só foi publicada em 1933. Mariana Coelho não dá detalhes sobre essa demora de mais de cinco anos, destacou apenas que foi por motivos estranhos à sua vontade. Entretanto, Bueno (2010, p. 22) esclarece que “ao viajar para o Rio de Janeiro levando os originais para publicação, a autora teve um capítulo roubado e voltou a trabalhar no mesmo só concluindo seu trabalho em 1933, ano da publicação”. Não encontramos nenhuma informação nas fontes consultadas que esclarecesse esse fato, nem quem roubou.

Na carta de 28 de junho de 1928, enviada por Rocha Pombo a Bertha Lutz, ele informou que os originais de Mariana Coelho de *A evolução do feminismo*, enviados por Bertha Lutz, até aquela data não haviam chegado, que se desencaminharam. Por isso escreve para comunicar-lhe o extravio dos originais, acreditando que talvez fosse possível descobrir o paradeiro dos escritos. Ainda não se esclareceu nas fontes encontradas se os “motivos estranhos à sua vontade”

³⁶ Fotografia do exemplar analisado, que se encontra para consulta na Biblioteca Pública do Paraná, Unidade Curitiba, no setor Paranaense de Obras Raras. Segundo manuscrito de Mariana na folha de rosto, a obra foi doada à biblioteca pela própria autora, em 23/10/1933.

relatados na obra por Mariana Coelho se referia a esse extravio, tampouco descobrimos se os originais apareceram, se Mariana Coelho tinha outra cópia ou se teve que refazer partes de seu livro, o que acabou atrasando a publicação.

Entre o final da obra e a sua publicação aconteceu uma das grandes vitórias das mulheres brasileiras, buscada com grande dedicação por Mariana Coelho, o direito ao voto. Esse direito foi reconhecido em 24 de fevereiro de 1932, através do Decreto nº 21.076, instituído pelo governo provisório de Getúlio Vargas que, através da criação do Código Eleitoral, determinou, em seu artigo 2º, que seriam eleitores todos os cidadãos maiores de 21 anos, sem distinção de sexo (Brasil, 1932). Esse direito foi incorporado à Constituição de 1934.

Como encontramos na obra menções a acontecimentos posteriores a 1926, podemos supor que a autora, por não a ter publicado de imediato, continuou atualizando-a com outros escritos, à medida que os fatos iam acontecendo. Entretanto, a vitória do sufrágio feminino, algo tão importante para ela, não foi incluída no livro, provavelmente pela proximidade do evento à data de sua publicação. O ato de votar só foi colocado em prática nas eleições de 1933, mesmo ano da publicação da obra, e só foi consolidado, de fato, na Constituição Federal de 1934.

Como já destacado anteriormente, o livro foi publicado pela Imprensa Moderna S.A. A escolha da editora pode estar relacionada à relação que Mariana Coelho estabeleceu com Bertha Lutz. As cartas trocadas entre elas revelam que, entre os vários assuntos ligados à causa feminista e os detalhes sobre a escrita de *A evolução do feminismo*, estava também a busca por uma editora. Em missiva enviada por Mariana Coelho a Bertha Lutz, em 15 de setembro de 1925, a autora destaca:

[...] Estou muito contrariada: tencionava editar o livro na Casa Monteiro Lobato, de S. Paulo, mas, no grande número de falências ultimamente requeridas na aludida cidade, sobressai a dele com uns 3.000 contos. Eu quero editá-la em S. Paulo ou no Rio – aqui não nos convém – seria Curitiba um túmulos não só para o meu humilde nome como para a nossa causa. [...] (Coelho, 15/09/1925, grifo da autora).

Mariana Coelho se referia à editora de propriedade do escritor Monteiro Lobato. Ele havia comprado, em 1918, a *Revista do Brasil*, fundada em 1916 por Júlio de Mesquita³⁷. Além de editar as próprias obras, que venderam milhares de

³⁷ Advogado, político, jornalista, e empresário, proprietário também do jornal O Estado de S. Paulo (fundado em 1875) (Ribeiro, 2024, não p.).

exemplares, Lobato passou a editar escritos de outros autores. Posteriormente passou a usar o nome empresarial “Monteiro Lobato e Cia. Editores”. Pela editora, foram publicadas obras de autores como Oliveira Vianna, Martins Fontes e Lima Barreto, entre vários nomes bem conhecidos da literatura brasileira (Monteiro Lobato, 2024).

Segundo Paixão (1998, p. 47), Monteiro Lobato foi um dos mais ousados editores do Brasil, ao ponto de Nelson Palma Travassos, jornalista, editor e escritor brasileiro, defini-lo da seguinte forma: “D. João VI criou a Imprensa Nacional. Monteiro Lobato criou o livro no Brasil. O mais foi Idade Média”. Em 1925, já havia publicado mais de 500 títulos de autores brasileiros, com uma gráfica considerada moderna para a época, instalada no bairro do Brás, em um galpão com 5.000 m².

Entretanto, conforme Mariana Coelho menciona na carta sobre a falência frequente de editoras, o mesmo aconteceu com a de Monteiro Lobato. Envolto em dívidas adquiridas para a construção das instalações da gráfica, agravadas pela revolução de julho de 1924 e pelo arrocho na economia aplicado por Arthur Bernardes que enfraqueceu as empresas sem liquidez, a editora sofreu ainda o impacto econômico de uma grave seca que provocou a redução da produção de energia elétrica, dificultando o funcionamento das máquinas. Além disso, o fim da isenção das taxas de importação de papel, que permaneceu apenas para as revistas e os jornais, fizeram com que a situação da editora de Monteiro Lobato ficasse insustentável. Como a indústria brasileira ainda não estava preparada para produzir o papel necessário, pois dependiam de máquinas e celulose importados, várias editoras ficaram sem papel para impressão, o que levou à falência inúmeras delas. A de Monteiro Lobato ficou um ano parada até que, em 24 de julho de 1925, abriu falência (Paixão, 1998, p. 48-52).

Foi nesse período que Monteiro Lobato encerrou as publicações da *Revista do Brasil*. Devido à falência da Companhia Gráfico-Editora Monteiro Lobato, o editor colocou seus bens em leilão, a fim de iniciar o pagamento das dívidas acumuladas. Entretanto, Lobato não deixou o ofício e, no mesmo ano da falência, estreia um novo negócio, junto a seu antigo sócio, Octales Marcondes Ferreira, a Companhia Editora Nacional. Com um molde mais singelo, sem a grandiosidade de sua empreitada anterior, viria a dar continuidade ao trabalho editorial que havia iniciado em 1918 (Garcia, 2011, p. 702).

Sobre a confissão de Mariana Coelho em não desejar publicar a sua obra em Curitiba, por considerar a cidade um “túmulos” para seu nome e para a sua causa, podemos deduzir que tal opinião pode ter como motivo o fato de Curitiba estar fora dos maiores centros editoriais. Outra razão bastante provável diz respeito ao conservadorismo proeminente na cidade à época, o que tornaria Curitiba um terreno pouco fértil para o plantio da obra de Mariana Coelho. Esse conservadorismo e suas consequências sobre Mariana Coelho são demonstrados nos atritos que ela vinha enfrentando, expressos nas suas relações sociais e nos periódicos da Curitiba do início do século XX, como discutido anteriormente nesta dissertação.

Esses pensamentos conservadores “discutem a República, repudiam os forasteiros e exaltam a Pátria; combatem ou defendem a religião; restringem ou exacerbam os preconceitos e a igualdade dos sexos; apregoam liberdades” (Trindade, 1996, p. 105), ideais aos quais – a boa parte deles –, Mariana Coelho já se havia posicionado como contrária.

Quanto ao movimento feminista em Curitiba, existiam poucas adeptas, com nomes como o de Elvira Paraná, Leonor Castellano e Pamphylo d’Assumpção. Ainda pairavam muitos pensamentos contrários, como os de Nestor de Castro, Gastão Faria, Flávio Suplicy de Lacerda e Georgina Mongruel (Trindade, 1996, p. 110). Esse não era o cenário idealizado por Mariana Coelho para a publicação da sua obra, que alçava voos mais altos e mais longínquos.

Sendo assim, não era desimportante o desejo de Mariana Coelho publicar o seu livro no Rio de Janeiro ou em São Paulo. Durante quase todo o século XIX, o Rio de Janeiro destaca-se como o epicentro da editoração. Mais tarde, ocorreu um espetacular crescimento industrial em São Paulo, provocado principalmente pela crise da Primeira Guerra Mundial, que fez com que o país tivesse que reduzir as importações. Entre 1914 e 1920, a indústria paulista teve um crescimento de 25% ao ano. Junto a esse desenvolvimento, nos anos 1920, São Paulo se tornou um dos maiores centros gráficos da década, somando “vinte editoras, com uma produção de duzentos títulos anuais e uma tiragem total de 1,9 milhões de exemplares” (Paixão, 1998, p. 46). Esse cenário era mais promissor para que Mariana Coelho publicasse, com maiores chances de que o livro tivesse o alcance desejado por ela.

Mariana Coelho escreveu a Bertha Lutz, em 17 de setembro de 1925, voltando a mencionar o assunto da edição do livro:

[...] Disse-me ontem um Dr. meu amigo, que mora no Rio, mas que atualmente está aqui, que há ali no Rio duas casas editoras como a Monteiro Lobato de São Paulo; sabe-me dizer alguma coisa sobre isto?

Queira desculpar tanta importunidade a amiga grata e admiradora.

Mariana Coelho (Coelho, 17/09/1925).

Em 1º de novembro de 1925, Bertha Lutz respondeu a Mariana Coelho dizendo, entre outras coisas que: “Quanto à publicação existem várias casas editoras aqui. Se tiver qualquer desejo de informação a respeito, avise, que terei muito prazer de obtê-las no que for de alcance meu” (Lutz, 1º/11/1925). Em 22 de novembro de 1925, Mariana Coelho respondeu:

[...] Quanto à publicação, tudo o que a respeito lhe tenha dito, parte deste princípio: eu não posso editá-lo à minha custa. Como a Casa Monteiro Lobato, de S. Paulo, editava todas as obras por sua conta; tencionava eu mandar-lhe o meu livro para o mesmo fim.

Mas abriu falência, depois mudou-se para o Rio. Disseram-me que aí no Rio havia dois editores nas mesmas condições de M. Lobato. Então deposito, tranquila, o caso, nas suas mãos e nos seus bons ofícios [...] (Coelho, 22/11/1925).

Em 20 de maio de 1926, Bertha Lutz, depois de vários meses doente, respondeu a Mariana Coelho continuando as tratativas da publicação da obra:

[...] Já tem algum plano sobre a publicação? Escreva-me, sim? Tenho pensado em vários, mas por ora, nada de definitivo tenho a propor. Si quiser indagarei de vários jornais quotidianos si o querem publicar seriadamente, o que não impediria a publicação posterior e daria a mais ampla repercussão neste país onde a imprensa quotidiana é mais lida do que qualquer outro genero de publicação. Estamos com ideia de publicar uma revista feminina onde poderia sair, mas não quero iludi-la com promessas, antes de estar em condições de cumpril-as, pois constitue isto uma praxe detestável, não é assim? Quantas páginas terá o livro? De posse desta informação é que poderia julgar, o que seria melhor. Há grande dificuldade com as edições no Rio, pois querem que se faça por conta do autor, mas não devemos desanimar. Aguardo suas sugestões [...] (Lutz, 20/05/1926).

Em 5 de junho de 1926, Mariana Coelho volta a escrever para Bertha Lutz, confessando não achar boa ideia publicar partes do livro antes do seu lançamento, temendo prejudicar a aceitação do editor na publicação da obra:

[...] Relativamente ao livro estou a ver se em S. Paulo ou no Rio acharei editor que, à vista da explicação respectiva, o queira editar. Brevemente vae daqui

ao Rio e S. Paulo o proprietário da Livraria Mundial e me promete tratar este assunto, com interesse. Diz ele – e dizem-no todos – que o livro deve nascer no Rio ou S. Paulo. [...] Quanto a publicar o texto do livro na imprensa, antes dele sair a lume vai prejudicar, certamente, o editor que aceitar a sua publicação – sendo feita por sua conta. Depois de ser ele publicado faremos, nós as feministas, por que seja divulgado na imprensa [...] (Coelho, 05/06/1926, grifo da autora).

A Livraria Mundial citada por Mariana Coelho na carta, ficava na Rua 15 de Novembro, nº 260, em Curitiba. Realizava trabalhos de tipografia, impressão, pautaçaõ, douraçaõ, confeccionava papel para café e cereais, livros em branco, encadernaçaõ (Almanak Laemmert - RJ, 1937, p. 1042) e, ao que tudo indica, seu proprietário tinha boa relaçaõ com Mariana Coelho, pois ela o citou diversas vezes nas cartas endereçadas a Bertha Lutz, sempre relatando que ele a estava auxiliando.

Em 8 de setembro de 1926, segue nova correspondência a Bertha Lutz, que voltou a mencionar auxílio do proprietário da Livraria Mundial na busca por uma editora para a obra de Mariana Coelho:

[...] Em meados de agosto o chefe da Livraria Mundial escreveu para o Porto (Portugal) para a Casa Editora Lello e Irmão – conforme a combinaçaõ dos dois, na minha ausênciã, mandei-lhe não só a explanaçaõ mais ou menos aproximada do meu trabalho como a Lello havia pedido, mas também uma cópia da carta de Dário Veloso. Vamos ver se a resposta virá lisonjeira, pois o momento é oportuníssimo não lhe parece? Se tivermos a felicidade de que a Casa da Editora do Porto publique o meu livro – e visto que não será publicado no Rio oportunamente verei se lhe posso mandar algum excerto para aí publicar [...] (Coelho, 08/09/1926).

A empolgaçaõ de Mariana Coelho com a possibilidade de publicar na Casa Editora Lello e Irmão, fazia todo sentido. A editora, localizada na cidade do Porto, é até hoje uma das livrarias-símbolo de Portugal, fundada em 1869 por Ernesto Chardron e José Pinto de Souza Lello. O prédio onde funciona atualmente foi construído em 1906 e possui uma arquitetura de grande beleza que atrai visitantes do mundo todo. A editora foi responsável pela publicação de inúmeras obras importantes na literatura portuguesa, de autores como Fernando Pessoa e José Saramago. Após a publicação da série de livros Harry Potter, ganhou destaque, pois conspirou-se que a autora teria sido frequentadora assídua da livraria, a qual a teria inspirado para criar partes dos cenários do romance. Isso foi negado pela autora, mas a essas alturas a livraria já tinha ganhado fama mundial, o que auxiliou na preservação do espaço, que estava em decadência (Leite, 2020, não p.).

Na sequência das cartas trocadas entre as feministas, em vários momentos voltam ao assunto da publicação e da busca por uma editora, descrevendo possibilidades e contatos.³⁸ Em 17 de agosto de 1927, Mariana Coelho citou o nome do editor Álvaro Pinto:

[...] Recebi também hoje carta de minha irmã falando-me no cartão do editor Alvaro Pinto. Pois não se lembra, querida amiga, que lho entreguei no Hotel Guanabara no mesmo dia em que o recebi do Rocha Pombo? Estou preocupada com isto. Que esse cartão se não perca!
Se os originais do livro fossem entregues mais ou menos quando saí do Rio, estaria hoje quase pronto e seria bem mais proveitoso para a nossa causa que os artigos que eu possa fazer! Pois disse o Rocha Pombo que o editor aprontaria o livro em 2 meses.
Anceio por que D. Bertha me participe que os originais já estão com o editor. Por aqui estão os intelectuais com a mesma ansiedade – principalmente os feministas [...] (Coelho, 17/08/1927).

Em busca de pistas que nos levassem a saber quem foi Álvaro Pinto e se ele teria alguma relação com a editora que publicou a primeira edição de *A evolução do feminismo*, chegamos a vários homônimos em épocas diversas. O nome que maior relação poderia ter com o que foi relatado por Mariana Coelho nas cartas, ao nosso ver, seria o do português e proprietário da editora Anuário do Brasil, fundada por Álvaro Pinto³⁹ e António Sérgio:

Juntos fundaram a editora Anuário do Brasil, da qual Álvaro Pinto acabaria por se tornar único proprietário (a partir de 1922). Num ápice a casa conquistou reconhecimento nos círculos intelectuais do Rio de Janeiro. Apostou nos autores brasileiros, mas também deu a conhecer os autores portugueses, os clássicos e os novos, revelados na Renascença (Correia, 2010, p. 5).

Mariana Coelho, em 26 de maio de 1928, voltou a pedir a Bertha Lutz pelos originais do livro e pelo cartão com o contato do editor Álvaro Pinto, relatando sua angústia e ansiedade pela publicação do livro:

³⁸ 17/09/1925, 01/11/1925, 12/03/1926.

³⁹ “ÁLVARO PINTO (1889-1957) – Nasceu a 29 de Novembro de 1889, em Barca de Alva, freguesia da Raia, localizada na margem esquerda do Douro, parte integrante do concelho de Figueira de Castelo Rodrigo, no distrito da Guarda. Iniciou estudos em Bragança, de onde seguiu para o Porto, por volta de 1902 (teria então 13 anos de idade), para frequentar o Liceu Central e, posteriormente, a Escola Politécnica. Matriculou-se ainda na Escola Médica que acabou por abandonar, ao fim do 1.º ano, para se dedicar integralmente à imprensa, como jornalista, mas também como editor e dinamizador cultural, actividades que desempenhou com reconhecido mérito” (Correia, 2010, p. 1).

[...] Uma pessoa minha amiga compreendendo bem o momento aflitivo em que acho com relação ao meu livro, veio em meu auxílio e quer que eu proceda já é já (e com muita razão), à respectiva publicação.

Em virtude deste cargo de generosidade dei ha pouco tempo instruções a minha família para receber com a máxima brevidade das mãos de D. Bertha, o capítulo que lhe confiei, bem como o cartão – contato do editor Álvaro Pinto - e isto fixava a resolução de escrever a D. Bertha, neste sentido, logo em seguida. Antes porem, que realizasse este desejo fui vítima de um acidente de automóvel, que me prende ao leito ha vinte dias! – motivo por que só agora – mesmo de cama – vou realizando os meus planos.

É urgente que minha fam^a. receba essas cousas o mais breve possível pois está em vésperas de viagem para Lisboa – que realizará logo que minha irmã se restabeleça um pouco da grave doença que a acometeu; e antes da partida tem ela de me remeter para aqui todos os originais pois já tenho bastante mais que historias relativamente ao voto feminino [...] (Coelho, 26/05/1928).

As cartas analisadas não descrevem se houve ou não contato com Álvaro Pinto, nem como Mariana Coelho chegou até a Imprensa Moderna S.A. do Rio de Janeiro. Sobre essa editora, reunimos poucas informações. Através da análise da própria obra de Mariana Coelho e de periódicos da época, disponíveis na Hemeroteca da Biblioteca Nacional, encontramos a informação de que a editora tinha, em 1933, sede na Rua Visconde da Gávea, nº 26, cidade do Rio de Janeiro – RJ e que no ano de 1927 se localizava na Rua Luiz Camões, nº 83, Rio de Janeiro - RJ. Outros achados referem-se a livros e periódicos publicados pela Imprensa Moderna S.A. como: *Os Lusíadas*; *da Inspetoria do Tráfego – Guia Oficial do Tráfego*, sob a organização de Raul Seidl e ilustração de Loureiro; *Livro vermelho dos telefones*; *Cartas de amor de Marcelo Peyret*; *Livro de Natal com as aventuras de Chico Chicote*; *Almanaque do número*; *Coleção de leituras de alcova*; *Álbum de Karona*; *Revistas dos defuntos*; *Nova Sapho*; *Romance semanal*; *Revista Shimmy – RJ*; *Revista Número*; *Álbum do Shimmy*; *Artur Azevedo*; *Carlos Gomes: brasileiro e patriota (1836-1896)*; *Nísia Floresta: 1810-1885: a vida e a obra de uma grande educadora, precursora do abolicionismo, da República e da emancipação da mulher no Brasil*. Essas três últimas foram produzidas por Roberto Seidl que, supomos, seria escritor e um dos editores da Imprensa Moderna S.A., além de Raul Seidl, que provavelmente teria parentesco com ele, irmão ou primo.

Mariana Coelho tinha noção de oportunidade e já havia assinalado em várias ocasiões, em cartas enviadas a Bertha Lutz, que considerava determinados momentos mais adequados para publicação da obra: “Lamento ter de esperar um pouco, porque o momento atual, para a publicação do livro, é de toda a oportunidade” (Coelho, 21/01/1925); “Que momento ótimo este agora para a publicação do livro!”

(Coelho, 17/09/1925); “Vamos a ver se a resposta virá lisonjeira, pois o momento é oportuníssimo não lhe parece?” (Coelho, 08/09/1926). Essa expectativa refletia o momento histórico vivido por elas, permeado pela votação de projetos de interesse feminino e pela promoção de eventos ligados ao movimento feminista.

Como as cartas não revelaram como se deu a escolha e o aceite da obra de Mariana Coelho pela Imprensa Moderna, podemos supor que o fato de a editora estar publicando uma obra sobre Nísia Floresta, potiguar feminista, nascida em Natal, com biografia escrita por um dos prováveis editores proprietários da Imprensa Moderna, pode ter aberto portas para a obra de Mariana Coelho – que pode ter chegado à editora através da indicação de Bertha Lutz. Segundo Barreto Filho e Lima (1942, p. 154),

O nome de Nísia Floresta estava injustamente esquecido. Foi o abalizado professor Roberto Seidl quem, em 1933, publicando bem documentada biografia da eminente brasileira, chamou a atenção da nossa geração para a vida e obra da ilustre educadora e socióloga”.

Pelo teor da obra de Mariana Coelho, acreditamos que foi esse momento oportuno para a publicação da obra, no mesmo ano de 1933.

Seguindo com a apresentação da obra de Mariana Coelho, analisaremos o índice, que está inserido ao final do livro. A divisão dos capítulos – que integram o índice na primeira edição e o sumário na segunda –, também foi um item discutido com Bertha Lutz, através da troca de cartas. Em 21 de janeiro de 1925, Mariana Coelho escreveu:

[...] Confio-lhe aqui a divisão das diversas partes do texto do livro.
E não a importuno mais. Dei-lhe grande maçada⁴⁰, porque julgo trocar ideias com uma irmã – que realmente o é sexual e espiritual.
Aqui fico ao seu dispor a ded^a admiradora e obgm^a
Collega

Mariana Coelho

Capítulos do meu livro intitulado: “A evolução do feminismo - Subsídios para a sua história”

- 1 Introdução
- 2 Emancipação Feminina
- 3 A Mulher na Religião – a sua tradicional servitude.
- 4 O Civismo da Mulher na Guerra
- 5 A Mulher na Política e na Burocracia

⁴⁰ Esta palavra de início causou certo estranhamento, mas depois compreendemos que Mariana Coelho quis dizer que já havia escrito um grande maço de folhas, uma maçada de folhas.

6 A Mulher nas Ciências, nas Artes e nas Letras.
7 A Mulher no Amor

Curitiba – 1925

M. Coelho (Coelho, 21/01/1925).

Sobre os temas tratados por Mariana Coelho em sua obra, em carta do dia 12 de fevereiro de 1925, Bertha Lutz contestou alguns pontos que julgava polêmicos, como o assunto dos afetos e da religião (Lutz, 12/02/1925). Mariana Coelho, em correspondência de 19 de março de 1925, se justifica dizendo que eles não tinham o sentido temido por Bertha Lutz, tranquilizando a colega (Coelho, 19/03/1925).

O que percebemos na comparação, entre o que foi enviado em carta por Mariana Coelho a Bertha Lutz e o que foi de fato publicado, é que houve mudanças. Uma no que se refere ao item 3, que perdeu parte do seu título, ficando apenas “A mulher na religião”. No item 5, houve a substituição do termo “burocracia” pela palavra “administração”. O acréscimo de mais um item, “A acção da mulher na imprensa” e a mudança no título do último item, publicado como “A mulher nas diversas modalidades do amor”.

FIGURA 24 - ÍNDICE DA 1ª EDIÇÃO DE 1933 DE *A EVOLUÇÃO DO FEMINISMO*

ÍNDICE	
DEDICATÓRIA	5
CARTA DE ROCHA POMBO	7
CARTA DE DARIO VELLOZO	9
INTRODUÇÃO	11
EMANCIPAÇÃO FEMININA	25
A MULHER NA RELIGIÃO	48
O CIVISMO DA MULHER NA GUERRA	81
A MULHER NA POLITICA E NA ADMNIS- TRAÇÃO	154
A MULHER NAS SCIENCIAS, NAS ARTES E NAS LETRAS	418
A ACCÃO DA MULHER NA IMPRENSA ...	535
A MULHER NAS DIVERSAS MODALIDA- DES DO AMOR	547

Impresso nas
officinas graphicas da
IMPRENSA MODERNA
em
MCMXXXIII

FONTE: A autora (2023).

Essas mudanças ocorreram a partir dos questionamentos apontados por Bertha Lutz, os da carta de 12 de fevereiro de 1925 e do dia 1º de novembro de 1925, onde esta questionou a palavra “burocracia”:

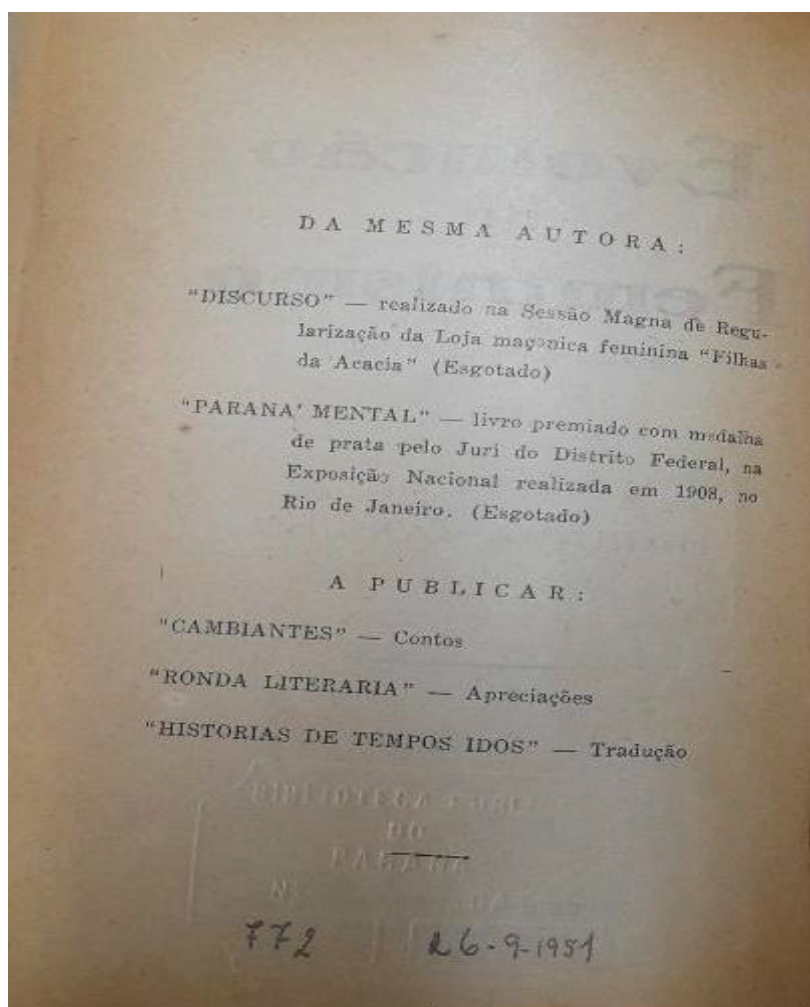
“[...] desculpas de não me ater a minha saúde permitindo dar um cumprimento mais completo a seu honroso convite de ler e expressar-me sobre o seu belíssimo capítulo “A Mulher na Política e na Burocracia”. Não quer dizer Política e Administração?” (Lutz, 1º/11/1925).

Essas observações fizeram com que Mariana Coelho repensasse a composição dos seus capítulos, conforme demonstra em resposta a Bertha Lutz:

Tomo em consideração todas as suas reflexões cujos assuntos modificarei – sem contudo omitir os fatos, porque a história o não permite, não é verdade? Efetivamente acho preferível a palavra - administração – aquela outra que grafei – burocracia. Administração abrange melhor todos os empregos (Coelho, 22/11/1925, grifo da autora).

Na continuidade da apresentação da primeira edição de 1933, no verso da folha de rosto, como estratégia para dar credibilidade à obra, foram apresentadas as duas já publicadas de Mariana Coelho: *Discurso*, de 1902, e *Paraná mental*, de 1908, ambos com exemplares esgotados, segundo o livro. Essa informação era uma estratégia de divulgação, pois transmitia a ideia de que esta obra seria de qualidade, porque as demais se encontravam esgotadas. Nessa mesma página, anuncia outras três obras a serem publicadas: *Cambiantes*, publicado em 1940, e *Ronda literária* (apreciação) e *Histórias de tempos idos* (tradução), que não chegaram a ser publicadas.

FIGURA 25 - VERSO DA FOLHA DE ROSTO DA EDIÇÃO DE 1933 DE *A EVOLUÇÃO DO FEMINISMO*



FONTE: A autora (2023).

Sobre estas duas últimas, não encontramos informação que nos levasse ao paradeiro dos originais pois, se o livro indica a intenção de publicação dessas obras, provavelmente elas já estavam prontas, ou quase prontas. *Histórias de tempos idos*, acreditamos ser a tradução da obra de Charles Perrault, editado em 1697, uma coletânea de histórias como: Chapeuzinho Vermelho, A Bela Adormecida, Cinderela, entre outras.

3.2 AS TROCAS INTELECTUAIS NA ESCRITA DA OBRA ATRAVÉS DAS CARTAS

As cartas se fizeram presentes não apenas no processo de elaboração, mas no próprio livro como produto acabado. Aparecem nas primeiras páginas de *A evolução do feminismo* duas que, conforme já mencionamos, têm um caráter diferente das missivas íntimas nas quais aspectos da obra e de sua publicação eram debatidos. São cartas escritas para publicação, com fins de referendar a obra. Na página 7 da edição de 1933, 25 da edição de 2002⁴¹, Mariana Coelho publicou a carta-prefácio escrita em 15 de julho de 1927 por Rocha Pombo. Eis o que escreveu ele:

Rio, 15 de julho de 1927

Exma. Sra D. Mariana Coelho

Apresento a V. Ex^a. as minhas respeitadas saudações, e peço licença para estas linhas com que não quero perder mais este ensejo de manifestar-lhe a velha estima em que tenho e sempre tive o seu nobre espírito.

Acabo de ler os originais do livro que vai publicar sob o título de *Evolução do Feminismo*. Não me limitei a tomar-lhe as proporções: li integralmente todos os capítulos; e não posso reprimir a minha satisfação ao reconhecer o valor desta obra, em que V. Ex^a. revela ainda uma vez as suas qualidades de escritora, a sua vasta erudição histórica, e a segurança com que versou o seu assunto. Julgo que é este um trabalho que tem de ficar em nossa história literária. Se me obrigassem a destacar os capítulos que mais interessantes me parecem, dir-lhe-ia que todos me agradaram, e que mais me fizeram vibrar o 4º, o 6º, e o 8º. O 4º, sobretudo, levou-me, de comoção em comoção, até aquela sentença admirável – “A humanidade só progride pelo martírio”. Todo o seu livro é novo e empolgante. Lamento que só tivesse comigo os originais por 24 horas; pois desejaria meditá-lo com mais tento. – No capítulo final, ainda V. Ex^a. se despede do leitor com o sábio conceito de Mantegazza: “Ser feliz, eis o primeiro pensamento do homem; fazer felizes os outros é o pensamento da mulher”, creio que aí está, como num símbolo, toda a grandeza da tese que V. Ex^a. lança e ilustra com tanta galhardia.

Peço-lhe que me perdoe estas expansões, e acredite que estou ufano de ter mais este motivo para a alta admiração em que tem o ser espírito o

De V. Ex.^a

Humilde criado e respeitador
ROCHA POMBO

Nas páginas seguintes, mais uma carta auxiliou no processo de apresentação do trabalho de Mariana Coelho, agora escrita por Dario Vellozo:

Retiro Saudoso, 24 de julho de 1926.

Caríssima Amiga D. Mariana Coelho

⁴¹ A partir daqui, para facilitar a leitura, quando na citação de trechos de *A evolução do feminismo*, iremos nos referir sempre à paginação da segunda edição, de 2002.

Saudações afetuosas.

Fiz de seu livro a primeira leitura, e apresso-lhe, em estas linhas, o conhecer de meu pensar a respeito.

É o criterioso e valioso labor de uma existência, consagrada honestamente ao trabalho e ao estudo.

Publicado, prestaria admirável serviço à causa liberal, pelos conceitos emitidos, pelo conjunto de assuntos tratados com largueza, elevação e sinceridade.

Não conheço, no gênero, obra tão completa, de tão rica documentação.

Quem a imprimisse e vulgarizasse, renderia, além de um preito a seu talento e esforço, nobre auxílio à causa magnânima da emancipação do espírito humano.

O mérito de quem a pudesse publicar se realçaria à luz da própria obra.

Se me fora possível, fa-lo-ia prazenteiro.

É por si suficiente para salvar do olvido o nome do autor e realçar o da família.

Parabéns a si e aos seus!

Seu livro, como as obras dos escritores gregos, tem a mais o mérito de haver sido longamente pensado. Fruto de anos de pacientes pesquisas, exigiu ainda numerosas cartas de informações, toda uma correspondência intensa que a relacionou com o alto mundo feminista, e despertou em dezenas de pessoas o desejo de conhecer seu trabalho.

Faço votos para que os deuses, bem avaliando que seu bom livro é o coroamento de toda uma existência de dedicação aos seus e de altruísmo para com todos, lhe permitam ver publicada sua obra, e aproveitado pelo mundo pensante o tesouro de ideias, ensinamentos e fatos que representa.

Aceite, com a expressão de meus aplausos, o testemunho de minha admiração e respeito.

DARIO VELLOZO

Dario Vellozo reforçou, por meio de sua carta-prefácio, o que já se sabia: a obra de Mariana Coelho resultou de anos de dedicação e foi construída a partir de extensa troca de correspondências com figuras do movimento feminista. Esse processo conferiu à obra o reconhecimento e a credibilidade que perduram até hoje.

Mariana Coelho, através da inserção destas duas cartas tinha determinadas intenções. Utilizando-se da notoriedade de Rocha Pombo e de Dario Vellozo, almejava maior reconhecimento e maior atenção para a sua obra, portanto, essas cartas foram escritas com o propósito particular de prefaciá-lo livro. Tomé e Campos (2023, p. 4) destacam, no artigo *Mariana Coelho: O uso do prefácio como estratégia de legitimação de sua trajetória*, que “o prefácio foi um recurso utilizado, seja consciente ou não, para ser aceita e reconhecida entre suas confeitras e seus confrades”. Utilizou-os “como estratégia para divulgação de seu nome, ampliação da sua rede de sociabilidade em nível nacional, inserção, aceitação e grau de pertencimento ao grupo de intelectuais” (Ibidem, p. 14).

Nos intriga compreender por que Rocha Pombo e Dario Vellozo foram os prefaciadores. Em carta endereçada a Bertha Lutz, escrita no dia 22 de novembro de

1925, entre outros assuntos, Mariana Coelho faz o convite para que ela prefaciasse o livro que estava a escrever:

[...] seria para mim uma honra muito maior se quisesse prefaciarme o livro que, por todos os motivos, deve considerar-se nosso, não é? Seja a minha gentil amiga o meu Cirineu – já que as circunstâncias nos colocaram, em tantos sentidos, tão próximas uma da outra [...] (Coelho, 22/11/1925, grifo da autora).

Sem retorno por parte de Bertha Lutz, Mariana Coelho volta a escrever em 12 de março de 1926, destacando novamente o convite do prefácio:

[...] E vamos, finalmente, ao principal: na carta que lhe fiz em 22 de novembro do ano findo, convidava-a de todo o coração a prefaciarme o livro; esse convite levava o beneplácito do desejo do meu querido irmãozinho falecido; contando-lhe eu o que ia escrever à prezada e distinta D. Berta, êle objectou: “E diz-lhe que maior honra será se te quiser prefaciarmos o livro”. Sei que isto de prefácios não se usa mais; mas o caso deste livro é um caso excepcional, por todos os motivos. Nossa digna e comum amiga D. Ana de Castro Osorio já se ofereceu para fazer em Lisboa a respectiva propaganda; em S. Paulo também conto para tal fim, com uma distinta e sincera amiga; D. Berta, além de a promover no Rio, pode, por intermédio das directoras da “União Pan-Americana de Mulheres”, promover-la na América latina – pois que, além do interesse que nisso elas devem ter, a língua portuguesa e espanhola é quase a mesma coisa. Ora, na situação em que nos encontramos, e dado o assunto do livro, parece que um prefácio seu que signifique uma apresentação do mesmo (do livro), é indispensável; não concorda? Depois, tanto a propaganda em que lhe falo como o aludido prefacio, muito encorajarão o editor que se prontificar a editá-lo por conta própria. Não posso, porém, tratar de ultimar os meus trabalhos nem de procurar editor, enquanto não possuir as provas que me certifiquem o que almejo – com o que a nossa causa certamente lucrará (Coelho, 12/03/1926).

Assim como apreciaram Tomé e Campos (2023) sobre as intenções de Mariana Coelho nas cartas-prefácio de Rocha Pombo e Dario Vellozo – que vieram depois do convite à Bertha Lutz –, ela revelou nesta carta que o prefácio de Bertha Lutz também seria uma estratégia, neste caso para conseguir do editor a edição do livro e não precisar custeá-lo do próprio bolso. A credibilidade e importância de que Bertha Lutz gozava pela causa feminista e o patamar que ocupava perante a elite intelectual a nível nacional e internacional seriam perfeitos para reforçar tal desejo.

Bertha Lutz respondeu de forma positiva somente em 20 de maio de 1926, relatando que teria passado algum tempo doente. Assim escreveu ela: “Gostosamente escreverei um prefácio, desvanecida pela honra que me faz, solicitando a minha colaboração despretensiosa e desnecessária na sua obra tão completa por si”. As tratativas do prefácio não se esgotaram por aqui; em 24 de março de 1927 Mariana

Coelho voltou a escrever a Bertha Lutz dizendo que, se ela tivesse a intenção de se ausentar do Rio, seria oportuno que, entre junho e julho, deixasse o prefácio pronto. Em 26 de maio de 1928 escreveu, cobrando novamente pelo prefácio:

[...] Agora quanto ao seu prometido prefácio – que muito aprecio – D. Bertha pode remetê-lo diretamente ao meu distinto amigo Dr. Rocha Pombo, cuja residência actual é a seguinte: Rua Vinte Quatro de Maio – 251. Isto no caso de que D. Bertha pela sua bondade se não tenha arrependido da respectiva promessa. O editor espera a todo o momento a minha remessa dos originais [...] (Coelho, 26/05/1928).

O conteúdo das cartas não deixa dúvida de que a intenção de Mariana Coelho era que o prefácio fosse escrito por Bertha Lutz. Mas a obra foi publicada sem ele. As cartas às quais por agora tivemos acesso não trazem uma resposta exata sobre o que aconteceu: não sabemos se Bertha Lutz não escreveu, se desistiu, se escreveu e os escritos se perderam. Entretanto, Mariana Coelho deixa no ar a insinuação demonstrada através da frase: “se não tenha arrependido da respectiva promessa”, possivelmente provocada pela demora na entrega do texto. A frase seguinte reforça a ideia de que a obra já estava pronta há algum tempo e que só se precisava do prefácio de Bertha Lutz: “O editor espera a todo o momento a minha remessa dos originais”. A frase demonstra que ela estava ansiosa, com razão, colocando um certo tom de exigência.

Conforme destacamos, o pedido foi feito em 1925 e em 1928 ainda não havia sinalização de envio do prefácio. Em 9 de abril de 1929, Bertha Lutz voltou a escrever para Mariana Coelho, justificando que teria demorado a responder porque estava aguardando alguns retalhos de jornais e um livro sobre feminismo, os quais enviaria juntamente com a carta. Não pudemos ter certeza se esta estaria respondendo à correspondência de maio de 1925, ou se houve outras nesse tempo que não foram encontradas em nossas pesquisas e que pudessem responder à dúvida que tanto nos intriga sobre as razões de Bertha Lutz para não ter escrito o prefácio. Nas cartas seguintes não há menção sobre esse tema, o que reforça a nossa suspeita de que a situação teria se resolvido no período de maio de 1928 a setembro de 1929.

As cartas que Mariana Coelho trocou mostram outros detalhes da escrita de *A evolução do feminismo*, revelando as fontes de uma boa parte das informações contidas no livro. Na primeira enviada a Bertha Lutz, de 2 de janeiro de 1923, Mariana Coelho pergunta:

“[...] o que ficou resolvido na conferência há pouco realizada no Rio – cuja comissão transcrevi, e deixar-me que de mais importante se passou na conferência de Baltimore. Também muito me convém saber quais as normas femininas mais em evidência no feminismo brasileiro” (Coelho, 02/01/1923).

Sobre a conferência realizada no Rio de Janeiro, Mariana Coelho referia-se à 1ª Conferência pelo Progresso Feminino, acontecida entre 19 e 23 de dezembro de 1922, no edifício Silogeu, do Instituto dos Advogados, centro do Rio de Janeiro e em Petrópolis.

FIGURA 26 - 1ª CONFERÊNCIA PELO PROGRESSO FEMININO REALIZADA NO RIO DE JANEIRO



Fonte: Brasileira Fotográfica Digital – Arquivo Nacional.

Nesse momento, Mariana Coelho, ao que tudo indica, já havia escrito os três primeiros capítulos de *A evolução do feminismo* e estava elaborando o quarto, *A mulher na política e na administração*, que então ainda tinha o título de *A mulher na política e na burocracia*. Como tratamos anteriormente, Mariana Coelho mudou o nome por sugestão de Bertha Lutz. Como as cartas não revelaram tantas informações acerca dos conteúdos destes primeiros capítulos, supomos que o auxílio iniciou a partir da escrita do quarto e que Mariana Coelho já estava trabalhando no livro antes de 1923.

Mariana Coelho foi muito assertiva em buscar a ajuda de Bertha Lutz; ela mesmo disse em carta enviada para ela em 23 de março de 1924, que “[...] a imprensa

de Curitiba raras vezes se ocupa com estas finalidades... [...]” (Coelho, 23/03/1924, grifo da autora), ou seja, nem sempre as informações buscadas por Mariana Coelho eram noticiadas na imprensa paranaense, dificultando muito o seu trabalho. Bertha Lutz era muito ativa e estava por dentro do que acontecia no Brasil e no mundo no que se refere ao feminismo. Tinha, portanto, grande potencial de ajuda para Mariana Coelho. Lutz demorou a responder; escreveu em 25 de fevereiro de 1924 justificando que a demora se deu porque teria “[...] estado ausente uma grande parte do ano representando o Brasil no Congresso de Roma e em missão do Ministério da Agricultura etc. [...]” (Lutz, 25/02/2024). Mariana Coelho, em 23 de março de 1924, respondeu radiante pelo retorno de Bertha: “[...] A distinta escritora e minha amiga Anna de Castro Osório disse-me de S. Paulo que D. Bertha me ia escrever. Em face, porém, do seu longo silêncio, eu já estava desanimada! Por isso pode VE^a fazer ideia da consolação que sua gentil missiva me trouxe [...]” (Coelho, 23/03/1924).

O pedido de Mariana Coelho foi atendido, conforme ela mesma agradeceu em carta datada de 17 de novembro de 1924: “[...] Recebi, oportunamente, sua gentil cartinha e apontamentos de jornais e tudo muito lhe agradeço [...]”. Embora não tenhamos localizado a carta mencionada, tal fato é comprovado pelos trechos incorporados posteriormente ao livro. Na página 168 podemos ver que Mariana Coelho incluiu dados sobre a 1ª Conferência pelo Progresso Feminino, onde relatou quando e onde ocorreu e quem esteve presente. Destacou os nomes brasileiros e estrangeiros que participaram – que as colocavam a par de tudo –, como o de Carrie Chapman Catt⁴². Explicou os principais assuntos discutidos e informou que o evento foi promovido e presidido por Bertha Lutz, a quem chamou de “[...] a líder do feminismo brasileiro [...]” (Coelho, 1933, p. 168). O relato se estendeu até a página 170.

O outro evento citado por Mariana Coelho na primeira carta de 23 de março de 1924 foi a Convenção Feminista Pan-Americana, realizada em Baltimore, estado de Maryland nos Estados Unidos, entre 20 e 22 de abril de 1922, também incluída no livro. Da página 129 a 132, Mariana Coelho descreveu detalhes sobre o evento convocado pela Liga Nacional de Mulheres Eleitoras, onde participaram cerca de 200

⁴² Carrie Clinton Lane Chapman Catt (1859-1947): “foi uma sufragista e ativista pela paz que ajudou a garantir às mulheres americanas o direito de votar. Ela dirigiu a National American Woman Suffrage Association (NAWSA) e fundou a League of Women Voters (1920) para trazer as mulheres para o mainstream político” (Michals, 2015, não p.).

delegadas e vinte e duas das vinte e quatro nações convidadas. O livro ainda destacou que a conferência contou com a presença de diversas mulheres notáveis: Miss Grace Abbot foi responsável por dirigir os trabalhos sobre a proteção da criança, enquanto Miss Mary Anderson presidiu a sessão dedicada às mulheres nas indústrias. A Dra. Valeria Parker abordou as estratégias para o combate ao tráfico de mulheres e Miss Julia Abbot tratou das questões relacionadas ao ensino. O estatuto político e civil das mulheres foi discutido por Mrs. Mabel Walker Willebrandt e Mrs. Carrie Chapman Catt. Representando o Brasil, destacou-se a presença de Bertha Lutz como enviada oficial.

Na sequência da obra, Mariana Coelho relatou outros eventos feministas, o que evidencia o importante auxílio de Bertha Lutz na construção do livro. Em muitos desses acontecimentos, Lutz esteve diretamente envolvida ou manteve-se atenta às notícias publicadas em periódicos. Além disso, sua ampla rede de sociabilidades, construída a partir dessas participações em nível nacional e internacional, permitia-lhe acompanhar os eventos e promover a circulação de ideias para além daqueles encontros.

Um dos eventos que aparecem no livro ocorreu posteriormente à época da escrita do quarto capítulo, a Conferência do Desarmamento Naval, realizada em Londres em 1930, o que demonstra que Mariana Coelho foi atualizando posteriormente o capítulo. Enviou-o datilografado a Bertha Lutz, pronto, junto à carta escrita em 15 de setembro de 1925, mencionando constantes atualizações:

Finalmente! Terminei ontem à noite a cópia, à máquina do capítulo “A mulher na Política e na Burocracia”. Imagine: quase só de noite podia dedicar-me a este serviço – e sendo eu muito míope e distraída, forçosamente errava bastante; ficava contrariada... enfim, seja tudo por amor à nossa sublime causa.

Amanhã registrarei o manuscrito no correio. Incluso lhe remeto uma indicação para lhe facilitar a leitura e apreciação com toda a calma. Já depois da cópia realizada a imprensa publicou notícias interessantes, tanto estas como as que D. Bertha ultimamente me tem fornecido, incluí-las depois nos respectivos lugares. Terei de fazer, neste capítulo, algumas modificações, em alguns pontos aumentar, noutros talvez diminuir, noutros suprimir etc. (Coelho, 15/09/1925).

Em carta do dia 23 de março de 1924, Mariana Coelho reforça que o capítulo quatro já estava pronto para ser enviado a Bertha Lutz:

E quanto ao movimento feminista mundial, e respectivas concessões, acho mais simples remeter a VS^a devidamente registradas, as cento e tantas tiras

do aludido capítulo, a vistas das quais lhes será mais fácil, e para mim de mais seguro resultado, acrescentar aos meus apontamentos o que for necessário, em face dos países indicados, e corrigir aqueles que por ventura possam apresentar alguma irregularidade na verdade dos fatos. Sei que isto lhe vai dar um pouco de trabalhinho, mas estou certa de que VS^a de bom grado se sacrificará em prol da nossa vasta e justa causa, não é verdade? Espero, pois, a sua precisa autorização para lhe remeter os apontamentos acima referidos (Coelho, 23/03/1924).

A correspondência evidencia não apenas o comprometimento de Mariana Coelho com a construção criteriosa de seu manuscrito, mas também a sua inserção na rede de mulheres intelectuais e ativistas latino-americanas em nome da sempre evocada causa feminista. Meses depois, em 18 de novembro de 1924, em nova carta enviada a Bertha Lutz, Mariana mencionou seu contato com a uruguaia Paulina Luisi, destacando sua surpresa com a situação do sufrágio no país vizinho:

Recebi também, há tempos, uma carta de Dra. Paulina Luisi, do Uruguai, quando em viagem para a Sociedade da Nações; fiquei amargamente surpreendida sabendo, por esta carta, que as mulheres do Uruguai, apesar de todos os esforços - inclusive do presidente Baltasar Brum, ainda não exerceram o direito do voto!

Parece é misto de fatos incontestáveis, que a única exceção entre os países latinos é a Espanha! E no momento não me lembro de mais nada que precisa expor-lhe (Coelho, 18/11/1924).

Mariana Coelho sinalizou nesta carta a relação que estabelecia com a Dra. Paulina Luisi do Uruguai – médica, educadora e socióloga.⁴³ Apesar de não encontrarmos carta que possa ter sido recebida ou endereçada a ela, nem outra em que se cite Paulina Luisi, através das menções ao Uruguai e a Paulina Luisi no livro, pudemos compreender que eram correspondentes. Detalhes de como se organizava o feminismo no Uruguai podem ser lidos nas páginas 142 a 146 do capítulo quatro, *A mulher na política e na administração*, e na página 340 do capítulo cinco, *A mulher nas ciências, nas artes e nas letras*.

⁴³ “Paulina Luisi nasceu na Argentina, em 1875, e mudou-se para o Uruguai ainda muito pequena com sua família. Seus pais, Maria Teresa Janicki e Angel Luisi Pisano, eram imigrantes europeus, trabalhadores e educadores de pensamento bastante liberal, o que marca a trajetória dos oito filhos, que foram estimulados a estudar tendo alguma de suas moças optado por carreiras acadêmicas: Paulina formou-se como a primeira médica na Faculdade de Medicina do Uruguai em 1908, Luisa tornou-se poeta e pedagoga, Clotilde tornou-se a primeira advogada a se formar na Universidade da República e Inês também foi médica com sólida carreira. Paulina, assim como sua mãe e irmãs, era uma sufragista, militante feminista e defensora da laicidade como princípio democrático. Sendo ginecologista e envolvida com a causa da profilaxia das doenças venéreas como forma de cuidado para com a saúde de mulheres e crianças, ela criticará com vigor a religiosidade e sua interferência sobre a educação sexual” (Bueno; Cordeiro, 2019, p. 11). Faleceu em 1949 em Montevideu, Uruguai.

FIGURA 27 - PAULINA LUISI



Fonte: Site Club Córdum.

No capítulo quatro, Mariana Coelho descreveu como ocorriam os trâmites acerca dos direitos feministas no Uruguai, os eventos ocorridos, a atuação do presidente Dr. Baltazar Brum⁴⁴ em prol do feminismo e o envio de projetos às Câmaras⁴⁵. Cita os que não foram aprovados, bem como as vitórias. Na página 143 escreveu: “[...] Em 1921, este digno Presidente enviou um projeto de lei à Câmara dos Deputados, em que defendia e reclamava o voto político para a mulher – que foi unanimemente aprovado [...]” (Coelho, 1933, p.143). Mariana Coelho cita as menções de aplausos recebidos pelo feito, como o telegrama enviado ao presidente do Uruguai pela Liga pela Emancipação Intelectual da Mulher do Rio de Janeiro, fundada por Bertha Lutz. Conforme o trecho do livro, o direito teria sido conquistado em 1921, entretanto, na carta mencionada acima, Mariana Coelho relatou que, por correspondência⁴⁶, Paulina Luisi lhe informara que as mulheres ainda não tinham exercido o voto. O exercício do voto feminino no Uruguai não entrou no livro, nem teria como, pois, ainda que regulamentado em 1932, as mulheres só votaram de fato nas eleições nacionais de 1938, 17 anos depois da aprovação da Câmara.

Sobre o Uruguai, Mariana Coelho destacou ainda vários nomes femininos a ocuparem funções administrativas, como o de “Maria Luisa Federici, uma das

⁴⁴ Citado no livro como ex-presidente, porque quando escreveu já havia cumprido seu mandato (1919 a 1923).

⁴⁵ Câmara dos Deputados e Câmara dos Senadores.

⁴⁶ Que provavelmente foi escrita entre 1921 e 1924.

primeiras graduadas de ‘contadora pública’ e ‘perita mercantil’. [...] A Dra. Aurora Curbelo Larrosa foi designada médica assistente da Maternidade” (Coelho, 1933, p. 144).

Na menção ao Uruguai na página 340 do capítulo que trata das mulheres nas ciências, nas artes e nas letras, Mariana Coelho destacou nas ciências a Dra. Paulina Luisi e a Dra. Inês Luisi (irmã). Nas artes, informou que havia uma orquestra no Uruguai regida por uma compositora, a Sra. Elisabeth S. de Michaelson Pacheco; na poesia, Luisa Luisi (irmã), Joana de Ibarbourou e a escritora Joana Lopes Carrilho.

Essas informações não seriam de tão fácil acesso, se pensarmos nos recursos que Mariana Coelho dispunha na época. Foi, portanto, de crucial importância esta intensa rede de sociabilidades mantida por ela pois, segundo afirmou, nem sempre os jornais traziam as notícias e nem mesmo os fatos e datas corretos. Conforme carta escrita por ela:

O livro sobre o voto feminino da acadêmica de S. Paulo – que VS^a me indicou, ainda não achei, e tinha nele empenho somente para poder indicar, oportunamente, os debates na Constituinte – visto que, em face de D. Bertha me dizer que o “Le suffrage des femmes in pratique” estava errado na parte relativa ao Brasil, não posso guiar-me por ele (Coelho, 29/12/1924).

Não era qualquer pessoa que poderia perceber tais erros; era necessário contar com uma rede de estudiosas e militantes do seu grupo de luta, localizadas em diversos lugares do Brasil e do mundo, participantes ativas dos movimentos feministas, para a obtenção de informações corretas. Nada melhor que descrever os fatos a partir dos relatos das próprias protagonistas.

[...] Como VS^a Sabe, muitas vezes acontece que a mesma notícia publicada pelo telegrafo ou em chronicas, traz datas diferentes. E como o nome de VS^a é muitíssimo saliente em feminismo e inteligência, há muito resolvi escrever-lhe para me auxiliar nesta para mim difícil tarefa [...] (Coelho, 23/03/1924).

A extensa carta enviada por Bertha Lutz a Mariana Coelho em 9 de janeiro de 1925, datilografada em duas folhas inteiras, traz informações sobre a eleição da diretoria da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, como também fornece outras informações importantes, as quais Mariana Coelho incluiu no livro, que iremos analisar por partes. A primeira delas era a de um projeto enviado pelo deputado Basílio de Magalhães sobre a necessidade da autorização do marido para que a mulher casada pudesse votar:

O que há de mais novo é um projecto de voto do Deputado Basilio de Magalhaes, porém com uma restrição muito contraria as actuaes ideas das mulheres feministas, a de solicitar a necessidade da autorização do marido para a mulher casada votar, inútil dizer que é uma restrição com a qual não podemos nem devemos concordar.

Vou lhe enviar a carta que endereçamos ao ilustre autor do projecto publicada na noite de 1 de Janeiro. É preferível o Projeto Lamartine já existente pois concede o voto nos termos da Constituição, único critério viável (Lutz, 09/01/1925).

É claro que Mariana Coelho, em se tratando de uma obra que tinha por objetivo descrever a evolução do feminismo, não deixaria de fora esta informação, e a insere nas páginas 163 e 164, quando fala dos direitos políticos no Brasil, sucedidos, em alguns trechos, por comentários seus, colocados entre parênteses.

Em novembro de 1924 o deputado por Minas Gerais Dr. Basílio Magalhães, apresentou à Câmara o seguinte projeto no qual concede o voto feminino da forma que segue:

“O Congresso Nacional decreta:

Art. 1 – Pode a mulher inscrever-se no alistamento eleitoral, mediante as condições seguintes:

- I) ser brasileira nata ou naturalizada;
- II) ter mais de 21 anos de idade;
- III) saber ler, escrever e contar;
- IV) consentir o marido, se casada não desquitada. (Vê-se bem que o projeto obedece à preocupação da secular supremacia marital napoleônica...);
- V) dispor de renda que lhe assegure a subsistência, quando solteira, viúva ou casada desquitada.
- VI) não pertencer a qualquer ordem monástica congregação religiosa ou comunidade civil, sujeita a voto de obediência, regra, estatuto, que implique a renúncia da liberdade individual”.

(Achamos neste parágrafo em flagrante contradição com o IV).

“Art. II – Uma vez alistada nos termos do artigo primeiro, e observadas as disposições dos arts. 26, 41 e respectivos parágrafos da Constituição, pode a mulher ser eleitora, quer para exercer presidência ou vice-presidência da República, quer para desempenhar o mandato de deputado ou senador do Congresso Nacional.

Art. III – Revogam-se as disposições em contrário” (Coelho, 2002a, p. 163-164).⁴⁷

Na continuidade, Mariana Coelho relatou que a diretoria da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, em forma de protesto, enviou mensagem ao deputado Basílio de Magalhães, alegando inconstitucionalidade da exigência de

⁴⁷ As aspas foram colocadas nos mesmos locais em que aparecem no livro.

autorização do marido para o alistamento eleitoral da mulher casada. Mariana Coelho, partilhando da mesma opinião, escreve: “Nós qualificamos uma concessão destas – de liberdade amordaçada... fato consequente, talvez, da influência que nitidiza a cediça obediência ao marido” (Coelho, 2002a, p. 164).

Em seu livro, entre as páginas 164 e 167, Mariana Coelho incluiu na íntegra o conteúdo da carta enviada pela Federação Brasileira pelo Progresso Feminino – FBPF a Basilio Magalhães, denominando-a de “memorial”. Ela havia sido citada por Bertha Lutz em correspondência do dia 9 de janeiro de 1925, quando esta também informou ter lhe enviado cópia. O documento articula a opinião da FBPF, amparando-a com outras opiniões convergentes – como a do senhor Lauro Müller⁴⁸ e a do Instituto dos Advogados Brasileiros –, citando também opiniões a favor do voto feminino de representantes de outros países, como a do Dr. Baltazar Brum do Uruguai e a do primeiro chefe de estado dos Estados Unidos, Thomas Woodrow Wilson. Além disso, destaca a posição do voto feminino em diversos países. A FBPF defendeu no memorial que “A mulher deve orientar a sua conduta política por si própria, conduzindo-se pelo seu próprio cérebro, tendo uma noção sua dos deveres a compor para com a Pátria” (Coelho, 2002a, p. 166).

Continuando a carta do dia 9 de janeiro de 1925, Bertha Lutz escreveu a Mariana Coelho:

Na Hespanha o voto é municipal. Existem mulheres intendentess e prefeitas. As casadas que não têm bens próprios estão excluídas.
Na Italia, idem, mas ao que parece está pela tyrania do governo, sendo abolido o voto municipal e toda a significação do suffragio popular. Na Grecia é impossível seguir a marcha dos acontecimentos, devido à queda e ao surgimento sucessivo de governos contraditórios.
Na França, o projecto do Senado de 1922, cahio por 13 votos. Deve estar em andamento na Camara novo projecto mas não tenho informação exacta. Póde escrever a Madame Suzanne Grinberg, rue Nollet, 17, Paris.
A Vice-Presidente Geral da União Interamericana, conforme consta da minha publicação, pag. 15 é Esther Neira de Calvo, do Panamá.
Sobre o Congresso do Conselho, só posso dizer o seguinte: o 1º foi em Washington. O último de 1924 também em Washington, (mas não alcançou grande êxito cá entre nós). Tente escrever a Miss Zimmern, Eureau Central, 25, Victoria Street, Londres, S.W. Inglaterra.
Infelizmente creio que o que diz do Mexico o “Suffrage Pratique”, terá um certo fundamento. Talvez será preferível não insistir (Lutz, 09/01/1925).

⁴⁸ Lauro Severiano Müller, nascido em Itajaí – SC em 1863, falecido no Rio de Janeiro – RJ em 1926, engenheiro, militar, governador/presidente de Santa Catarina, deputado federal, senador, Ministro das Relações Exteriores, Ministro da Indústria, Viação e Obras Públicas e membro da Academia Brasileira de Letras (Lauro Müller, 2024, não p.).

Este trecho é muito rico em informações e demonstra o quanto Bertha Lutz estava ciente dos acontecimentos feministas de diversas partes do mundo. Não só tinha conhecimento, como também tinha contatos estabelecidos nestes lugares, com endereços, que auxiliaram Mariana Coelho na escrita do livro.

No anexo I da carta de 1º de novembro de 1925, escrita por Bertha Lutz à Mariana Coelho, observamos as indicações que ela faz sobre pessoas com as quais esta poderia conseguir informações, além de endereços para enviar correspondências:

Anexo I

Creio que há alguma confusão quanto a enumeração e as organizações que promoveram estes Congressos. Devem existir duas séries – uma do Conselho Internacional de Mulheres, que começou nos Estados Unidos mas que hoje se acha ali substituído na sua eficiência por outras associações de propaganda mais propensista e ativa. – A outra da Aliança Internacional pelo Sufrágio Feminino. A terceira série ou União Interamericana de Mulheres está explicado no meu trabalho apresentado aqui em Julho deste ano que remeti. Para informações sobre os Congressos de Aliança, convém escrever a: Srs. Bompas, 11 Adam St. Adelphi Londres, e do Conselho a: Lady Aberdeen Cromar, Aberdeenshire, Scotland, Escócia (Lutz, 1º/11/1925).

Os trechos das cartas enviadas por Mariana Coelho a Bertha Lutz em 5 de junho de 1926 e em 8 de fevereiro de 1927 demonstram que as indicações de Bertha Lutz foram seguidas por Mariana Coelho, que estabeleceu contatos com pessoas fora do Brasil como Katherine Bompas, Lady Aberdeen, Suzanne Grinberg:

[...] Só regressarei depois de meados de julho. Entretanto chegará um livro que mandei vir de Londres por indicação de Mrs. Katherine Bompas, intitulado: "Woman in Science"; e chegará também a resposta de Mme Suzanne Grinberg – a quem escrevo nesta data. Escrevi segunda carta a Lady Aberdeen, e me respondeu muito gentilmente, lamentando que eu não recebesse a sua resposta à minha primeira carta. Só demorou mês e meio a ir a carta e a vir a resposta. Mandou-me uma porção de impressos relativos ao "International Council of Women". Agora a parte relativa aos Congressos está correcta (Coelho, 05/06/1926).

A carta seguinte ainda tratou dos contatos internacionais de Mariana Coelho, pelos quais provavelmente conseguiu dados acrescentados ao livro, tendo em vista que não tratou apenas da evolução do feminismo no Brasil, mas em diversos países, com informações não só da época da escrita, mas também anteriores.

Outro assunto – Pode-me dizer se Mrs Katherine Bompas ainda terá o Escritório na mesma rua, e mesmo número que D. Berta há tempos me indicou? Ela, na sua resposta à carta que lhe fiz, indicou-me o livro "Women

in Science” que muito me conviria (e nos conviria...) Em vista disto, o diretor da Livraria Mundial fez para Londres o pedido aos respectivos editores, por intermédio de uma Casa onde êle é freguês, porém, nunca obtivemos resposta! Em vista disto escrevi a Mrs. Katherine Bompas pedindo-lhe a remessa do livro e enviando-lhe, por intermédio do Banco de Londres a respectiva importância: 12 shillings e 6 pence. Isto já em meados de Outubro, e até hoje... nada! Nem livro, nem respostas, nem a devolução do dinheiro! Peço, pois, à querida amiga me ilucide para eu ver o que tenho a fazer. É de presumir que o endereço actual já não seja o mesmo. Estou impaciente! (Coelho, 08/02/1927).

Muitas informações que Mariana Coelho levou para o livro foram direcionadas de forma direta pelos dados fornecidos por Bertha Lutz, mas aparecem outros sobre a situação dos países citados na carta, o que indica que Mariana Coelho possivelmente se comunicou com os contatos de Lutz. Nas cartas, é possível ver comentários do tipo: “[...] Recebi, oportunamente, sua gentil cartinha e apontamentos de jornais e tudo muito lhe agradeço [...]” (Coelho, 17/11/1924, p. 1). “Aproveitei, pois, vários tópicos da representação, várias notícias eram novas para mim” (Coelho, 28/01/1925).

Em carta do dia 21 de janeiro de 1925, Mariana Coelho escreveu: “Vi na imprensa, e registrei”, comentários que acreditamos tratar-se de informação recebida via periódicos e registrada no livro em construção. Na mesma carta, Mariana Coelho expressou sua opinião sobre os assuntos tratados em correspondências anteriores com Bertha Lutz, como o projeto do deputado Basílio Magalhães sobre a autorização do marido para que a mulher pudesse votar. Pediu a Bertha Lutz que não o consentisse, perguntou sobre o estado que representava (Basílio Magalhães), falou sobre o voto feminino na Itália, sua ojeriza pelo Código de Napoleão e suas desconfianças em Mussolini. Falou também sobre a não viabilidade de se conceder apenas o voto às mulheres, pensava que também se deveria permitir, à eleitora, elegibilidade. Opinou sobre a questão da nacionalidade da mulher casada, sugerindo que seja a mulher a escolher entre a sua pátria e a do marido.

[...] Vi na imprensa, e registrei, o projeto do deputado Basílio Magalhães (de que Estado?) mas não tenho esperança na respectiva sanção. Também a dias o telégrafo nos scientificou de que na Itália caiu o voto feminino por absoluta maioria. (sic) Eu não tenho tido confiança nas promessas do mirabolante Mussolini...

Quanto a introdução da autorização do marido para que a mulher possa votar – não Consinta, D. Bertha, porque no caso afirmativo, ficariam as mulheres, em pleno século XX, presas a humilhação do Código de Napoleão - de horrorosa memória. Assim como também decretar somente o eleitorado pouco adianta; deverá ser conjuntamente concedida a eleitora elegibilidade. Creio que estamos de acordo, não é verdade? Não conheço o substituto do

deputado Juvenal Lamartine, deve conhece-lo. Recebi e li os Pareceres de maio e junho sobre a nacionalidade da mulher casada. Estou de acordo com a sua opinião: a mulher deverá escolher entre a sua e a pátria do marido. Sou solteira, mas faria tudo quanto eu pudesse pela emancipação de nosso sexo. Oh! Temos sofrido tanto!... [...] (Coelho, 21/01/1925).

Bertha Lutz respondeu às duas últimas cartas, de 6 de dezembro de 1924 e de 21 de janeiro de 1925, em 12 de fevereiro de 1925; no trecho a seguir respondeu parte das indagações de Mariana Coelho citadas acima:

Folgo muito em saber que concorda comigo quanto a arbitrariedade da autorização do marido para a mulher votar. Havemos e derrubar essa parte do projeto. O Deputado Basílio de Magalhães é mineiro. Também tenho muito prazer em ouvi-la sobre Mussolini. É uma figura anacrônica e perniciosa. Oxalá que termine brevemente o seu reino de terror na Itália (Lutz, 12/02/1925).

As cartas demonstram que Bertha Lutz também indicava livros que poderiam auxiliar Mariana na escrita de *A evolução do feminismo*, conforme podemos ver na carta do dia 17 de novembro de 1924, enviada por Mariana Coelho a Bertha Lutz.

[...] Relativamente aos livros indicados por VS^a – que muito auxiliariam as minhas respectivas intenções na laboração de meu livro, nem os achei nas livrarias daqui, nem nas do Rio e nem na biblioteca pública! O livro de Tobias Barreto “Menores e loucos”, nem nos advogados encontrei, infelizmente! Hoje escrevo ao distinto escritor Austregésilo (sem poder indicar no endereço, rua e nº...), pedindo-lhe um exemplar do “Perfil da mulher brasileira”. O livro que VS^a me enviou, sobre o sufrágio feminino, também muito me convém. Pelo que tenho visto na imprensa parece que as mulheres de Espanha já tem voto, pois tenho lido a respeito umas notícias pouco explícitas, peço a VS^a me elucide. Na Itália, nada ainda, só promessas! ... Na América do Norte foram eleitas 3 presidentes de Estados. É lógico. Pois a mulher pode ser regente de reinos e impérios, e não pode ser presidente de um estado ou um país!? Volto, pois, minha querida Bertha, à sua presença, para me elucidar nos progressos últimos do feminismo, pois quero agora nas férias terminar o meu trabalho. Oportunamente VS^a me há de indicar pessoas e coletividades a quem devo remeter o meu livro. E tenho muito mais fé no éxito sendo oferecido por intermédio de D. Bertha que, além da sua justificada competência, eu a considero leader da mulher no Brasil [...] (Coelho, 17/11/1924).

Ao reconhecer Bertha Lutz como “leader da mulher no Brasil”, Mariana Coelho não apenas manifesta admiração pessoal, mas aponta para o lugar de prestígio ocupado por Bertha no cenário feminista nacional. Sua posição familiar e profissional no Museu Nacional, como já mencionado, auxiliava Bertha a reunir credenciais que lhe conferiam autoridade intelectual e política. Sua residência no Rio de Janeiro –

então capital federal e centro das articulações institucionais – somava-se às constantes viagens internacionais que realizava em nome do movimento feminista, representando o Brasil em congressos e missões oficiais. Nesse contexto, sua figura operava como um nó central nas redes de sociabilidade feminista, atravessando espaços sociais distintos e contribuindo para a circulação de ideias, livros e práticas – no sentido proposto por Roger Chartier (1991), para quem a circulação implica em apropriações diferenciadas, com variantes advindas de múltiplas condições de recepção. Esses elementos não apenas a colocavam em posição de destaque junto às redes feministas internacionais, como também a tornavam uma referência estratégica para mulheres como Mariana Coelho que, a partir de outras regiões do país, buscavam nela uma intermediária qualificada para difundir suas ideias e publicações.

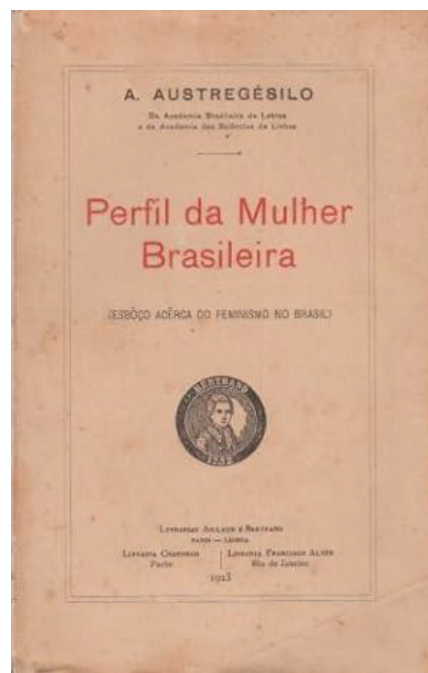
Apesar de não encontrarmos a carta enviada por Bertha Lutz à qual Mariana Coelho se refere, o trecho acima revela algumas das indicações dadas por Bertha Lutz à Mariana Coelho, como a do livro de Tobias Barreto, *Menores e loucos em Direito Criminal*, da área do Direito, com interpretações relativas ao artigo 10 do Código Criminal do Império, que trata dos que não podem ser considerados criminosos – menores e loucos⁴⁹. E o *Perfil da mulher brasileira: esboço acêrca do feminismo no Brasil* de Antônio Austregésilo⁵⁰, obra que fala em específico sobre o feminismo brasileiro.

⁴⁹ “Tobias Barreto escreveu essa obra em 1886, ano em que ainda estava em vigor no Brasil o Código Criminal do Império, de 1830. Esse Código foi acolhido com grande interesse na Europa – já em 1834 era publicado, em francês, em Paris. Filho das idéias liberais e contratualistas do Iluminismo, esse Código teve larga influência sobre o código espanhol de 1848-1850, assim como sobre a sua versão de 1870, que se tornou fonte de inspiração para a legislação penal de quase toda a América Latina” (Odon, 2004, p. 1).

⁵⁰ “Esta obra é resultado de uma conferência feita pelo autor, que foi ampliada, e tornou-se livro. Esclarece o benefício que a família brasileira terá com sua publicação, pois, segundo o autor, é a mulher quem influencia a formação de seus filhos, educando-os, dessa forma, para o correto e o digno” (Austregésilo, 1923 *apud* Augusto, 2015, p. 68).

FIGURA 28 - CAPA DO LIVRO *MENORES E LOUCOS* DE TOBIAS BARRETOFIGURA 29 - CAPA DO LIVRO *PERFIL DA MULHER BRASILEIRA* DE ANTÔNIO AUSTREGÉSILO

FONTE: Portal do Supremo Tribunal Federal.



FONTE: Site Abebooks.

Na carta escrita à Bertha Lutz do dia 21 de janeiro de 1925, Mariana Coelho mencionou novamente o assunto dos livros:

[...] Afinal sempre consegui um exemplar do livro do Dr. Austregésilo. A exceção, porém, de alguns nomes femininos dos tempos coloniais, e de alguns, poucos, exemplos nas artes plásticas, não tem nada de novo para (illegível).

[...]

O livro que não pude conseguir foi o da acadêmica de S. Paulo, sobre o voto feminino – o que lamento, por causa dos debates na Constituinte – coisa em que tinha tanto empenho, e não sei como conseguir! Também não consegui as obras, por D. Bertha indicadas, de Tobias Barreto; nem nos advogados pude achá-las. Apesar disto, alguma alusão à sua opinião (delle) pus no livro. [...] (Coelho, 21/01/1925).

A extensa carta possui mais apontamentos. Em outro trecho, podemos perceber que a amizade com Bertha Lutz rendia a Mariana Coelho espaços em jornais do Rio de Janeiro:

Recebi em fins de dezembro uma carta do redator da “Vanguarda”, pedindo a minha opinião sobre o sufrágio e a minha fotografia - dizendo que quem lhe lembrou o meu nome “foi a senhorita Bertha Lutz”.

No dia 6 do corrente fui eu mesma registrar, a respectiva remessa, mandando-lhe mais, para publicar na “Vanguarda” um artigo intitulado “Renovação Social da Turquia” que faz parte de meu livro. Enderecei-lhe tudo isto creio que para a Av. Rio Branco. Ele enviou-me dois endereços: um na Av. outro na Rua Ourives. Não sei se já recebeu e se já publicou (Coelho, 21/01/1925).

A correspondência revelou que a contribuição de Bertha Lutz não se restringia ao fornecimento de referências bibliográficas ou à troca de ideias sobre o feminismo, mas se estendia também à mediação concreta de oportunidades de publicação e visibilidade. O fato de Mariana Coelho ter sido convidada a colaborar com o jornal *A Vanguarda*, por indicação direta de Bertha Lutz, evidencia como as redes feministas eram mobilizadas para legitimar e difundir a produção intelectual entre mulheres. Tais conexões permitiam que autoras fora dos grandes centros urbanos, como Mariana Coelho em Curitiba, alcançassem espaços de circulação no Rio de Janeiro, a capital federal e eixo das discussões políticas e culturais do país. Ao indicar seu nome a um redator da imprensa carioca, Bertha Lutz atuava como ponte entre diferentes escalas do movimento – local, nacional e internacional – reforçando sua posição de liderança e contribuindo diretamente para a amplificação das vozes femininas na esfera pública. Nesse sentido, sua atuação exemplifica o que podemos entender como uma forma de “capital social” (Bourdieu, 1998)⁵¹, que ampliava as chances de inserção de outras mulheres nos debates e publicações de maior alcance.

Apesar de existirem jornais com o título *Vanguarda* em diversos estados brasileiros, supomos que, por se tratar da indicação de Bertha Lutz, seria o *Vanguarda* do Rio de Janeiro, informação que se confirma no final deste trecho, onde Mariana Coelho cita os endereços, todos localizados no Rio de Janeiro. Em nossas pesquisas, não pudemos encontrar os referidos artigos, nem sobre o sufrágio, nem sobre a Turquia. Apesar de Mariana Coelho expressar sua preocupação por não ter obtido

⁵¹ Para Bourdieu, campo é o “espaço onde ocorrem as relações entre os indivíduos, grupos e estruturas sociais, com uma dinâmica que obedece a leis próprias, acendida pelas disputas de poder ocorridas em seu interior” (Martinez; Campos, 2015, p. 05). Para o autor o habitus é “entendido como um sistema de disposições duráveis e transponíveis que, integrando todas as experiências passadas, funciona a cada momento como uma matriz de percepções, de apreciações e de ações - e torna possível a realização de tarefas infinitamente diferenciadas, graças às transferências analógicas de esquemas, que permitem resolver os problemas da mesma forma, e às correções incessantes” (Bourdieu, 1983, p. 65). Bourdieu (1998, p. 67) define capital social como “o conjunto dos recursos reais ou potenciais que estão ligados à posse de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas de interconhecimento e de inter-reconhecimento mútuos, ou, em outros termos, à vinculação a um grupo, como o conjunto de agentes que não somente são dotados de propriedades comuns (passíveis de serem percebidas pelo observador, pelos outros e por eles mesmos), mas também que são unidos por ligações permanentes e úteis.”

resposta: “Estou admirada com o silêncio da Vanguarda” (Coelho, 28/01/1925), Bertha Lutz confirma a publicação do artigo, que supomos que seria o referente ao sufrágio: “A Vanguarda publicou sua entrevista. Vou procurar um número para enviar-lhe, pois o exemplar que possuo está colado no livro-arquivo de retalhos de jornais da Federação” (Lutz, 12/02/1925). O assunto continua em carta do dia 19 de março de 1925:

Aqui lhe respondo literalmente - Até hoje não recebi o nº da “Vanguarda” que publicou o meu artigo, e tenho pena, é muito natural que eu gostasse de o ver. Deve haver mais ou menos uns 15 dias que escrevi ao Redator mandando-lhe registrado o dinheiro suficiente para 2 nº e respectivas despesas (Coelho, 19/03/1925).

Em 1º de agosto de 1925, Mariana Coelho envia carta agradecendo o envio do artigo na *Vanguarda*:

[...] Muito lhe agradeço a gentileza da remessa do artigo publicado na “Vanguarda” e seu afetuoso cartãozinho – que recebi no dia 1º do corrente. Ao outro dia – 2 de agosto – recebi a sua estimadíssima carta datada de 6 de julho! Lembra-me que a pessoa encarregada de a por no correio, se esqueceu; pois a marca do Rio é de 29 de julho. Ora de 6 a 29 há um espaço de 23 dias! Quanto ao artigo da “Vanguarda” foi para mim uma surpresa, visto que lho havia mandado juntamente com o publicado em janeiro do ano corrente. Não recebi os jornais em que me fala – relativamente a Conferência Pan-americana; e eu preciso ver [...] (Coelho, 1º/08/1925).

Com relação ao artigo que estaria no livro, não localizamos texto com o título *Renovação social da Turquia*, mas encontramos dois subtítulos que falam sobre a Turquia, um que inicia na página 241 – dentro do capítulo quatro, *A mulher na política e na administração* – e vai até a página 244. O outro inicia no final da página 317 e vai até a metade da página 318, do capítulo cinco, *A mulher nas ciências, nas artes e nas letras*. Pelo teor do primeiro texto e pelas pistas deixadas por Mariana Coelho, na carta do dia 21/01/1925, sobre tratar-se de um texto sobre o sufrágio, acreditamos ser este o artigo. Segue trecho de *A evolução do feminismo* onde podemos observar que o conteúdo do texto está relacionado à renovação social que a Turquia teria passado com relação ao sufrágio feminino:

[...] Em um passo imprevisto e surpreendentemente gigantesco, transformou-se o velho Império Otomano dos *haréns* e de costumes bárbaros, numa República democrática baseada no princípio da soberania do povo. A transição operada pela mudança de instituições – fato que a Revolução de 1908-1909 lhe proporcionou, foi predisposto os ânimos da nação – que agora

se levanta altiva no seu flagrante envolver, ao nível dos povos que lhe ofereceram o exemplo de uma sociedade regida por leis de moralidade e da ciência social, fundada na experiência criada à luz das novas civilizações. Desta última e esperançosa metamorfose irrompeu a nova reforma política que aboliu muitas velharias bárbaras e absurdas; e à forte claridade de uma nova aurora de vida que nos patenteou essa admirável transformação, outorgou legalmente à mulher turca o direito de ser eleitora e eleita [...] (Coelho, 2002a, p. 241).

Posteriormente, ainda na mesma carta do dia 21 de janeiro de 1925, Mariana Coelho declarou que ficou sabendo da aprovação de Bertha Lutz no concurso para secretária do Museu Nacional; em seguida, o assunto é o auxílio que a consulesa da Polônia teria prometido enviar a Mariana Coelho:

Há muito sei – e os registrei no livro, que a minha ilustre amiga conquistou por concurso o lugar de Secretaria do Museu. O meu livro está quase pronto. Mas creio que tenho que esperar uns dois meses por uns apontamentos da Polônia, que a respectiva Consulesa – mulher muito distinta, mandou procurar. Esta consulesa é formada em medicina, sabe creio que umas 4 ou 5 línguas, e é boa pianista. As mulheres cultas da Polônia – são muito cultas (Coelho, 21/01/1925).

Mariana Coelho pediu novamente a Bertha Lutz, em 28 de janeiro de 1925, mais informações sobre ela: “[...] Diz o Sr. Austregésilo no ‘Perfil’ que a distintíssima D. Bertha foi diplomada em Paris. Peço-lhe me conte como ocorreu a sua fina educação (creio que foi na Paris)” (Coelho, 28/01/1925). Após a correspondência do dia 28, são enviadas por Mariana Coelho mais seis, 19/03/1925, 06/07/1925, 1º/08/1925, 15/09/1925, 17/09/1925 e 21/10/1925. Na do dia 17 de setembro de 1925, Mariana Coelho reclamou de Bertha Lutz que falasse sobre a sua formação.

Das cartas enviadas que mencionamos acima, encontramos resposta de Bertha somente para a do dia 21/01/1925, que foi respondida junto com a que Mariana Coelho enviou em 06/12/24, já mencionada anteriormente. Em 21/10/1925 Mariana Coelho solicitou resposta, pois estava preocupada com o extravio da carta com os seus manuscritos. A resposta de Bertha Lutz veio no dia 1º de novembro de 1925; para compensar todo este tempo de silêncio, enviou uma carta datilografada de quatro páginas. O que chama a atenção nela, é o pedido de desculpas pela demora em responder: “Com muitas desculpas pela demora, causada por doença minha, restituo-lhe hoje o manuscrito do seu Capítulo sobre Feminismo na Política e Burocracia” (Lutz, 1º/11/1925).

O recebimento desta carta provavelmente foi muito comemorado por Mariana Coelho, pois em face do silêncio de Bertha Lutz e da ansiedade por não saber do paradeiro dos manuscritos originais do seu livro, recebê-la lhe trouxe alívio. A longa carta fala de muitas coisas. No início é impossível não se ater à impressão que o capítulo deixa em Bertha Lutz. Percebe-se, nas entrelinhas de suas cartas anteriores, que ela tenta dar certo incentivo a Mariana Coelho, mas não demonstra tanta empolgação. Após a leitura do capítulo quatro, Bertha Lutz se surpreende com a qualidade dos escritos.

[...] Em primeiro lugar peço que me permita felicita-la o mais calorosamente possível pelo mesmo. Representa uma obra notável e não posso esconder-lhe a minha admiração e mesmo espanto pela riqueza da documentação. Deve representar pesquisas longas e tenazes, leituras pacientes e variadíssimas. O resultado é belíssimo trabalho que me deu a honra de percorrer. Aguardo com o maior interesse a oportunidade de percorrer o trabalho inteiro [...] (Lutz, 1º/11/1925).

Em trecho seguinte, Bertha Lutz propôs o acréscimo de vários trechos que achava pertinentes ao livro, os quais iremos analisar em partes, procurando pelas menções que Mariana Coelho acatou e foi colocando no texto:

“[...] Estando na cama, tomei a liberdade de fazer anotações a lápis a margem das páginas datilografadas. Peço que desculpe este processo, o único possível na impossibilidade de levantar-me para escrever. Mas se pouco elegante, será em compensação fácil apagar. Tomo a liberdade de acrescentar as seguintes considerações: [...]” (Lutz, 1º/11/1925).

No trecho da carta que diz:

[...] Quanto aos Estados Unidos a associação atual mais interessante é a Liga das Mulheres eleitoras, formada em substituição a National American Woman Suffrage Association que ganhou a campanha sufragista e organizada após o voto para educar o eleitorado feminino. Tem milhões de membros e exerce uma influência sadia e benéfica no país [...] (Lutz, 1º/11/1925).

Observamos que Mariana Coelho acatou a indicação de Bertha, complementando o trecho já existente com as suas informações e com mais detalhes que provavelmente foram fruto de pesquisas próprias, trecho que podemos verificar na página 122, terceiro parágrafo de *A evolução do feminismo*:

[...] A associação atual mais interessante é a Liga de Mulheres Eleitoras que ganhou a campanha sufragista, e organizada após o voto, para educar o eleitorado feminino. Tem esta importante agremiação cívica três milhões de associadas e exerce grande e salutar influência no país. Foi fundada em substituição a National American Woman Suffrage Association. É uma federação de Ligas Estaduais. Além disto preocupa-se seriamente com os grandes problemas sociais – tanto nacionais como internacionais [...] (Coelho, 2002a, p. 122).

Bertha Lutz continua seus comentários na mesma carta:

A Woman's Party se assemelha ao partido da Sra. Fankhusst na Inglaterra usando de táticas violentas e provocando escândalos. É mal vista nos meios moderados. Pleiteando igualdade absoluta visa obter a abolição da legislação que protege as mulheres operárias e as menores da indústria. Um grande mal não é? [...] (Lutz, 1º/11/1925).

Mariana Coelho coloca no livro, em um parágrafo anterior ao citado acima:

[...] Entre os partidos políticos feministas norte-americanos conta-se o forte partido National Woman's Party, que para estabelecer a sua sede fez aquisição da importante Whashington House. É, porém, um partido que usa de processos violentos – à Pankhust... atraindo por vezes medidas repressivas – por conseguinte, contraproducentes (Coelho, 2002a, p. 122).

A extensa carta de Bertha Lutz e seus anexos ainda propôs o acréscimo de outros trechos: “[...] A outra ‘*Daughter's of the American Revolution*’ é uma associação de descendentes dos homens que obtiveram a independência, é uma associação toda teórica que nada produz [...]”. Na página 132 do livro, Mariana Coelho parece ter acatado parcialmente a sugestão, pois cita a *Daughter's of the American Revolution*, mas sem menção às observações de Bertha Lutz, que ainda propôs, nessa carta, em um trabalho bastante dialógico com o capítulo que recebeu, as seguintes informações, acompanhadas de textos enviados em anexo:

Quanto a Interamericana, acha-se inteiramente explicada em minha conferência que vai anexa. As associações interamericanas são o International Council of Women. (Conselho Internacional de Mulheres) que se fez a partir do Conselho Nacional de Mulheres Americanas hoje completamente decaído, devido ao seu programa extremamente conservador, que fica aquém das conquistas das mulheres americanas e a Aliança Internacional pelo Suffragio Feminino, muito adiantada. Esta foi fundada por Mrs. Carrie Chapman Catt, que de passagem gosta que se use o seu nome de batismo, Carrie com Chapman Catt. Foi ela quem fez o movimento feminino em prol do voto.

Tomei a liberdade de dar informações complementares sobre o movimento na América Central. O capítulo sobre a Europa está igualmente excelente. Só desejaria acrescentar o que se refere a Sra. Wicksell da Suécia. Os da África e Ásia igualmente. O que se refere à Sociedade das Nações é belíssimo. Quanto aos Congressos Feministas, anexo mais algumas considerações sobre as 3 series: Conselho Internacional, Aliança pelo Sufrágio e União Interamericana (Lutz, 1º/11/1925).

As sugestões dadas puderam ser verificadas no livro; sobre a interamericana, que acreditamos ser a Comissão Interamericana de Mulheres, verificamos que Mariana Coelho, nas páginas 134 e 135, a abordou e destacou a sua formação com membros de várias nações, pormenorizando os países e seus/suas respectivos/as representantes. Não tivemos acesso aos originais de Mariana Coelho, mas podemos inferir que várias destas informações devem ter sido repassadas pela documentação que Bertha Lutz menciona que está enviando em anexo à sua carta de resposta.

Sobre a *International Council of Women* e a Aliança Internacional pelo Suffragio Feminino não encontramos menção no livro. Já sobre a inserção do nome da Sra. Wicksell da Suécia, verificamos na página 229 de *A evolução do feminismo*, no trecho que aborda a Suécia, que Mariana Coelho a acrescentou entre as mulheres feministas que realizaram “uma obra social e educativa”.

Não podemos saber ao certo por que Mariana Coelho não fez todas as alterações propostas por Bertha Lutz, no entanto isto demonstra que ela tinha autonomia, possuía e sustentava opiniões próprias. Procurar por Bertha Lutz, que Mariana Coelho considerava uma referência do feminismo brasileiro, não a colocava em papel de inferioridade; pelo contrário, apesar de se apresentar sempre de forma humilde nas cartas, ela, ao mesmo tempo em que buscava em Bertha Lutz certa segurança, não se intimidou em esclarecer determinadas visões discordantes entre elas.

A leitura dos originais de *A evolução do feminismo* por Bertha Lutz seria uma espécie de teste de qualidade, pois o livro já se encontrava em estágio bem avançado de escrita. Nas cartas, Mariana Coelho demonstrou que já tinha clareza do que queria. Ao que tudo indica, buscava na amiga alguém de grande conhecimento no assunto para procurar por equívocos porventura cometidos e completar as lacunas que pudessem ter ficado.

Em carta de 12 de fevereiro de 1925 vemos um exemplo do questionamento de Bertha Lutz com relação às temáticas tratadas por Mariana Coelho no livro, em

específico sobre os capítulos 3, *A mulher na religião – a sua tradicional servitude*, e sobre o capítulo 7, *A mulher no amor*.

[...] Pela indicação de capítulos deve o livro ser muito interessante. Já que a ilustre patrócia teve a gentileza de tocar no assunto, peço vênica para fazer algumas ponderações, solicitando que não as julgue impertinentes. Com toda franqueza não acha um pouco arriscado tocar em livro sobre feminismo no assunto dos afetos. Será necessário? É tão fácil a má interpretação.

Uma das causas que mais tem prejudicado o feminismo é a ideia errônea de muitos que o feminismo é apologista da libertinagem em questões de amor. Ora, tenho certeza que concordará comigo e com todas as verdadeiras Leaders do bom feminismo que a emancipação feminina deve ser feita num ambiente de mais elevada moralidade e se inspirar no profundo respeito do homem para com a dignidade da mulher que não condescende à intrigas sentimentais.

Quanto a religião também é um assunto muito sério. Não devemos esquecer nunca que a mulher brasileira é profundamente religiosa e que está vinculada a igreja católica. A igreja não ficará alheia certamente à orientação da mulher brasileira na sua tentativa de adaptar-se à vida moderna. Tenho a convicção que será um dos elementos que mais fielmente virão impulsionar a emancipação feminina no Brasil.

Não sei quais as suas ideias sobre o assunto, mas tenho a certeza que concordará certamente que não se deve fazer violência aos ideais religiosos e a fé.

Queira perdoar-me ter dado o meu parecer sobre este assunto, mas já que estamos tratando de questões sérias e que a nossa responsabilidade é grande, julguei meu dever fazer estas ponderações [...] (Lutz, 12/02/1925).

Este trecho revela o posicionamento feminista de Bertha Lutz, compartilhado também por Mariana Coelho e por muitas feministas da época⁵², cujo objeto de luta era a inserção da mulher na vida pública e política, o direito de votar e ser votada, mas, ao mesmo tempo, se preocupavam com a moralidade de suas ações. Neste caso, o objetivo de Bertha Lutz era evitar interpretações errôneas sobre os escritos de Mariana Coelho e que pudessem sujar a reputação do movimento feminista e até mesmo a delas próprias.

A resposta de Mariana Coelho veio em carta do dia 19 de março de 1925, como já destacamos anteriormente, com um trecho que demonstra sua posição firme e tranquilizadora:

⁵² “O movimento feminista que se inaugura nos anos 10 volta-se para os interesses estratégicos das mulheres. Percebia-se que sua inserção na esfera pública, ainda incipiente, haveria que se iniciar pela plena participação na vida política do país, como eleitoras e como candidatas. Acreditavam que tendo essa primeira igualdade jurídica sido alcançada, uma maior participação na educação formal e no trabalho remunerado viria à reboque. Ademais, preocupavam-se com a educação política das mulheres para estimulá-las a participar da vida pública com capacidade crítica” (Novellino, 2018, p. 3).

[...] Que ao título de alguns capítulos de meu livro, não representam, absolutamente, o que D. Bertha receia.
 Por exemplo, no último “A mulher no amor” é desenvolvida e historiada a sua ação da mulher no amor maternal, conjugal etc.
 Pois da minha humilde pena poderia sair coisa que desse margem a censura e reparos a nossa digna causa?
 É que é tão bela a palavra – amor - que a aplico a todos os afetos familiares e naturais sem nunca sancionar o que é menos sério.
 O capítulo “A mulher na religião” desenvolve o papel da mulher em várias religiões e através da história (Coelho, 19/03/1925).

Conforme já citado no item anterior deste trabalho, ao tratarmos do índice da obra em análise, se compararmos o que foi enviado em carta para Bertha Lutz em 21 de janeiro de 1925 e a obra publicada em 1933, percebemos que Mariana Coelho terminou por alterar alguns títulos de seus capítulos. Pelos assuntos tratados nas cartas podemos afirmar com certeza que isso ocorreu pelos apontamentos de Bertha Lutz. Além das mudanças já citadas nos títulos dos capítulos 3 e 5, o último, *A mulher no amor*, passou a ter o título *A mulher nas diversas modalidades do amor*. Pelo que acreditamos, Mariana Coelho se precaveu das más interpretações apontadas por Bertha Lutz, mantendo o assunto, mas mudando o título do capítulo, para deixá-lo mais claro sobre o seu teor.

Existe uma lacuna entre as cartas, que ocultam o envio dos capítulos seguintes ao quatro à Bertha Lutz e as respostas desta última. Mas os argumentos de Mariana Coelho, em 26 de julho de 1927, demonstram que Bertha Lutz questionou a mudança no título e que a autora justificou essas mudanças:

[...] Antes de terminar quero falar sobre o seu escrúpulo relativo à epígrafe do 8º capítulo do meu livro: “A Mulher nas diversas Modalidades do Amor”. Disse-me aí a D. Berta que seria preferível: “A Mulher no Amor”. Comentemos: “A Mulher no Amor” dá a entender somente o amor sexual; e nas diversas modalidades, desenvolve a situação moral da mulher em todos os assuntos nobre do seu afecto, como: amor fraternal, conjugal, maternal, ao próximo. Creia minha querida amiguinha, que a minha consciência me assegura de que não preciso mudar uma vírgula no que escrevi.
 Por hoje nada mais se me oferece dizer-lhe. Quando falei neste capítulo ao meu querido irmão – hoje falecido – ele respondeu-me: “Fechas com chave de ouro” [...] (Coelho, 26/07/1927).

O trecho supracitado reforça a nossa percepção da não submissão de Mariana Coelho. Apesar de sempre demonstrar admiração por Bertha Lutz, ela acatou aquilo que considerou coerente, mas manteve sua opinião firme naquilo em que tinha convicção, fato que fica explícito no trecho: “Creia minha querida amiguinha, que a minha consciência me assegura de que não preciso mudar uma vírgula no que

escrevi” (Coelho, 26/07/1927).

Assim, o diálogo epistolar entre Mariana Coelho e Bertha Lutz revela-se como um espaço de trocas intelectuais intensas, mas também de afirmação de subjetividades. Mesmo reconhecendo e respeitando o prestígio e a contribuição de Bertha no cenário feminista da época, Mariana não hesitou em sustentar suas posições com firmeza e elegância. Sua recusa em alterar o oitavo capítulo, fundamentada em argumentos éticos e literários, evidencia uma autora consciente de seu projeto intelectual e da abrangência afetiva que desejava conferir à noção de amor. Ao encerrar sua justificativa evocando a memória do irmão e sua aprovação emocionada – “Fechas com chave de ouro” – Mariana não apenas defende suas escolhas, mas inscreve nelas um gesto de autonomia, sensibilidade e convicção. Esse episódio, portanto, sintetiza a postura de uma escritora que, embora cercada por figuras influentes, soube ocupar seu lugar com firmeza no debate feminista e literário do seu tempo.

3.3 AS CARTAS E A EDUCAÇÃO FEMINISTA

“Quase todos os antifeministas cuja opinião temos auscultado, são desfavoráveis à instrução no sexo feminino – razão por que detestam as feministas, que, como se sabe, são todas mais ou menos instruídas. Se o não fossem, não poderiam nem saberiam ser feministas”

(Coelho, 2002a, p. 45).

Neste item, iremos refletir sobre como a formação intelectual e feminista de Mariana Coelho prescinde dos ambientes escolares e universitários formais e se produz a partir das trocas epistolares, das redes sociais, familiares e culturais, de modo a ampliar as discussões acerca da formação das mulheres nas primeiras décadas do século XX. Fazendo um paralelo com a frase com que Simone de Beauvoir inicia o primeiro capítulo do segundo volume de *O segundo sexo* (Beauvoir, 1967) – “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher” –, publicado mais de três décadas após *A evolução do feminismo*, diríamos que ninguém nasce feminista e intelectual, mas torna-se intelectual e feminista a partir do meio social ao qual pertence. Em Portugal, Vaquinhas (2011, p. 26) destaca que

O feminismo surgiu [...] como uma preocupação de uma minoria de mulheres instruídas, oriundas da burguesia ou da burguesia enobrecida pelo regime liberal, as quais não podendo intervir politicamente, pegam na caneta e se fazem escritoras, jornalistas, publicistas para defender a causa ou causas que consideram não dizer apenas respeito às mulheres, mas sim a toda a sociedade (Vaquinhas, 2011, p. 26).

Assim como em Portugal, no Brasil houve um movimento parecido. Neste item abordaremos com maior ênfase a importância das redes de sociabilidades na educação feminista das mulheres nesse período, entre o final do século XIX e meados do século XX, e o que as cartas de Mariana Coelho revelam sobre como essas mulheres se relacionavam e se mobilizavam, suas vitórias e as derrotas do movimento.

Já discutimos neste trabalho sobre a contribuição intelectual da família na escolarização de Mariana Coelho e na sua formação intelectual, agora iremos tratar de outras colaborações, demonstradas através das suas correspondências, nas relações sociais que estas missivas revelam. Aprofundaremos nas questões que se referem à Federação Brasileira pelo Progresso Feminino e a forma como se articulavam as trocas de cartas no intuito de fortalecer os ideais feministas e informar sobre os passos dados pelo movimento.

Primeiramente, gostaríamos de deixar claro o que entendemos por educação feminina e por educação feminista neste trabalho. Podemos dizer que a educação feminina seria aquela direcionada às mulheres, principalmente aquela dada a elas entre o final do século XIX e meados do século XX, que estava ligada à divisão dos papéis de gênero. Aquela que formava mulheres para a família, para desempenharem funções como cuidar da casa, do marido, dos filhos, bordar, costurar, cozinhar etc. Ela poderia ocorrer no seio familiar, onde as meninas eram ensinadas pelas mulheres mais velhas da família, mas também em instituições formais de educação, onde se privilegiava o ensino de leitura e escrita e de cálculos matemáticos básicos, de conteúdos voltados para os afazeres domésticos, economia doméstica, etiqueta e artes; uma educação com currículo diferente da educação destinada aos meninos (Trindade, 1996).

Já a educação feminista será entendida como aquela que visa questionar a visão existente na sociedade de supremacia masculina – os papéis de gênero pré-determinados –, buscando questionar e desconstruir as desigualdades de gênero, promover a igualdade entre homens e mulheres, buscar a emancipação feminina, a

participação das mulheres em todas as instâncias sociais, o direito ao voto, o empoderamento feminino, a autonomia e a igualdade no trabalho. Tal educação, mais que oferecer instrumental prático de formação para o lar, se destinava a desenvolver o pensamento crítico sobre os diversos sistemas de opressão como o racismo, o patriarcado, o classismo, destacando suas implicações jurídicas, políticas, culturais, históricas e sociais.

Com sentido que complementa o conceito de educação feminista, Bueno (2019), em sua tese de doutoramento, busca compreender, tomando como referência as atuações do Partido Republicano Feminino, da Liga Brasileira para Emancipação Intelectual da Mulher e da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, as disputas em torno da Pedagogia Feminista, definida pela autora:

[...] com o propósito de nomear uma experiência social de formação no âmbito da cultura, da educação, na cena pública, na vida privada, no mundo do trabalho e na política, que envolveu uma série de proposições, estratégias e ações que possibilitaram que as intelectuais protagonistas do movimento feminista do início do século XX, orientassem e constituíssem representações de modelos ideais de mulher (Bueno, 2019, p. 21).

Para M. Joset, diretor da Ação Católica de Bruxelas, citado por Mariana Coelho em *A evolução do feminismo*, “O feminismo é o conjunto de doutrinas e aspirações que visam o melhoramento da condição social da mulher” (M. Joset *apud* Coelho, 2002a, p. 57). Portanto, para falarmos sobre educação feminista, não podemos deixar de destacar que o feminismo da época, considerado da Primeira Onda, tinha pautas principais diferentes do feminismo contemporâneo e não estava desconectada da educação feminina da época.

O conceito de educação feminista para o momento histórico da Primeira República, não se restringia ao acesso formal às escolas ou universidades – ainda pouco disponível às mulheres –, mas consistia sobretudo em um processo de formação intelectual e política tecido em espaços de sociabilidade, na leitura de obras e periódicos, na participação em associações e, de modo especial, na troca epistolar.

Neste momento, o fato de meninas estarem recebendo educação escolar ainda não era tão comum como educar meninos. Precisamos deixar claro também que a escolarização não era acessível a todas as meninas; era privilégio daquelas de classes sociais mais abastadas, que podiam pagar, como no caso do Colégio Santos Dumont, particular, fundado e dirigido por Mariana Coelho. Quando destinada às

meninas das camadas mais pobres, a escolarização revestia, muitas vezes, um viés assistencial marcante, voltado à formação para funções de cuidado, serviços domésticos e artesanais pouco valorados socialmente.

Através de propagandas estampadas em jornais da época, pudemos verificar que o Colégio Santos Dumont atendia em regime de internato e externato o ensino primário para meninas e meninos, mas o secundário, de prendas domésticas e música, era apenas para meninas. Embora, “[...] conforme apontam os relatórios da instrução pública, o curso primário que Mariana Coelho oferecia no Colégio Santos Dumont fosse direcionado para ambos os sexos, inicialmente foi frequentado quase que exclusivamente por meninas” [...] (Bueno, 2024, p. 96).

Mariana Coelho, além de diretora do Colégio Santos Dumont, foi professora da instituição fundada por ela, juntamente com outros membros de sua família; posteriormente foi secretária, professora e diretora da Escola Profissional Feminina. É relevante que tenha ela atuação nas instituições mesmo sem ter passado pela educação formal, sem diploma. No caso do Colégio Santos Dumont, por ser uma instituição familiar, esse fato fica menos singular, pois além dos laços familiares, havia o conhecimento de suas capacidades profissionais por seus entes, que confiaram a ela as funções de professora e diretora. Na época, tanto em escolas rurais como em urbanas, era comum termos professores e professoras primárias atuando com pouca escolarização, muitas vezes bastava ter concluído o ensino primário para lecionar. O motivo estava na oferta e no acesso às escolas normais. Apesar de já existirem no país desde o Brasil Império (1835), Curitiba, Paranaguá e Ponta Grossa, foram as primeiras a receber escolas normais no Paraná, construídas entre 1904 e 1927 (Correia, 2013), mas ainda em número insuficiente e de restrito acesso.

A questão da ausência de uma formação institucionalizada no currículo de Mariana Coelho não reduz a sua contribuição à educação das mulheres, pois o fato de estar no meio escolar sem escolarização formal e alcançar um alto patamar de erudição tornou a ausência de diploma um mero detalhe que só amplia a admiração que as gerações posteriores têm demonstrado por ela. Segundo ela, “É confirmado por toda a imprensa que quase todas as feministas que ocupam estes cargos sociais possuem uma sólida instrução, e são portadoras de diplomas universitários” (Coelho, 2002a, p. 45). Mariana Coelho se referia aos cargos de liderança feministas; a exceção era ela própria, que impunha respeito ainda que sem diploma, mas com vasta erudição, autodidata e socialmente construída.

Quanto à direção da Escola Profissional Feminina, esta foi confiada a Mariana Coelho primeiramente de forma interina, conforme relata em carta encaminhada a Bertha Lutz. Esse fato demonstra que ela, de alguma forma, se destacou para ocupar o cargo de diretora, ainda que, inicialmente de forma provisória:

Silenciei até hoje porque, tendo sido nomeada pelo governo do Estado diretora interina da Escola Profissional Feminina – onde tenho sido secretária e professora, as minhas obrigações aumentaram e tive, portanto, de suspender o meu trabalho intelectual até que chegassem as férias. Elas chegaram, pois, e eis-me novamente em contato com VS^a. (Coelho, 17/11/1924).

A vitória foi comemorada por Bertha Lutz conforme declara em carta à Mariana Coelho: “Foi com muito praser que recebi noticias suas e muito satisfeita, venho felicitá-la pela nomeação para a Escola Profissional. Essas nomeações são até agora ainda as maiores victorias que nos cabem, nesse feminismo de implantação tão difícil no Brasil” (Lutz, 09/01/1925). Este trecho revela o compartilhamento das vitórias entre as feministas. A ocupação de cargos desta natureza, conforme destaca Bertha Lutz, não era comum na época, e até hoje observamos que a maioria dos cargos de chefia e liderança no mercado de trabalho ainda são ocupados por homens. Demonstra, também, que as vitórias não eram somente vistas por elas, mas vivenciadas por elas. Mariana Coelho volta ao assunto dois anos depois quando escreveu a Bertha Lutz:

Não lhe quis escrever sem falar com o Dr. Lysímaco Costa⁵³, pois soube que ele também regressou a Curitiba há poucos dias. E por isso fui ontem à Inspectoria, e fui tão feliz que lá o encontrei. Disse-me que me viu no Rio, mas que fugiu para eu o não demorar (anda sempre com pressa este Dr. Lysímaco); e falei-lhe em D. Berta Lutz e disse-lhe que a minha amiguinha me falou nêle, que o conhecia etc. ele objectou: “É uma moça inteligente”. Depois marcou-me o dia 5 ou 6 de agosto para ir falar com ele à Inspetoria Geral de Ensino. E depois disto uma surpresa agradável me esperava: um alto empregado da Inspectoria me comunicou, com o “Diário do Governo” na mão, que o Presidente decretou à diretora efetiva um ano de licença, principiando em março, e acabando, portanto, quando acaba a sua Presidencia. Pelo que se vê ele tomou em consideração a carta que lhe fiz antes de partir para aí. Temos, por consequencia, ainda 7 meses adiante de nós para cavarmos a efectividade do meu lugar. Precisamos preparar as

⁵³ Lysimaco Ferreira da Costa, natural de Curitiba, Paraná, com uma extensa biografia, em “1925 foi nomeado pelo Governo do Estado do Paraná para o cargo de Diretor Geral da Instrução Pública, no qual reorganizou o ensino primário, tornando o Paraná uma referência nacional de educação” (Lysimaco, 2024, não p.).

cousas de forma a que eu fique efectiva quando a Presidente deixar o seu lugar.

Depois de falar com o Dr. Lysímaco, a 5 ou 6 de agosto, escreverei à querida D. Berta contando-lhe o que se passa. Continúo, pois, por enquanto, diretora da Escola Profissional Feminina (Coelho, 26/07/1927, grifo da autora).

Quando Mariana Coelho escreveu: “ainda 7 meses adiante de nós para cavarmos a efectividade do meu lugar. Precisamos preparar as cousas de forma a que eu fique efectiva quando a Presidente deixar o seu lugar”, nos leva a compreender que ela mantinha certa rivalidade com a diretora da instituição e quando utiliza a expressão “cavarmos”, no plural e grifado, podemos interpretar como sendo uma articulação que precisava ser trabalhada, que necessitaria do auxílio de outras pessoas, como a de Lysímaco Ferreira. Poucos dias depois Mariana Coelho escreveu novamente a Bertha Lutz, mas agora com tons de decepção:

Quanto ao meu cargo na Escola Profissional, contra todas as minhas previsões a outra diretora desistiu da licença e pôde reassumir o lugar. O Dr. Lysímaco nomeou-me, provisoriamente, secretária da Escola, com a responsabilidade de toda a escrituração ... Perguntando-lhe eu se a outra diretora ficava toda a vida no lugar, respondeu-me que não. E ouvi dizer a um alto empregado do Palacio do Govêrno, que o Presidente ia publicar breve a reforma da Escola, fazer as respectivas nomeações, e que ia aposentar a outra diretora – que já estava muito velha! Enfim todas estas cousas me trazem nervosíssima: nem posso dormir, com palpitações etc. (Coelho, 17/08/1927, grifos da autora).

Em face da intimidade que já tinha conquistado com Bertha Lutz, a carta revela o compartilhamento das aspirações entre as correspondentes feministas, a ansiedade, o forte desejo de Mariana Coelho pela promoção, as disputas de poder e o tom de competição entre as profissionais da Escola Profissional Feminina, o que justifica a forma como Mariana Coelho descreveu o fato, deixando entender que havia desavenças entre elas.

Essa questão é corroborada pelas observações de Bueno (2024, p. 113) que, com base em documentos oficiais da instituição, verificou que a ex-proprietária e diretora Maria Aguiar de Lima e Mariana Coelho tiveram diversos desentendimentos. Em 1930, a diretora chegou a enviar um ofício ao Diretor-Geral de Ensino, relatando que Mariana Coelho estaria invadindo as suas atribuições e que não realizava adequadamente as suas funções como secretária. Mariana Coelho se defendeu, também via ofício, dizendo que cumpria com a sua função, além de salientar que há

meses a diretora não respeitava o seu horário de trabalho e nem conversava com ela. Solicitou uma sindicância para apurar os fatos, deixando claro que era inocente. O fato de a diretora ter desistido da licença pode ter relação com esses conflitos. Eram importantes ao ponto de fazer com que Maria Aguiar tenha desistido da licença para retardar a passagem da direção da Escola Profissional Feminina para as mãos de Mariana Coelho. Pelo que pudemos ver, posteriormente as relações só pioraram.

Outra observação é que a Escola Profissional Feminina, apesar de ter em seu nome a palavra “profissional”, voltava-se principalmente para aprimorar as meninas para o que se esperava delas na época – que fossem boas mães e prendadas donas de casa. Mas, pesquisas de Bueno (2024) e Freitas (2011) constataram que, ao passarem pela instituição, havia a possibilidade de maior participação destas alunas no mercado de trabalho. As áreas de ocupação eram as de costura, bordado, como professoras ou ajudantes de professoras, no comércio, e até poderiam conseguir uma renda vendendo seus próprios trabalhos. Bueno (2024, p. 108) destaca, através da análise de relatório apresentado ao diretor da Instrução Pública em 1929, que a escola, apesar de ter seu currículo voltado para as prendas domésticas, era uma oportunidade para que as moças pudessem adentrar ao mercado de trabalho em áreas ligadas aos trabalhos manuais, o que poderia ser uma forma de emancipação, em uma sociedade onde se pregava que o provento das famílias deveria ser exclusividade masculina.

FIGURA 30 - ALUNAS DA ESCOLA PROFISSIONAL FEMININA EM AULA DE COSTURA E BORDADOS



Fonte: Relatório da Instrução Pública de 1929, p. 83, Arquivo Público do Paraná.

Não pudemos saber exatamente quem elaborou este relatório; a diretora como já falamos, era Maria Aguiar de Lima e Mariana Coelho era a secretária. Na função de secretária, Bueno (2024, p. 113) destaca que Mariana Coelho exercia muito mais os ofícios de diretora do que de secretária. Por isso acreditamos que esse relatório pode ter sido datilografado por Mariana Coelho e este olhar sobre os efeitos da escola na vida das meninas, destacado principalmente pelo papel de escola profissional, pode ter sido pensado por ela, ou pelo menos tem grande possibilidade de sê-lo, pois não se poderia perder a oportunidade de enfatizar os impactos da educação na vida destas meninas, encorajando-as a se inserirem em postos de trabalho. Além é claro de demonstrar o sucesso da escola às autoridades, que teriam motivos para mantê-la aberta e continuar investindo nela. O trabalho, segundo Mariana Coelho, completava a plena emancipação feminina:

[...] Ora, a mulher que apenas sabe ser dona-de-casa, é incapaz de viver do seu trabalho, não se pode tornar independente – está fatalmente condenada a ser escrava – ou dos parentes ou dos estranhos, quando não consiga uma miserável pensão para não morrer de fome! De mais a mais que a sua profissão a não inibe absolutamente de ser, em todo o terreno, muito boa dona-de-casa [...] (Coelho, 2002a, p. 47).

Pensando na relação entre feminismo e educação, precisamos deixar claro que o movimento feminista foi decisivo para a redução das desigualdades educacionais entre homens e mulheres. Mariana Coelho deu sua contribuição prática para o movimento, ao ampliar a educação das meninas, quando ajuda a fundar, dirigir e leciona no Colégio Santos Dumont e posteriormente atua na Escola Profissional Feminina. Ela entendia que, através da educação, as mulheres poderiam se aproximar da igualdade na política e no trabalho. Eram instruídas que as mulheres teriam a chance de alcançar a tão sonhada emancipação feminina. Mariana Coelho considerava que a mulher era inferior intelectualmente que o homem, não porque tivesse menor capacidade, mas porque recebia menos instrução.

[...] É também certo que nem toda a mulher educada tem uma compreensão devidamente nítida do que na realidade deva ser a sua emancipação. Muitas entendem, talvez, que, o emanciparem-se e equivale a usurparem (é o termo) uma posição sempre igual à do homem, invertendo não raras vezes seus papéis profissionais – o que seria, necessariamente, de um insuportável ridículo que roubaria à mulher esposa e mãe (mas, note-se, só a esta) a sua mais preciosa e principal simpatia moral [...] (Coelho, 2002b, p. 94).

Portanto, a relação entre feminismo e educação significava considerar que, para que a mulher tivesse a sua plena emancipação, precisaria passar pela educação; para conseguir o direito e o acesso à educação, precisaria do feminismo.

Neste momento ainda tínhamos no Brasil uma educação formal pouco abrangente para as mulheres. No que se refere aos cursos de nível superior, menos abrangente ainda, pois os cursos superiores eram quase que exclusivamente frequentados por homens. As que se destacaram intelectualmente não tiveram formação superior, mas precisaram utilizar outras estratégias para chegar a um patamar intelectual de destaque, como é o caso de Mariana Coelho. Ela não só se alfabetizou fora dos ambientes formais através da educação no lar, mas aperfeiçoou seu conhecimento e educação através do autodidatismo, utilizando a educação como objeto de luta do feminismo.

Apesar de Mariana Coelho ter vindo de uma família com melhores condições econômicas e maior escolarização, com muito mais acesso a recursos educativos, a materiais escritos como livros, revistas e jornais, isso não era suficiente para formar uma mulher feminista. As relações sociais também fizeram parte dessa formação. O contato com outras mulheres com pensamentos similares elevava o sentimento de pertencimento. As disputas e as relações de poder estimulavam a busca pelo aperfeiçoamento e estimulavam o pensamento e a reflexão. Neste momento, a troca de cartas era uma das estratégias utilizadas por estas mulheres para se organizarem e articularem os movimentos feministas.

Através da leitura das cartas, pudemos perceber que o objeto de luta de Mariana Coelho e de suas correspondentes, diferente das lutas atuais, não estava ligada à divisão de tarefas domésticas; essa preocupação ainda era secundária dentro das pautas feministas. O principal interesse neste momento era o sufrágio feminino, o direito político e a equiparação de direitos no trabalho, pois poucas se destacavam no campo profissional. Poucas se formavam advogadas, engenheiras, médicas ou ocupavam cargos públicos. As ocupações femininas mais comuns eram as relacionadas à vida doméstica, ao cuidado e ao magistério.

Além da maioria dos homens, conforme pudemos perceber nos periódicos citados anteriormente, algumas mulheres também eram contrárias à inserção da mulher na política, por entender que isso tiraria a sua atenção das tarefas domésticas – como Georgina Mongruel, que não era a única. Entendemos através da leitura das

cartas, de artigos publicados e dos escritos do livro *A evolução do feminismo*, que o feminismo de Mariana Coelho e de suas correspondentes prezava muito pela moralidade. Por este motivo, as tarefas domésticas ou relacionadas a elas, faziam naturalmente parte dos currículos das escolas em que Mariana Coelho atuou, sem que ela demonstrasse qualquer tipo de crítica sobre isso, pois a sua geração compreendia ser da mulher o papel de cuidar da casa, dos filhos, dos pais e dos maridos.

O acesso a livros, jornais e revistas contribuía para a construção de ideias e desenvolvimento pessoal. Estas não eram isoladas, mas impactadas por movimentos sociais ocorridos a nível nacional e internacional e que, através de jornais e revistas, chegavam ao conhecimento das mulheres que tinham acesso a estes meios. O que percebemos, através da análise deste pequeno recorte histórico que as cartas “de” e “para” Mariana Coelho revelam, é que não há como falar de formação feminista, de educação feminista, sem mencionar as relações sociais entre essas mulheres.

Pensando na realidade de Portugal da época de Mariana Coelho, a qual também pode ser transcrita para a realidade do Brasil, percebemos que o grau de consciencialização da necessidade de mudança apenas atingia as personalidades mais informadas. Ou seja, o grupo de sociabilidade de Mariana Coelho não era formado por mulheres das classes sociais mais pobres, pois estas, neste momento, tinham preocupação maior com a sobrevivência. Era formado por mulheres da elite que, por estarem inseridas no meio letrado, da alta sociedade, tinham poder maior de persuasão por suas lutas e maior espaço perante a sociedade. Esse é o caso de Bertha Lutz; o lugar que ela ocupava na sociedade não era neutro. O fato de ser mulher a colocava em desigualdade social, mas não era qualquer mulher, era a filha de um importante cientista e de uma enfermeira e que construiu uma intensa rede de sociabilidades à frente da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, entre outras instituições, representando o Brasil em diversos eventos feministas no Brasil e fora do país. Isso a colocava em contato com pessoas de elevada importância social, mas também exercia determinada contribuição sobre o pensamento das mulheres à sua volta. Além de ser uma das primeiras a ocupar um cargo público em uma instituição de importância nacional, o Museu Nacional, o que também não era pouco para a época.

Como já falamos acima, Mariana Coelho foi por muito tempo sócia da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, da qual Bertha Lutz era presidente e

mantinha com ela e com outras mulheres da federação contato constante através de correspondência. Em 9 janeiro de 1925, Bertha Lutz escreve à Mariana Coelho, contando como ficou a diretoria da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino para o mandato de 1925 a 1928:

[...] Em 22 de Dezembro tive a oportunidade de apresentar o relatório do primeiro biennio da nossa Federação pelo Progresso Feminino. Foi eleita para 1925 e 28 a seguinte Directoria: Presidente Bertha Lutz, Vice Presidentes Jeronyma Mesquita, Laurinda Santos Lobo e Cassilda Martins, Secretarias Maria Esther Correa Ramalho, Annita de Sá Lessa e Evangelina de Faria. Thesoureira Stella de Carvalho Guerra Duval. A dactylographa da nossa associação esta actualmente em goso de ferias e cá estou muito cheia de serviço aguardo a chegada da mesma para mandar tirar umas copias de casos e documentos recentes e lhes enviar [...] (Lutz, 09/01/1925).

Se buscarmos pela biografia das mulheres eleitas para a diretoria da FBPF, percebemos que tinham grande destaque na sociedade e na causa feminista. Por exemplo, Jeronyma Mesquita era enfermeira e líder feminista, fundadora do Movimento Bandeirante no Brasil; Laurinda Santos Lobo, socialite multimilionária, conhecida como a “Marechala da Elegância”, ligada ao movimento artístico, e que reunia em seu casarão figuras artísticas de renome como Tarsila do Amaral, Villalobos e Isadora Duncan. Outra importante figura da Federação foi Maria Esther Correa Ramalho, uma das primeiras mulheres a se formar engenheira no Brasil. Também pertencia ao grupo Stella de Carvalho Guerra Duval, presidente da Associação Pro-Matre, instituição voltada para o auxílio de mães e crianças carentes.

Portanto, o contato de Bertha Lutz com estas mulheres não era algo irrelevante. Como vemos, o grupo era diversificado no que tange a causas e frentes de luta. Isso elevava o capital cultural de Bertha Lutz, que era por ela mesma um referencial intelectual e político. Manter relações com elas proporcionava a Mariana Coelho estar a par do feminismo dos grandes centros urbanos do período, como era o caso do Rio de Janeiro, conforme afirma em sua primeira carta endereçada a Bertha Lutz: “Aqui em Curityba, como V.E^a. deve fazer ideia, o feminismo ainda não tem muitos adeptos; em todo o caso, o respectivo progresso já vai entrando – embora lentamente, no Paraná” (Coelho, 02/01/1923).

Sobre relações sociais diretas com as mulheres da federação, separamos os seguintes trechos das cartas que revelam que algumas vezes Mariana Coelho foi até o Rio de Janeiro e se encontrou com elas:

Trecho da carta enviada por Mariana Coelho a Maria Amalia Bastos em 8 de maio de 1927:

Como a digna Secretária deve saber, conto ir aí ao Rio no próximo mês de junho para tratar da publicação de um livro, que muito virá auxiliar a nossa propaganda. Conto, para tal fim, com os membros mais influentes da colônia paranaense e da portuguesa, e com a nossa “Federação” (Coelho, 08/05/1927).

Em 26 de julho do mesmo ano, 1927, escreveu Mariana Coelho em carta enviada a Bertha Lutz, que a intenção de visita se cumpriu: “Com muita saudade das queridas amiguinhas e dignas consócias aqui cheguei no dia 22 à noite. Escusado seria dizer-lhe que as trago constantemente na minha imaginação, porque a nossa querida Presidente disso deve fazer ideia” (Coelho, 26/07/2025). Em 11 de dezembro, Mariana Coelho volta a escrever para Maria Amalia Bastos: “Que saudades eu tenho dos belos momentinhos que aí passamos juntas! Agora apelemos para as férias do meio do ano” (Coelho, 11/12/1927). Em 7 de agosto de 1934, sete anos depois, Mariana Coelho escreve a Bertha Lutz, mencionando o que teria sido outro encontro:

Tenho guardada a Noite de 28 de julho onde vejo além da senhora – a Dra. Maria Luisa Bittencourt, D. Noemia, e ... (creio que assim se chama) D. Lina Hirsch, não é? Tive pena de não ver a nossa amável poetisa Maria Sabina; mas o seu luto coincidiu com o meu, e não a pude ver! Já estou recebendo cartas das distintas feministas estrangeiras para as quais a Dra. Berta me deu o endereço (Coelho, 07/08/1934).

Diante destes poucos relatos de contatos diretos e pessoais entre Mariana Coelho e as demais membros da federação, podemos supor que as cartas foram o principal elo entre elas. Através das correspondências era enviado todo tipo de material, livros, jornais, folhetos etc. Este meio foi muito importante para a formação intelectual e feminista de Mariana Coelho pois, como ela própria revelou nas cartas, Curitiba estava ainda engatinhando no que tange aos movimentos feministas. Então, este era o meio de se manter informada e a par de todos os passos dados pelas mulheres. Vemos trechos que relatam o andamento de processos ligados ao voto feminino e ao direito de se candidatar, a autorização dos maridos para que a mulher pudesse votar e se naturalizar brasileira etc.

Há várias cartas que falam sobre a filiação de Mariana Coelho à Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, outras tratam do pagamento de anuidades, envio de dinheiro e recibos destas anuidades: “[...] Em princípios do próximo mês enviar-

lhe-ei a minha anuidade [...]” (Coelho, 21/01/1925). “[...] Remeto os 12\$000 da minha anuidade; basta mandar-me o recibo no meu regresso – que lhe participarei [...]” (Coelho, 05/06/1926). Ao todo, contabilizamos no conjunto das setenta e duas cartas, cerca de quarenta que falam sobre a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, ou seja, mais da metade das cartas têm entre os assuntos algo relacionado com a federação.

Ao se filiar à federação presidida por Bertha Lutz, Mariana Coelho já tinha uma noção sobre quem fazia parte da instituição e em que espaço estava adentrando. Compreendia o alcance da instituição. Lemos nos escritos que ela era informada através dos jornais locais e de jornais, boletins informativos, circulares, enviados por Bertha Lutz ou alguém da federação, com as ações da instituição e o que acontecia de novo no mundo feminista. Essas informações eram absorvidas por Mariana Coelho e disseminadas por ela, que ia aperfeiçoando a sua forma de pensar, concordando ou discordando daquilo que recebia, reiterando sua opinião e sugerindo decisões.

Acreditamos que o feminismo de Mariana Coelho ia sendo afirmado, lapidado e polido à medida que lia, interagia, escrevia e se relacionava com outras mulheres; neste influxo, mobilizava pessoas ao seu redor para aderir às suas pautas. Se aproximava cada vez mais do movimento feminista por saber que outras e outros compartilhavam os mesmos ideais que ela, o que lhe trazia o sentimento de pertencimento àquele grupo, com causas em comum.

Entretanto, o feminismo de Mariana Coelho portuguesa não era mais o da amadurecida Mariana Coelho luso-brasileira. A escrita de artigos para jornais e revistas e de um livro sobre feminismo, a troca de cartas, a participação em congressos, a filiação a grupos como a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, eram estratégias para reforçar os laços feministas, pensar em novas ações, novas demandas, reformular pensamentos, lugares de exercício do feminismo, do modo de ser feminista e se fazer feminista.

A análise das cartas revela que Mariana Coelho não buscava apenas apoio na elaboração de seu livro, mas também um meio de conquistar seu espaço na vida pública. Buscava uma relação para poder discutir, aprofundar e argumentar sobre o assunto do seu livro. A sua estratégia voltava-se principalmente a se relacionar com a elite política, formar coalizões e participar do movimento feminista, na intenção também de fortalecê-lo no Paraná. Em várias cartas é possível vermos que, por consecutivas vezes, falam sobre a abertura de uma filial da federação em Curitiba.

O conhecimento de Bertha Lutz sobre a escrita do livro *A evolução do feminismo* e a filiação à FBPF rendeu a Mariana Coelho o convite para ser a historiadora da causa feminista: “Gostaria mesmo se possível associar a Federação a sua brilhante contribuição em prol do movimento feminino, fazendo-a historiadora da nossa causa, como a Sra. Ida Harpes nos Estados Unidos. Escreva-me a respeito sim?” (Lutz, 1º/11/1925). Convite que foi aceito, conforme escreveu: “Aceito e agradeço a sua gentil intenção de associar a “Federação” ao meu trabalho e dar-me a honra de ser a sua historiadora – ainda que muito modesta” (Coelho, 22/11/1925).

Assim como Bertha Lutz era uma referência intelectual e política para Mariana Coelho, esta o era para outras mulheres. Em carta escrita por ela a Bertha Lutz, em 8 de setembro de 1926, ela conta que recebeu uma carta de Maura de Senna Pereira, amiga feminista de Florianópolis – SC, contando sobre como estava a situação das mulheres por lá:

[...] Recebi há dias uma amável carta de uma am^a feminista de Florianópolis, D. Maura de Senna Pereira. Conhece-a? Diz-me que se quer pôr em contacto comigo, que em St^a Catarina a mulher está ainda acorrentada a prejuízo sociais e religiosos, que quer criar, portanto, um clube para a educação intelectual e artística da mulher, etc. Naturalmente o atraso ali deve orçar pelo do Paraná... Ela deve ser uma mulher distinta, porque escreve muito bem. Não a importuno mais. Receba saudades e afecto da amiga e correligionária [...] (Coelho, 08/09/1926).

Atendendo a solicitação de Rachel Crotman, do Departamento de Propaganda da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, Mariana Coelho enviou uma ficha falando de si, para ser apresentada no 3º Congresso Nacional Feminino que seria realizado entre 20 e 30 de setembro de 1936. Neste documento ela esclareceu por que é feminista: “A princípio por uma significativa intuição, mais tarde por inteira e consciente convicção” (Coelho, 13/09/1936). Sobre o tempo em que estava trabalhando ativamente, destacou que é “Desde sempre, pela pena e pela palavra” (Coelho, 13/09/1936). Em seguida destacou mais alguns detalhes em sua autobiografia:

Tenho me dedicado há muitos anos (desde muito mocinha) e muito modestamente, ao Magistério e às Letras. Fui membro do 3º Congresso de Geografia realizado no Paraná em 1911 – em cuja sessão de encerramento fiz um discurso que foi ótimamente recebido. Dizem distintos Intelectuais paranaenses que, depois da distinta poetisa paranaense, Julia da Costa – há muito falecida – fui eu a primeira mulher que começou a escrever em público no Paraná. Além de outras Associações a que estou ligada, como, por

exemplo, 'Cruz Vermelha', e 'Centro Paranaense de Cultura Feminina, o nobre 'Centro de Letras do Paraná' gentilmente me fez sua sócia (Coelho, 13/09/1936).

Percebe-se, nesta escrita, a segurança de Mariana Coelho ao falar de si, muito diferente de apresentações anteriores, nas quais apresentava tons de humildade – como a que fez trinta anos antes, durante a inauguração da Loja Maçônica Filhas da Acácia –, o que pode demonstrar seu amadurecimento intelectual:

eu assumo, naturalmente receiosa, esta tribuna, porque não disponho de tão vastos recursos de intelligencia e instrucção como o distinctissimo orador que me procedeu e que acaba de prodigalizar a esta Loj. as mais penhorantes referencias; assim como não disponho de dotes oratorios e de pratica que me ajudem a dar ao importante papel que me confiaste um desempenho completo, ou pelo menos satisfactorio (Coelho, 1902, não p.).

Mariana Coelho, em *A evolução do feminismo*, discutiu a emancipação feminina e a mulher na religião, na guerra, na política, na administração, nas ciências, nas artes e nas letras, na imprensa e nas diversas modalidades do amor, tentando provar que as mulheres também se destacaram em cada uma destas áreas. A sua intenção era mostrar para a sociedade a capacidade das mulheres. Consideramos que este é um dos legados de *A evolução do feminismo*. Para isso, durante grande parte de sua vida, precisou ler, estudar, pesquisar, garimpar informações que confirmassem suas ideias. Isso não era algo tão simples, pois a humanidade, por séculos, escondeu os méritos das mulheres.

Este longo período de escrita de *A evolução do feminismo*, fez parte do processo de construção da Mariana Coelho feminista. Apesar de acreditar no potencial feminino, ela buscava provar para a sociedade a capacidade das mulheres. As conquistas e o apoio de políticos e intelectuais, o uso da imprensa para debater e difundir o feminismo, assim como o sentimento de pertencimento proporcionado pelas interações sociais também auxiliaram na formação da feminista Mariana Coelho.

As trocas de cartas, que evidenciam a inserção de Mariana Coelho em uma rede de sociabilidades intelectuais, foram fundamentais não apenas para sua formação feminista, mas também para sua consolidação como escritora respeitada em um ambiente marcado pela predominância masculina. Essa circulação de ideias, sustentada pelo diálogo com pares e pela mediação de referências bibliográficas e culturais, contribuiu para que sua produção literária e educacional alcançasse legitimidade pública. Assim, o reconhecimento de sua capacidade intelectual não se

restringiu ao espaço privado da correspondência, mas se projetou também em apreciações publicadas, revelando como sua atuação extrapolava os limites das relações pessoais e ganhava ressonância social. O que talvez Mariana Coelho não soubesse, mais do que em seus livros, seria em sua própria caminhada – feita de lutas, resistências e conquistas – que se revelaria a prova mais viva e irrefutável das potencialidades femininas.

Desse modo, a força de sua trajetória abriu caminho para compreender como, mesmo muito antes da publicação de *A evolução do feminismo*, já se delineava uma valorização de suas ideias e de sua autoridade intelectual voltada para a igualdade entre homens e mulheres, inclusive no reconhecimento vindo de seus pares masculinos. Em *Brazil Moderno* (1908, p. 28), encontra-se a seguinte opinião:

[...] Convencido de que é pura lenda a inventada inferioridade intelectual da mulher, encaro a obra de d. Mariana Coelho como a obra de um escritor, que tal não tem sexo; e acredito que se a auctora tivesse usado de um pseudonymo masculino ninguém distinguiria na sua maneira nem no seu estylo outra característica feminina que não uma certa timidez em expender opiniões, o receio muito amável e muito carinhoso de ferir susceptibilidades e uma eggarerada modéstia buscando collocar-se sempre em plano inferior dizendo-se balda da cultura para discutir com os colegas de letras, quando lhes é superior em alguns pontos [...]” (Registo..., *Brazil Moderno*, 1908, ed. 16, p. 28).

A recepção de *A evolução do feminismo*, publicada em 1933, confirmou essa percepção, pois foi amplamente celebrada pela imprensa. Em *A Noite* (RJ), em 13 de janeiro de 1934, lia-se:

Foi recebido com applausos o livro que a escriptora Mariana Coelho ve de publicar, sob o título de “Evolução do feminismo”. Escripito com clareza e conhecimento do assumpto, o livro é, realmente, digno de leitura. A segurança dos conceitos expendidos pela autora justifica o sucesso da interessante obra (*A Noite*, 13/01/1934).

Ainda em *A Noite*, a opinião de A. Austregésilo reforçava o valor da obra, destacando-a como “a maior e a mais bem documentada” sobre o tema no Brasil (*A Noite*, 13/01/1934). O jornal *O Dia* (Pr, 29/08/1933) também aplaudiu a publicação, ressaltando a posição de Mariana Coelho entre as grandes escritoras paranaenses. A Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional registra muitas outras notas e propagandas elogiosas entre 1933 e 1934, evidenciando a grande recepção da obra.

Apesar da ampla repercussão e do reconhecimento público obtido nos anos 1930, com elogios que destacavam tanto a relevância de *A evolução do feminismo* quanto a posição de Mariana Coelho no cenário intelectual paranaense e nacional, a força de sua influência feminista começou a se diluir com o tempo. O entusiasmo inicial da imprensa e dos círculos culturais não se traduziu em uma permanência efetiva de sua obra no debate educacional ou na consolidação de uma tradição feminista sustentada em sua produção. Aos poucos, sua contribuição foi sendo silenciada, e o projeto de uma educação feminista que atravessava seus escritos acabou ofuscado por novas demandas sociais e pelo próprio apagamento da memória de sua trajetória.

Esse fato fica mais evidente, algumas décadas mais tarde, quando percebemos que a situação da autora era bem distinta. O *Diário da Tarde* (Pr, 16/07/1949) descreveu Mariana Coelho já idosa, vivendo modestamente e marcada por aquilo que Nestor Victor chamara de “conspiração do silêncio”:

A velhinha, tremula sob o peso dos anos e da sua abnegação ininterrupta, com os olhos escondidos atrás dos óculos pretos, mora numa humilde pensão e raramente sae pelas ruas apoiando-se a uma fiel bengala, talvez seu único arrimo. Ninguém reconhece nela a fulgurante autora de *Evolução do Feminismo* [...] (*Diário da Tarde* - PR, 16/06/1949).

O excerto infere a fragilidade em que aparentemente se encontrava Mariana Coelho nos seus quase 92 anos. O mesmo trecho destacou que a sua obra “*A evolução do feminismo* será sempre indispensável aos psicólogos” e chamou-a de o “Vade Mecum” da mulher. Mariana Coelho seguiu sendo lembrada, por “*A evolução do feminismo*” e outras obras, e por outros motivos da sua extensa carreira dedicada à educação e ao feminismo. Mas com o passar do tempo essas lembranças foram ficando cada vez mais esparsas.

Em 6 de dezembro de 1949, Francisco Stobbia publicou no *Diário da Tarde*: “Curitiba inteira ama e admira esta sua grande Cidadã de Honra e de eleição que no vigor da juventude aqui chegou para dar ao Brasil a flor fina da inteligência e da cultura” (*Diário da Tarde*, 06/12/1949) Em seguida teceu elogios ao livro: “As 611 páginas de ‘Evolução de Feminismo’ obra magnífica de estudo, de pesquisas e de experiência pelos palpitantes assuntos debatidos e resolvidos é a quinta essência das Conferências sobre o Feminismo, dos mais ilustres Oradores” (*Diário da Tarde*, 06/12/1949).

O contraste entre os aplausos de outrora e o esquecimento em vida evidencia não apenas a condição de vulnerabilidade da escritora, mas também como a memória de sua produção sofreu oscilações no espaço público. Ainda assim, poucos meses depois, em dezembro de 1949, o mesmo periódico exaltava novamente a sua trajetória e o valor de *A evolução do feminismo*, reconhecendo a obra como uma das mais relevantes sobre o tema.

Em 30 de novembro de 1954, *O Dia* trouxe a fatídica notícia do falecimento de Mariana Coelho, ocorrido em 29 de novembro de 1954, aos 97 anos. “Repercutiu dolorosamente nesta capital, o falecimento ocorrido ontem, da ilustre educadora profa. Mariana Coelho [...]” (*O Dia*, 30/11/1954), sepultada no jazigo da família em 30 de novembro de 1954 no Cemitério Municipal São Francisco de Paula, em Curitiba.

FIGURA 31 - JAZIGO DA FAMÍLIA DE MARIANA COELHO NO CEMITÉRIO MUNICIPAL SÃO FRANCISCO DE PAULA EM CURITIBA, ONDE FOI SEPULTADA



Fonte: Página do Facebook da Associação Educacional - 04/06/2017.

Com o falecimento de Mariana Coelho em 29 de novembro de 1954, registrado pelo jornal *O Dia* (30/11/1954), abriu-se espaço para a elaboração de um lugar de memória em torno de sua figura e de sua obra. Se em vida experimentou o apagamento e a penúria, após a morte passou a ser lembrada como referência intelectual e feminista, lembranças que logo voltaram a ficar esparsas.

A trajetória de intelectuais como Mariana Coelho evidencia a instabilidade da memória cultural e do reconhecimento social. Em determinados momentos de suas vidas, suas obras e contribuições são amplamente celebradas, recebendo elogios da imprensa e do público, como ocorreu com *A evolução do feminismo* nos anos 1930.

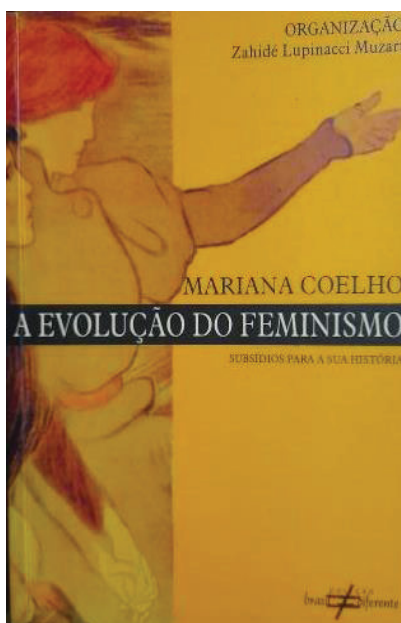
Esse reconhecimento é uma forma de memória ativa, na qual o trabalho intelectual é incorporado ao imaginário coletivo e à valorização do saber. Contudo, mesmo figuras de destaque podem experimentar, ainda em vida, a gradual invisibilidade e o esquecimento, muitas vezes motivados por preconceitos de gênero, mudanças sociais ou simples descaso institucional. O contraste entre a aclamação inicial e o apagamento posterior revela que a memória social não é linear, mas sujeita a oscilações e revisões contínuas.

Entretanto, passados sessenta e nove anos da publicação da primeira edição, em 2002 a obra *A evolução do feminismo* foi redescoberta e republicada com a organização de Zahidé Lupinacci Muzart⁵⁴, como parte da coleção *Brasil diferente*. Esse processo ganhou novo fôlego, gesto que reafirma a permanência e a atualidade de seu pensamento.

A obra também teve acabamento em brochura, com capa em papel cartão, mas agora com medidas 23cmX16cm, o que acabou reduzindo o número de páginas para 392.

⁵⁴ Segundo Risoletti Maria Hellmann (2017), autora do artigo *Crítica literária feminista: o legado de Zahidé Muzart*, a organizadora da 2ª edição, Zahidé Lupinacci Muzart, nasceu no município de Cruz Alta, no Rio Grande do Sul, no dia 14 de julho de 1939 e faleceu em Florianópolis em 28 de outubro de 2015. Foi professora universitária, titular da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), pesquisadora e historiadora literária feminista. Autora de várias obras, entre os inúmeros capítulos de livros, artigos, resumos e matérias em periódicos. Abriu sua própria editora, a *Editora Mulheres*, que tinha como principal objetivo, o resgate de obras de mulheres do século XIX.

Em seu Currículo Lattes, consta o seguinte resumo: Possui graduação em Letras Neolatinas pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1961), graduação em Música pela Escola de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, doutorado em Letras pela Faculté des Lettres et Sciences Humaines, Université de Toulouse-Le Mirail (1970), pós-doutorado na École des Hautes Études em Sciences Sociales, Paris (1983-1984). Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Literatura Brasileira (História das escritoras no século XIX, Literatura e Mulher, feminismo e literatura, Simbolismo em Santa Catarina, Cruz e Sousa). Participa da coordenação do Instituto de Estudos de Gênero - IEG/UFSC e de duas editorias da *Revista Estudos Feministas*. Tendo fundado a *Editora Mulheres*, com o objetivo de resgatar a obra de algumas mulheres do século XIX, editou os principais romances de escritoras como Inês Sabino, Maria Benedita Bormann, Maria Firmina dos Reis, Carmen Dolores, Ana Luísa de Azevedo Castro, Emília Freitas e, de Júlia Lopes de Almeida, editou dez livros, visando o resgate de toda a sua obra, a mais importante escritora brasileira do século XIX.

FIGURA 32: CAPA DA 2ª EDIÇÃO DE 2002 DE *A EVOLUÇÃO DO FEMINISMO*

Fonte: A autora (2023).

Em entrevista a Hellmann, Muzart esclarece que

Não basta resgatar as escritoras e obras do século XIX, republicá-las, colocar em circulação esses livros, é preciso estudá-las a fundo para consolidar uma tradição literária de autoria feminina no Brasil e revelar o valor literário de toda essa produção. E essa produção literária de mulheres não pode ser avaliada usando os mesmos critérios usados pela crítica canônica. É preciso considerar suas condições de produção e publicação da literatura que escreveram (Muzart, 2013 *apud* Hellmann, 2017, p. 9).

Assim o fez com a obra de Mariana Coelho de 1933, *A evolução do feminismo*, redescoberta, editada e republicada, agora no Paraná, pela Imprensa Oficial do Paraná, durante o governo de Jaime Lerner. Em nota prévia, acrescentada nesta segunda edição (2002a, p. 9), Zahidé explica que a reedição é resultado de “um projeto de pesquisa realizado com o apoio do CNPq”. Prossegue com um tom de humildade, reconhecendo que o tempo disponível para a elaboração da obra foi exíguo, o que a impediu de aprofundar certos temas e tornar o texto mais esclarecedor para o leitor, especialmente considerando que se trata de um escrito produzido em outra época. Reitera que optou por transcrever literalmente o texto de Mariana Coelho, adaptando-o apenas às normas da ortografia atual. Manteve todos os itálicos das palavras de língua estrangeira, mesmo as já incorporadas à Língua Portuguesa.

Comparando índice e sumário das duas edições de *A evolução do feminismo*, observamos que os capítulos se mantiveram iguais, ocorrendo mudanças apenas nas

partes iniciais do livro, como a retirada, na segunda edição, do título *Dedicatória*, primeiro item da primeira edição e a inclusão da *Nota prévia*, com a explicação de como ocorreu o trabalho de reescrita da obra. O acréscimo do título *Apresentação*, *Zahidé Lupinacci Muzart*, descrevendo Mariana Coelho, sua vida e obras. E a substituição dos títulos *Carta de Rocha Pombo* e *Carta de Dario Velozo*, por *Cartas a Mariana Coelho*.

A republicação de *A evolução do feminismo*, em 2002, quase sete décadas após a sua primeira edição em 1933, representa um marco significativo na valorização da memória intelectual feminista no Brasil e fora dele. Essa nova edição resgata uma obra pioneira que, apesar de seu ineditismo e profundidade analítica, permaneceu por muito tempo esquecida nos circuitos acadêmicos e editoriais. Ao tornar novamente acessível o pensamento de Mariana Coelho, a republicação não apenas restitui a sua contribuição à história das ideias feministas, mas também possibilita que novas gerações de pesquisadoras e pesquisadores revisitem criticamente os fundamentos do feminismo brasileiro, reconhecendo a importância das vozes que ousaram pensar e escrever em tempos de silenciamento. Este resgate deu ao livro uma nova oportunidade de circulação, deixando de ser uma obra entre as “obras raras” das bibliotecas, para se tornar uma obra acessível a um público muito mais abrangente, elevando seu potencial de estudo e pesquisa.

Assim, o percurso que vai do reconhecimento inicial à invisibilidade nos últimos anos de vida, seguido da recuperação memorialística, permite observar como a obra de Mariana Coelho se inscreve nas disputas pela memória coletiva. A discussão articula-se ao próprio conceito de memória como campo de tensões e ressignificações, permitindo também estabelecer diálogos com outras tradições feministas, inclusive afro-americanas e afro-brasileiras que, décadas mais tarde, igualmente reivindicariam espaços de fala e de legitimação na história.

O ciclo de lembrança, esquecimento e revalorização que se observa na trajetória de Mariana Coelho também aponta para a construção de uma memória póstuma. Após o falecimento, suas contribuições podem ser brevemente evocadas, mas tendem a se perder novamente se não houver iniciativas de preservação, republicação ou estudo crítico. Décadas mais tarde, a recuperação de suas obras e o reconhecimento tardio de sua relevância demonstram que a memória cultural é dinâmica e relacional: não reside apenas no passado, mas depende de como o presente decide visitar, reinterpretar e valorizar legados intelectuais. Esse fenômeno

mostra ainda que, ao resgatar figuras como Mariana Coelho, a sociedade não apenas repara esquecimentos, mas também amplia a compreensão histórica e abre espaço para diálogos com outras tradições feministas e intelectuais, reafirmando a importância do cuidado com a memória e a preservação do patrimônio intelectual.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo analisar as cartas de Mariana Coelho, considerando seu valor histórico, literário e político, bem como a sua relevância para o entendimento do pensamento feminista e da educação de mulheres no Brasil entre os séculos XIX e XX. A partir da problemática que orientou a pesquisa – como as interações epistolares de Mariana Coelho com outras mulheres feministas e alguns homens (intelectuais e políticos) contribuíram para a sua educação feminista e para a escrita e publicação do livro *A evolução do feminismo* –, buscou-se evidenciar de que modo a escrita epistolar constitui-se em espaço de elaboração, negociação e amadurecimento de ideias.

Através do percurso metodológico utilizado, pudemos concluir que o estudo das cartas de Mariana Coelho, em diálogo com periódicos da época, constitui um caminho privilegiado para compreender tanto a construção da obra *A evolução do feminismo*, quanto os vínculos intelectuais e afetivos que a sustentaram.

O uso de repositórios digitais, embora traga limitações em relação à materialidade das fontes e riscos de descontextualização, revelou-se fundamental para o acesso e preservação documental, democratizando a pesquisa e permitindo o contato com acervos que, de outra forma, seriam de difícil alcance. A materialidade das cartas – seus suportes, formas de escrita, timbres, rasuras e anotações – revelou nuances de intimidade e de transformação nas relações entre as correspondentes, ao mesmo tempo em que reforçou o potencial dos “egodocumentos” como espaços de elaboração de subjetividades.

Já os periódicos ampliaram as possibilidades de análise, situando Mariana Coelho no espaço público e evidenciando sua participação ativa nos debates políticos, sociais e culturais de seu tempo. Assim, o entrecruzamento das fontes permitiu não apenas mapear redes de sociabilidade e estratégias de afirmação intelectual, mas também refletir sobre os próprios desafios e possibilidades do ofício do historiador diante de acervos digitais e práticas epistolares.

A análise do conjunto de cartas de Mariana Coelho, datadas entre 1909 e 1945, revelou não apenas a dimensão e diversidade de seus correspondentes, mas sobretudo a centralidade da relação estabelecida com Bertha Lutz, figura de maior destaque em sua rede epistolar. Apesar das lacunas resultantes da perda de parte significativa da documentação, foi possível perceber a intensidade dos vínculos

intelectuais e afetivos que marcaram sua trajetória, bem como a importância das cartas como instrumento de circulação de ideias, legitimação e fortalecimento do movimento feminista. Os interlocutores de Mariana Coelho – em sua maioria intelectuais de grande projeção social e cultural – contribuíram para ampliar seu repertório e inseri-la em debates nacionais e internacionais sobre educação, literatura, ciência e emancipação feminina. Assim, a correspondência, além de registro de sociabilidades, constituiu-se como espaço formativo e de autoafirmação, evidenciando o papel das redes feministas e intelectuais na consolidação de sua obra e de sua militância.

A trajetória de Mariana Coelho evidencia como sua formação intelectual foi moldada tanto pelo ambiente familiar quanto pelas experiências culturais e sociais vividas em Portugal e, posteriormente, no Brasil. Proveniente de uma família com tradição erudita e vínculos religiosos, teve acesso privilegiado à alfabetização, leituras e periódicos em um contexto em que a maioria das mulheres permanecia excluída da instrução formal. Ao migrar para Curitiba, em 1892, trouxe consigo esse repertório, ampliando-o por meio da participação em espaços de sociabilidade intelectual, como clubes, associações, periódicos e, especialmente, a maçonaria feminina. Essas experiências lhe garantiram reconhecimento social, atuação como educadora e escritora e inserção em redes culturais e políticas que fortaleceram sua militância feminista. Assim, a formação de Mariana Coelho se consolidou como resultado de um entrecruzamento de heranças familiares, práticas de leitura e redes de sociabilidade, que a projetaram como uma das mais importantes intelectuais feministas do seu tempo.

Este trabalho destacou também a intensa atuação de Mariana Coelho no meio social e intelectual de Curitiba no início do século XX. A partir de suas publicações e da fundação do Colégio Santos Dumont, ela construiu uma rede de relações sociais com intelectuais proeminentes da época, muitos deles ligados à maçonaria e a periódicos. Mariana Coelho se inseriu no cenário literário com um discurso feminista e laico, opondo-se à visão da Igreja Católica sobre o papel social da mulher, o que lhe rendeu críticas, mas também o respeito de seus pares. Ela utilizou os periódicos como uma ferramenta para divulgar suas ideias e se aproximar de outros intelectuais, com quem trocava cartas e com quem teve contato nas publicações de suas obras.

No notável debate que Mariana Coelho travou com outros intelectuais, como Georgina Mongruel, Nestor de Castro e outros, nas colunas do jornal *Diário da Tarde*,

as discussões sobre a emancipação feminina, o voto e a profissionalização da mulher, embora acaloradas, foram conduzidas com respeito, evidenciando a admiração que a autora conquistou e o alcance de suas ideias, que geraram um mês de discussões na imprensa. A trajetória de Mariana Coelho demonstra como ela soube usar a imprensa e suas relações sociais para se posicionar como intelectual de destaque e defensora da emancipação feminina, conquistando um lugar de prestígio e reconhecimento no cenário literário e social do Paraná.

Avultamos também a relação entre Mariana Coelho e seu irmão mais novo, Carlos Alberto Teixeira Coelho, destacando sua crucial influência na formação intelectual dela. A dedicatória em *A evolução do feminismo* o homenageia como "guia solícito dos meus primeiros passos literários". Carlos Alberto era um intelectual de destaque e essa posição facilitou que Mariana publicasse seus primeiros textos, especialmente sobre a emancipação feminina, o que a aproximou de sua rede de contatos intelectuais. O papel de Carlos Alberto como mentor é evidenciado em sua defesa pública da obra de sua irmã, *O Paraná mental*. A relação de Mariana com o irmão transcendeu os laços familiares, sendo uma parceria intelectual fundamental para a carreira da autora. Carlos Alberto forneceu a ela um espaço de publicação e contribuiu para sua formação, expondo-a a ideias progressistas e a uma rede de contatos que a consolidou como uma voz importante no cenário intelectual e feminista do Paraná.

Este trabalho abordou, com maior ênfase, o processo de escrita e publicação da obra *A evolução do feminismo*, de Mariana Coelho. O título da obra, com o termo "evolução", revela a influência do positivismo e das teorias de progresso social da época, que viam o feminismo como um movimento de aprimoramento moral e racional da sociedade. Mariana Coelho estruturou o livro em sete capítulos, demonstrando a participação e as lutas das mulheres em diversas áreas como a religião, a guerra, a política, as ciências e as artes. A autora utilizou a troca de correspondências, especialmente com a feminista Bertha Lutz, para pesquisar e obter informações para o livro.

A publicação da obra, finalizada em 1926, foi adiada para 1933 devido a "motivos estranhos", como o extravio dos originais do manuscrito. Mariana Coelho não queria que o livro fosse publicado em Curitiba, pois considerava a cidade um "túmulos" para a sua causa, preferindo os centros editoriais de Rio de Janeiro e São Paulo. O texto também destaca que o índice final da obra foi ajustado com base nas sugestões

de Bertha Lutz, que questionou termos como "burocracia", levando à sua substituição por "administração", e o acréscimo de um capítulo sobre a imprensa. Isso demonstra a importância das trocas intelectuais na construção final do livro.

As cartas foram fundamentais no processo de escrita e validação da obra *A evolução do feminismo*. O livro de Mariana Coelho incluiu cartas-prefácio de intelectuais como Rocha Pombo e Dario Vellozo, usadas para conferir credibilidade e legitimar a obra. Embora o convite inicial para o prefácio tenha sido feito a Bertha Lutz, figura central do feminismo brasileiro, por algum motivo que as cartas não revelaram, talvez pela demora em responder, o prefácio não foi feito por ela. Esse prefácio tinha como objetivo estratégico usar a notoriedade da colega para conseguir a edição do livro e dar mais peso a ele.

As cartas também foram a principal fonte de pesquisa de Mariana Coelho. A autora se queixava da falta de cobertura da imprensa paranaense sobre o movimento feminista e dependia da vasta rede de contatos de Bertha Lutz para obter informações. Bertha fornecia detalhes sobre eventos importantes, como a Primeira Conferência pelo Progresso Feminino e a Convenção Feminista Pan-Americana, além de esclarecer fatos e corrigir dados imprecisos em outras fontes.

A pesquisa de Mariana se estendeu para além do Brasil. As cartas revelam seus contatos com ativistas internacionais, como a uruguaia Paulina Luisi e mulheres do Reino Unido e da França. Essa troca de informações permitiu que Mariana Coelho incluísse no livro dados sobre a situação do feminismo em diversos países, como Uruguai, Espanha e Itália, detalhando aprovações de projetos, eleições e outros marcos feministas. As correspondências mostram o comprometimento de Mariana em construir uma obra minuciosa, baseada em informações diretas de protagonistas do movimento.

Mariana Coelho, que se tornou educadora e diretora escolar sem ter um diploma formal, utilizou as correspondências para construir seu conhecimento e sua militância. O texto diferencia "educação feminina" (voltada para o lar e os papéis tradicionais de gênero) de "educação feminista" (crítica e focada na emancipação, igualdade e participação social da mulher). As cartas revelam que a educação feminista de Mariana se aprofundou na troca com outras ativistas e intelectuais.

As vitórias pessoais, como a sua nomeação para a Escola Profissional Feminina de Curitiba, são celebradas nas cartas como conquistas do movimento feminista como um todo. As correspondências, no entanto, também expõem disputas

de poder, como a rivalidade de Mariana com a diretora da escola. Isso humaniza a narrativa e mostra que o movimento, embora unido por uma causa, era composto por indivíduos com suas próprias ambições e desafios.

As pautas do feminismo da Primeira Onda, ao qual Mariana Coelho pertencia, eram focadas principalmente no sufrágio feminino, nos direitos políticos e na igualdade no trabalho, sem questionar os papéis tradicionais da mulher no lar. As cartas mostram que Mariana, morando em Curitiba, considerada menos progressista que Rio e São Paulo, dependia de sua afiliação e dos contatos com a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino (FBPF), presidida por Bertha Lutz. Essa rede, composta por mulheres da elite com grande capital social e intelectual (como Jeronyma Mesquita e Laurinda Santos Lobo), era crucial para que Mariana se mantivesse informada sobre os avanços do movimento em nível nacional e internacional.

A troca de correspondências permitiu que Mariana Coelho moldasse seu pensamento, compartilhando ideias e, por vezes, discordando de suas interlocutoras. No final, as cartas não serviram apenas para a pesquisa de seu livro, mas para cimentar seu lugar como intelectual e ativista influente, culminando no convite de Bertha Lutz para que ela fosse a historiadora da causa feminista no Brasil.

A análise das correspondências permitiu compreender que o livro *A evolução do feminismo* não foi uma obra produzida em isolamento, mas resultado de um processo coletivo e dialógico, atravessado pelas trocas de Mariana Coelho com sua rede de sociabilidades intelectuais. As cartas revelam como, ao mesmo tempo em que Mariana Coelho se afirmava como escritora, educadora e feminista, ela se educava e se formava como tal, incorporando debates, questionamentos e estímulos advindos de seus interlocutores e interlocutoras. Assim, a epistolografia não apenas reflete sua trajetória, mas atua como meio constitutivo de sua formação intelectual e feminista. Por meio das correspondências ela pôde ampliar horizontes, dialogar com outras feministas, atualizar-se sobre debates internacionais e consolidar sua identidade como intelectual engajada. Assim, as cartas não apenas complementaram sua trajetória, mas constituíram uma dimensão fundamental de sua educação feminista, funcionando como espaço de autoformação, intercâmbio de ideias e resistência diante das restrições impostas às mulheres de sua época.

Assim, a pesquisa alcançou os objetivos propostos:

- entender como o livro *A evolução do feminismo* foi sendo escrito e modificado a partir das interações epistolares;
- refletir sobre o processo de autoeducação feminista de Mariana Coelho em sua rede de sociabilidades;
- compreender como ela se construiu enquanto intelectual, a partir de suas múltiplas formas de escrita e atuação.

Outro aspecto relevante que emergiu da pesquisa diz respeito à memória e ao esquecimento. Embora Mariana Coelho tenha sido lembrada e reconhecida em sua época, parte de sua trajetória intelectual foi progressivamente esquecida, um fenômeno que reforça a importância de estudos que recuperem a produção e o legado de mulheres no campo da educação e do feminismo. A retomada de sua obra e de suas cartas contribui para reconstituir a memória histórica dessas intelectuais, oferecendo visibilidade a sujeitos historicamente marginalizados e reafirmando a importância da escrita de mulheres para a história intelectual brasileira.

Ao mesmo tempo, a pesquisa revela lacunas significativas: a ausência de interlocutoras negras e a presença limitada de homens em seu círculo epistolar mostram que as relações de sociabilidade de Mariana Coelho refletiam hierarquias e exclusões próprias de seu tempo, destacando, assim, dimensões seletivas das redes intelectuais feministas do período.

Esta dissertação reafirma a relevância das cartas como fonte de pesquisa, não apenas pelo conteúdo explícito, mas também pelos silêncios, entrelinhas e estratégias discursivas presentes na escrita epistolar. Espera-se que este estudo contribua para novas leituras da obra e da figura de Mariana Coelho, ampliando as reflexões sobre história intelectual, memória feminista e educação de mulheres no Brasil. Estudos futuros poderiam aprofundar comparações com outras correspondências femininas, investigar a circulação e recepção do livro *A evolução do feminismo* e expandir a análise sobre a presença e ausência de diferentes sujeitos nas redes feministas do período.

Como desdobramentos futuros, a análise comparativa com outras correspondências femininas do mesmo período pode ampliar a compreensão sobre os modos de circulação de ideias e práticas feministas no Brasil. Da mesma forma, a publicação e difusão das cartas de Mariana Coelho, trabalho já iniciado nesta pesquisa, representa uma possibilidade de democratizar o acesso a esse material e

incentivar novas investigações. Outro caminho promissor seria aprofundar os estudos sobre a circulação e recepção do livro *A evolução do feminismo*, compreendendo seus impactos na sociedade da época e seus ecos em outras produções intelectuais.

Por fim, espera-se que esta dissertação contribua para abrir novas leituras e interpretações sobre a obra e a trajetória de Mariana Coelho, reafirmando a relevância de sua escrita e de seu legado para a história da educação das mulheres e do feminismo no Brasil.

FONTES

Obras de Mariana Coelho

CASTELLANO, Leonor. À guiza de prefácio. *In*: COELHO, Mariana. **Palestras educativas**: Obra póstuma. Curitiba: Centro de Letras do Paraná, 1956. p. 7-12.

COELHO, Mariana. Discurso. **Boletim Oficial do Grande Oriente do Rio Grande do Sul**, Porto Alegre, ano XI, n. 3, p. 196-201, ago. 1902.

COELHO, Mariana. **A evolução do feminismo**: subsídios para sua história. Rio de Janeiro: Imprensa Moderna, 1933.

COELHO, Mariana. **Um brado de revolta contra a morte violenta**. Curitiba: A Cruzada, 1935.

COELHO, Mariana. **Linguagem**. Curitiba: A Cruzada, 1937.

COELHO, Mariana. **Cambiantes**: contos e fantasias. São Paulo: Empresa Gráfica da Revista dos Tribunais, 1940.

COELHO, Mariana. **Palestras educativas**: obra póstuma. Curitiba: Centro de Letras do Paraná, 1956.

COELHO, Mariana. **A evolução do feminismo**: subsídios para sua história. 2. ed. Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 2002a.

COELHO, Mariana. **O Paraná mental**. 2. ed. Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 2002b.

Correspondências

ATHAYDE, Aramis Taborda de. **Carta para Mariana Coelho**. Curitiba, 1º ago. 1935. 1 f. Arquivo Nacional do Rio de Janeiro.

COELHO, Mariana. **Carta para Bertha Lutz**. Curitiba, 2 jan. 1923. 3 f. Arquivo Nacional do Rio de Janeiro.

COELHO, Mariana. **Carta para Bertha Lutz**. Curitiba, 23 mar. 1924. 3 f. Arquivo Nacional do Rio de Janeiro.

COELHO, Mariana. **Carta para Bertha Lutz**. Curitiba, 17 nov. 1924. 6 f. Arquivo Nacional do Rio de Janeiro.

COELHO, Mariana. **Carta para Bertha Lutz**. Curitiba, 18 nov. 1924. 2 f. Arquivo Nacional do Rio de Janeiro.

COELHO, Mariana. **Carta para Bertha Lutz**. Curitiba, 6 dez. 1924. 2 f. Arquivo Nacional do Rio de Janeiro.

COELHO, Mariana. **Carta para Bertha Lutz**. Curitiba, 29 dez. 1924. 4 f. Arquivo Nacional do Rio de Janeiro.

COELHO, Mariana. **Carta para Bertha Lutz**. Curitiba, 21 jan. 1925. 7 f. Arquivo Nacional do Rio de Janeiro.

COELHO, Mariana. **Carta para Bertha Lutz**. Curitiba, 28 jan. 1925. 4 f. Arquivo Nacional do Rio de Janeiro.

COELHO, Mariana. **Carta para Bertha Lutz**. Curitiba, 19 mar. 1925. 4 f. Arquivo Nacional do Rio de Janeiro.

COELHO, Mariana. **Carta para Bertha Lutz**. Curitiba, 6 jul. 1925. 4 f. Arquivo Nacional do Rio de Janeiro.

COELHO, Mariana. **Carta para Bertha Lutz**. Curitiba, 1º ago. 1925. 4 f. Arquivo Nacional do Rio de Janeiro.

COELHO, Mariana. **Carta para Bertha Lutz**. Curitiba, 15 set. 1925. 7 f. Arquivo Nacional do Rio de Janeiro.

COELHO, Mariana. **Carta para Bertha Lutz**. Curitiba, 17 set. 1925. 3 f. Arquivo Nacional do Rio de Janeiro.

COELHO, Mariana. **Carta para Bertha Lutz**. Curitiba, 21 out. 1925. 2 f. Arquivo Nacional do Rio de Janeiro.

COELHO, Mariana. **Carta para Bertha Lutz**. Curitiba, 22 nov. 1925. 4 f. Arquivo Nacional do Rio de Janeiro.

COELHO, Mariana. **Carta para Bertha Lutz**. Curitiba, 31 jan. 1926. 4 f. Arquivo Nacional do Rio de Janeiro.

COELHO, Mariana. **Carta para Bertha Lutz**. Curitiba, 12 mar. 1926. 8 f. Arquivo Nacional do Rio de Janeiro.

COELHO, Mariana. **Carta para Bertha Lutz**. Curitiba, 26 maio 1926. 3 f. Arquivo Nacional do Rio de Janeiro.

COELHO, Mariana. **Carta para Bertha Lutz**. Curitiba, 5 jun. 1926. 4 f. Arquivo Nacional do Rio de Janeiro.

COELHO, Mariana. **Carta para Bertha Lutz**. Curitiba, 8 ago. 1926. 4 f. Arquivo Nacional do Rio de Janeiro.

COELHO, Mariana. **Carta para Bertha Lutz**. Curitiba, 8 set. 1926. 8 f. Arquivo Nacional do Rio de Janeiro.

COELHO, Mariana. **Carta para Bertha Lutz**. Curitiba, 8 fev. 1927. 6 f. Arquivo Nacional do Rio de Janeiro.

COELHO, Mariana. **Carta para Bertha Lutz**. Curitiba, 24 mar. 1927. 4 f. Arquivo Nacional do Rio de Janeiro.

COELHO, Mariana. **Carta para Bertha Lutz**. Curitiba, 26 jul. 1927. 4 f. Arquivo Nacional do Rio de Janeiro.

COELHO, Mariana. **Carta para Bertha Lutz**. Curitiba, 17 ago. 1927. 4 f. Arquivo Nacional do Rio de Janeiro.

COELHO, Mariana. **Carta para Bertha Lutz**. Curitiba, 11 dez. 1927. 4 f. Arquivo Nacional do Rio de Janeiro.

COELHO, Mariana. **Carta para Bertha Lutz**. Curitiba, 26 maio 1928. 3 f. Arquivo Nacional do Rio de Janeiro.

COELHO, Mariana. **Carta para Bertha Lutz**. Curitiba, 7 ago. 1934. 4 f. Arquivo Nacional do Rio de Janeiro.

COELHO, Mariana. **Carta para Bertha Lutz**. Curitiba, 14 nov. 1934. 2 f. Arquivo Nacional do Rio de Janeiro.

COELHO, Mariana. **Carta para Bertha Lutz**. Curitiba, 28 abr. 1936. 1 f. Arquivo Nacional do Rio de Janeiro.

COELHO, Mariana. **Carta para Bertha Lutz**. Curitiba, 18 jan. 1938. 3 f. Arquivo Nacional do Rio de Janeiro.

COELHO, Mariana. **Carta para Bertha Lutz**. Curitiba, 30 set. 1940. 2 f. Arquivo Nacional do Rio de Janeiro.

COELHO, Mariana. **Carta para Fábio Luz**. Curitiba, 25 abr. 1909. 3 f. Arquivo Nacional do Rio de Janeiro.

COELHO, Mariana. **Carta para Fábio Luz**. Curitiba, 17 jun. 1909. 4 f. Arquivo Nacional do Rio de Janeiro.

COELHO, Mariana. **Carta para Georgina Barbosa Vianna**. Curitiba, 14 set. 1936. 1 f. Arquivo Nacional do Rio de Janeiro.

COELHO, Mariana. **Carta para Georgina Barbosa Vianna**. Curitiba, 19 fev. 1937. 4 f. Arquivo Nacional do Rio de Janeiro.

COELHO, Mariana. **Carta para Maria Amália Bastos de Miranda Jordão**. Curitiba, 8 maio 1927. 4 f. Arquivo Nacional do Rio de Janeiro.

COELHO, Mariana. **Carta para Maria Sabina de Albuquerque**. Curitiba, 4 jun. 1934. 1 f. Arquivo Nacional do Rio de Janeiro.

COELHO, Mariana. **Carta para Mário Augusto Teixeira de Freitas**. Curitiba, 19 mar. 1945. 3 f. Arquivo Nacional do Rio de Janeiro.

COELHO, Mariana. **Cópia de ficha recebida de Rachel Crotman, preenchida por Mariana Coelho para ser apresentada ao 3º Congresso Nacional Feminino**. Curitiba, 13 set. 1936. 2 f. Arquivo Nacional do Rio de Janeiro.

LUTZ, Bertha. **Carta para Mariana Coelho**. Rio de Janeiro, 25 fev. 1924. 1 f. Arquivo Nacional do Rio de Janeiro.

LUTZ, Bertha. **Carta para Mariana Coelho**. Rio de Janeiro, 9 jan. 1925. 2 f. Arquivo Nacional do Rio de Janeiro.

LUTZ, Bertha. **Carta para Mariana Coelho**. Rio de Janeiro, 12 fev. 1925. 2 f. Arquivo Nacional do Rio de Janeiro.

LUTZ, Bertha. **Carta para Mariana Coelho**. Rio de Janeiro, 1º nov. 1925. 4 f. Arquivo Nacional do Rio de Janeiro.

LUTZ, Bertha. **Carta para Mariana Coelho**. Rio de Janeiro, 22 nov. 1925. 4 f. Arquivo Nacional do Rio de Janeiro.

LUTZ, Bertha. **Carta para Mariana Coelho**. Rio de Janeiro, 20 maio 1926. 1 f. Arquivo Nacional do Rio de Janeiro.

LUTZ, Bertha. **Carta para Mariana Coelho**. Rio de Janeiro, 9 abr. 1929. 1 f. Arquivo Nacional do Rio de Janeiro.

OLIVEIRA, Ilnah Pacheco Secundino de. **Carta para Mariana Coelho**. Curitiba, 13 jun. 1936. 2 f. Arquivo Nacional do Rio de Janeiro.

POMBO, Rocha. **Carta para Bertha Lutz**. Rio de Janeiro, 28 jun. 1928. 1 f. Arquivo Nacional do Rio de Janeiro.

POMBO, Rocha. **Carta para Mariana Coelho**. Rio de Janeiro, 15 jul. 1927. 1 f. Arquivo Nacional do Rio de Janeiro.

VELLOZO, Dario. **Carta para Mariana Coelho**. Curitiba, 24 jul. 1926. 2 f. Arquivo Nacional do Rio de Janeiro.

Periódicos

3º CONGRESSO de Geografia. **A República**, Curitiba, 15 ago. 1911. Ano XXVI, n. 191, p. 2.

A FEDERAÇÃO Brasileira pelo Progresso Feminino. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 29 jun.1930. n. 10868.

ALMANAK Laemmert. Rio de Janeiro: Livraria Mundial, 1937. p. 1042.

A MULHER prepara-se para votar. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 27 jul. 1934. n. 00178. p. 24.

ANÚNCIO da chegada de Carlos Alberto Teixeira Coelho à Curitiba. **A República**, Curitiba, 12 dez. 1893. Ano VIII, n. 266, p. 1-2.

ANÚNCIO da obra “A Crítica paranaense ao Paraná Mental”. **A República**, Curitiba, 18 nov. 1908. Ano XXIII, n. 271, p. 3.

ASSOCIAÇÃO das Filhas da Acácia. **A República**, Curitiba, 16 ago.1901. Ano XVI, n. 185, p. 2.

AUSTREGÉSILO, Antônio. Livros Novos: A evolução do feminismo por Mariana Coelho. **A Noite**, Rio de Janeiro, 13 jan. 1934. p. 10.

CASTRO, Nestor de (JACQUES, João). O feminismo. **Diário da Tarde**, Curitiba, 14 mar. 1901. Ano III, n. 578, p. 1.

CASTRO, Nestor de (JACQUES, João). O feminismo. **Diário da Tarde**, Curitiba, 16 mar. 1901. Ano III, n. 580, p. 1.

CASTRO, Nestor de (JACQUES, João). O feminismo. **Diário da Tarde**, Curitiba, 21 mar. 1901. Ano III, n. 584, p. 2.

CASTRO, Nestor de (JACQUES, João). O feminismo. **Diário da Tarde**, Curitiba, 29 mar. 1901. Ano III, n. 591, p. 1-2.

CASTRO, Nestor de. O feminismo. **Diário da Tarde**, Curitiba, 4 abr. 1901. Ano III, n. 596, p. 1.

CHÉLIGA-LOWEY, Marya. A mulher no século XX - A evolução do feminismo. **Commercio de Portugal**, Lisboa, 30 maio 1897. Ano XIX, ed. 5347, p. 1.

COELHO, Mariana. Chronica da Moda. **Diário da Tarde**. Curitiba, 1º mar. 1901. Ano III, n. 568, p. 1.

COELHO, Mariana. Chronica da Moda. **Diário da Tarde**. Curitiba, 5 out. 1901. Ano III, n. 789, p. 1.

COELHO, Mariana. Chronica da Moda. **Diário da Tarde**. Curitiba, 10 dez. 1901. Ano III, n. 842, p. 2.

COELHO, Mariana. Colégio Santos Dumont. **Diário da Tarde**. Curitiba, 8 abr.1903. Ano V, n. 1247, p. 3.

COELHO, Mariana. Crítica á crítica I. **A Republica**, Curitiba, 5 set. 1908. Ano XXIII, n. 209, p. 1.

COELHO, Mariana. Crítica á crítica II. **A Republica**, Curitiba, 7 set. 1908. Ano XXIII, n. 210, p. 1.

COELHO, Mariana. Crítica á crítica III. **A Republica**, Curitiba, 8 set. 1908. Ano XXIII, n. 211, p. 1-2.

COELHO, Mariana. Crítica á crítica IV. **A Republica**, Curitiba, 9 set. 1908. Ano XXIII, n. 212, p. 1-2.

COELHO, Mariana. Crítica á crítica V. **A Republica**, Curitiba, 10 set. 1908. Ano XXIII, n. 213, p. 1.

COELHO, Mariana. Crítica á crítica VI. **A Republica**, Curitiba, 19 set. 1908. Ano XXIII, n. 221, p. 1.

COELHO, Mariana. Crítica á crítica VII. **A Republica**, Curitiba, 21 set. 1908. Ano XXIII, n. 222, p. 1.

COELHO, Mariana. Emancipação da mulher. **Diário da Tarde**, Curitiba, 4 mar. 1901. Ano III, n. 570, p. 1.

COELHO, Mariana. Emancipação da mulher. **Diário da Tarde**, Curitiba, 22 mar. 1901. Ano III, n. 585, p. 1.

COELHO, Mariana. Emancipação da mulher. **Diário da Tarde**, Curitiba, 2 abr. 1901. Ano III, n. 594, p. 1.

COELHO, Mariana. O chapeo feminino. **Diário da Tarde**, Curitiba, 9 abr. 1901. Ano III, n. 599, p. 1.

COELHO, Mariana. Madrigal. **Revista Azul**, Curitiba, ago. 1893. Ano I, n. 2, p. 3.

COELHO, Mariana. Miragem. **Revista Azul**, Curitiba, out. 1893. Ano I, n. 6, p. 3.

COELHO, Mariana. Os peripatheticos. **Revista Azul**, Curitiba, out. 1893. Ano I, ed. 5, p. 6-7.

COELHO, Mariana. Pelas tradições. **Diário da Tarde**, Curitiba, 17 out. 1900. Ano II, n. 455, p. 1.

COLÉGIO Santos Dumont. Anúncio. **Diário da tarde**, Curitiba, 10 dez. 1901. Ano III, n. 842, p. 2.

CONGRESSO Legislativo, Projeto nº 45. **A República**, Curitiba, 14 mar. 1917. Ano XXXI, n. 61. p. 2.

DE LUCTO. **O Dia**, Curitiba, 19 jan. 1926. n. 781, p. 5.

DONA Mariana Coelho – Faleceu ontem a ilustre educadora e escritora. **O Dia**, Curitiba, 30 nov. 1954. Ano XXXI, n. 9.728, p. 5.

FÁBIO Luz – Faleceu hontem esse escriptor brasileiro. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 10 maio 1938. Ano XXXVII, n. 13.342, p. 3.

FALLECIMENTO – Carlos Alberto Teixeira Coelho. **O Estado do Paraná: Jornal da Manhã**, Curitiba, 19 jan. 1926, n. 319, p. 4.

FESTA. **Diário da Tarde**, Curitiba, 23 out. 1900. Ano II, ed. 460, p. 1.

FLAVIANO, Flávio. Respingando. **Diário da Tarde**, Curitiba, 8 mar. 1901. Ano III, n. 573, p. 1.

GOMES, Antônio. O Paraná Mental. **A República**, Curitiba, 12 set. 1908. Ano XXIII, n. 215, p. 1.

GRÊMIO das Violetas. **A República**, Curitiba, 29 dez. 1895. Ano X, n. 301, p. 1.

HOMENAGEM a Carlos Alberto Teixeira Coelho. **O Dia**, Curitiba, 16 abr. 1950. n. 8383, p. 5.

INSTALA-SE amanhã o III Congresso Feminino. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 30 set. 1936. n. 00233, p. 8.

LACERDA, Dulcídio T. de. Carlos Alberto Teixeira Coelho. **O Dia**, Curitiba, 25 jun. 1950. Ano XXVI, n. 08442, p. 4.

LIVROS novos - “Evolução do feminismo” - por Mariana Coelho. **A Noite**, Rio de Janeiro, 13 jan. 1934. Ano XXIV, n. 07950, p. 10.

MARIANA Coelho e a mulher. **Diário da Tarde**, Curitiba, 16 jun. 1949. n. 16709, p. 6.

MONGRUEL, Georgina. La Femme Électeur. **Diário da Tarde**, Curitiba, 2 mar. 1901. Ano III, n. 569, p. 1.

MONGRUEL, Georgina. La Femme Électeur. **Diário da Tarde**, Curitiba, 15 mar. 1901. Ano III, n. 579, p. 2.

NOTÍCIAS e fatos. **Diário da Tarde**, Curitiba, 17 set. 1900. Ano II, n. 429, p. 2.

O PARANÁ Mental. **A República**, Curitiba, 24 ago. 1908. Ano XXIII, n. 198, p. 1.

O PARANÁ Mental II. **A República**, Curitiba, 26 ago. 1908. Ano XXIII, n. 200, p. 1.

O PARANÁ Mental III. **A República**, Curitiba, 28 ago. 1908. Ano XXIII, n. 202, p. 1.

O PARANÁ Mental IV. **A República**, Curitiba, 31 ago. 1908. Ano XXIII, n. 205, p. 1.

O PARANÁ Mental V. **A República**, Curitiba, 04 set.1908. Ano XXIII, n. 208, p. 1.

ORIGEM do Dia das Mães. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 14 maio 1950, p. 22.

REGISTO. D. Marianna Coelho – O Paraná Mental. **Brazil Moderno – Revista Mensal de Artes e Letras**, Rio de Janeiro, Ano IV, XII, n. XVI, 1908.

S. O PARANÁ Mental V. **A República**, Curitiba, 23 set.1908. Ano XXIII, n. 224, p. 1.

STOBIA, Francisco. Evolução do feminismo de Mariana Coelho. **Diário da Tarde**, Curitiba, 06 dez. 1949. Ano 51, n. 16.886, p. 6.

UM novo livro de Mariana Coelho. **O Dia**, Curitiba, 29 ago. 1933. Ano XI, n. 2952, p. 8.

VAN-GEEN, Ignacio. Emancipação feminina. **Diário da Tarde**, Curitiba, 25 mar. 1901. Ano III, n. 586, p. 3.

VISITA do aviador Santos Dumont ao Colégio Santos Dumont. **A Divulgação**, mar./abr./maio 1950, p. 5.

REFERÊNCIAS

ALEGRIO, Leila. O café, o Vale do Paraíba e a mulher fazendeira. *In*: ICCV. **Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense**. Textos autorais. Rio de Janeiro: Instituto Cidade Viva, 2009. Disponível em: https://www.institutocidadeviva.org.br/inventarios/sistema/wp-content/uploads/2009/11/28_leila-alegrio.pdf. Acesso em: 20 ago. 2023.

AMARAL, Giana Lange do. Os maçons e a modernização educativa no Brasil no período de implantação e consolidação da República. **Hist. Educ.** (Online), Porto Alegre, v. 21, n. 53, p. 56-71, set./dez. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/heduc/a/vGVTPQ8MVy4DM88kPqRcxsy/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 26 fev. 2024.

ANTÔNIO Austregésilo Rodrigues Lima. Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/antonio-austregesilo/biografia>. Acesso em: 10 jun. 2024.

ANTONELLI, Diego. Hospital Pequeno Príncipe celebra 100 anos com desafios e histórias de superação. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 23 set. 2019. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/curitiba/100-anos-hospital-pequeno-principe/>. Acesso em: 22 out. 2023.

ARAMIS Taborda de Athayde. Disponível em:
<https://www.camara.leg.br/deputados/3014/biografia>. Acesso em: 28 set. 2024.

ARQUIVO NACIONAL. **Dia Internacional da Mulher**: conheça o fundo Federação Brasileira pelo Progresso Feminino. 08 mar. 2019. Disponível em:
https://www.gov.br/arquivonacional/pt-br/canal_atendimento/imprensa/noticias/dia-internacional-da-mulher-conheca-o-fundo-federacao-brasileira-pelo-progresso-feminino. Acesso em: 09 set. 2024.

ASSOCIAÇÃO EDUCACIONAL MARIANA COELHO. **Facebook**. 15 out. 2024. Disponível em:
<https://www.facebook.com/657726847610098/photos/pb.100057238728505.-2207520000/936641533051960/?type=3>. Acesso em: 13 mar. 2023.

AUGUSTO, Viviane Oliveira. **Uma contribuição à historiografia da educação sexual no Brasil**: Análise de três obras de Antônio Austregésilo (1923, 1928 e 1939). 2015. 140 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara, 2015.

AUSTREGÉSILO, Antônio. **Perfil da mulher brasileira**. Lisboa: Aillaud e Bertrand, 1923. Disponível em: <https://www.abebooks.com/servlet/BookDetailsPL?bi=14212280329>. Acesso em: 10 nov. 2024.

BARBOSA, Rui. **Reforma do ensino primário e várias instituições complementares da instrução pública**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1947. (Obras Completas, v. X, tomo I-IV).

BARRETO FILHO, Mello; LIMA, Hermeto. **História da polícia do Rio de Janeiro**: Aspectos da cidade e da vida carioca (1831-1870). Rio de Janeiro: A noite, 1942.

BARRETO, Tobias. **Menores e loucos**: Fundamento do direito de punir. Sergipe: EGE, 1926. (Obras Completas, V). Disponível em: <https://www.stf.jus.br/bibliotecadigital/DominioPublico/146962/pdf/146962.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2024.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**: A experiência vivida. 2. ed. Trad. Sérgio Milliet. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967.

BERTHA Lutz: Disponível em:
http://imagem.sian.an.gov.br/acervo/derivadas/br_rjanrio_ph/0/fot/14968/br_rjanrio_ph_0_fot_14968_014.pdf. Acesso em: 18 set. 2024.

BOURDIEU, Pierre. Os três estados do capital cultural. In: CATANI, A.; NOGUEIRA, M.A. (org.). **Escritos da educação**. Petrópolis, Editora Vozes, 2007.

BOURDIEU, Pierre. O capital social – notas provisórias. In: CATANI, A.; NOGUEIRA, M.A. (org.). Petrópolis: Vozes, 1998.

BOURDIEU. **Sociologia**. Organizado por Renato Ortiz. São Paulo: Ática, 1983.

BRASIL. Decreto nº 21.076, de 24 de fevereiro de 1932. Decreta o Código Eleitoral. **Diário Oficial da União**, Rio de Janeiro, 26 fev. 1932. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-21076-24-fevereiro-1932-507583-publicacaooriginal-1-pe.html#:~:text=Decreta%20o%20C%C3%B3digo%20Eleitoral.&text=Art.,elei%C3%A7%C3%B5es%20federais%2C%20estaduais%20e%20municipais>. Acesso em: 28 mar. 2024.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia - IBICT. **Repositórios Digitais**. 2018. Disponível em: [https://antigo.ibict.br/informacao-para-a-pesquisa/repositorios-digitais#:~:text=Os%20reposit%C3%B3rios%20digitais%20\(RDs\)%20s%C3%A3o,armazenam%20arquivos%20de%20diversos%20formatos](https://antigo.ibict.br/informacao-para-a-pesquisa/repositorios-digitais#:~:text=Os%20reposit%C3%B3rios%20digitais%20(RDs)%20s%C3%A3o,armazenam%20arquivos%20de%20diversos%20formatos). Acesso em: 20 jun. 2024.

BRASILIANA Fotográfica – Biblioteca Nacional. **Sócias da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino em visita ao Instituto Osvaldo Cruz**. 1921-1930. Disponível em: <https://brasilianafotografica.bn.gov.br/brasiliana/handle/20.500.12156.1/4943>. Acesso em: 25 nov. 2024.

BRASILIANA Fotográfica – Biblioteca Nacional. **Mariana Coelho**. 1935. Disponível em: <https://brasilianafotografica.bn.gov.br/brasiliana/handle/20.500.12156.1/6578>. Acesso em: 20 nov. 2023.

BRITO, Cristina. Atribuições do filólogo. **Soletras**, São Gonçalo – UERJ, ano V, n. 9, jan./jun. 2005. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/soletras/article/view/4538/3314>. Acesso em: 1 abr. 2024.

BUENO, Alexandra Padilha; CORDEIRO, Andrea Bezerra. A laicidade no pensamento de três mulheres do início do século XX: miradas feministas sobre o tema na América Latina. **Inter-Ação**, Goiânia, v. 47, n. 1, jan./abr. 2022. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/interacao/article/view/56927>. Acesso em: 02 nov. 2024.

BUENO, Alexandra Padilha. **Educação e participação política**: a visão de formação feminina de Mariana Coelho (1893-1940). 2010. 129 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2010.

BUENO, Alexandra Padilha. **Intelectuais brasileiros e seus projetos formativos para a emancipação da mulher**: uma pedagogia feminista em disputa (1910-1940). 2019. 279 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2019.

BUENO, Alexandra Padilha. **Mariana Coelho**: educação e feminismo na trajetória de uma intelectual luso-brasileira (1893-1954). Paranavaí: Edunespar, 2024.

CAMARGO, Maria Rosa Rodrigues Martins de. **Cartas e escrita**: práticas culturais, linguagem e tessitura da amizade. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

CAPELATO, Maria Helena. **Imprensa e História do Brasil**. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1988.

CARLOS Alberto Teixeira Coelho Junior. Disponível em: <https://academiaparanaensedeletras.com.br/cadeira-29/cadeira-29-2o-ocupante/>. Acesso em: 12 abr. 2024.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 11, n. 5, abr. 1991. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/SZqvSMJDBVJTXqNg96xx6dM/>. Acesso em: 12 dez. 2023.

CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros**: leitores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. Tradução de Mary Del Priore. 2. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

COELHO, Carlos Alberto Teixeira. **A crítica paranaense ao Paraná Mental**. Curitiba: L. Econômica, 1908.

COELHO, Mariana Teixeira. Disponível em: <https://www.familysearch.org/tree/person/details/L68Y-Q8S>. Acesso em: 8 set. 2023.

CORREIA, Ana Paula Pupo. Escolas Normais: contribuição para a modernização do Estado do Paraná (1904 a 1927). **Educar em Revista**, Curitiba, n. 49, p. 245-273, jul./set. 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/HXTQ8pQ4bgvwMX53DdXR9tH/?format=pdf#:~:text=Este%20artigo%20pretende%20discutir%20por,escolar;%20arquitetura%20escolar;%20urbaniza%C3%A7%C3%A3o.&text=This%20article%20discusses%20the%20reasons,architecture%20school;%20ur%2D%20banization.&text=2150.,CEP:%2089460%2D000>. Acesso em: 9 abr. 2025.

CORREIA, Rita. **Álvaro Pinto**. 08 nov. 2010. Disponível em: <https://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/recursosinformativos/biografias/Textos/AlvaroPinto.pdf>. Acesso em: 16 jan. 2025.

COSTA, Isadora de Melo. O jornal das senhoras e a esperança: aproximando as páginas e revelando os contextos. *In*: ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA, 13., 2020, Recife. **Anais** [...]. Recife: ANPUH-PE, 2020. Disponível em: https://www.encontro2020.pe.anpuh.org/resources/anais/22/anpuh-pe-eeh2020/1601413472_ARQUIVO_f853da3263be6bc48f7fc0aa93a491a0.pdf. Acesso em: 25 fev. 2024.

CUNHA, Maria Teresa Santos. **(Des) Arquivar: arquivos pessoais e ego-documentos no tempo presente**. São Paulo: Florianópolis: Rafael Copetti Editor, 2019.

CUNHA, Maria Teresa Santos. Do coração à caneta: cartas e diários pessoais nas teias do vivido (décadas de 60 a 70 do século XX). **História: Questões & Debates**, Curitiba, n. 59, p. 115-142, jul./dez. 2013.

DINIZ, Aires Antunes. **Mariana Coelho**: uma educadora feminista luso-brasileira. Portugal: Penagráfica, 2015.

DUSSEL, Inés. Fotos encontradas en el archivo. Aproximaciones al trabajo con imágenes a propósito de un álbum amateur sobre juegos infantiles (Argentina, fines del siglo XIX). **Historia y Memoria de la Educación**, Málaga-ES, n. 10, p. 51-89, 2019. Disponível em: <https://revistas.uned.es/index.php/HMe/article/view/22962>. Acesso em: 20 jun. 2024.

ELISEO D'Angelo Visconti. Disponível em: <https://eliseuvisconti.com.br/primeiros-tempos-1866-1892/>. Acesso em: 23 set. 2024.

FÁBIO Luz. Disponível em: <https://www.nodo50.org/insurgentes/textos/brasil/17fabioluz.htm>. Acesso em: 16 set. 2024.

FARGE, Arlette. **O sabor do arquivo**. São Paulo: Edusp, 2009.

FBPF. Disponível em: <https://arquivohistorico.camara.leg.br/atom/BERTHALUTZ/BR-DFCD-BERTHALUTZ-BL1-26.pdf>. Acesso em: 26 out. 2024.

FOUCAULT, Michel. **A escrita de si**. Ética, sexualidade, política. Organizado por Manoel Barros da Motta. Tradução de Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

FRANCISCO, Renata Ribeiro. Maçonaria: um lugar para a sociabilidade de homens de cor, nascidos livres e libertos. **História: debates e tendências**, Passo Fundo, 01 maio 2020. Disponível em: <https://seer.upf.br/index.php/rhdt/article/view/10930/114115241>. Acesso em: 26 fev. 2024.

FREITAS, Danielle Gross de. **Entre ofícios e prendas domésticas**: a Escola Profissional Feminina de Curitiba (1917-1974). 2011. 131 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2011.

GARCIA, Juliana. **Monteiro Lobato e a (R)evolução literária**. 2011. Disponível em: <https://editora.pucrs.br/edipucrs/acessolivre/Ebooks//Web/978-85-397-0198-8/Trabalhos/49.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2024.

GEORGINA Mongrue. Disponível em: <https://www.belgianclub.com.br/pt-br/creator/mongrue-georgine-1861-1953>. Acesso em: 28 fev. 2024.

GOIÁS - TRE - GO. **Primeira deputada negra do Brasil**. Disponível em: https://apps.tre-go.jus.br/memorial/?page_id=11051. Acesso em: 21 set. 2024.

HELLMANN, Risolette Maria. Crítica literária feminista: o legado de Zahidé Muzart. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, 11., 2017, Florianópolis; WOMEN'S WORLDS CONGRESS, 13., 2017, Florianópolis. **Anais** [...]. Florianópolis: UFSC, 2017. ISSN 2179-510X. Disponível em:

https://www.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1499448124_ARQUIVO_RISOLETEMARIAHELLMANN.pdf. Acesso em: 13 out. 2023.

I CONFERÊNCIA pelo Progresso Feminino. Disponível em: <https://brasilianafotografica.bn.gov.br/brasilliana/handle/20.500.12156.1/11333>. Acesso em: 27 out. 2024.

ILNAH Pacheco Secundino de Oliveira. Disponível em: <https://site.mppr.mp.br/memorial/Pagina/mulheres-promotoras-e-procuradoras-de-Justica-no-Ministerio-Publico-do-Parana>. Acesso em: 28 set. 2024.

JOSÉ Francisco da Rocha Pombo. Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/rocha-pombo/biografia>. Acesso em: 27 out. 2024.

KAMITA, Rosana Cássia. **Resgates e ressonâncias**: Mariana Coelho. Florianópolis: Editora Mulheres, 2005.

KAMITA, Rosana Cássia. Poéticas e políticas feministas e de gênero: Mariana Coelho, uma voz luso-brasileira. **Plural Pluriel**, Nanterre, França, n. 20, p. 1-9, primavera/verão 2019. Disponível em: <https://pluralpluriel.academiadeletrasdabahia.org.br/index.php/revue/article/view/209>. Acesso em: 06 jul. 2023.

LAURO Müller. Disponível em: https://memoriapolitica.alesc.sc.gov.br/biografia/1124-Lauro_Mueller. Acesso em: 30 out. 2024.

LEITE, Carlos Henrique Ferreira. Teoria, metodologia e possibilidades: os jornais como fonte e objeto de pesquisa histórica. **Escritas**, Araguaína - TO, v. 7, n. 1, p. 3-17, 2015. ISSN 2238-7188. Disponível em: https://www.academia.edu/43851740/Teoria_Metodologia_e_Possibilidades_Os_Jornais_como_Fonte_e_Objeto_de_Pesquisa_Hist%C3%B3rica. Acesso em: 20 jun. 2024.

LEITE, Sylvia. Livraria Lello: uma das mais belas e interessantes do mundo. **Lugares de Memória**, 26 nov. 2020. Disponível em: <https://lugaresdememoria.com.br/livraria-lello-uma-das-mais-belas-e-interessantes-do-mundo/>. Acesso em: 16 mar. 2024.

LEOPOLDINO, Maria Aparecida. Políticas culturais e livros didáticos de História: Rocha Pombo na capital da República (1897-1929). **Rev. Bras. Hist. Educ.**, Maringá, n. 19, jan./mar. 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbhe/a/bQ8nfGMFGWyRZfSFsPN3T8N/> Acesso em: 07 out. 2024.

LÔBO, Yolanda. **Bertha Lutz**. Recife: Editora Massangana, 2010. (Coleção Educadores).

LOJA Dario Vellozo. **Síntese Histórica - Filhas da Acácia**. Disponível em: <https://www.lojadariovellozo.com.br/index.htm>. Acesso em: 19 out. 2024.

LOJA Maçônica. Disponível em: <https://jurishand.com/dicionario-juridico/loja-maconica>. Acesso em: 12 abr. 2024.

LUXEMBURGO, Rosa. **Rosa Luxemburgo em três volumes**. Organizado por Isabel Loureiro. São Paulo: UNESP, 2017. (Coleção Clássicos do Catálogo). Disponível em: <https://editoraunesp.com.br/blog/classicos-do-catalogo-rosa-luxemburgo-em-tres-volumes>. Acesso em: 12 fev. 2025.

LYSIMACO Ferreira da Costa. Disponível em: <https://memoriallysimaco.com.br/biografia.php>. Acesso em: 08 abr. 2025.

MARIA Sabina de Albuquerque. Disponível em: https://www.poeta.ws/in_memoriam/maria.htm. Acesso em: 21 set. 2024.

MARQUES, Teresa Cristina de Novaes. **Bertha Lutz**. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2016. (Série Perfis Parlamentares, n. 73). Disponível em: https://bibliotecadigital.tse.jus.br/xmlui/bitstream/handle/bdtse/4888/2016_marques_bertha_lutz.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 24 set. 2024.

MARTINEZ, Flávia Wegrzyn; CAMPOS, Jeferson de. A sociologia de Pierre Bourdieu. **Revista Eletrônica da Feati**, Ibaiti - PR, n. 11, p. 1-15, jul. 2015. ISSN 2179-1880.

MICHALS, Debra. Carrie Chapman Catt. **National Women's History Museum**. 2015. Disponível em: <https://www.womenshistory.org/education-resources/biographies/carrie-chapman-catt>. Acesso em: 20 nov. 2024.

MONTEIRO Lobato. Disponível em: <https://monteirolobato.com/>. Acesso em: 25 mar. 2024.

MORAIS, Maria Arisnete Câmara de. A leitura de romances no século XIX. **Cadernos CEDES**, Campinas, v. 19, n. 45, p. 71-85, 1998.

MUSEU da Imprensa. Joana França Stockmeyer, Patrona da Servidoria Pública Brasileira. Disponível em: <https://museu.in.gov.br/web/dicionario-eletronico/-/joana-fran%25c3%25a7a-stockmeyer-patrona-da-servidoria-p%25c3%25bablica-brasileira>. Acesso em: 07 set. 2024.

MUZART, Zahidé Lupinacci. **CNPQ – Currículo Lattes**. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/1709321137559126>. Acesso em: 13 out. 2023.

NESTOR de Castro. Disponível em: <https://academiaparanaensedeletras.com.br/cadeira-33/cadeira-33-patrono/>. Acesso em: 29 fev. 2024.

NOVELLINO, Maria Salet Ferreira. Movimento feminista no Brasil no século XX. **Feminismos**, São Salvador – BA, v. 6, n. 1, p. 57-66, jan./abr. 2018. Disponível

em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/feminismos/article/view/30362/17894>. Acesso em: 04 fev. 2025.

ODON, Tiago Ivo. Menores e loucos em Direito Criminal. **Senatus**, Brasília, v. 3, n. 1, p. 72-73, abr. 2004. Disponível em: https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/100931/Menores_Loucos_Direito.pdf?sequence=3&isAllowed=y. Acesso em: 13 nov. 2024.

PAIXÃO, Fernando (coord.). **Momentos do livro no Brasil**. São Paulo: Ática, 1998.

PALERMO, Alicia Itatí. El acceso de las mujeres a la educación universitaria. **Revista Argentina de Sociología**, Buenos Aires, v. 4, n. 7, p. 11-46, nov./dic. 2006.

PAMPUCH, Mylle; BARROS, Amanda. **Arrojadas**: mulheres paranaenses que reescreveram a história. Curitiba: Têmpora Criativa, 2023.

PASTRE, Marcelo. O lazer na formação da sociedade curitibana e o Clube Curitibano. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL - PROCESSO CIVILIZADOR, 9., 2005, Ponta Grossa. **Anais** [...]. Ponta Grossa: UTFPR, 2005. Disponível em: <https://www.uel.br/grupo-estudo/processoscivilizadores/portugues/sitesanais/anais9/artigos/workshop/art10.pdf>. Acesso em: 25 fev. 2024.

PAULINA Luisi. Disponível em: <https://cortum.org/2021/06/11/paulina-luisi/>. Acesso em: 23 fev. 2025.

PEREZ, Olivia Cristina; RICOLDI, Arlene Martinez. A quarta onda feminista no Brasil. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 31, n. 3, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/3D7wFT8QmwRfJMv38PrG4tN/>. Acesso em: 10 jun. 2025.

PIMENTA, Paulo Sérgio Pereira. **A escola portuguesa**: Do “Plano dos Centenários” à construção da rede escolar no Distrito de Vila Real. 2006. 222 f. Tese (Mestrado em Educação) – Universidade do Minho, Braga – PT, 2006.

RAFAEL, Gina Guedes. **A leitura feminina na segunda metade do século XIX em Portugal**: Testemunhos e problemas. 2011. 71 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Lisboa, 2011.

RELATÓRIO da Instrução Pública de 1929. **Arquivo Público do Paraná**. p. 83. Disponível em: https://www.administracao.pr.gov.br/sites/default/arquivos_restritos/files/documento/2021-11/ano_1929_mfn_1014.pdf. Acesso em: 11 jun. 2025.

RIBEIRO, Leonardo Soares Madeira Iorio. **Mariana Coelho**: a educadora feminista. Rio de Janeiro: Editora Lumens Juris, 2015.

RIBEIRO, Antônio Sérgio. **Júlio de Mesquita**. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/MESQUITA,%20J%C3%BAlio%20de.pdf>. Acesso em: 11 jun. 2025.

RIO DE JANEIRO. Palácio da Escola Nacional de Bellas Artes. **Catálogo - XXIV Exposição Geral de Bellas Artes**. 1917. Disponível em: https://bdor.sibi.ufrj.br/bitstream/doc/1040/16/1917_773797.pdf. Acesso em: 26 out. 2024.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emílio ou Da Educação**. Trad. Sergio Milliet. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

SANTOS, Daise Silva dos. Arquivos Digitais: possibilidades de pesquisa no campo da História da Educação. **Rev. Caminhos da Educação: diálogos, culturas e diversidades**, Teresina, v. 3, n. 2, p. 4-19, maio/ago. 2021.

SANTOS, Dario Nogueira dos. **Dario Vellozo**. 26 ago. 1949. Disponível em: pitagorico.org.br/fundador/. Acesso em: 27 out. 2024.

SCHIEBINGER, Londa. **O feminismo mudou a ciência?** São Paulo: EDUSC, 2001.

SCHUMAHER, Schuma; BRAZIL, Érico Vital. **Dicionário mulheres do Brasil: de 1500 até a atualidade** biográfico e ilustrado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

SEIXAS, Larissa Selhorst. **Subsídios para a sua história: as ideias feministas de Mariana Coelho nas primeiras décadas do século XX**. 2006. Monografia (Graduação em História) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2006.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

SILVA, Débora do Rocio Pacheco da. **O Paraná Mental e uma mulher polivalente: trajetória e obra de Mariana Coelho no cenário intelectual paranaense (1857-1954)**. 2024. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2024.

SILVA, Francisco Ribeiro da. **História da alfabetização em Portugal: fontes, métodos, resultados**. In: ENCONTROS IBÉRICOS DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 1., 1992, Porto. Porto: Faculdade de Letras, Universidade do Porto, 1992. p. 101-121.

SILVESTRIN, Mônia Luciana. **Do bom uso da palavra: o intelectual na obra de Mariana Coelho**. 2000. Monografia (Graduação em História) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2000.

SIMMEL, Georg. **Questões fundamentais de sociologia: indivíduo e sociedade**. Tradução de Pedro Caldas. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. *In*: RÉMOND, René. **Por uma história política I**. Tradução de Dora Rocha. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003. 472 p.

SÓCIAS da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino em visita ao Instituto Osvaldo Cruz. Disponível em: <https://brasilianafotografica.bn.gov.br/brasiliانا/handle/20.500.12156.1/4943>. Acesso em: 24 set. 2024.

TOMÉ, Dyeinne Cristina; CAMPOS, Névio. Mariana Coelho: O uso do prefácio como estratégia de legitimação de sua trajetória. **História da Educação**, Santa Maria – RS, n. 27, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/heduc/a/69fWgz8BZwzWS6dnzJvx9sG/>. Acesso em: 10 ago. 2024.

TOMÉ, Dyeinne Cristina. **Mariana Coelho e a educação das mulheres**: uma escritora feminista no campo intelectual (1893-1940). 2020. 345 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2020.

TRINDADE, Etelvina Maria de Castro; ANDREAZZA, Maria Luiza. **Cultura e Educação no Paraná**. Curitiba: SEED, 2001.

TRINDADE, Etelvina Maria de Castro. **Clotildes e Marias**: mulheres de Curitiba na 1ª República. Curitiba: Fundação Cultural: 1996.

VAQUINHAS, Irene. Mulheres na Universidade de Coimbra: o caso das primeiras estudantes caboverdianas – História. **Revista da FLUP**, Porto, série IV, v. 8, n. 1, 2018. DOI: 10.21747/0871164X/hist8a12.

VAQUINHAS, Irene. **Senhoras e mulheres na sociedade portuguesa do século XIX**. Lisboa: Edições Colibri, 2011.

VIEIRA, M.O.; FIGUEIREDO, D.C.; MONTALVÃO, A. Aspectos didáticos e metodológicos do método João de Deus de ensino de uma escola em Portugal. *In*: FORUM DE PESQUISA, 16., 2016, Coimbra. **Conferências [...]**. Coimbra: Expoulbra, 2016. Disponível em: <http://www.conferencias.ulbra.br/index.php/fpu/xvi/paper/viewFile/4763/2285>. Acesso em: 01 fev. 2024.

VIÑAO, Antonio. A modo de prólogo, refugios del yo, refugios de otros. *In*: MIGNOT, Ana Cristina Venâncio; BASTOS, Maria Helena Câmara; CUNHA, Maria Teresa Santos (org.) **Refúgios do eu**: educação, história, escrita autobiográfica. Florianópolis: Mulheres, 2000. p. 9-15.

ZEMON Davis, Natalie. **Mujeres de los márgenes**. Tres vidas del siglo XVII. Madrid: Cátedra, 1999.